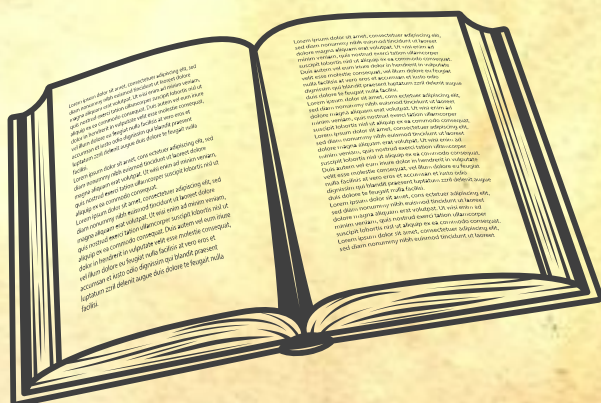


Entre movimentos, trajetórias e histórias de trabalho: notas metodológicas



**Maria Chalfin Coutinho
Geruza Tavares D'Avila
(orgs.)**

**Entre movimentos, trajetórias
e histórias de trabalho:
notas metodológicas**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Campus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL



Maria Chalfin Coutinho

Geruza Tavares D'Avila

(Organizadoras)

Entre movimentos, trajetórias e histórias de trabalho: notas metodológicas



Rio Grande

2023

© Maria Chalfin Coutinho; Geruza Tavares D'Avila

2023

Capa: Andressa Silveira da Silva

Imagens da capa: Site Freepik

Diagramação da capa: Murilo Borges

Formatação e diagramação: Gilmar Angelo Meggiato Torchelsen

Revisão ortográfica e linguística: Júlio Marchand

Ficha catalográfica

M935 Entre movimentos, trajetórias e histórias de trabalho: notas metodológicas [Recurso Eletrônico] / Organizadoras Maria Chalfin Coutinho, Geruza Tavares D'Avila. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2023.
195 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>
ISBN 978-65-5754-172-2 (eletrônico)

1. Estudos do Trabalho 2. Psicologia Social 3. Pesquisa Qualitativa 4. Metodologia Científica I. Coutinho, Maria Chalfin II. D'Avila, Geruza Tavares III. Título.

CDU 316.6

Catologação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Dedicatória

Dedicamos este livro a Regina Célia P. Borges (*in memoriam*).
Inspiração em nossos caminhos de pesquisa e presença inesquecível.
Regina: você faz falta em nossas vidas.

Sumário

Prefácio	
Marcia Hespanhol Bernardo.....	07
Apresentação.....	09
Maria Chalfin Coutinho e Geruza Tavares D'Avila	
Parte Introdutória	
Capítulo 1: Das histórias de vida ao enfoque biográfico: contribuições para análise da vida cotidiana no trabalho.....	15
Maria Chalfin Coutinho	
Capítulo 2: Entre práticas cotidianas e processos de significações no trabalho: a construção de caminhos teórico-metodológicos.....	33
Geruza Tavares D'Avila	
Parte 2: Relatos de pesquisa	
Capítulo 3: Um método dialético de análise da feminização de uma profissão marcadamente masculina.....	49
Maria Fernanda Diogo	
Capítulo 4: O método nos processos de significação dos/nos movimentos laborais.....	63
Geruza Tavares D'Avila	
Capítulo 5: O cotidiano da vida universitária de jovens graduandos que conciliam estudo e trabalho.....	76
Regina Célia P. Borges (<i>in memoriam</i>) e Maria Chalfin Coutinho	
Capítulo 6: A pesquisa qualitativa no estudo das relações de trabalho e contextos migratórios a partir do Construcionismo Social e das Narrativas.....	92
Laila Priscila Graf Ornellas	
Capítulo 7: Vida cotidiana de trabalhadoras domésticas: modos de pesquisar.....	108
Maria Chalfin Coutinho, Geruza Tavares D'Avila, Liandra Savanhago e Tielly Rosado Maders	
Capítulo 8: A pesquisa com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas: reflexões metodológicas.....	122
Liandra Savanhago	
Capítulo 9: Caminho metodológico na pesquisa sobre a história de vida de gestores públicos do estado do Rio de Janeiro.....	134
Luana Sodré da Silva Santos	
Capítulo 10: Emoções/sentimentos no cotidiano de docentes universitários: percurso teórico e metodológico de uma pesquisa.....	145
Andreia Martins	
Capítulo 11: Investigação com História de Vida: Reflexões metodológicas na experiência em pesquisa qualitativa.....	161
Tielly Rosado Maders	
Capítulo 12: O uso de métodos mistos na pesquisa em Saúde Mental relacionada ao Trabalho....	177
Daniela Fernanda Schott e Márcia Luíza Pit Dal Magro	
Sobre as autoras.....	193

Prefácio

Escrever o prefácio deste livro organizado por Maria Chalfin Coutinho e Geruza Tavares D'Avila é um prazer e uma honra. Além de amigas queridas, ambas são grandes pesquisadoras e companheiras de percurso nos estudos sobre trabalho com perspectiva crítica.

Pode-se dizer que este livro se situa no âmbito da Psicologia Social do Trabalho (PST), o que fica evidente tanto nos capítulos introdutórios como nas pesquisas apresentadas na segunda parte. Na sua leitura, observa-se claramente o compromisso ético com uma forma de fazer pesquisa que considera a centralidade do trabalho, valoriza a perspectiva dos trabalhadores e tem como foco contextos laborais diversos que não costumam interessar a outras abordagens da Psicologia, como, por exemplo, a atividade de trabalhadoras domésticas e o trabalho em contextos migratórios.

O título “**Entre movimentos, trajetórias e histórias de trabalho: notas metodológicas**” indica uma temática fundamental para quem se interessa pelos estudos do trabalho. A proposta é discutir abordagens metodológicas que possibilitem compreender trajetórias e histórias de trabalhadores e trabalhadoras a partir de pesquisas realizadas por integrantes do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS). E, aqui, há um aspecto importante que gostaria de destacar: ao apresentar formas de estudar o cotidiano e a história de vida de trabalhadores, as produções desse grupo também deram e ainda dão significativas contribuições para a própria Psicologia Social do Trabalho.

Com relação a essas contribuições, ao pensar sobre a escrita deste prefácio, lembrei-me de como eu própria fui influenciada pelas reflexões iniciadas nesse Núcleo e, aproveitando a proposta do livro de discutir histórias de vida e narrativas, resolvi narrar brevemente aqui parte da minha aproximação com um dos temas que permeia o livro: o cotidiano.

Em meados de 2010, quando ainda era uma “novata” professora de um programa de pós-graduação em Psicologia, fui convidada a participar de um Grupo de Estudos sobre “cotidiano e trabalho” no Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP, que envolvia alunos de pós-graduação e pesquisadores. A organização desse grupo era uma das atividades propostas por Maria Chalfin Coutinho como parte de seu pós-doutorado naquele programa, que tinha por objetivo justamente o aprofundamento dos estudos sobre esse tema. Quando recebi o convite, confesso ter pensado algo como: “sendo o cotidiano tão banal, tão, digamos, cotidiano, até onde se poderia chegar colocando-o como tema central nos estudos sobre trabalho?”.

Apesar desse questionamento, aceitei participar pela afinidade que tinha com as pessoas que compunham o grupo e pela curiosidade em saber como levaríamos o “cotidiano de estudos sobre cotidiano”. Até aquele momento, mesmo já tendo lido o conhecido capítulo de Agnes Heller sobre o tema e tendo clareza de que minhas próprias pesquisas se davam no cotidiano, meu desconhecimento me levava a pensar que não era um assunto que pudesse ser objeto de grandes desenvolvimentos teóricos. Um grande engano! Mal sabia eu o quão árduo seria estudar essa, no fim das contas, complexa temática. O grupo de estudos se reunia mensalmente e durou mais de três anos, com discussões bastante profundas, passando por diversos autores de diferentes matizes teóricos, só terminando pela inviabilidade de agenda dos/as participantes e não pelo esgotamento do assunto.

Resolvi relatar essa história porque a participação no referido grupo possibilitou-me um outro olhar para dimensão do cotidiano nos meus estudos em Psicologia Social do Trabalho. Aquelas discussões acabaram por me fazer tratar o cotidiano com o

devido respeito nas minhas pesquisas a partir de então, bem como nas pesquisas que orientei. Tenho certeza de que o mesmo ocorreu com os pesquisadores e as pesquisadoras que compunham o grupo de estudos e seus orientandos/as. E, como eu disse acima, isso ocorreu graças ao pós-doutorado da Maria.

A Geruza D'Avila é sua "herdeira" mais direta e, participando do NETCOS, desde sua graduação, ajudou no desenvolvimento e no aprimoramento das propostas do Núcleo e, recentemente, assumiu sua coordenação, bem como partilha a organização e a escrita deste livro.

É importante dizer que, além do interesse no cotidiano, a busca da compreensão dos sentidos e significados do trabalho para as pessoas e, especialmente, a utilização de histórias de vida e trajetórias de trabalho como método – que, segundo as organizadoras do livro, possibilitam a "mediação entre o individual e o social" – mostra a riqueza e a originalidade das formas de pesquisar das integrantes desse Núcleo. Tais propostas metodológicas abrem um leque de possibilidades de estudos sobre distintos contextos de trabalho, com toda a sua diversidade e complexidade.

Sem dúvida, a ampla produção acadêmica das autoras, especialmente em artigos científicos publicados, já tem possibilitado a divulgação das suas reflexões para toda a comunidade acadêmica. E, nesse sentido, a importância deste livro está justamente no fato de dar ênfase aos aspectos metodológicos adotados nas diferentes investigações científicas apresentadas, oferecendo, assim, uma importante contribuição a pesquisadores e a pesquisadoras da PST e de outras áreas das Ciências Sociais, que se interessam pelo trabalho humano. Portanto, certamente, estudantes de graduação e de pós-graduação, pesquisadores e outros trabalhadores poderão tirar grande proveito da sua leitura.

Campinas, 24 de outubro de 2021.

Marcia Hespagnol Bernardo

Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Instituto de Psicologia (IP)/Universidade de São Paulo (USP)

Apresentação

Maria Chalfin Coutinho e Geruza Tavares D'Avila

O presente livro busca compartilhar modos de pesquisar construídos, especialmente a partir do final da primeira década do século XXI, por integrantes do Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição dos Sujeitos – NETCOS. O NETCOS foi criado em 2002 sob a coordenação das professoras Maria Chalfin Coutinho e Suzana da Rosa Tolfo – ambas vinculadas ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Núcleo almeja a problematização da constituição dos sujeitos e suas relações com o trabalho, considerando seus processos de transformação. Tal objetivo continua vigente, no entanto, em 2017, após a saída da professora Suzana Tolfo, a vice-coordenação do Núcleo é assumida pela professora Geruza Tavares D'Avila. Em 2018, a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) aprova o Regimento do NETCOS também nesta Universidade e, a partir daí, o Núcleo passa a contar com um grupo de estudos vinculado diretamente à Furg e, também, continua com a presença de docentes e discentes de outras graduações e cursos de pós-graduação tanto nessas universidades como em outras.

De forma geral, as pesquisas produzidas no Núcleo nos últimos anos – especialmente na última década, estão relacionadas aos estudos do cotidiano, das práticas e sentidos atribuídos ao trabalho com inspiração nos chamados enfoques biográficos. Cabe lembrar que o Núcleo passa por uma modificação em suas linhas de pesquisa, especificamente, no ano de 2020, quando os/as integrantes definem quatro linhas de pesquisa, são elas: Trabalho e vida cotidiana; Educação, trabalho e tecnologias; Saúde do Trabalhador e Métodos de Pesquisa. A mudança mais recente ocorrida no Núcleo dá-se em 2021, quando a coordenação passa a ser compartilhada pelas professoras Geruza D'Avila e Maria Fernanda Diogo.

A crescente aproximação com propostas metodológicas inspiradas no enfoque biográfico, acima mencionada, levou ao desenvolvimento de modalidades de investigação nas quais foi priorizado o diálogo com os/as interlocutores/as de nossas pesquisas de modo a apreender suas trajetórias, movimentos e histórias de trabalho. Ao apresentarmos nossos modos de pesquisar não é nossa intenção prescrever métodos de pesquisa, mas sim compartilhar experiências e, desse modo, dialogar com outros pesquisadores e interessados em problematizar a constituição dos sujeitos em suas relações com o trabalho.

A ideia de organizar uma escrita sobre o biográfico para compreender a vida cotidiana no trabalho emergiu no curso da investigação “Histórias de vida no trabalho”¹, a qual propiciou aprofundar o estudo dessa abordagem metodológica em discussões compartilhadas pelos integrantes do NETCOS, as quais tiveram como uma de suas decorrências a produção da presente obra, a qual conta, de início, com o prefácio escrito pela Professora Marcia Hespanhol Bernardo. Em sua escrita, Marcia Bernardo dialoga com toda a obra e traz pontos de interlocução com sua experiência, em especial analisa as contribuições dos estudos sobre o cotidiano para a Psicologia Social do Trabalho. O livro foi organizado em duas partes, a primeira introdutória e a segunda com relatos de pesquisa. A parte introdutória é composta por dois capítulos, os quais visam situar o leitor nas modalidades de investigação em curso no NETCOS, o primeiro com uma visão geral sobre o enfoque biográfico, já o segundo capítulo apresenta como as questões metodológicas têm sido abordadas nos estudos do

¹ Trata-se de projeto de pesquisa contemplado pelo CNPq, que concedeu Bolsa Produtividade à Maria Chalfin Coutinho durante o triênio 2016-2018.

Núcleo. A segunda parte é composta por 10 capítulos com relatos de pesquisas desenvolvidas no NETCOS, com ênfase para os percursos metodológicos dos estudos. A seguir, apresentamos brevemente cada um dos capítulos.

O primeiro capítulo, de Maria Chalfin Coutinho, apresenta o método de Histórias de Vida (HV) e outras modalidades de investigação no campo biográfico, com o propósito de compreender suas contribuições para análise da vida cotidiana no trabalho. Inicialmente discorre sobre as HV como método de pesquisa, desde as origens na tradição da Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX, passando por sua retomada a partir dos anos 1980, principalmente por autores do campo da sociologia. Na sequência, a autora apresenta o método biográfico na contemporaneidade, para situar suas aproximações e distanciamentos com modalidades de pesquisa afins. Por fim, Maria Coutinho tece reflexões sobre o enfoque biográfico e suas contribuições para os estudos no cotidiano laboral.

No segundo capítulo, Geruza Tavares D'Avila descreve algumas questões metodológicas relacionadas aos estudos produzidos no NETCOS. Cotidiano, processos de significação e suas práticas, trajetórias e histórias de vida são as categorias teóricas mais presentes nos estudos do Núcleo e a Psicologia Social do Trabalho é o fundamento para a construção dessa forma de "fazer pesquisa". Quanto aos procedimentos metodológicos, a entrevista foi o instrumento principal para o levantamento das informações no campo de estudos, no entanto, ela foi complementada por outros disparadores para conhecer um pouco mais da vida dos participantes, tais como o desenho da Trajetória Socioprofissional², o uso de fotografias e a Agenda Colorida. Sobre a análise das informações construídas, a autora pontua a articulação dos postulados teóricos aos discursos dos participantes, compreendendo também que as unidades de análise são dinâmicas e dialógicas. Entre as considerações apontadas, ressalta que, mesmo com a inspiração em compreensões teórico-metodológicas semelhantes, cada pesquisador/a estabelece um caminho próprio para desenvolver sua investigação.

Nos dois capítulos da parte introdutória do livro, foi abordada a importância do estudo das trajetórias para o campo biográfico, em especial, nas pesquisas desenvolvidas no NETCOS, quando se pretende compreender a dimensão subjetiva dos percursos laborais. Entre as pesquisas apresentadas na segunda parte se destacam aquelas nas quais o estudo das trajetórias laborais ocupa lugar de destaque no curso da investigação.

Dois dos capítulos trazem pesquisas nas quais foram analisados os movimentos de inserção no contexto laboral de grupos específicos. No capítulo 3, Maria Fernanda Diogo apresenta reflexões sobre o método dialético usado em sua tese de doutorado cujo objetivo foi compreender os movimentos de inserção de mulheres na vigilância patrimonial privada da Região Metropolitana de Florianópolis. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, a investigação foi ancorada no Materialismo Histórico-Dialético e nos aportes da Psicossociologia. Ao articular as categorias trabalho e gênero, a autora buscou compreender o movimento de feminização de um segmento profissional historicamente associado ao masculino. Para tanto, o levantamento de informações foi efetivado com dois grupos de participantes: gestores/as das empresas

² Em cinco capítulos do livro, está presente o uso da trajetória socioprofissional, entretanto, cada pesquisadora parte de lugares distintos para compreender essa ferramenta. No caso dos capítulos de autoria de Geruza Tavares D'Avila, predomina a expressão Trajetória Socioprofissional, tal como apontam autoras brasileiras – Dulce Helena Penna Soares e Gisele Sestren, sobre o esquema das trajetórias sociais descrito pelo sociólogo francês Vincent de Gaulejac. No capítulo de Maria Fernanda Diogo, por outro lado, predomina uma expressão usada nesse esquema do autor francês, a Trajetória Sócio Profissional. Uma tradução desse esquema é apresentada no capítulo de Laila Graf Ornellas como Técnica das Trajetórias Sociais (TTS).

de vigilância e mulheres que buscavam atuar no campo. Como ferramentas para produção das informações foi usada a entrevista, recorrente no caso das integrantes do segundo grupo, e a Trajetória Sócio Profissional, a qual foi usada apenas com as mulheres vigilantes. A análise das informações produzidas pautou-se no método dialético e entre os destaques da análise de Maria Fernanda estão a fecundidade da articulação teórico-metodológica adotada para compreender o quanto a abertura do campo da vigilância patrimonial para as mulheres estava eivada de naturalizações e preconceitos. Apesar dessas contradições, o movimento das mulheres representou um modo de transgredir e de redesenhar suas trajetórias socioprofissionais.

Geruza Tavares D'Ávila, no capítulo 4, situa o percurso metodológico de sua tese de doutorado, na qual buscou compreender as relações entre os movimentos laborais e os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais, egressos de uma universidade federal. Ancorada em estudos sobre trajetórias sociais e no pensamento de Henri Bergson para compreender os movimentos laborais, bem como nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica sobre os processos de significação, a autora adotou uma abordagem qualitativa para investigar os movimentos de jovens bacharéis egressos de três cursos de graduação da universidade onde atuava como docente. O principal instrumento para levantamento de informações foi a entrevista, a qual foi associada também com a Trajetória Socioprofissional. O processo de análise das informações levantadas foi inspirado na proposta dos Núcleos de Significação em um procedimento de nuclearização *a posteriori*, com idas e vindas, o qual resultou em quatro núcleos de análise. Por fim, Geruza tece algumas considerações entre as quais destaca a importância do processo de pesquisar na sua formação como docente e pesquisadora, bem como as possibilidades de interlocução no âmbito do NETCOS. Também aponta a relevância do uso da técnica da Trajetória Socioprofissional de modo articulado com a entrevista para compreender os percursos dos jovens profissionais e o modo como os sentidos que atribuem ao trabalho são atravessados pela lógica capitalista.

No capítulo 5, Regina Borges (*in memoriam*) e Maria Coutinho descrevem parte da tese de doutorado da primeira autora, sob a orientação da segunda. O objetivo da referida investigação foi compreender o cotidiano de jovens universitários entre o “mundo do trabalho” e os estudos acadêmicos, isto é, jovens que conciliam estudo e trabalho. As autoras definem o cotidiano pelas “lentes” de Agnes Heller e apresentam o percurso metodológico da pesquisa, com ênfase às entrevistas recorrentes articuladas com outras ferramentas, como as fotografias e as técnicas da Agenda Colorida e da Instrução ao Sósia. A análise das informações produzidas no campo da pesquisa também foi inspirada no procedimento dos Núcleos de Significação, a qual resultou em 2 núcleos que podem ser sintetizados em: 1) Trajetórias profissionais e educacionais: entre incertezas e expectativas na vida dupla; e 2) O cotidiano e as histórias estudantis e laborais. No capítulo, as autoras sintetizam os principais achados da tese relacionados ao primeiro Núcleo de Significação e descrevem as trajetórias de estudo e de trabalho dos dez jovens entrevistados. Entre as considerações finais, destacam o quanto os jovens se posicionam de forma “cristalizada” – para usar a expressão helleriana – em relação aos seus projetos de vida e de trabalho, no entanto, também relataram que, ao participar dessa investigação, puderam refletir sobre seus percursos laborais.

No capítulo 6, Laila Graf Ornellas apresenta o percurso metodológico de sua tese de doutorado assentada no paradigma técnico-científico do construcionismo social e das narrativas, bem como na concepção francesa de trajetórias sociais ancorada na leitura de Claude Dubar. Na pesquisa, a autora investigou trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa ocidental e teve como ferramentas principais para a produção das narrativas a entrevista e a Técnica das Trajetórias Sociais (TTS), tal como proposta por Vincent de Gaulejac. O *corpus* central para o processo de

análise exaustiva das informações foram as transcrições das narrativas dos dez participantes principais do estudo. Informações complementares produzidas no curso da investigação também foram consideradas nas análises. Laila apresenta o processo de análise das informações pautado nas trajetórias objetivas e subjetivas dos participantes em que as narrativas foram compreendidas em “blocos narrativos”. Nas trajetórias objetivas, a autora salientou os contextos pessoal, educacional e laboral dos entrevistados, assim como analisou as trajetórias como mais contínuas ou mais fragmentadas. Nas trajetórias subjetivas, teceu considerações sobre as partidas e suas motivações, o planejamento e a preparação quando chegaram ao exterior, bem como a inserção laboral e suas facilidades e dificuldades. A importância do detalhamento do processo de investigação e do diálogo de quem pesquisa com as experiências e achados produzidos foram destacados pela autora.

No capítulo 7, “Vida cotidiana de trabalhadoras domésticas: modos de pesquisar”, as autoras Maria Chalfin Coutinho, Geruza Tavares D’Avila, Tielly Rosado Maders e Liandra Savanhago apresentam a pesquisa realizada para investigar práticas possíveis e sentidos sobre trabalho produzidos no cotidiano de trabalhadoras domésticas. Tal investigação foi realizada entre 2013 e 2016 em duas regiões do país: na Grande Florianópolis, em SC, e na região da Baixada Fluminense, no estado do RJ. As autoras contam como a pesquisa foi realizada, por meio de duas entrevistas com cada trabalhadora, aliadas ao uso de fotografias e de Agenda Colorida. Tais entrevistas foram analisadas com uso de procedimento inspirado na proposta dos Núcleos de Significação, resultando na organização de três grandes Núcleos: trajetórias educacionais e laborais; vivências no trabalho e gestão da vida cotidiana e trabalho. Ao final do capítulo, ressaltam o desafio em realizar uma pesquisa em dois estados diferentes com pesquisadores/as em distintos momentos da formação acadêmica aliado a um momento em que estavam em curso mudanças na legislação relativa à categoria ocupacional dessas trabalhadoras.

Liandra Savanhago, no capítulo 8, faz reflexões de cunho metodológico sobre sua pesquisa de mestrado cujo objetivo foi investigar os sentidos do trabalho para jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto. A Psicologia Social do Trabalho e a Psicologia Histórico-Cultural sustentam o arcabouço teórico da investigação desenvolvida no campo das Políticas Públicas de Assistência Social, as quais se constituem como cenário do estudo e são problematizadas no texto. Ao descrever o percurso metodológico da pesquisa, a autora discute a necessidade de adaptação das ferramentas de pesquisas e das estratégias de intervenção e, também, faz reflexões sobre os preceitos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos. A pesquisa foi desenvolvida em contato com quatro jovens usuários de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) por cumprirem medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e/ou Prestação de Serviços à Comunidade, com uso de entrevistas recorrentes e fotografias como ferramentas para levantamento das informações. O processo de análise também se ancorou na proposta dos Núcleos de Significação. Em suas reflexões finais, Liandra pontua o lugar não neutro do pesquisador, sua inserção no cenário da pesquisa e interlocução com os jovens participantes do estudo, bem como reforça a importância de repensar as ferramentas de pesquisa.

Como mencionado, os capítulos que compõem a segunda parte do livro se aproximam do enfoque biográfico, em um sentido amplo. Assim, os estudos apresentados até agora relacionam-se mais especificamente à compreensão dos movimentos e trajetórias laborais. Em continuidade às temáticas do presente livro, as próximas pesquisas, apresentadas a seguir, fazem um diálogo mais estreito com o método de histórias de vida.

Luana Sodré da Silva Santos, no capítulo 9, trata de sua dissertação,

desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Administração, sobre as trajetórias laborais de gestores públicos do estado do Rio de Janeiro (RJ). A pesquisadora pauta-se em referencial da Psicossociologia para efetivar o estudo das histórias de vida laboral de quatro gestores públicos, especificamente, no cargo de Especialistas de Políticas Públicas e Gestão Governamental e Analista de Planejamento e Orçamento (EPPGGPO). São descritos os percursos da autora ao desenvolver sua dissertação em meio a uma crise política no governo do RJ à época da pesquisa, o que impactou no fato de os depoentes mencionarem o medo de se expor ao contar suas histórias de vida. Como uma das considerações apontadas, Luana destaca que, apesar das críticas destacadas pelos gestores públicos sobre o cargo de EPPGGPO, eles mencionam afetos positivos em relação ao seu trabalho na esfera pública.

No capítulo 10, Andreia Martins apresenta um recorte de sua tese de doutorado, na qual buscou compreender as emoções/sentimentos que medeiam a vida cotidiana de docentes do Ensino Superior. Como base teórica para o estudo está a articulação entre a teoria dos sentimentos de Agnes Heller e estudo das emoções a partir de Lev Semionovitch Vigotski, autores assentados na perspectiva monista de Benedictus de Spinoza e que, assim, adotam uma visão integrada e não reducionista de ser humano. Para investigar a vida cotidiana de docentes, Andreia dialogou com autores da sociologia da vida cotidiana, como sociólogo português José Machado Pais, e fez uso do método de história de vida, tal como proposto por Franco Ferrarotti. As ferramentas para produção das informações foram as entrevistas recorrentes e as fotografias, as quais foram usadas de dois modos: fotos recolhidas pelos docentes, como memória do passado, e fotos do presente produzidas pelos participantes. As unidades de análise foram apresentadas a partir da história de vida de cada participante, assim como no seu entrelaçamento, de forma mais integrada. Em suas considerações, Andreia destaca a importância de se compreender as implicações e os aspectos afetivos volitivos da docência, o que foi possível por meio do convívio próximo entre a pesquisadora e os docentes participantes do estudo com o uso do método de histórias de vida.

No capítulo 11, Tielly Rosado Maders conta seu próprio percurso no campo de pesquisa em seu doutorado. A sua pesquisa articula a gestão das temporalidades de motoristas de aplicativos em seu cotidiano de trabalho por meio do método das HV. A pesquisadora apresenta algumas questões metodológicas e epistemológicas que se fizeram presentes ao longo de seu percurso doutoral, a partir do materialismo histórico dialético, em diálogo com autores como Lev Semionovitch Vigotski, Agnes Heller e Franco Ferrarotti, que embasaram a sua tese. A autora aponta algumas de suas reflexões junto aos participantes de sua pesquisa e mostra como foi se constituindo seu desenho de pesquisa. Ao final do capítulo, discute como construiu a análise das informações produzidas em campo e aponta, como principais considerações, o desafio epistêmico e metodológico que a acompanhou em todo o percurso da investigação, em especial, quanto à complexidade do seu objeto de estudo e do campo de pesquisa investigado.

Por fim, o último capítulo traz um relato de pesquisa desenvolvida com base em métodos mistos de pesquisa, marcando a não oposição entre pesquisa qualitativa e quantitativa, tal como serão abordados em alguns capítulos do livro, especificamente, no segundo e no sexto capítulos. Além disso, a pesquisa apresentada no último capítulo marca uma importante linha de pesquisa do NETCOS, a Saúde do Trabalhador.

Assim, no capítulo 12, Daniela F. Schott e Márcia L. Pit Dal Magro fazem reflexões sobre o uso de métodos mistos nas pesquisas em Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT), tendo como referência uma investigação que empregou

diferentes ferramentas de pesquisa com o objetivo de analisar as relações entre o contexto de trabalho e a saúde das/os profissionais psicólogas/os e assistentes sociais que atuavam na Proteção Social Básica (PSB) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em uma região do estado de Santa Catarina. Após apresentarem em que consistem os métodos mistos e algumas das diferentes modalidades de articulação de ferramentas qualitativas e quantitativas, as autoras apresentam o estudo efetivado com assistentes sociais e psicólogas/os que atuavam nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS). Na pesquisa apresentada para subsidiar as reflexões do texto, foram usados como instrumentos para levantamento das informações o questionário e, posteriormente, foram feitas entrevistas com seis profissionais, além das observações com registro em diário de campo, uma vez que uma das pesquisadoras é profissional atuante no campo. Foi feito uso da análise temática de conteúdo com triangulação dos dados levantados. Em suas reflexões finais, as autoras enfatizam a importância de realizar estudos com base em métodos mistos para abarcar a complexidade do campo da SMRT e de suas articulações com políticas públicas voltadas para a saúde do trabalhador.

Gostaríamos de marcar que as pesquisas descritas neste livro foram desenvolvidas com o apoio de algumas instituições, em especial, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSC, que sediou a maioria das investigações. Além disso, algumas pesquisas receberam recursos para sua realização de alguns órgãos de fomento à pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), entre outras. Consideramos fundamental marcar a relevância do incentivo à pesquisa científica brasileira, mormente num período de desmonte das políticas públicas em diversas áreas da vida.

Dessa forma, ao apresentarmos cada capítulo, buscamos situar a forma como organizamos o presente livro: percorrendo por teorias e métodos entre movimentos, trajetórias e histórias de trabalho, destacando nossas experiências em diferentes pesquisas que partem do ponto de vista dos/as próprios/as trabalhadores/as. Essa ideia coaduna-se com alguns princípios da Psicologia Social do Trabalho, área da Psicologia em que situamos nossos estudos e posturas profissionais, presente nos capítulos deste livro, em nossos modos de pesquisar. Esperamos contribuir para a formação de pesquisadores/as e para a construção de investigações implicadas com o enfrentamento das desigualdades, das injustiças e das opressões ainda presentes no mundo do trabalho em pleno início do século XXI.

PARTE INTRODUTÓRIA

Capítulo 1

DAS HISTÓRIAS DE VIDA AO ENFOQUE BIOGRÁFICO: CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DA VIDA COTIDIANA NO TRABALHO

Maria Chalfin Coutinho

*“Me gustan las historias de vida. Me gusta leerlas.
Las promuevo entre mis tesisistas.”*
Bassi Follari (2014, p. 165)

Introdução

Pesquisas em diferentes disciplinas das ciências humanas, inclusive da psicologia, têm feito uso crescente do método de Histórias de Vida e de outras modalidades biográficas de investigação, ao resgatar pesquisas sociológicas clássicas, cuja tradição remonta à Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX. Em 2015, ao redigir um Memorial de Atividades Acadêmicas, elaborado como um dos requisitos para promoção à Professora Titular da carreira do Magistério Superior na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), relatei aspectos relevantes de minha trajetória profissional. Já no começo desta escrita, coloquei ter sido necessário operar um deslocamento para fazer tal relato, desde o lugar de quem, costumeiramente, solicita aos outros para que contem suas “[...] histórias de trabalho na busca por apreender as articulações entre as questões laborais e os processos de constituição subjetiva [...]” para ocupar a posição de quem conta suas próprias histórias laborais (COUTINHO, 2015).

As reflexões empreendidas ao longo da escrita do memorial acima mencionado tornaram mais evidente o quanto as histórias laborais fazem parte de diversos campos de minha vida profissional e acadêmica. Em investigações conduzidas por mim, diretamente ou sob minha orientação, os relatos dos trabalhadores/as sobre suas trajetórias, vidas cotidianas e sentidos produzidos têm se constituído em eixos norteadores para compreensão dos modos de subjetivação na sociedade do trabalho contemporânea. Por meio de entrevistas, quando possível recorrentes e articuladas com outras ferramentas gráficas ou imagéticas, assim como de observações de campo, minhas orientandas e eu temos exercido a escuta dos interlocutores de nossas pesquisas, para, via o levantamento de suas trajetórias (em sua dimensão temporal), apreender os sentidos do trabalho contemporâneo (COUTINHO, 2009).

Na direção das reflexões acima apontadas, elaborei o projeto de pesquisa “Histórias de vida no trabalho”¹, cujo propósito foi compreender as contribuições do

¹ Projeto contemplado pelo edital de Bolsa Produtividade pelo CNPq e desenvolvido no triênio 2016-2018.

método de Histórias de Vida para a análise da vida cotidiana no trabalho. As construções teórico-metodológicas elaboradas ao longo do projeto embasaram a escrita do presente capítulo e ensejaram a produção do livro, como colocado na apresentação.

O presente capítulo discorre sobre o método de Histórias de Vida (HV) e suas articulações com outras modalidades de pesquisa biográfica para compreender suas contribuições para análise da vida cotidiana no trabalho, em especial para estudos focados em trajetórias ocupacionais. Em outros momentos, já pontuei a importância da análise do cotidiano em estudos sobre a vida laboral, especialmente em um ensaio elaborado com colegas, no qual o cotidiano, enquanto campo de apreensão do real, foi considerado como lugar privilegiado para análises efetuadas pela Psicologia Social do Trabalho. No texto, defendemos que pesquisar o cotidiano, em diálogo com outras disciplinas das ciências humanas e sociais, é desafiador, particularmente quando pretendemos compreender para além das aparências em contextos diversos, a partir do ponto de vista de quem vivencia a vida cotidiana no trabalho.

Para tanto, são solicitados procedimentos de investigação que se mostrem aptos a captar aquilo que o pesquisador não tem condições de antever como manifestação. As estratégias para a escuta, para a observação e para a convivência entre pesquisadores e trabalhadores nas situações pesquisadas tendem a ser mais abertas, sem protocolos fechados de investigação e requerem prolongada interação no campo da pesquisa (COUTINHO; OLIVEIRA; SATO, 2016, p. 293).

Entre as modalidades de investigação da vida cotidiana no trabalho estão as pesquisas com HV. Em conhecido estudo sobre vida cotidiana, Pais (2003) toma os documentos biográficos (histórias de vida, memórias e biografias etc.) como possibilidades para investigar o cotidiano, o qual possui uma temporalidade que não se reduz ao presente cíclico e repetitivo, mas tem historicidade. Para o autor, o relato biográfico, enquanto uma prática humana, é uma síntese do social.

Adoto nesta escrita a compreensão das Histórias de Vida, desde sua formulação pelos sociólogos de Chicago até novas vertentes de investigação no campo biográfico, como modalidades de investigação relevantes para análise do cotidiano laboral. Assim, após esta introdução, sigo o texto com um breve histórico do método de Histórias de Vida. Na sequência, pontuo a chamada retomada desta perspectiva metodológica, após anos de hegemonia de pesquisas sociológicas ancoradas em procedimentos estatísticos, a partir de leituras contemporâneas do método e, para tanto, destaco as propostas construídas pelos sociólogos Daniel Bertaux e Franco Ferrarotti. Na continuidade, situo as Histórias de Vida no campo biográfico ao lado de outros modos de pesquisar assentados em histórias relatadas por pessoas comuns e, por fim, situo a perspectiva adotada sobre o enfoque biográfico e teço reflexões sobre suas contribuições para a análise do cotidiano laboral.

Histórias de Vida: origens do método

As pesquisas com HV se inserem em tradições metodológicas clássicas das ciências sociais e humanas. Quando se busca compreender a origem dessas histórias, cabe situar sua existência como anterior aos métodos científicos, como faz Le Grand (2013, p. 379 – tradução nossa), pois tais histórias remontam ao “[...] domínio do senso comum, da construção profana de uma historicidade pessoal, que faz parte de uma arte da existência necessária a todos [...]”. Para o autor, as histórias de vida têm um fundamento antropológico, uma vez que são encontradas em diferentes civilizações e períodos históricos, podendo ser expressas de muitas maneiras (oral, escrita etc.),

necessárias ao ser humano em sua vida cotidiana ordinária e traduzidas em diversas formas culturais reconhecidas, como o teatro, a literatura, o cinema, entre outras.

Entre as modalidades de expressão do biográfico está o gênero autobiográfico, cujo fato fundador foi a publicação de “*Les Confessions*” de Jean-Jacques Rousseau. Lejeune (1975, p. 14 citado por DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 33) situa dentro do gênero autobiográfico aquele: “Escrito retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela enfatiza sua vida individual, em particular a história de sua própria personalidade”.

Quando se analisa a origem do uso das histórias de vida como modalidade de pesquisa é corrente a referência a estudos do começo do Século XX, entre os quais se destaca a obra dos sociólogos Willian I. Thomas e Florian Znaniecki “*The polish peasant in Europe and América*”, publicada originalmente em 1918, considerada como fundadora da sociologia norte-americana (QUEIROZ, 1988; BECKER, 1999; BARROS; SILVA, 2002; LE GRAND, 2013). A partir desse estudo pioneiro, o método de Histórias de Vida se consagrou na chamada “Escola de Chicago”, movimento significativo que compreendeu pesquisas sociológicas desenvolvidas na Universidade de Chicago entre 1915 e 1940, aproximadamente (BECKER, 1999; DELORY-MOMBERGER, 2014; SILVA; BARROS; NOGUEIRA; BARROS, 2007).

Howard Becker, renomado sociólogo formado em Chicago depois da 2ª Guerra Mundial, reporta à criação do departamento e do prestigiado periódico *American Journal of Sociology* por Albion Small, primeiro chefe do departamento e também destaca entre os professores os sociólogos Robert E. Park e Willian. I. Thomas, os quais considera como “[...] os membros mais influentes e autorizados do grupo que organizou as atividades do Departamento e as manteve de pé” (BECKER, 1996, p. 179).

De acordo com Becker (1996), o departamento cresceu e recebeu muitos alunos que, como ele próprio, vão para outras universidades norte-americanas nas quais instalam departamentos de sociologia e passam a desenvolver pesquisas dentro da perspectiva da Escola de Chicago. Entretanto, o autor questiona o próprio sentido da palavra escola, enquanto unidade de pensamento, ideias ou como escola de atividade onde as pessoas trabalham em conjunto, pois tais ideias “[...] eram compartilhadas pela maioria das pessoas, mas não por todas [...]” (Ibid, p. 179).

Os pesquisadores de Chicago desenvolveram diferentes perspectivas teóricas, entre as quais se pode destacar o interacionismo simbólico, de George Herbert Mead², com foco nos processos de interação social, cujo acesso demanda a participação ativa do pesquisador. De acordo com Becker (1999), a apreensão dos processos de interação seria difícil por meio de técnicas como o questionário ou de uma entrevista e demandaria muito tempo de observação.

Pois a história de vida, se bem-feita, nos fornecerá detalhes deste processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular, do processo ao qual nossos dados devem se referir em última análise, se quisermos que tenham valor teórico e não somente operacional e de vaticínio. Ela descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência (BECKER, 1999, p. 110).

² Ao analisarem a consolidação da Psicologia Social como disciplina independente, Álvaro e Garrido (2006) destacam o papel de George H. Mead como aquele que, entre os representantes da Escola de Chicago, teve destaque no desenvolvimento da Psicologia Social. A teoria psicossociológica de Mead buscou “[...] explicar a determinação social do comportamento, afastando-se das concepções individualistas das teorias psicológicas da sua época” (ÁLVARO; GARRIDO, 2006, p. 83).

As pesquisas com Histórias de Vida foram deixadas em segundo plano por décadas, em um período no qual: “O grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, em fins dos anos [19]40, relegou para penumbra relatos orais e histórias de vida, que pareciam demasiadamente ligadas às influências da psique individual” (QUEIROZ, 1988, p. 15). Para Meneghel (2007), a hegemonia da sociologia positivista, com seus *surveys*, seria decorrência da crise dos anos 1930, da 2ª Grande Guerra e do macartismo, o que teria levado as Histórias de Vida a serem consideradas como formas antiquadas de pesquisa.

Ao analisar o predomínio da pesquisa estatística sociológica no contexto norte-americano do pós-guerra em relação à pesquisa qualitativa tradicionalmente associada à Escola de Chicago, Becker (1996) assinala a convivência entre os dois tipos de pesquisa. Para o autor, apesar das diferenças, havia pontos em comum entre as duas modalidades de investigação em sociologia praticadas em Chicago. Na perspectiva adotada por ele e outros colegas do seu grupo, cujo foco era o estudo da interação social, as escolhas em relação aos métodos eram ecléticas, fazendo uso de instrumentos variados como entrevistas, dados estatísticos, dados históricos etc. Becker (1996) reconhece que, após a 2ª Grande Guerra, o departamento de sociologia de Chicago adotou “[...] uma perspectiva mais ligada ao *survey* e à pesquisa quantitativa, tornando-se menos aberto a estudos com abordagem antropológica” (ibid, p. 187). Entretanto, com o deslocamento de importantes pesquisadores dessa abordagem para outros centros de pesquisa, inclusive o próprio Becker, mais do que um lugar “[...] a Escola tornou-se uma espécie de perspectiva ou opinião global [...] é um modo de pensar, uma maneira de abordar problemas de pesquisa [...]” (BECKER, 1996, p. 188).

A partir de Becker (1996), Nogueira, Barros, Araújo e Pimenta (2017) também pontuam o caráter eclético dos clássicos estudos da Escola de Chicago. Entre os avanços metodológicos desta escola, as autoras destacam: a valorização do ponto de vista do sujeito; o uso de documentos pouco convencionais para a época, como as cartas; o trabalho de campo; e tomar a cidade como objeto de pesquisa, de modo a se aproximar com as comunidades e o contexto na qual se inserem etc. Apesar dos avanços, Nogueira *et al.* (2017) consideram que os pesquisadores de Chicago “[...] estavam marcados pelo viés positivista e, de certo modo, naturalizante” (Ibid, p. 473) e, mesmo valorizando a escuta de quem relata suas histórias, alguns destes pesquisadores “[...] seguiam em busca de critérios de ‘verdade’, buscando verificar as informações e traçar, assim, explicações excessivamente generalizantes [...]” (Ibid, p. 474).

As pesquisas sociológicas ancoradas nas histórias narradas por pessoas comuns continuaram ressoando em diferentes contextos e tradições disciplinares, ainda sob domínio da perspectiva estatística. A partir dos anos 1970, em um contexto de mudanças sociais, políticas e econômicas emerge, de acordo com Delory-Momberger (2014, p. 273), a chamada “crise da sociologia”, que coloca em xeque modelos explicativos e traz questionamentos “[...] sobre a pertinência de métodos fundados exclusivamente sobre a estatística e a amostragem, para compreender a vivência social em suas condições e práticas concretas”.

Principalmente a partir dos anos 1980, observou-se uma retomada da tradição das pesquisas sociológicas com Histórias de Vida. Um importante marco dessa retomada foi a publicação em 1981 do livro “*Biography and Society – The Life-History Approach in the Social Sciences*”, coletânea publicada pela editora Sage, organizada pelo sociólogo francês Daniel Bertaux³, da qual faz parte o clássico texto “Sobre a autonomia do método biográfico” do sociólogo italiano Franco Ferrarotti (FERRAROTTI,

³ Segundo Delory-Momberger (2014), antes da publicação do livro, em 1976, Bertaux já havia produzido um relatório que teve grande repercussão – “Histórias de vida – ou narrativas de práticas? Metodologia da abordagem biográfica em sociologia”.

1991). Tendo em vista relevância das contribuições destes dois autores, Bertaux e Ferrarotti, para as leituras sociológicas contemporâneas do método de Histórias de Vida e também por fundarem a perspectiva adotada neste capítulo apresento a seguir, de modo breve, suas concepções metodológicas.

Histórias de Vida: abordagens contemporâneas

O sociólogo francês Daniel Bertaux, pesquisador reconhecido internacionalmente por seus estudos biográficos, tem inúmeras publicações⁴ no campo, com análises focadas nas questões metodológicas. Em artigo mais recente, Bertaux (2014) discute a cientificidade da entrevista narrativa ou “história de vida”, considerada por ele como “[...] o único método empírico que permite reconstruir cursos individuais de ação (situada)” (Ibid, p. 250). O autor critica fortemente o cientificismo⁵ reinante na sociologia, ao considerar como científicos apenas os métodos equiparáveis aos das ciências naturais, o que considera como uma ‘ilusão cientificista’. Tal perspectiva teria, em seu ponto de vista, gerado consequências nefastas, entre as quais “[...] a total ausência de interesse da sociologia dominante pelos *cursos de ação* (individual) *na durée* [duração] [...]” (BERTAUX, 2014, p. 251 – grifos do autor). Assim, mesmo sem ter desenvolvido uma técnica para a observação empírica, a sociologia tradicional não considerava a narrativa biográfica legítima. Bertaux (2014) destaca a inevitabilidade do uso da forma narrativa para descrição de cursos de ação:

Um curso da ação, isso se narra. E aquele que pode contá-la melhor é, evidentemente, aquele ou aquela que a conduziu do início ao fim. Mesmo se ele modificar a história um pouco, por razões diferentes, o resultado será bastante mais rico em informação factual e em percepção sobre significados subjetivos que qualquer questionário ou uma hipotética, mas impossível, observação direta. Sobretudo se a entrevista foi relativamente bem conduzida, deixando ao entrevistado (ao “sujeito”) uma grande liberdade, mas trazendo-o na medida do possível ao tema da entrevista. Esse resultado é o que chamamos de uma *história de vida* (Ibid, p. 261– grifo do autor).

Apesar de reconhecer o caráter narrativo de relatos produzidos pelos sujeitos na construção de uma história de vida, Bertaux (2014) tece críticas ao narrativismo, quando assinala o sucesso dessa perspectiva nos Estados Unidos. No seu entender, a chamada “virada narrativa” tem, assim como positivismo cientificista, uma compreensão equivocada de que as histórias de vida seriam incapazes de trazer informações sobre a realidade exterior ao sujeito. A partir de uma síntese do clássico estudo sobre padeiros artesanais, que realizou em parceria com sua esposa (a historiadora Isabelle Bertaux-Wiame), Bertaux (2014) destaca a potencialidade de estudos empíricos efetivados por meio de uma multiplicidade de entrevistas narrativas realizadas com pessoas com diferentes cursos de ação, mas que, por estarem em um mesmo campo social, apresentam pontos de convergência, os quais se constituem no foco da pesquisa sociológica.

Ao discorrer especificamente sobre sua proposta metodológica, Bertaux (2010)⁶ nomeia seu método de “relato de vida” (“*récit de vie*”) e justifica a adoção dessa

⁴ No site disponibilizado pelo próprio autor <www.daniel-bertaux.com> se pode tomar contato com parte das referências e textos publicados por Daniel Bertaux.

⁵ Bertaux (2014) critica particularmente Bourdieu, desde a perspectiva adotada em “A ilusão biográfica”, como vou pontuar adiante.

⁶ Obra dedicada especialmente à questão do método e publicada originalmente na França no final dos anos 1990.

denominação feita por ele já em publicação dos anos 1970:

Até aquele momento o termo consagrado nas ciências sociais era o de “história de vida” (*life history*); mas este termo apresentava o inconveniente de não distinguir entre a *história* vivida por uma pessoa e o *relato* que ela poderia fazer a respeito. Ora esta distinção é essencial (Ibid, p. 10 – grifo do autor e tradução nossa).

Em texto anterior, publicado na França em 1980, Bertaux (1999) havia tratado das mesmas distinções terminológicas, assentado nas definições do sociólogo norte-americano Norman Denzin, o qual diferencia *life story* (relato de vida) e *life history* (história de vida). O primeiro termo remete ao relato da experiência vivida feito por alguém. Já o segundo termo – história de vida – foi reservado por Denzin (1970, apud BERTAUX, 1999, p. 3 – tradução nossa) aos “[...] estudos de caso sobre uma pessoa determinada, incluindo não só seu próprio relato de vida, mas também outros tipos de documentos [...]”.

Para além das diferenças entre história e relato de vida, Bertaux (1999) defende uma perspectiva metodológica nomeada por ele de enfoque biográfico. O autor considera esse enfoque como uma proposta para o futuro, pois mais que uma nova técnica de pesquisa aponta para a construção gradativa de um novo processo sociológico, o qual permitiria conciliar observação e reflexão, esta última propiciada no ato da escrita, quando o pesquisador dialoga com os relatos de vida orais ao reescrevê-los.

Em obra dedicada à explicitação de sua proposta metodológica, Bertaux (2010) adota a “perspectiva etnossociológica”, que define como uma forma de pesquisa empírica inspirada na tradição etnográfica e vinculada a problemáticas sociológicas, de modo a ultrapassar as descrições e análises das subculturas, próprias da etnologia, em busca da identificação das formas sociais. Essa tensão entre o particular e o geral se exprime na própria palavra “etnossociologia”, termo ao qual o autor, ainda acrescenta uma dimensão histórica, pois “Todo fenômeno social se insere no movimento histórico geral de transformação das sociedades” (BERTAUX, 2010, p. 16 – tradução nossa).

A preocupação com a dimensão histórica está igualmente presente na obra do sociólogo italiano Franco Ferrarotti, também reconhecido internacionalmente por suas contribuições no campo. O próprio autor relata ter começado a recolher dados biográficos já nos anos 1950, embora só mais tarde vá desenvolver princípios teóricos gerais de seu método biográfico, entre os quais se destaca a concepção da implicação radical do pesquisador com o campo de sua pesquisa (FERRAROTTI, 1991⁷).

Ao discutir a autonomia do método biográfico⁸, Ferrarotti (1991, p. 172) busca seus fundamentos na razão dialética, a qual é “[...] capaz de compreender a práxis sintética e recíproca que governa a interacção entre o indivíduo e o sistema social”. Ancorado em uma leitura marxiana, Ferrarotti (1991, p. 172) destaca o caráter histórico da razão dialética, a qual permite compreender um ato em sua totalidade, pois:

Só a razão dialéctica nos autoriza a interpretar a objectividade de um fragmento da história social, na base da subjectividade presente de uma história individual. Só a razão dialéctica nos dá acesso ao universal e ao geral (a sociedade), começando pela individualidade singular (um determinado homem).

⁷ Texto publicado originalmente na forma de capítulo do livro “*Biography and society – The Life History approach in social sciences*”, organizado por Daniel Bertaux e publicado em 1981.

⁸ Dois entre os capítulos com relatos de pesquisa, apresentados na segunda parte do presente livro, fazem uso do método biográfico em diálogo com a proposta de Ferrarotti, são eles: capítulo 10 de Andreia Martins e capítulo 11 de Tielly Maders.

Quando trata da dialética, Ferrarotti (1991) dialoga especialmente com Sartre⁹ e destaca a análise deste autor sobre o “problema das mediações”. Uma vez que cada pessoa não pode totalizar diretamente toda a sociedade, ela o faz por meio dos diversos grupos nos quais se insere, compostos por “[...] agentes sociais activos que totalizam seu contexto [...]” (ibid, p. 174). Assim, o estabelecimento de relações entre biografia e sociedade e vice-versa implica “[...] uma teoria e uma tipologia das medições sociais, que constituem campos activos de totalizações recíprocas. Devemos estabelecer, como diz Sartre, a hierarquia dessas *regiões de mediação*” (FERRAROTTI, 1991, p. 174 – grifo do autor). Para Ferrarotti (1991), os grupos primários (de pares, família, vizinhos, na escola, no emprego etc.) são lugares privilegiados de mediação entre o individual e o social. Assim, o autor finaliza o texto questionando se o grupo primário – não o indivíduo, como tradicionalmente se faz – deveria ser o foco do método biográfico. Ferrarotti (1991) aponta a necessidade de uma longa reflexão teórica capaz de permitir dar conta de tal deslocamento de foco.

Em texto mais recente, Ferrarotti (2011¹⁰) retoma o debate metodológico, ao situar as contraposições entre os métodos quantitativos e qualitativos, destacando o valor dos últimos, especialmente as Histórias de Vida, como estratégias para investigação do social. Ao questionar os métodos quantitativos, atribui seu êxito muito mais a razões de natureza extracientífica, como as fontes de financiamento, do que por suas possibilidades de compreensão das relações sociais. “É justamente para compreensão profunda, e não só para descrição dos contornos externos, que servem as ‘histórias de vida’” (FERRAROTTI, 2011, p. 97 – tradução nossa). De acordo com o autor, tal capacidade de compreensão requer o estabelecimento de uma relação de confiança entre o sociólogo e seus interlocutores na investigação, o que implica uma interação verdadeira, com maior simetria nas relações. “As ‘histórias de vida’ ajudam a compreender que na investigação social todo investigador é também um ‘investigado’” (FERRAROTTI, 2011, p. 98).

Em entrevista concedida em 1986, Ferrarotti, mesmo reconhecendo o crescente interesse pelo método de Histórias de Vida, pontua o predomínio das investigações em ciências sociais assentadas nos métodos quantitativos (FERRAROTTI, 2006). O autor atribui o aumento pelo interesse na “aproximação autobiográfica” a duas razões: ao caráter, muitas vezes, clandestino de certos problemas sociais graves, o que dificulta sua quantificação, e pelo fato de que certos coletivos sociais importantes, mesmo não sendo relevantes do ponto de vista estatístico, precisam ser compreendidos por meio de uma relação de confiança com o pesquisador. Assim, para Ferrarotti, as HV abrem espaço ao imprevisível, pois “[...] se aceita a pessoa como tal, não se a mediatiza para fazê-la entrar nas casinhas do questionário” (FERRAROTTI, 2006, p. 6, tradução nossa).

Na leitura de Ferrarotti (2011, p. 107), por meio das HV, é possível “[...] apreender o nexa entre texto, contexto e intertexto”. Assim, uma história de vida se constitui em um texto, um campo vivido do qual o pesquisador deve se aproximar, não apenas como um leitor externo, pois precisa “habitá-lo”. A leitura interna deste texto permite apreender as constrições as quais o sujeito se submete, bem como seus modos de libertação – quando ele aproveita situações oportunas em sua vida. Habitar as histórias vividas possibilita compreender “[...] o vínculo entre texto e contexto o que dá a medida e o caráter das *áreas problemáticas* e dos *temas emergentes* de uma vida” (FERRAROTTI, 2011, p. 108 – grifo do autor e tradução nossa). Ao vincular texto e

⁹ “Partindo do existencialismo e da escrita biográfica de Sartre..., Ferrarotti desenvolve o cerne da abordagem biográfica a partir da ideia sartreana de totalidade” (LECHNER, 2009, p. 7). Para análise do método biográfico em Sartre e suas contribuições para psicologia, ver em Schneider (2008).

¹⁰ Texto publicado originalmente em 2007.

contexto, Ferrarotti (2011) decompõe o último em três sentidos: a) histórico; b) evocativo e recreativo e c) relativo ao quadro socioeconômico e estatístico. Por fim, considerando o condicionamento recíproco ente texto e contexto e a inexistência de vidas isoladas, o autor afirma:

Interdependemos. Não percebo nada, em nenhuma circunstância, absolutamente por si só. A paisagem que contemplo por sua vez me contempla. Na realidade, me coopta, me absorve, me faz tornar-me parte dela mesma. *Posso olhar a paisagem enquanto a paisagem vê que a olho* (FERRAROTTI, 2011, p. 117 – grifo do autor e tradução nossa).

De acordo com Ferrarotti (2011, p. 118, tradução nossa), o caráter central do método das Histórias de Vida na pesquisa social viabiliza a expressão “[...] do vivido cotidiano, das estruturas sociais, formais e informais”. Assim, o autor toma em consideração as estruturas sociais quando analisa as histórias de vida, mas o faz sem as considerar apenas reconstruções dos aspectos contextuais, como fazia em suas primeiras experiências de pesquisa nas quais os relatos biográficos apenas serviam para ilustrar teorias sociais. Para Ferrarotti, “[...] o paradoxo atual da sociologia, da sociologia crítica é que o sociólogo tem de ser, ao mesmo tempo, analista e ator. Implicado, participante e capaz de uma distância crítica” (FERRAROTTI, 2006, p. 8, tradução nossa).

A escolha por destacar as contribuições de Bertaux e Ferrarotti não exclui a necessidade de marcar a existência de inúmeras outras contribuições no campo das Histórias de Vida e de outros métodos associados ao biográfico, tanto no contexto europeu como latino-americano¹¹. Em outros capítulos do presente livro, o diálogo com outros referenciais teórico-metodológicos das pesquisas efetivadas será apresentado.

Ao tratar da retomada e consolidação das pesquisas com histórias de vida em diferentes contextos, merece lugar de destaque no cenário brasileiro¹² os estudos da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, autora de inúmeras publicações, entre as quais o clássico texto “*Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’*”¹³. Em nosso país, o livro da psicóloga social Ecléa Bosi “*Memória e sociedade: lembranças de velhos*”, publicado originalmente em 1979, é um clássico quando se trata de estudos sobre memória social e referência nacional e internacional em diferentes campos das ciências sociais.

Para Bosi (1987, p. 48), a memória é “faculdade épica por excelência” a ser preservada, pois a “[...] história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos”. Ancorada no filósofo francês Henri Bergson, Bosi (1993, p. 280) adota uma concepção “[...] de Memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças”. A autora compreende ainda a memória como “[...] um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 1993, p. 281). Ao trabalhar com memória social, Bosi (1993, p. 279) pontua ter como objeto de estudo o *tempo*, o

¹¹ Para compreender diferentes perspectivas das histórias de vida no contexto europeu, ver em DELORY-MOMBERGER (2014) e, no contexto ibero-americano, ver em BOLÍVAR E DOMINGO (2006).

¹² Nos “Ensaio de sociologia geral e aplicada”, publicado em 1971, o eminente sociólogo Florestan Fernandes dedica um capítulo ao estudo das Histórias de Vida, no qual considera as críticas ao uso dos chamados “documentos sociais” pela sociologia como inconsistentes. Pois essas críticas, em geral, “[...] constituem produtos intelectuais de prenoções metodológicas, herdadas especialmente do Positivismo”. (FERNANDES, 1971, p. 251).

¹³ O referido texto compõe a coletânea “Experimentos com Histórias de Vida”, organizada por Olga de Moraes Von Simson e publicada em 1988, embora já houvesse sido publicado antes na forma de artigo científico.

qual considera como um “[...] substrato móvel e fluido [...]” pois lhe interessa compreender não o tempo abstrato das ciências exatas, “[...] mas o tempo concreto e qualificado das lembranças”.

Em reflexão sobre a história de vida, Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007) situam esta modalidade de pesquisa qualitativa biográfica como uma ferramenta de historicidade¹⁴ comprometida com o processo de rememorar. A partir de Bosi, as autoras destacam a delicadeza da memória, que “[...] é e precisa ser imprecisa e inventiva [...]” (NOGUEIRA *et al.*, 2017, p. 476), pois quando as memórias se cristalizam perdem seus códigos de funcionamento.

Para além da menção de algumas referências clássicas e contemporâneas como as aqui apresentadas, cujo aprofundamento foge ao escopo do presente texto, considero relevante apontar o quanto o percurso dos estudos com Histórias de Vida abre diálogo com outras vertentes biográficas em diferentes campos disciplinares.

Das histórias de vida ao método biográfico: aproximações e distanciamentos

O método das Histórias de vida é, frequentemente, associado ao método biográfico, Bassi Follari (2014) inclusive os equipara, entretanto o autor alerta para o risco de ser inexato ao usar esta última terminologia, que é relativamente moderna e inclui modalidades de pesquisa cunhadas muito antes em diferentes campos disciplinares. Apesar disso, Bassi Follari (2014, p. 131, tradução nossa) considera útil o uso do termo método biográfico, pois “[...] permite englobar sob um mesmo rótulo intentos muito díspares a nível teórico e metodológico, além de separados geográfica e temporalmente”.

Quando se pensa em pesquisas com Histórias de Vida e outras modalidades de pesquisa situadas no campo biográfico cabe apontar, brevemente, o debate sobre a pertinência do uso de relatos de vida como estratégia de investigação. Em seu conhecido texto “*A ilusão biográfica*”, publicado originalmente em 1986, Bourdieu (1996) questiona as narrativas de histórias de vida efetuadas como trajetórias coerentes e lineares, com finalidade pressuposta. Para o autor, a compreensão da trajetória de alguém requer considerar antecipadamente “[...] os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vinculam o agente considerado [...] ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis” (BOURDIEU, 1996, p. 82).

Ao analisar os conceitos de trajetórias e biografias na obra de Bourdieu, Montagner (2007) pontua as diferenças entre o conceito de biografia do autor e como é concebido pelo senso comum, pois

Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevoos que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada *a posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (MONTAGNER, 2007, p. 251-2 – grifo do autor).

São inúmeras as referências ao texto de Bourdieu sempre que se trata de métodos biográficos. Bertaux (2014) critica Bourdieu desde a perspectiva adotada em

¹⁴ As autoras abordam a questão da historicidade a partir de Vincent de Gaulejac, referência no campo da Psicossociologia, cuja proposta de histórias de vida assume uma dimensão interventiva. Nos capítulos 3, de Maria Fernanda Diogo, e 9, de Luana Santos, do presente livro, a abordagem teórico-metodológica de Gaulejac será apresentada.

“*A ilusão biográfica*”, mas considera que, mesmo mais tarde, quando aparentemente teria reconhecido a utilidade das entrevistas biográficas, Bourdieu “[...] não aceita a história de vida como instrumento de observação de cursos de ação e, portanto, como fonte potencial de informações sobre as realidades materiais ou sociais exteriores às próprias pessoas” (BERTAUX, 2014, p. 262). Também Clot (2011) situa a perspectiva do Bourdieu no mesmo escrito no âmbito do debate entre “objetivismo X subjetivismo” e defende a superação dessa oposição. Para o autor, Bourdieu fez a crítica da ilusão subjetivista, mas faltou responder à ilusão objetivista, rompendo com o rechaço à subjetividade. Já Passeggi (2014), a partir da análise de três textos de Bourdieu vinculados aos estudos biográficos¹⁵, defende o ponto de vista de que o autor, em escritas posteriores, “[...] aderiu e converteu-se ao biográfico [...]” (Ibid, p. 225).

Quando se analisa as diferentes modalidades de pesquisa a partir do biográfico, alguns autores alertam sobre as dificuldades em distinguir entre propostas correlatas, como: história de vida, história oral, biografia e autobiografia e narrativas. Queiroz (1988) considera a história de vida como uma técnica qualitativa de pesquisa, situada no quadro da história oral, ao lado de outras formas orais para levantamento de informações, como as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias e as biografias. Para a autora, essa técnica permite captar “[...] o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (Ibid, p. 36).

A concepção de história de vida apenas como uma técnica de pesquisa inserida no âmbito das histórias orais, ao lado das biografias, não é um ponto de vista consensual. Silva (2002) discute as interpretações de sociólogos e historiadores sobre biografia, história oral e história de vida, por meio da análise de como os dois campos disciplinares fazem usos e conceituam essas modalidades de pesquisa. Para a autora, a biografia e, particularmente, a história oral – surgida nos anos 1960 e 70 com referência aos relatos de pessoas comuns – constituem gêneros biográficos de pesquisa em história, embora, nem toda biografia se assente no uso da história oral e vice-versa. Já a história de vida, enquanto modalidade de pesquisa tributária de estudos clássicos de sociólogos do início do século XX, retorna à cena da pesquisa nas ciências sociais nas últimas décadas do mesmo século articulada com o método biográfico, havendo uma equiparação entre eles.

Também preocupadas com os equívocos associados às Histórias de Vida, Barros e Silva (2002, p. 135) consideram esse tipo de pesquisa como um método no campo das abordagens biográficas e pontuam a existência de:

[...] uma grande confusão no uso dessa perspectiva de pesquisa assim como da expressão “história de vida”, empregada das mais diversas maneiras e em diferentes situações e campos do conhecimento; de fato, são muitas as orientações teóricas, os meios sociais pesquisados são variados e os temas estudados são muito diversos.

Outra modalidade de pesquisa muitas vezes associada às histórias de vida é a pesquisa narrativa¹⁶, entretanto existe todo um debate sobre as convergências e divergências entre as duas modalidades metodológicas. De acordo com Gill e Goodson (2015, p. 215), na “Pesquisa social, os enfoques de história de vida e de narrativa têm raízes comuns no conceito de narrativa ou relato”. Apesar das similitudes, os autores consideram importante, ainda que um desafio, distinguir as duas modalidades de pesquisa. Nessa direção, pontuam: “A pesquisa narrativa foca-se nas histórias

¹⁵ A autora analisa três obras de Bourdieu: “*A ilusão biográfica*”, “*A miséria do mundo*” e “*Esboço de auto-análise*”.

¹⁶ Para um maior aprofundamento sobre os estudos narrativos, ver o capítulo 6 de Laila Graf Ornellas e outras referências ali indicadas.

relatadas pelo narrador. Ela pode considerar isto o ponto de partida, mas também o ponto final do processo, e frequentemente o faz” (Ibid, p. 216), embora existam estudos que busquem maior complexidade em suas análises. Já a história de vida seria “[...] o ponto de partida para a nossa exploração e busca uma história de ações inserida em transições históricas, sociais e culturais, bem como em cenários pessoais [...]” (GILL; GOODSON, 2015, p. 216).

Ainda que englobe diversas modalidades de pesquisa dentro do método biográfico, Bassi Follari (2014) não inclui o enfoque narrativo nesse campo. Para o autor, as duas tradições diferem no que tange às fontes teóricas, apesar de aspectos comuns, como destaque para o lugar da linguagem e o uso de técnicas similares. Ele recomenda uma “distinção minimalista” entre ambas e propõe considerar como método biográfico as pesquisas nas quais se englobaria a totalidade da vida de uma ou poucas pessoas de modo transversal, mesmo quando enfoca algum traço ou foco. Já o enfoque narrativo, para o autor, consiste na investigação centrada em determinado problema teórico, a partir da análise da vida de uma ou mais pessoas em períodos determinados.

Como se pode depreender das análises de Bassi Follari (2014) e Gill e Goodson (2015), pesquisas narrativas e de histórias de vida são tradições distintas, entretanto apresentam similitudes e, muitas vezes, são consideradas dentro do mesmo campo metodológico. Ambas dizem respeito à vida humana, pois, de acordo com Gill e Goodson (2015, p. 217), “[...] a vida forma a base fundamental das narrativas ou histórias [...]”.

Moyano Dávila e Ortiz Ruiz (2015), em uma revisão sobre o uso de estudos biográficos nas ciências sociais chilenas, partem de uma compreensão que considera os estudos narrativos como independentes da perspectiva biográfica. Para os autores:

Enquanto o biográfico se foca em uma construção narrativa da vida sobre como a biografia, compreendida como trajetória, se configura a luz da própria experiência subjetiva, o narrativo diz respeito ao trabalho dos sujeitos de dar significado e coerência aos eventos da vida, que podem ser ou não estudados longitudinalmente (MOYANO DÁVILA; ORTIZ RUIZ, 2016, p. 20, tradução nossa).

Desde outro ponto de vista, Bolívar e Domingo (2006), ao investigarem o desenvolvimento da investigação biográfica e narrativa no contexto ibero-americano, reconhecem as diferenças entre as duas propostas metodológicas, mas afirmam:

História de vida (desde a *life-history*) e a investigação narrativa (*narrative inquiry*), pois, configuram um campo próprio de investigação, que tem adquirido cada dia maior relevância e foi potencializado frente ao desengano pós-moderno e a reivindicação da dimensão pessoal nas ciências sociais (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, tradução nossa).

Para os autores acima citados, mais do que uma modalidade de recolhimento e análise de dados, o enfoque biográfico-narrativo é constituído por uma perspectiva própria caracterizada por cinco postulados básicos: narrativo, construtivista, contextual, interacionista e dinâmico. Bolívar e Domingo (2006) destacam o saber dialético que emerge a partir de um relato biográfico, mais do que a veracidade ou mundo interior importa a memória, como forma de busca de sentidos para a experiência vivida, as inter-relações e outros elementos surgidos no processo dialógico e de negociações de significado entre quem relata e quem investiga.

O ato de rememorar (BOSI, 1987) ou contar histórias (LE GRAND, 2013) faz parte da vida humana e está presente em inúmeras formas de arte, como na literatura.

Quando se compreende as Histórias de Vida como método científico nas ciências sociais, em alguma medida é suscitado o debate sobre as aproximações e distanciamentos entre este método científico e a literatura, no qual poderiam ser situadas biografias e autobiografias. De outra parte, cabe pontuar, como faz Meneghel (2007), o quanto certos romances de época podem nos ensinar sobre seu tempo. A autora considera haver uma interligação entre as linguagens científica e literária, assim:

A divisão entre linguagem científica e literária carece de sentido. As diferenças não se baseiam na verdade ou autenticidade de cada um dos tipos de relato, mas sim na utilização de procedimentos retóricos que as singularizam (MENEGHEL, 2007, p. 118).

Para Arfuch (2010), apesar de os gêneros discursivos clássicos (biografias, confissões, memórias, diários...), há mais de dois séculos, buscarem apreender o fugidio da vida cotidiana, e, desse modo, deixarem marcas singulares (transcenderem), observa-se hoje uma explosão do biográfico.

Mas, na cultura contemporânea outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show* – *talk show*, *reality show* [...] No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da *vida* – e, conseqüentemente, da “própria” experiência – um núcleo essencial de tematização (ARFUCH, 2010, p. 15, grifo da autora).

Ao analisar dois gêneros discursivos que ocupam o espaço biográfico – mídia e ciências sociais – na atualidade, Arfuch (2010) também encontra pontos comuns entre ambos, como, por exemplo, o uso da entrevista na qual as relações entre entrevistador e entrevistado, seja no jornalismo ou na pesquisa em ciências sociais, resultam em uma autoria conjunta do diálogo estabelecido. Entretanto, para a autora, enquanto na mídia a entrevista se constitui em um produto a ser apresentado ao público, para a pesquisa acadêmica, aquela se constitui em um passo para a elaboração de um outro produto. Mais do que distinguir os gêneros que ocupam o espaço biográfico, a autora busca compreender a coexistência dos diferentes gêneros, pois

[...] a notável expansão do biográfico e seu deslizamento crescente para os âmbitos da intimidade fazem pensar num fenômeno que excede a simples proliferação de formas dissimilares, os usos funcionais ou a busca de estratégias de mercado, para expressar uma tonalidade particular da subjetividade contemporânea (ARFUCH, 2010, p. 16).

Embora existam muitos pontos em comum entre os métodos de investigação assentados em relatos biográficos e outros gêneros discursivos presentes nas artes e diferentes modalidades de relatos de si presentes na cultura contemporânea, a investigação com enfoque biográfico possui algumas dimensões peculiares ao seu exercício.

Cornejo, Mendoza e Rojas (2008), antes de discorrerem sobre o processo de investigação com uso dos relatos de vida a partir de pesquisas efetivadas com este desenho metodológico, apresentam algumas premissas do enfoque biográfico. Para os autores, esse enfoque dá sentido ao uso do relato de vida, pois “[...] o situa em um determinado marco conceptual, ético e epistemológico, que o diferencia de sua utilização sob outra orientação” (CORNEJO; MENDOZA; ROJAS, 2008, p. 30, tradução nossa). Em suas premissas, o enfoque biográfico se constitui de modo interdisciplinar e

engloba contribuições de diferentes correntes de pensamento¹⁷.

Os autores acima compreendem as premissas do enfoque biográfico a partir de três características: enfoque hermenêutico (dimensão ontológica); existencial (dimensão ética) e construtivista (dimensão epistemológica). A primeira dimensão diz respeito ao uso dos relatos na vida cotidiana, de modo espontâneo, para facilitar a construção e reconstrução da “identidade narrativa”. Na investigação por meio de relatos de vida, ocorre um processo de “dupla interpretação”¹⁸, no qual o pesquisador interpreta a produção que o narrador faz de si, o trabalho com esses diferentes níveis de interpretação representa a dimensão ontológica do enfoque. A dimensão ética se situa no fato de que, quando se pede a alguém para relatar sua vida, também se demanda que esta pessoa assuma uma posição sobre o que relata e assim:

Reconhecer-se como *produto* de uma história material (familiar, social, política, cultural) que determina sua vida, condições nas quais foi lançado, em termos existenciais. Reconhecer-se *produtor* de sua história, por meio de suas próprias escolhas [...] A partir destes reconhecimentos se abre a possibilidade de situar-se como *ator* de uma história, da qual busca ser protagonista. (CORNEJO; MENDOZA; ROJAS, 2008, p. 31, grifo dos autores e tradução nossa).

Para os autores acima citados, mesmo que por meio dos relatos de vida não seja possível mudar o passado, pode-se mudar de posição frente a situações passadas. Essa opção diz respeito à dimensão ética. Por fim, a dimensão epistemológica situa o enfoque como dialético e construtivista, pois a produção de um relato diz respeito tanto ao narrador como a quem o recebe – narratário, bem como às condições de produção do encontro.

Para Moyano Dávila e Ortiz Ruiz (2016), o uso do enfoque biográfico também implica compromissos éticos. Assim, desde uma dimensão ética trabalhar com esse enfoque supõe “[...] uma opção científica centrada no sujeito [...]” (Ibid, p. 20, tradução nossa), de modo a estabelecer um vínculo entre o pesquisador e quem relata sua vida, constituindo-se em uma troca entre saberes. Os autores apontam, de modo articulado, outras dimensões: ontológica, epistemológica e metodológica. A ontológica se centra nas leituras do sujeito sobre sua história, enquanto sujeito particular e histórico. Do ponto de vista epistemológico, os relatos são compreendidos como fragmentos de memória ou restos imaginários da própria vida e não como fatos objetivos a serem conhecidos. Já a dimensão metodológica remete a diferentes modalidades qualitativas de pesquisa, presentes nos estudos chilenos analisados no artigo, que investigam diferentes objetos de estudo, com uso predominante de entrevistas (em geral recorrentes), as quais podem ser associadas a outras técnicas para o levantamento de informações (como os recursos visuais para facilitar a compreensão das temporalidades dos relatos) e variadas formas de análise dos dados, desde diferentes marcos teóricos¹⁹.

Em suas análises sobre estes estudos biográficos, os autores acima apontam como a principal questão das diferentes aproximações das ciências sociais com o biográfico “[...]”

¹⁷ Entre as disciplinas mencionadas por Cornejo, Mendoza e Rojas (2008) estão: antropologia, sociologia, psicologia, história, educação e outras. Já entre as correntes de pensamento elencadas, estão: marxismo, existencialismo, estruturalismo, hermenêutica e psicanálise.

¹⁸ Os conceitos de “identidade narrativa” e “dupla interpretação”, usados por Cornejo, Mendoza e Rojas (2008), são ancorados em Ricoeur.

¹⁹ O uso de entrevistas recorrentes associadas a outras ferramentas, gráficas e imagéticas tem sido feito em pesquisas do Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição do Sujeito como é apresentado no capítulo 2 de Geruza D’Avila e em outros capítulos que compõem a segunda parte do livro.

a tensão entre a utilização do enfoque de um modo mais objetivo (buscando verossimilitude nas biografias), ou subjetivo (compreendendo que os relatos são construções de significado) [...]” (MOYANO DÁVILA; ORTIZ RUIZ, 2016, p. 24, tradução nossa). Desde o ponto de vista dos autores, quando as pesquisas centram suas análises nos aspectos estruturais das trajetórias biográficas, deixam de compreender a singularidade e, assim, perdem aspectos relevantes dos fenômenos sociais.

O debate entre o foco nas relações sociais ou na singularidade em pesquisas assentadas em relatos de vida é recorrente nas análises sobre investigações no campo biográfico. Na leitura de Bassi Follari (2014), os investigadores, em geral, pretendem descrever os processos sociais por meio de relatos de vida, podendo analisar os casos estudados (por exemplo pobreza, imigração, criminalidade etc.) como representantes ou manifestação de fenômenos gerais. Porém, para o autor, o valor do método biográfico para as ciências sociais seria, justamente, por se situar em um espaço de fronteira entre o lugar do sujeito e a estrutura social, em um “[...] *espaço paradigmaticamente psicossocial* [...]” (BASSI FOLLARI, 2014, p. 137 – grifo do autor e tradução nossa).

Situar o enfoque biográfico na fronteira entre sujeito e sociedade ou no espaço psicossocial remete ao campo do cotidiano, cuja análise, como apontei, considero relevante em estudos sobre a vida laboral. Com esse propósito, farei algumas reflexões finais a seguir sobre a perspectiva adotada quanto ao pesquisar desde o biográfico e suas potencialidades para estudos no cotidiano laboral, especialmente aqueles focados em trajetórias ocupacionais, como é o caso de boa parte dos relatos de pesquisa apresentados na segunda parte deste livro.

Contribuições do enfoque biográfico aos estudos no cotidiano laboral

Ao iniciar as reflexões finais da presente escrita, gostaria de retomar alguns elementos das leituras apresentadas ao longo do texto que considero essenciais para situar a compreensão adotada aqui sobre enfoque biográfico. No próximo capítulo, serão apresentadas questões metodológicas das pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS), as quais dialogam com o biográfico em um sentido amplo, embora nem sempre se filiem estritamente à tradição do método das Histórias de Vida.

Contar histórias ou fazer relatos de vida é parte da vida humana, assim faz sentido tomar esses relatos como material para investigar as pessoas em suas relações com a sociedade. A “explosão do biográfico”, por meio de diferentes modalidades de expressão na cultura contemporânea, como coloca Arfuch (2010), amplia as possibilidades de investigação nesse campo. Na direção apontada por Becker (1999), pesquisar com Histórias de Vida permite apreender detalhes dos processos de interação social, dificilmente acessíveis por meio de técnicas clássicas de recolhimento de informações como os questionários, os quais não são capazes de apreender a dimensão subjetiva, ou observações de campo, nem sempre viáveis em certas situações laborais, como no caso da pesquisa com trabalhadoras domésticas, que será relatada no capítulo 7 da segunda parte do livro.

Quando resgato o método das Histórias de Vida, situo-o como uma abordagem metodológica, não simplesmente uma técnica de pesquisa, tributária dos clássicos estudos da Escola de Chicago e, portanto, assentada em estudos sociológicos ou em pesquisas psicossociais ou antropológicas na mesma vertente. Entretanto, o método das Histórias de Vida se diferencia de outras vertentes metodológicas dentro do enfoque biográfico e ancoradas em outras tradições, como a História Oral ou a Pesquisa Narrativa.

Para a perspectiva aqui adotada, busco em leituras contemporâneas das Histórias de Vida, a partir de Bertaux e Ferrarotti, alguns elementos centrais. Em primeiro lugar, trago a dimensão histórica dessa perspectiva metodológica. A partir do recolhimento de relatos de vida, os sujeitos são compreendidos em sua historicidade, situados em espaços e tempos, os quais são constitutivos de suas subjetividades, embora não as determinem. Nessa direção, é importante marcar a diferença entre os relatos de vida das pessoas e as Histórias de Vida como método, o qual requer: uma relação entre quem relata suas histórias e quem as recebe; um trabalho do pesquisador para reelaboração e análise das histórias contadas; e, também, considerar o contexto no qual a relação entre os sujeitos participantes da pesquisa e pesquisador se estabelece.

Outro aspecto que considero relevante, particularmente a partir de Ferrarotti (1991), diz respeito à “razão dialética” por meio da qual é possível compreender o universal a partir do sujeito particular. Ancorado em Sartre, Ferrarotti (2011) retoma o “problema das mediações” para compreender como os sujeitos, por meio dos grupos nos quais se inserem, totalizam o contexto social. Assim, as histórias de vida possibilitam apreender não só as vivências cotidianas dos sujeitos, mas também as estruturas sociais nas quais eles se inserem.

Além das características mencionadas acima, considero importante pontuar a dimensão ética do enfoque biográfico na perspectiva aqui adotada. Essa dimensão ética implica o posicionamento do pesquisador, quando demanda ao outro para relatar suas histórias, e do sujeito participante da pesquisa, que se posiciona ao narrar suas memórias perante si mesmo e em relação à demanda do pesquisador. Aqui vale lembrar que pesquisar com histórias de vida requer um pesquisador implicado em uma relação dialógica com aqueles que narram suas histórias a partir de sua demanda.

Ao tratar de memórias, considero fundamentais os estudos da psicóloga social Ecléa Bosi, para quem a memória diz respeito ao processo de rememorar um tempo vivido, pois a “[...] memória contrai numa intuição única passado-presente em momentos de duração” (BOSI, 1993, p. 280). Assim, ao rememorar suas experiências vividas para o pesquisador, o sujeito pode ressignificar o passado a partir do presente e projetar novas experiências para o futuro. Como havia mencionada na introdução, em estudos sobre as trajetórias de trabalhadores/as, tenho considerado relevante compreender a dimensão temporal dessas trajetórias (COUTINHO, 2009). Entretanto, é importante considerar que “O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa” (BOSI, 1993, p. 281).

Ao finalizar esta escrita, retomo meu ponto de vista inicial sobre as contribuições do enfoque biográfico para análise da vida cotidiana no trabalho. Essa abordagem metodológica enseja o convívio prolongado entre quem relata suas memórias laborais e o pesquisador, particularmente quando se faz uso de entrevistas abertas e recorrentes, aliadas a outras ferramentas de pesquisa (como será apresentado no segundo capítulo e em outros capítulos na segunda parte do livro). Também cabe destacar a importância da relação aqui mencionada, bem como de situá-la no contexto da pesquisa, tanto quanto ao espaço-tempo no qual se dá a interlocução entre o sujeito e o pesquisador, como em relação aos espaços e tempos históricos.

O processo de rememorar histórias e memórias permite não só sua ressignificação por quem as relata, mas também pelo pesquisador que, ao analisá-las, pode reler ou repensar não apenas estas histórias, como também suas leituras e ancoragens teórico-metodológicas. Por meio dessas histórias vividas, temos acesso à dimensão subjetiva em seus entrelaçamentos com as condições objetivas da vida, considerando-as como dimensões indissociáveis, pois não se pode compreender o sujeito sem o social e vice-versa.

Referências

- ÁLVARO, José Luis; GARRIDO, Alicia. *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARROS, Vanessa Andrade de; SILVA, Lilian Rocha da. A pesquisa em história de vida. In: Goulart, I. B. (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 133-146.
- BASSI FOLLARI, Javier Ernesto. Hacer una historia de vida: decisiones clave durante el proceso de investigación. *Athenea Digital*, v. 14, n. 3, p. 129-170, 2014. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v14-n3-bassi/1315-pdf-es> Acesso em: 14 fev. 2015.
- BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 102-115.
- BECKER, Howard. Conferência: a Escola de Chicago. *Mana*, v.2, a. 2, p. 177-178, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/6FvBPkkRffvcrkjb77SZBv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 29 jul. 2018.
- BERTAUX, Daniel. A vingança no curso de ação contra a ilusão cientificista. *Civitas*, v. 14, n. 2, p. 250-271, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17147/11472> Acesso em: 27 jun. 2014.
- BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Proposiciones*, n. 29, 1999, p. 1-23. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/29458/27407> Acesso em: 16 jul. 2015.
- BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie*. Paris, França: Armand Colin – Collection “L’Enquête et ses méthodes”, 2010.
- BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús. La investigación biográfica y narrativa em Iberoamerica: campos de desarrollo y estado actual. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n. 4, art. 12, 2006. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/161/358> Acesso em: 31 jul. 2015.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480/37218> Acesso em: 19 dez. 2014.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 74-82.
- CLOT, Yves. La otra ilusión biográfica. *Acta sociológica*, n. 56, p. 129-134, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/29461/27410> Acesso em: 19 dez. 2014.
- CORNEJO, Marcela; MENDOZA, Francisca; ROJAS, Rodrigo C. La investigación com relatos de vida: pistas y opciones del diseño metodológico. *Psykhe*, v. 17, n. 1, 2008, p. 29-39. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/psykhe/v17n1/art04.pdf> Acesso em: 11 maio 2009.
- COUTINHO, Maria Chalfin. *Memorial de Atividades Acadêmicas para fins de Promoção a Professor Titular*, CFH/UFSC, 2015. Disponível em: <https://cfhu.paginas.ufsc.br/files/2015/02/CoutinhoMAA.pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.
- COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, 189-202, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v12n2/a05v12n2.pdf> Acesso em: 12 jan. 2010.
- COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de; SATO, Leny. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 289-295, 2016.

Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/4mCWqq9qNHfS95pckTZ5sNL/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 01 set. 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

FERNANDES, Florestan. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. IN: FERNANDES, Florestan. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1971. p. 251- 269.

FERRAROTTI, Franco. Historias de vida y Ciencias Sociales [Entrevista cedida a] INIESTA, Montserrat e FEIXA, Carles *Perifèria*, Barcelona, v. 5, n. 2, p. 1 -14, dezembro, 2006. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/periferia/article/view/v5-n2-iniesta/162-pdf-es> Acesso em 14 jun.2021

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. *Acta sociológica*, n. 56, p. 95-119, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/29459/27408> Acesso em: 20 jan. 2015.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf> Acesso em: 25 ago. 2013.

GILL, Scherto; GOODSON, Ivor. Métodos de história de vida e narrativas. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. (Orgs). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015. p. 215-224.

LECHNER, Elsa. Introdução: o olhar biográfico. In: LECHNER, Elsa. (Org.) *Histórias de vida: olhares interdisciplinares*. Porto/Portugal: Afrontamento, 2009.

LE GRAND, Jean-Louis. Histoires de vie. In: BARUS-MICHEL, Jaqueline; ENRIQUEZ, Eugène; LÉVY, André. (Orgs.) *Vocabulaire de Pshchologie: positions et références*. Toulouse, França: Éres, 2013. p. 377-383.

MENEGHEL, Stela Nazareth. Histórias de Vida - notas e reflexões de pesquisa. *Athenea Digital*, n. 12, p. 115-129, p. 2007. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/n12-meneghel/414-pdf-pt> Acesso em: 19 maio 2015.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, a. 9, n. 17, p. 240-264, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5630/3238> Acesso em: 16 jun. 2014.

MOYANO DÁVILA, Camila; ORTIZ RUIZ, Francisca. Los estudios biográficos em las Ciencias Sociales del Chile reciente: hacia la consolidación del enfoque. *Psicoperspectivas: individuo e sociedade*, v. 15, n. 1, p. 17-29, 2016. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/718/456> Acesso em: 26 maio 2017.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisa e práticas psicossociais*, v. 12, n. 2, 2017, p. 466-485, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf> Acesso em: 14 dez. 2017.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão” biográfica. *Revista FAEEBA – Educação e contemporaneidade*, v. 23, n. 41, 2014. p. 223-235. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/838/594> Acesso em: 15 ago. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. In: Von Simpson, Olga de Moraes. (Org). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 289-308,

2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13.pdf> Acesso em: 22 jun. 2017.

SILVA, Aline Pacheco.; BARROS, Carolyne Reis.; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães.; BARROS, Vanessa Andrade de. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224/3816> Acesso em: 03 jun. 2015.

SILVA, Haíke Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno da história oral, história de vida e biografia. *Métis: história & cultura*, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2002. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037/703> Acesso em: 11 ago. 2015.

Capítulo 2

ENTRE PRÁTICAS COTIDIANAS E PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÕES NO TRABALHO: A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Geruza Tavares D'Avila

Pesquisar é isso. É um itinerário, um caminho que trilhamos e com o qual aprendemos muito, não por acaso, mas por não deixar de colocar em xeque “nossas verdades” diante das descobertas reveladas, seja leitura de autores consagrados, seja pelos nossos informantes, que têm outras formas de marcar suas presenças no mundo. Eles também nos ensinam a olhar o outro, o diferente, com outras lentes e perspectivas (ZAGO, 2003, p. 307).

Introdução

Começo o presente texto com a epígrafe de Zago (2003) por três motivos. Além de configurar uma síntese bastante precisa sobre como penso o processo de pesquisar, serviu como uma espécie de inspiração para a escrita que pretendo nas páginas a seguir. Como última motivação, o capítulo desta autora auxiliou a pensar o desenho, o delineamento e a construção de um caminho a ser percorrido em estudos anteriores, estudos realizados por colegas e por mim, mais especificamente, no âmbito do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS). Dessa forma, tenho como objetivo, neste capítulo, descrever e refletir sobre aspectos do percurso metodológico de estudos realizados no referido grupo de pesquisa nos últimos anos.

Como destacado na Apresentação deste livro, em 2020, os/as integrantes do Núcleo redefinem linhas de pesquisa, neste momento, sintetizadas em 1) Trabalho e vida cotidiana; 2) Educação, trabalho e tecnologias; 3) Saúde do Trabalhador e 4) Métodos de Pesquisa. Essas linhas investigativas são dinâmicas e algumas pesquisas poderiam pertencer a mais de uma delas, como mostrarei ao longo do texto.

Como fundamento teórico das pesquisas do NETCOS, destaco a perspectiva da Psicologia Social do Trabalho (PST), especialmente, no que diz respeito ao conceito de trabalho e a conhecê-lo “do ponto de vista dos trabalhadores” (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017, p. 15). Além disso, é importante mencionar, nessa perspectiva, o desenvolvimento de “interfaces com outras disciplinas das ciências sociais” (Ibid, p. 16), o que também se pode observar nas fundamentações teóricas das pesquisas desenvolvidas no Núcleo. Dessa forma, falar de método é também remeter aos estudos teóricos que fundamentam o percurso investigativo.

Nas pesquisas realizadas por integrantes do NETCOS, a entrevista foi o instrumento principal para o levantamento das informações no campo de estudos, no entanto, ela foi complementada por outros disparadores para conhecer um pouco mais da vida dos participantes, tais como o uso de fotografias e o desenho da Trajetória Socioprofissional, por exemplo. Em relação à análise, as informações construídas sempre buscaram a articulação dos postulados teóricos e os discursos dos participantes, compreendendo também que as unidades de análise são dinâmicas e dialógicas e que,

mesmo com a inspiração em compreensões teórico-metodológicas semelhantes, cada pesquisador estabelece um caminho próprio para desenvolver sua investigação.

Assim, neste capítulo, pretendo descrever algumas pesquisas desenvolvidas no Núcleo, destacando seus aspectos metodológicos. Buscarei descrever os procedimentos e as ferramentas metodológicas utilizadas, de acordo com as linhas de pesquisa atuais do Núcleo – que aglutinam, de alguma forma, as linhas de pesquisa anteriores. Também buscarei realizar uma síntese dos principais postulados teórico-metodológicos presentes em todas essas investigações, embora com muitas nuances e distintas maneiras de realizar as pesquisas.

Nessa direção, organizei o capítulo da seguinte maneira: apresentação dos principais fundamentos teóricos – Cotidiano e suas práticas e sentidos atribuídos ao trabalho, e a construção dos caminhos metodológicos, principalmente com enfoque ao desenho da pesquisa e as análises das informações produzidas e, ao final, faço algumas considerações.

Cotidiano, suas práticas e sentidos atribuídos ao trabalho

Como mencionado, recentemente, as linhas de pesquisa do NETCOS foram reformuladas, buscando representar as categorias teóricas de interesse das/os integrantes do Núcleo, assim como contemplar as preocupações com as ferramentas metodológicas utilizadas. Nesse sentido, apresento brevemente como é caracterizado o cotidiano, suas as práticas e os sentidos atribuídos ao trabalho, tendo em vista a relevância desses conceitos para as pesquisas desenvolvidas.

Há muitas formas de definir e delimitar o cotidiano em termos teóricos metodológicos (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017). Como apontam Spink e Spink (2017), um ponto chave é questionar “‘com que cotidiano eu vou?’ Se considerarmos a origem latina do termo, *quot dies*, o cotidiano é, ao mesmo tempo, um dia e todos os dias. Engloba, assim, tanto o instantâneo como o duradouro, o transformador e o repetitivo” (SPINK; SPINK, 2017, p. 594).

Logo, de maneira bastante abrangente, apresento uma das sínteses elaboradas por Tedesco (1999). O autor compreende que, “Da perspectiva do sujeito, o cotidiano é o momento presente e, neste tempo presente, o sujeito age, está situado entre o passado e a situação da ação, indicando a presença do futuro” (TEDESCO, 1999, p. 30). Por outro lado, de forma mais específica, é possível dizer que, em alguns estudos, o cotidiano é aprofundado por meio de outros aportes teóricos, principalmente, Michel de Certeau (1998) e Agnes Heller (2016), por exemplo.

Dessa forma, sobre o estudo das práticas cotidianas no trabalho, Coutinho e Oliveira (2017, p. 85) pontuam sua constituição como “a investigação detalhada do trabalho real, daquilo que de fato acontece nas situações concretas de trabalho e da decorrente exigência de mediação humana”. Além disso, ainda de acordo com estes autores, a partir dessa maneira de estudar o trabalho, há possibilidades de se investigar também a “inventividade” dos trabalhadores, pois esta “além de ser um modo de imprimir no trabalho uma marca pessoal e coletiva, garante que os objetivos do trabalho se concretizem, tendo em vista os eventos imprevisíveis que caracterizam toda a atividade de trabalho” (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017, p. 85-86).

Já em relação aos processos de significação no trabalho, é possível dizer do seu “entrecruzamento” com as práticas cotidianas (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017). Nas palavras dos autores, “A ação, ela própria, produz sentidos e, ao mesmo tempo, é guiada por eles. Na verdade, a ação humana é sempre dotada de sentidos e, por esse prisma, ação e sentido são inseparáveis” (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017, p. 89).

Sentidos e significados podem ser considerados termos muito próximos, no

entanto, possuem diferenças teóricas e, portanto, não são sinônimos. Ambos são categorias de análise estudadas por diferentes abordagens teórico-epistemológicas nas áreas do conhecimento das ciências humanas e sociais. Em Psicologia, destacam-se as matrizes teóricas Cognitivista, Construcionista, Existencialista, dos Estudos Culturais, e a matriz Sócio-Histórica, conforme apontam Tolfo, Coutinho, Baasch e Cugnier (2011) na síntese por eles realizada. Cabe mencionar que os estudos desenvolvidos por integrantes do Núcleo são ancorados, mais frequentemente, nas abordagens da Psicologia Sócio-Histórica (PSH) ou Psicologia Histórico Cultural (PHC)¹ e do Construcionismo.

A partir dessas breves explanações sobre a fundamentação teórica, na próxima seção, procurei mostrar como as escolhas teóricas das investigações realizadas no grupo de pesquisa repercutem, por sua vez, nas escolhas e na construção de possíveis caminhos metodológicos. Conforme explica Triviños (1987, p. 74), “A natureza dos métodos, e das técnicas para o estudo do fenômeno depende, principalmente, das características do conteúdo do mesmo”.

A construção de caminhos metodológicos

Antes de dar enfoque a alguns aspectos sobre a construção de caminhos metodológicos das pesquisas desenvolvidas no NETCOS, cabe lembrar que a preocupação com os Métodos de Pesquisa sempre foi presente em reuniões, orientações e publicações do grupo, inclusive é uma das linhas atuais de pesquisa. Princípio com o artigo de Girelli, Coutinho e Prado Filho (2014), que também pretenderam “refletir sobre o percurso metodológico” da dissertação de mestrado da primeira autora. Nas palavras dos autores:

Traçar um roteiro para apreensão da realidade, não significa adotar critérios universais de verdade que tenham a preocupação exclusiva com o que é linear, regular. Muito pelo contrário, a produção de conhecimento no campo das Ciências Sociais e Humanas exige o reconhecimento das infinitas variações dentro de um campo de possibilidades, potencializando a inclusão da indeterminação dos fatos, da emergência do inesperado e, acima de tudo, da adoção de uma concepção de campo fluido e plural em suas manifestações (GIRELLI, COUTINHO, PRADO FILHO, 2014, p. 188).

Dessa forma, configura-se preocupação central dos pesquisadores o delineamento da pesquisa, isto é, o caminho a ser percorrido tendo como direcionamento a pergunta e os objetivos da pesquisa. Como já disse, ancorada em Triviños (1987), a escolha metodológica dependerá, fundamentalmente, das categorias teóricas a serem estudadas e que vão ensejar escolhas mais ou menos específicas dentro do campo de pesquisa. O estudo de Girelli, Coutinho e Prado Filho (2014), por exemplo, utilizou-se de diferentes ferramentas metodológicas – como a observação participante, com registros em diário de campo, e a fotografia como disparador dos Grupos Focais, na intenção de conhecer as relações de saber/poder numa cooperativa de costureiras.

Ainda sobre publicações do Núcleo com intenções de refletir sobre o percurso metodológico e as ferramentas utilizadas, chama atenção o artigo de Borges e Coutinho (2011) ao servir como referência para trabalhos posteriores desenvolvidos no grupo e que tomam a fotografia como ferramenta de pesquisa. Como será visto ao longo do livro, a fotografia é uma das ferramentas utilizadas em muitas investigações

¹ Não cabe, neste capítulo, a discussão sobre as diferenças teóricas entre a PSH e a PHC, no entanto, posso apontar que ambas as abordagens tratam “dos estudos brasileiros ancorados em Vygotsky e seguidores” (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017, p. 90).

do NETCOS, ocupando lugar de destaque como recurso metodológico para o estudo das práticas cotidianas e os sentidos atribuídos ao trabalho.

Dessa forma, tomando os referenciais teóricos anteriormente mencionados – práticas cotidianas, sentidos atribuídos ao trabalho, as pesquisas realizadas no Núcleo seguem, em sua maioria, uma abordagem qualitativa² de pesquisa, priorizando o contato com os participantes e um posicionamento ético no campo de pesquisa, como explicarei a seguir.

Em relação à abordagem qualitativa de pesquisa, levanto alguns argumentos de González-Rey (2005) ao considerar que a Pesquisa Qualitativa pressupõe uma Epistemologia Qualitativa e que o próprio estudo pode ser considerado como um processo (GONZÁLEZ-REY, 2005). Para o autor, a “*Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade” (GONZÁLEZ-REY, 2005, p. 5, grifo do autor).

Dessa forma, ao desenhar uma pesquisa qualitativa, é importante considerar além dos interesses dos próprios pesquisadores, a sua inserção em determinados espaços, como propõe Flick (2009). Para o autor, a “decisão sobre uma questão específica depende em grande parte dos interesses práticos do pesquisador e de seu envolvimento em determinados contextos históricos e sociais” (FLICK, 2009, p. 103). Dessa forma, é possível que o plano de pesquisa seja bem diferente do trajeto que o pesquisador trilhará durante sua investigação.

Ao considerar a pesquisa qualitativa como um processo, González-Rey (2005, p. 80) afirma que “É no interior do campo que se definem os diferentes momentos da pesquisa em uma processualidade impossível de ser controlada por nenhum tipo de a priori”. Essa processualidade deve ser sempre considerada ao delinear a pesquisa, levando em conta como o pesquisador se insere e dialoga no campo de pesquisa³. Como exemplo, cito minha pesquisa de doutorado⁴, em que tive acesso ao campo de pesquisa por atuar como docente na mesma instituição. Ademais, foram realizadas algumas mudanças no plano da pesquisa, ainda em seu curso:

[...] não tínhamos a pretensão de estudar as trajetórias de universitários de cursos noturnos e nem de um curso específico [...] nossos interlocutores foram se configurando como egressos dos bacharelados noturnos em Administração, Turismo e Ciências Econômicas (D’AVILA; COUTINHO, 2019, p. 4).

Outro exemplo aparece na dissertação de Bitencourt (2020) em que o planejamento da autora também passou por algumas mudanças ao trilhar o caminho investigativo. Por outro lado, quando os pesquisadores não trabalhavam na mesma instituição em que a investigação seria desenvolvida, o desenho e o plano de pesquisa foram possíveis de outra forma e, também, puderam ser alterados ao longo do percurso, como descrito na dissertação de Savanhago (2019)⁵. Maders e Coutinho (2017, p. 56) também mostram como foi construído o processo de entrar no campo:

² Assim como Triviños (1987), Zago (2003) e Flick (2009), dentre outros autores, considero que a abordagem qualitativa não se opõe aos métodos quantitativos. No último capítulo deste livro, por exemplo, Daniela Schott e Márcia Pit Dal Magro apresentam uma pesquisa baseada em métodos mistos.

³ Cabe explicar sobre uma definição para campo de pesquisa. Minayo (2016, p. 57) entende “campo, na pesquisa qualitativa, como o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação”.

⁴ Assim como outras pesquisas referidas no presente capítulo, o percurso metodológico de minha tese de doutorado será melhor explorado no capítulo 4 deste livro.

⁵ A pesquisa de Savanhago (2019) é melhor descrita no capítulo 8 do presente livro.

As primeiras aproximações com o campo da pesquisa iniciaram ainda na etapa de construção do projeto, em que foram realizadas viagens frequentes ao Rio de Janeiro, região que comporta grande número de operações *offshore*. Ao longo da fase exploratória foram realizadas sete entrevistas com funcionários de empresas do ramo *offshore*, [...] dirigentes sindicais e trabalhadores, tais entrevistas foram consideradas complementares. A partir dos contatos e indicações levantadas, Macaé (cidade onde embarcam os trabalhadores da Bacia de Campos) revelou-se como um campo possível para a realização da pesquisa, de forma que todas as entrevistas da pesquisa foram realizadas em diferentes locais desta cidade.

Do mesmo modo, na dissertação de Dalmaso (2010), de cunho etnográfico, a pesquisadora iniciou o processo de entrada no campo por meio de entrevista com a psicóloga da organização e com o gerente de tráfego. A autora relata ainda a observação realizada por quatro meses, com registros em Diário de Campo. Nesses meses, foi possível conhecer diretamente as relações entre os diferentes trabalhadores no contexto de seu trabalho, além de estabelecer vínculos com eles (DALMASO, 2010).

Tais mudanças e alterações no plano de investigação devem ser consideradas, a todo instante do estudo. Spink e Spink (2017, p 603) também apontam nessa direção, em especial, quando se pesquisa o/no cotidiano: “O ritmo de trabalho é mais lento quando se pesquisa o/no cotidiano, pois é mais complicado. Não é o programa de pesquisa que impõe o ritmo, é o lugar; ou melhor, a malha de lugares e suas múltiplas conexões”.

Além disso, ao entrar no campo de pesquisa, considero essencial retomar alguns fundamentos da PST os quais foram sintetizados por Esteves, Bernardo e Sato (2017, p. 73-75):

A substituição de pretensões de neutralidade e imparcialidade pelo compromisso ético, consciente e intencional com os trabalhadores na pesquisa e na prática profissional.

[...] nas práticas de pesquisa e de intervenção, parte-se do pressuposto de que a construção do conhecimento acontece a partir da perspectiva dos pesquisados e em parceria com eles.

[...] A compreensão do trabalho a partir de categorias estruturais e de processos simbólicos.

[...] Toma-se o mundo real do trabalho como pano de fundo, mas também se reconhece a existência simbólica do possível (sonho, projeto ou utopia), bem como de certa classe de ações humanas (aquelas que pretendem mudar a realidade) como teleológicas, ou seja, como ações presentes contratadas pelo futuro almejado, tornando-o real ou aproximando-se disso.

[...] de um lado, abdicar da pretensão de identificar e formalizar leis e princípios universais e absolutos e, de outro lado, assumir uma leitura sócio-histórica na qual o concreto-particular-cotidiano ajuda a entender o abstrato-universal-histórico.

Esses fundamentos direcionam a postura e as atitudes de todo pesquisador que se considera psicólogo social do trabalho, esteja realizando pesquisa e/ou intervenção. No caso do processo de pesquisa, este deve ser direcionado a partir de

tais fundamentos e é, assim, uma postura ética e política desse profissional. Nas pesquisas do Núcleo⁶, essa sempre constituiu preocupação das/os pesquisadoras, que buscavam, na medida do possível, não só estabelecer um diálogo com os informantes no momento da pesquisa, mas também após sua saída do campo, por exemplo, quando da divulgação dos resultados. Exemplifico com a pesquisa junto às trabalhadoras domésticas⁷, quando foi realizado uma Mostra de Fotografias, convidando as informantes para participarem (D'AVILA, MADERS, TRINDADE; COUTINHO, 2018). Assim como afirma Bosi (1994, p. 37) “Não é preciso dizer que o motivo da pesquisa foi explicado com toda a clareza ao sujeito, e que ele sempre teve autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra”.

As entrevistas constituíram o principal instrumento para o levantamento das informações nas pesquisas do NETCOS. Essas entrevistas, em geral, foram complementadas por outros instrumentos de pesquisa, tais como as fotografias e a Trajetória Socioprofissional, como antecipei na introdução⁸. Concordo com Borges e Coutinho (2018, p. 99) ao mencionarem sobre as “ferramentas” de pesquisas: “são como mediadores/vias de acesso que o investigador dispõe para sua construção de informações”.

Recorro novamente a Zago (2003), pois para a autora a entrevista compreensiva é realizada por meio de uma relação social, a partir da confiança entre entrevistados e entrevistadores. Estes conduzem a entrevista, enquanto os entrevistados ocupam lugar central e, por isso, além do interesse pela sua pessoa e seu discurso, são indissociáveis “a capacidade da escuta do que é dito e de não-julgamento” (ZAGO, 2003, p. 303). Cabe lembrar Bosi (1994, p. 37-38) quando aponta que a ancoragem principal em seu caminho metodológico “foi a formação de amizade e confiança com os recordadores. Este vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”.

Apesar de a entrevista compreensiva não corresponder a um “modelo clássico, estandardizado” de fazer pesquisas (ZAGO, 2003, p. 296), o entrevistador está formalmente engajado em responder os objetivos de seu estudo, interessando-se pela “riqueza do material que descobre”. Ainda de acordo com a autora, é possível uma prévia organização do processo da entrevista, incluindo um roteiro com questões organizadas em torno de algumas temáticas. Esse processo é suficientemente flexível para que o entrevistador possa lidar com imprevistos e mesmo incluir questões não definidas anteriormente na intenção de deixar que o entrevistado possa falar abertamente e confortavelmente sobre a temática em questão. Nesse sentido, conforme a possibilidade e o desenho de cada pesquisa, as fotografias e a TSP foram inseridas ao longo das entrevistas. Em algumas investigações, as entrevistas ocorreram mais de uma vez com os mesmos informantes – as entrevistas recorrentes.

Considerando as possibilidades de uso da fotografia em pesquisas na área da Psicologia descritas por Neiva-Silva e Koller (2002), a função autofotográfica foi a mais utilizada no âmbito das pesquisas do Núcleo, isto é, os próprios participantes produzem as fotografias. Na dissertação e na tese de Regina Borges (BORGES, 2010; 2017), as

⁶ Cabe mencionar que todas as pesquisas do NETCOS mencionadas neste capítulo foram submetidas e aprovadas por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), considerando as resoluções vigentes, a Resolução 466 de 2012 (BRASIL, 2012) e a Resolução 510 de 2016 (BRASIL, 2016), ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

⁷ Essa pesquisa será aprofundada no capítulo 7 do presente livro.

⁸ Outros instrumentos de pesquisa também foram utilizados nos estudos do NETCOS, como a observação, o Diário de Campo, os Grupos Focais e a técnica da Agenda Colorida, mas, neste capítulo, apresento brevemente a fotografia e a TSP por considerá-los mais frequentemente utilizados ao longo da última década.

fotografias foram introduzidas nos encontros para a realização das entrevistas junto aos jovens que participaram de ambos os estudos, tal como nas investigações junto às trabalhadoras domésticas (D'AVILA, MADERS, TRINDADE; COUTINHO, 2018). De outra forma, na tese de Martins (2018), que buscava conhecer as histórias de vida de professores, os docentes entrevistados traziam fotografias que pudessem representar a temática do encontro definido com a pesquisadora e, também, produziam fotografias de seu cotidiano. Finalmente, no artigo sobre a dissertação de Scheila Girelli – Girelli, Coutinho e Prado Filho (2014), foram entregues câmeras digitais⁹ às costureiras participantes do estudo, que produziram fotografias antes dos encontros nos Grupos Focais, considerando a temática de cada encontro. É interessante o que os autores observaram sobre o processo de produção de imagens por parte dessas mulheres:

Muitos comentários sobre a produção das imagens e o trabalho a ser realizado com as fotografias emergiram no cotidiano de trabalho. Algumas não conheciam máquina digital, e demonstraram estar impressionadas com a possibilidade de se ver dentro de uma, depois de um simples clic. Era comum a curiosidade em ver a imagem registrada pela colega e saber o porquê tinha escolhido tal foco. Além do encantamento com a possibilidade de materializar certo enquadre, as narrativas fotográficas trouxeram à tona outra potencialidade da intervenção: a possibilidade de provocar novas possibilidades de ver, estabelecendo conexões, semelhanças e também subversões a partir da mesma imagem (GIRELLI, COUTINHO; PRADO FILHO, 2014, p. 193).

Dessa forma, a fotografia se configura como uma maneira de acessar o cotidiano dos trabalhadores que participaram dessas pesquisas. Complementarmente, Flick (2009, p. 222) define a qualidade icônica das fotografias como possibilidade de “auxiliar a ativar lembranças das pessoas ou estimulá-las/encorajá-las a elaborarem enunciados sobre situações e processos complexos”. Como descreve Zanella (2011, p. 30), na fotografia,

[...] em sua aparente inércia pulsam vestígios de acontecimentos que, uma vez não congelados [...] rapidamente ficam relegados ao esquecimento. Vestígios de vozes sociais várias [...], plasmadas no que se apresenta como foco/tema da imagem e ao mesmo tempo nas condições de sua enunciação.

A TSP, por sua vez, é outra ferramenta utilizada nas pesquisas do Núcleo, mais especificamente, nos estudos de Diogo e Coutinho (2011), D'Avila e Coutinho (2019), Graf e Coutinho (2017) e, também, no estudo junto às trabalhadoras domésticas (D'AVILA, MADERS, TRINDADE; COUTINHO, 2018)¹⁰. Posso antecipar que tal ferramenta abre possibilidades de aprofundar aspectos da trajetória laboral dos participantes de estudo, o que é crucial para a compreensão dos sentidos que atribuem ao trabalho. Além disso, a origem desse instrumento de pesquisa remonta aos estudos das trajetórias sociais por Gaulejac (1987), quando o autor apresenta um esquema de análise dessas trajetórias. Gaulejac (2001) explica que, em seus grupos de implicação e de pesquisa, intitulados “Romance familiar e trajetória social”, a ideia era “explorar

⁹ É interessante observar as modificações das tecnologias para a produção das imagens bem como seu uso nas pesquisas. Um exemplo aparece na dissertação de Borges (2010) quando a autora entregava câmeras semidescartáveis modelo Kodak EC70 para os participantes do estudo e, em seguida, revelava algumas fotos. Anos depois, a mesma pesquisadora, em sua tese, solicitou aos interlocutores para utilizarem os próprios celulares para a produção das imagens (BORGES, 2017).

¹⁰ Cada um desses estudos será apresentado em capítulos específicos deste livro.

como a história individual é socialmente determinada” (Ibid, p. 112). Nessa direção, Soares e Sestren (2007) produzem uma adaptação do primeiro esquema mencionado nominando-o de TSP, que foi utilizado em algumas pesquisas do Núcleo.

O último aspecto metodológico que gostaria de trazer para reflexão é a análise das informações produzidas no campo da pesquisa. Segundo González-Rey (2005, p. 102), o “significado dos diferentes aspectos empíricos que aparecem no curso da pesquisa são inteligíveis somente a partir do modelo teórico que permite abrangê-los em suas consequências explícitas e implícitas para a compreensão do problema pesquisado”. Nessa direção, partindo das categorias teóricas anteriormente apresentadas, buscarei apontar formas de análise em pesquisas do Núcleo. Cabe mencionar que algumas dessas pesquisas tomam como arcabouço teórico a PSH/PHC, outras, o Construcionismo e, dessa forma, o processo de análise se torna um pouco diferenciado, ainda que estejam todas buscando compreender as práticas cotidianas e/ou os processos de significação no trabalho.

Retomando as linhas de pesquisa do Núcleo, começarei a enunciar a análise dos resultados por uma das linhas mais abrangentes: Trabalho e Vida Cotidiana. A abrangência desta linha dá-se pela análise do trabalho na vida cotidiana com foco nas emoções, nos processos de significação e em suas intersecções como gênero, raça, classe social, dentre outras¹¹. A seguir, aponto alguns exemplos das análises realizadas no NETCOS nessa linha específica e, em seguida, nas linhas Educação, Trabalho e tecnologias e Saúde do Trabalhador¹².

Na linha Trabalho e vida cotidiana, destaco o estudo junto às trabalhadoras domésticas realizado por diferentes integrantes do Núcleo e que foi desenvolvido durante, pelo menos, três anos (D’AVILA, MADERS, TRINDADE; COUTINHO, 2018)¹³. Cabe indicar que a análise realizada foi inspirada nos Núcleos de Significação, publicada inicialmente por Aguiar e Ozella (2006; 2013). Dessa forma, a análise dos materiais levantados por meio das transcrições das entrevistas recorrentes e complementadas pelas ferramentas auxiliares tal como TSP, fotografia e agenda colorida, possibilitaram a construção de três Núcleos de Significação – as trajetórias educacionais e laborais, as vivências no trabalho e a gestão da vida cotidiana e trabalho. Esses Núcleos sintetizam a abrangência anteriormente mencionada da linha de pesquisa, uma vez que buscou investigar as emoções e os afetos que permeiam o cotidiano do trabalho doméstico, especialmente, numa perspectiva de gênero, considerando que tal tipo de atividade é realizada historicamente no Brasil por mulheres, estas marcadas em suas gerações e classe social.

Ainda na linha de pesquisa Trabalho e vida cotidiana, menciono as pesquisas de Savanhago (2019), desenvolvida junto aos jovens que cumpriam medida socioeducativa no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e da tese de Regina Borges (BORGES, 2017), que dialogava com jovens universitários que conciliam trabalho, apresentadas nos capítulos 8 e 5 deste livro, respectivamente. Além das investigações sobre as juventudes, cito as pesquisas de Ornellas e Coutinho (2017) junto a brasileiros que retornaram ao Brasil após experiência migratória na Inglaterra e na Espanha, o estudo de Tielly Rosado Maders junto aos trabalhadores *offshore* (MADERS; COUTINHO, 2017) e a investigação de Diogo e Coutinho (2011) junto as

¹¹ Vide a descrição das linhas do Núcleo no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

¹² Em relação à linha de pesquisa Métodos de Pesquisa, não há uma pesquisa específica sobre metodologia, assim, considere que as publicações de Borges e Coutinho (2011) e Girelli, Coutinho e Prado Filho (2014), anteriormente mencionadas, apresentam as preocupações que os integrantes do Núcleo possuem quanto ao método. Além disso, a preocupação quanto aos Métodos de Pesquisa perpassa todas as pesquisas.

¹³ Reafirmo que tal investigação será detalhada no capítulo 7 do presente livro.

trabalhadoras da vigilância privada, apresentadas em outros capítulos do presente livro, respectivamente, nos capítulos 6, 11 e 3.

Em sua dissertação, Savanhago (2019) buscou compreender os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens que cumpriam medida socioeducativa em meio aberto. A autora entrevistou de modo recorrente quatro jovens e, nessas entrevistas, as fotografias complementaram o levantamento das informações que foram analisados a partir da proposta dos Núcleos de Significação. Cabe mencionar, conforme mostra a autora, que, “Para a construção desses Núcleos, buscamos traçar a relação dialética entre a articulação dos indicadores com o referencial teórico dos conteúdos propriamente ditos” (SAVANHAGO, 2019, p. 133). Assim, foram construídos três Núcleos de Significação, as trajetórias de estudo e de trabalho dos jovens; Cotidiano e Trabalho e as Interfaces entre trabalho e medidas socioeducativas. Finalmente, Savanhago (2019, p. 136) tece considerações aos sentidos atribuídos ao trabalho, os quais “foram construídos em seus cotidianos, mediados por múltiplas determinações históricas e sociais, como contextos socioeconômicos, familiares e pelas próprias experiências anteriores de trabalho e de não trabalho, bem como a partir das medidas socioeducativas e dos atos infracionais”.

Borges e Coutinho (2018) apresentam parte dos achados da pesquisa de doutorado de Regina Borges, em que buscava conhecer o cotidiano de jovens universitários, conforme será apresentado em capítulo posterior. Foram entrevistados, de forma recorrente, dez jovens universitários e, complementarmente, foram usadas outras técnicas de levantamento de informações, tais como as fotografias, a agenda colorida e a Técnica do Sósia. Estas foram analisadas por meio dos Núcleos de Significação, em que foram construídos com base nas Trajetórias profissionais e educacionais: entre incertezas e expectativas na vida dupla e o cotidiano e as histórias estudantis e laborais. A análise desses dois Núcleos possibilitou identificar o quanto as políticas e as práticas neoliberais estão presentes em suas vidas, muitas vezes, conduzindo-as. Nas palavras das autoras: “O que parece simples se torna complexo, quando tanto a vida acadêmica, quanto o ‘mundo do trabalho’, são também espaços capilarizados pelas condições neoliberais e os jovens parecem pouco refletir essas ocorrências” (BORGES; COUTINHO, 2018, p. 96).

Ornellas e Coutinho (2017) também apresentam parte dos resultados da tese de doutorado de Laila P. Graf Ornellas cujo objetivo foi conhecer as trajetórias sociais de brasileiros retornados da Espanha e da Inglaterra. As autoras se ancoram no Construcionismo Social, que, segundo elas, “difere dos paradigmas tradicionais da pesquisa científica, por compreender o ‘mundo’ como relacional e não concordar com uma objetividade absoluta” (ORNELLAS; COUTINHO, 2017, p. 72). Pautadas nas entrevistas narrativas e, complementarmente, na Técnica das Trajetórias Sociais (TTS)¹⁴, foram entrevistados oito brasileiros e a análise das informações levantadas nos encontros foi realizada em dois momentos: desenho dos perfis dos informantes e categorização das narrativas de forma transversal. Foram construídos dois eixos de análise narrativas a partir da partida e do retorno desses brasileiros.

A publicação de Maders e Coutinho (2017) originou-se da dissertação de mestrado de Tielly Rosado Maders, “a qual teve como objetivo compreender quais os sentidos sobre tempo livre produzidos por trabalhadores *offshore*, de ambos os gêneros, em seu cotidiano de trabalho” (MADERS; COUTINHO, 2017 p. 54). A produção de sentidos também foi compreendida por meio do Construcionismo Social e, nessa direção, foram entrevistados dez petroleiros *offshore*, sendo seis dessas entrevistas escolhidas para análise, pautada na análise temática de narrativas.

¹⁴ Assim como a TSP, a versão aqui utilizada da TTS é um instrumento com origem no trabalho de Gaulejc (1987).

Conforme as autoras, dois eixos de análise foram erigidos em torno do tempo, seja o tempo aquele quando estão trabalhando nas plataformas de petróleo e, de outro lado, o tempo quando estão fora da plataforma e vivendo no continente. Como considerações, as autoras sinalizam que “a narrativa foi uma alternativa utilizada para, por meio de palavras, re-narrar a realidade dos trabalhadores *offshore* e realçar que as experiências vividas cotidianamente nas plataformas são construções sociais específicas contemporâneas, próprias de uma sociedade capitalista voltada para o trabalho” (MADERS; COUTINHO, 2017, p. 61).

A última pesquisa a ser exemplificada na linha de pesquisa Trabalho e Vida Cotidiana, trata do artigo de Diogo e Coutinho (2011) acerca da tese de Maria Fernanda Diogo (2012). Na pesquisa doutoral, foram entrevistadas mulheres participantes de um Curso de Formação de Vigilante e, também, gestores e profissionais responsáveis por recrutar e selecionar no setor de vigilância patrimonial privada na intenção de melhor compreender o campo de pesquisa. As entrevistas com as mulheres foram realizadas em dois momentos, no início do curso de formação em vigilância e, após o seu término, configurando uma pesquisa longitudinal. A TSP também foi uma das ferramentas utilizadas para o levantamento das informações. Para análise das entrevistas, as autoras descrevem o método sistemático-dialético. No estudo de caso apresentado no artigo, as autoras mostram “que essa mulher buscou lançar mão de táticas bem delineadas, que realmente a colocaram no lugar de sujeito da sua história” (DIOGO; COUTINHO, 2011, p. 188).

Assim, as linhas de pesquisa são uma forma de sistematizar as diversas investigações que podem ocorrer partindo das categorias teóricas, no entanto, como se pode observar, algumas pesquisas poderiam fazer parte de uma ou mais linhas de pesquisa ao mesmo tempo. É o caso da tese de Regina Borges (2017), pois, ao mesmo tempo que investigou o cotidiano de jovens universitários, a autora buscou analisar as relações entre Educação e Trabalho, isto é, de trabalhadores em seu processo de formação. Assim, passo a exemplificar a linha Educação, trabalho e tecnologias por meio de algumas pesquisas do Núcleo. Cabe indicar que essa linha busca compreender as transformações tecnológicas e o contexto educacional do país, a partir de algumas temáticas, como a formação de professores e sua práxis e o uso das tecnologias digitais no trabalho e na educação.

Começo a descrever essa linha com a dissertação de Borges (2010), que almejou compreender os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens em sua primeira experiência de trabalho, mais especificamente, por meio do programa Jovem Aprendiz. A autora entrevistou dois jovens no estudo exploratório (BORGES; COUTINHO, 2011) e, ao alterar sua estratégia de inserção no campo, entrevistou outros nove participantes, incluindo a fotografia como ferramenta complementar para a busca de informações no campo de pesquisa. Assim como outras pesquisas do NETCOS, Borges (2010) analisou as informações decorrentes das transcrições das entrevistas sob inspiração dos Núcleos de Significação e construiu quatro Núcleos: Experiência, Registro Formal e Consumo: queria ter o meu emprego e o meu salário, Cotidiano: tudo ficou mais corrido, Projetos: eu quero ter outra história de vida e Emprego: têm diversos tipos, um diferente do outro. Em suas considerações, Borges (2010, p. 120-121) afirma que “Esses jovens-trabalhadores, apesar da pequena experiência profissional e do desejo de terem um vínculo formal, (re)conhecem diferentes segmentos da classe trabalhadora, multifacetada e fragmentada”.

Nessa direção, o estudo de Débora Rosa também investigou jovens aprendizes em relação aos sentidos que atribuíam às suas trajetórias de estudo e de trabalho. Os resultados parciais deste estudo foram publicados por Rosa e Coutinho (2019) e mostram que, partindo da PHC, o método foi construído com base na história oral.

Foram entrevistados recorrentemente quatro jovens, sendo cada entrevista complementada por uso de outros recursos para o levantamento das informações, tal como fotografias que encontrassem em seus guardados pessoais e familiares e uma produção textual. Assim como em outras pesquisas já referidas, as autoras analisaram os relatos orais por meio dos Núcleos de Significação, construindo quatro deles: trajetórias laborais e educacionais, experiências como jovem aprendiz, ser egresso e projetos (ROSA; COUTINHO, 2019). A partir dos resultados, as autoras concluem sobre a precariedade das condições de trabalho e a forma focalizada de algumas políticas públicas, considerando “que os sentidos que os jovens constroem sobre suas trajetórias expressam a multiplicidade e pluralidade da vivência da condição juvenil e do trabalho e são o entrelaçamento de escolhas biográficas e das estruturas de oportunidades disponíveis” (ROSA; COUTINHO, 2019, p. 108).

Bitencourt (2020) também buscou analisar sentidos atribuídos ao trabalho por jovens que estudam na rede de ensino técnico federal, concluintes de cursos num Instituto Federal¹⁵. A autora entrevistou cinco jovens que participaram de um Grupo Focal, quando também trouxeram fotografias para a temática do encontro. Essas informações foram analisadas sob inspiração dos Núcleos de Significação, construindo três Núcleos: concepções de trabalho, as relações entre educação escolar e trabalho e, finalmente, as mediações familiares e sociais.

Ainda considerando os processos de significação e os contextos educacionais, em minha tese, busquei compreender os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais egressos de um recém-inaugurado campus universitário fora da cidade-sede, como melhor descreverei no capítulo próprio. Também publicamos uma síntese do estudo com as suas informações principais (D’AVILA; COUTINHO, 2019). Foram entrevistados dezesseis profissionais que cursaram graduações no período noturno e, nestas entrevistas, a TSP também foi desenhada por eles. A análise dessas informações ocorreu sob inspiração dos Núcleos de Significação, em que foram elaborados quatro deles, a saber: 1) Marcas sociais; 2) As vivências universitárias e os cursos de bacharelado, 3) Trajetórias laborais e 4) Concepções sobre o trabalho. Uma das principais conclusões foi o distanciamento entre aquilo que os jovens idealizavam sobre o mundo do trabalho e as situações de fato encontradas por eles quando de seu movimento em direção ao trabalho.

Diferente dos estudos anteriores junto a jovens e os processos de significação, a dissertação de Trindade (2018), ancorada na PHC, almejou conhecer os sentidos atribuídos ao trabalho por docentes atuantes no Ciclo de Alfabetização. Trindade (2018) entrevistou de forma recorrente três docentes, utilizando também a fotografia e a observação no cotidiano que foi registrada em Diário de Campo. Os Núcleos de Significação buscaram compreender as informações levantadas no campo de pesquisa, são três: Articulações entre trabalho e educação na vida de professores; O trabalho docente e suas formas de expressão, e Trabalho docente em relação. Como contribuições, os sentidos “são atrelados às particularidades com que cada docente desenvolve o seu trabalho no cotidiano escolar e entrelaçado nas contradições entre um ideal de ser professor e a suas reais condições e atuações como docente, e também a partir das relações” (TRINDADE, 2018, p. 144).

Por sua vez, Martins (2018) investigou docentes, especificamente, no ensino superior, que trabalhavam em universidades privadas e comunitárias. Seu objetivo era compreender as emoções e sentimentos presentes no cotidiano desses professores e, dessa forma, apoiando-se na PSH e na teoria helleriana dos sentimentos e dos

¹⁵ A pesquisa de Bitencourt foi realizada no ano de 2019, mas a escrita do documento final foi elaborada no ano seguinte, já no período da pandemia devido ao novo coronavírus. As demais investigações apresentadas foram desenvolvidas em período anterior à pandemia.

fundamentos do cotidiano, além de buscar inspiração no método das histórias de vida, conforme será apresentado no capítulo 10 deste livro. A autora entrevistou de forma recorrente quatro docentes e, nesses encontros, a fotografia também foi um dos elementos para o levantamento das informações, de forma a buscar imagens registradas no passado e, também, a produzirem materiais do presente. Em sua análise, estão presentes tanto os Núcleos de Significação como também as unidades de análise propostas por Lev S. Vigotski e a apresentação de seus resultados foi a partir das Histórias de vida de cada docente para, em seguida, realizar o entrelaçamento dessas histórias de vida. Foram três as unidades de análise construídas: Ser docente: uma construção; Docência e relacionamento com os acadêmicos e Docência e Vida Cotidiana.

Na última pesquisa descrita na linha de pesquisa Educação, trabalho e tecnologias, Dalmaso e Coutinho (2010) buscaram aprender os sentidos atribuídos às tecnologias junto a um motorista e cinco cobradores de ônibus, no âmbito do transporte coletivo de passageiros quando da implementação de um sistema integrado de transporte, adotando o uso de cartão com chip e o uso da catraca eletrônica no município. A partir do Construcionismo, Dalmaso (2010) adota como instrumentos de levantamento de informações a observação – com registros em Diário de Campo, e entrevistas individuais com os informantes e, de forma complementar, como já mencionado, também entrevista com representantes do sindicato dos trabalhadores e patronal, além de um gerente de tráfego e de uma psicóloga atuantes na área. Na análise das entrevistas individuais, a autora adota os mapas de associação de ideias, que construiu com base tanto nas entrevistas como nas observações do cotidiano. Duas produções discursivas foram construídas: 1) o trabalho no transporte e 2) os sentidos produzidos sobre as tecnologias. A autora finaliza o trabalho com as seguintes frases:

A falta de informação e conhecimento do funcionamento do sistema, tal como do cotidiano de trabalho de motoristas e cobradores, parece ser um dos fatores agravantes da relação usuários-trabalhadores, principal causa de sofrimento no atual trabalho dos cobradores. Enfim, sugerimos que os órgãos gestores do transporte atuem no sentido de garantir o caráter público e democrático do espaço urbano, diminuindo as disputas de poder traçadas diariamente entre os trabalhadores do transporte e todos os outros que utilizam o sistema para chegarem aos seus trabalhos na busca de uma vida mais digna (DALMASO, 2010, p. 135).

Finalmente, a última linha de pesquisa a ser exemplificada neste capítulo trata da Saúde do Trabalhador. Nesta, consideram-se os processos de saúde e doença relacionados ao trabalho no capitalismo contemporâneo. Como exemplo, a tese de doutorado de Marcia Pit Dal Magro estabelece como se dá o percurso da Atenção à Saúde de trabalhadores da agroindústria (DAL MAGRO, 2012). A autora parte da epistemologia da saúde de Georges Canguilhem e da Biopolítica de Michel Foucault para compreender as condições de trabalho na indústria de abate e processamento da carne em uma região com lugar de destaque quanto à produção e exportação de carne de aves. Dessa forma, ela entrevistou dezessete trabalhadores da agroindústria usuários da Atenção Básica e treze profissionais de saúde atuantes na rede pública da região. As transcrições das entrevistas e os demais instrumentos utilizados – como a observação registrada no Diário de Campo e a pesquisa documental, foram analisados

por meio da *Grounded Theory*¹⁶. Dal Magro (2012) elaborou, então, duas dimensões de análise: o contexto de trabalho e saúde dos trabalhadores da agroindústria e a atenção à saúde destes trabalhadores. Uma das considerações da autora, após mapear o percurso dos trabalhadores em direção à saúde, é de que há um “fluxo que se alterna entre os serviços públicos e privados, tendo na atenção básica e nos SESMTs¹⁷ as principais portas de entrada destes trabalhadores na rede de saúde” (DAL MAGRO, 2012, p. 235).

Algumas considerações

Ao longo deste capítulo, discuti alguns aspectos do percurso metodológico das pesquisas conduzidas por integrantes do NETCOS. Cabe frisar que o estudo da categoria trabalho é um ponto comum a todos estudos mencionados tangenciada por outras categorias teóricas como gênero, juventudes, formação, entre outras. Nesse sentido, finalizo com alguns pontos comuns quanto ao uso das entrevistas e de ferramentas complementares nas pesquisas destacadas, assim como suas análises. Como visto, todas as autoras adotaram as entrevistas em seus estudos e, em alguns casos, essas entrevistas aconteceram de forma recorrente. Além disso, em todos os estudos, as entrevistas foram complementadas por ferramentas como a fotografia, a TSP, os Grupos Focais, os Diários de Campo ou a Agenda Colorida.

É interessante apontar que o uso desses instrumentos complementares foi adotado de forma aproximada, mas distinta conforme a teoria, os objetivos e o delineamento de cada investigação. Dessa forma, em relação ao processo de análise dos resultados, as investigações apontadas partiram de fundamentos teóricos específicos, notadamente, a PSC/PHC e o Construcionismo, e as análises foram construídas de forma articulada com a respectiva fundamentação teórica.

Assim sendo, retomo o título deste capítulo em que mencionei a construção de caminhos teórico-metodológicos, no plural, pois entendo que cada pesquisador construirá sua pesquisa de uma maneira própria e que lhe é possível dentro das circunstâncias e dos espaços de que participa, desde seus interesses. Cada pesquisa realizada é sempre particular, ainda que mantenha proximidade com outras pesquisas de um mesmo Núcleo de estudos, como procurei mostrar nas pesquisas abordadas ao longo deste capítulo.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, June 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, Apr. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2021.

BITENCOURT, Mariéli dos Santos de Oliveira. “É tudo em função do trabalho”: sentidos do

¹⁶ Segundo Dal Magro (2012, p. 75-76), a *Grounded Theory*, ou Teoria Fundamentada nos Dados “permite ao pesquisador combinar abordagens indutivas e dedutivas, ao investigar processos de uma mesma cena social sob várias perspectivas, visando melhor compreensão do fenômeno estudado”.

¹⁷ Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho.

trabalho para jovens estudantes de curso técnico integrado ao ensino médio. Programa De Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219305/PPSI0923-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>> Acesso em 23 Mar. 2021.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Jovem-Aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional*. Florianópolis, 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BORGES, Regina Célia Paulineli; COUTINHO, Maria Chalfin. Cenas de trabalho: a fotografia como recurso metodológico para expressar os sentidos do trabalho juvenil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 63, p. 38-48, 2011.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Tramas da vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.

BORGES, Regina Célia Paulineli; COUTINHO, Maria Chalfin. Desvelando a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho na perspectiva helleriana. *Acta Sociologica*, v. 76, p. 89-111, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. 19ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde*, 2012.

BRASIL. *Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde*, 2016.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Tradução Eprahim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de. Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (org). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2017.

DAL MAGRO, Márcia Luiza Pit. *Entre a saúde e a norma: a atenção à saúde dos trabalhadores das agroindústrias do oeste de Santa Catarina*. Florianópolis, 392 fls. Tese (Doutorado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

DALMASO, Sandra Aparecida Resende; COUTINHO, Maria Chalfin. Tecnologia e trabalho: sentidos produzidos no cotidiano do transporte coletivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, p. 93-105, 2010. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229017545011.pdf>> Acesso em: 12 Jan. 2021.

DALMASO, Sandra Aparecida Resende. *Tecnologias e trabalho: os sentidos produzidos por cobradores de ônibus*. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

D'AVILA, Geruza Tavares; COUTINHO, Maria Chalfin. Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, v. 50, n. 2, p. e29659, 1 ago. 2019.

D'AVILA, Geruza Tavares; MADERS, Tielly Rosado; TRINDADE, Camila; COUTINHO, Maria Chalfin. Trabalho doméstico e cotidiano de diaristas e mensalistas: itinerário de uma pesquisa. *Anais da 17ª Mostra da Produção Universitária MPU* Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/RS, Brasil, 2018. ISSN: 2317-4420 Disponível em <https://mpu.furg.br/images/17aMPU/TrabalhosSI/s31.pdf> Acesso em: 29 out. 2020.

DIOGO, Maria Fernanda. “*Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar.*” Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. 259f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96365/304555.pdf?sequence=1&isAllowed>

=y Acesso em: 15 jun. 2021.

DIOGO, Maria Fernanda; COUTINHO, Maria Chalfin. O desafio de tornar-se sujeito da própria história: análise de uma trajetória sócio profissional. *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas*, v. 24, p. 178-191, 2011. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2860>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3 ed. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ESTEVES, Egeu Gomez; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. Fontes do pensamento e das práticas em Psicologia Social do Trabalho. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (org.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GAULEJAC, Vincent De. *La nevrose de classe: trajectoire socieale et conflits d'identité*. Paris: Hommes & Groupes Editeurs, 1987.

GAULEJAC, Vincent De. A gênese social dos conflitos psíquicos. *Cronos*, v. 2, n. 1, p. 109-115, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/11319/pdf>. Acesso em: 15 jan 2021.

GIRELLI, Scheila; COUTINHO, Maria Chalfin.; PRADO FILHO, Kleber. Relações de saber/poder no discurso de trabalhadoras cooperadas: relato do percurso metodológico. *Psicologia Argumento*, v. 32, p. 187-199, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MADERS, Tielly Rosado; COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos de tempo livre para trabalhadores offshore. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 34, n. 1, p. 53-62, Mar. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2017000100053&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2021.

MARTINS, Andreia. *“Porque eu faço o que eu gosto”: emoções e sentimentos na vida cotidiana de docentes do ensino superior*. Florianópolis, 2018. 190p. Tese de Doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: M. C. De S. Minayo (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar 2021.

ORNELLAS, Laila Priscila Graf.; COUTINHO, Maria Chalfin. Significados do retorno para brasileiros/as com experiência migratória na Inglaterra e na Espanha. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 17, p. 65-84, 2017.

ROSA, Débora Diana da; COUTINHO, Maria Chalfin. Juventudes e trabalho: trajetórias de egressos do programa jovem aprendiz. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, v. 8, p. 97-110, 2019.

SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol. A perspectiva da Psicologia Social do Trabalho. In COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol.; SATO, Leny. (org.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SAVANHAGO, Liandra. *Sentidos sobre o trabalho para jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2019

SOARES, Dulce Helena Penna; SESTREN, Gisele. A trajetória socioprofissional. In: BARROS, Delba Teixeira Rodrigues; LIMA, IMA, Mariza Tavares; ESCALDA, Rosângela (Org.). *Escolha e inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições*. Orientação profissional:

- teoria e técnica - Volume 3. São Paulo: VETOR; ABOP, 2007. p. 81-96.
- SPINK, M. J. P.; SPINK, P. K. Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 19, n. 3, p. 591-605, 16 nov, 2017.
- TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano*. Introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- TOLFO, Suzana da Rosa; COUTINHO, Maria Chalfin; BAASCH, Davi; CUGNIER, Joana Soares. Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas en Psicología. *Universitas Psychologica*, v. 10, n. 1, p. 175-188, 2011. Disponível em: revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/download/415/790. Acesso em: 15 mar. 2021.
- TRINDADE, Camila. *Para além da atividade de ensinar: processos de subjetivação e trabalho docente no Ciclo de Alfabetização*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2018.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.
- ZANELLA, Andreia Vieira. Fotografia e pesquisa em psicologia: retratos de alguns (des)encontros. In: ZANELLA, Andreia Vieira; TITTONI, Jaqueline (org.). *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011. p. 15-34.

Parte 2: Relatos de pesquisa

Capítulo 3

UM MÉTODO DIALÉTICO DE ANÁLISE DA FEMINIZAÇÃO DE UMA PROFISSÃO MARCADAMENTE MASCULINA

Maria Fernanda Diogo

*Nós vos pedimos com insistência
não digam nunca: isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia
numa época em que reina a confusão
em que corre o sangue
em que o arbítrio tem força de lei
em que a humanidade se desumaniza
não digam nunca: isso é natural
a fim de que nada passe a ser imutável.*
Bertolt Brecht

O objetivo do estudo que originou este texto foi compreender os movimentos de inserção de mulheres na vigilância patrimonial privada da Região Metropolitana de Florianópolis (DIOGO, 2012), entrelaçando as categorias trabalho e gênero¹. Trabalho foi tomado como a atividade que define o ser social, sendo o ato laboral responsável pela modificação do meio e do próprio sujeito – nesta perspectiva, as atividades são mediadas pela cultura, ou seja, nada é dado a priori ou considerado “natural”. Gênero foi apropriado como construção social, possuindo base material e representando o processo de produção dos lugares de poder de homens e de mulheres em dada sociedade. Articular as duas categorias contribui para compreender como as transformações laborais significaram as relações produtivas, desmistificando naturalizações e estereótipos.

No texto ora apresentado, dirigi meu foco para o método dialético usado na Tese. A escolha teórico-metodológica que tracei para este estudo de campo, de metodologia qualitativa, ancorou-se interdisciplinarmente no Materialismo Histórico Dialético e nos aportes da Psicossociologia para compreender o movimento de feminização neste segmento.

Frequentemente um único campo do conhecimento não consegue abarcar a complexidade de um fenômeno e, nesses casos, perspectivas interdisciplinares possibilitam associar múltiplos saberes, indo além das alternativas pautadas no escopo de uma única disciplina (SOUZA; FAZENDA, 2017). “A combinação de disciplinas adiciona valor ao processo, sendo possível perceber que o resultado obtido pelo estudo conjunto é mais interessante do que a soma das contribuições individuais das partes”

¹ A pesquisa foi contemplada com bolsa REUNI/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

(HOLF *et al.*, 2007, p. 46). Estudos interdisciplinares demandam fronteiras e interlocuções que visam ao aprofundamento dos saberes, operando um alargamento no conceito de ciência. “Na interdisciplinaridade, o movimento é centrípeto, sem aspirar, porém, à unificação dos saberes, mas à integração deles: não por soma ou justaposição, mas por amálgama e multiplicação” (TORDINO, 2014, p. 23).

Desde uma perspectiva histórica e dialética, Frigotto (2011) explica que é preciso apreender a interdisciplinaridade como uma *necessidade* (imperativo histórico) e como um *problema* (desafio a ser decifrado). “A necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa na natureza intersubjetiva da sua apreensão” (IDEM, p. 36). A multideterminação histórico-social torna vital sustentar as análises em categorias teóricas que transcendam a fragmentação e o plano fenomênico, apreendendo suas diversas determinações e fugindo da noção de “neutralidade” da ciência. “A interdisciplinaridade se apresenta como problema pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e, de outro lado, pela complexidade dessa realidade e seu caráter histórico” (IDEM, p. 41).

O principal elemento de análise deste estudo é o trabalho, considerado ontologicamente central desde a perspectiva marxiana. A relação do humano com a natureza é fundada no e pelo trabalho, tomado como nodal para a análise do ser social, mesmo que, contemporaneamente, este enfrente sérias crises. “Ao produzirem seus meios de existência, os homens [sujeitos]² produzem, indiretamente, sua própria vida material. [...] O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 2007, pp. 44-45).

Marx não desenvolveu um método *de pesquisa*, esse não era o seu objeto. Sua perspectiva era revolucionária, não acadêmica. Ele delineou um método de compreensão crítica da realidade, visando a sua transformação. Podemos tomar contato com o método marxiano em textos como “*Do método da economia política*”, de 1857 (MARX, 2011). Neste escrito, o autor descreve a necessidade de o/a estudioso/a ir além da aparência (do empírico) e, primeiramente, decompor o concreto em conceitos para, num segundo momento, voltar ao concreto e compreendê-lo por meio de abstrações (concreto pensado). “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (MARX, 2011, p. 54). Para Marx, este é o processo crucial do conhecimento e representa uma produção de sujeitos situados historicamente.

Na perspectiva materialista, o ser precede a consciência. O cérebro humano se apropria do mundo a partir de condições específicas, histórica e socialmente constituídas. Dessa forma, conhecimentos são datados e abarcam os processos históricos que o precederam.

O assim chamado desenvolvimento histórico se baseia sobretudo no fato de que a última forma considera as formas precedentes como etapas até si mesma, e as concebe sempre unilateralmente, uma vez que raramente critica a si mesma, do que é capaz apenas em condições muito determinadas (MARX, 2011, p. 59).

Ora, este estudo buscou perscrutar a feminização de uma profissão maciçamente associada ao masculino. Quais condições históricas abriram as frestas que permitiram a entrada de mulheres? Quais determinações estão a ela associadas?

² Autores utilizam terminologias em função de seus tempos históricos e objetos de análise e, por vezes, o vocábulo “homem” faz referência ao gênero humano. Com base nos estudos de gênero, observações foram inseridas nas citações originais que se utilizavam desta escrita.

Qual a dialética aí desenvolvida? Assim, a inspiração no método dialético auxiliou a compreensão dos processos sociais que ensejaram transformações neste segmento, afinal “[...] as circunstâncias fazem os homens [sujeitos] assim como eles fazem as circunstâncias” (MARX; ENGELS, 2007, p. 66).

Em termos acadêmicos, era necessário que o estudo apresentasse um método *a priori* e, como já delineado, não há um método de pesquisa em Marx. Optei por centrar os procedimentos metodológicos do estudo na Psicossociologia pelo caráter dialético que esta imprime ao método.

Trabalhando fronteiras disciplinares, particularmente entre a Sociologia e a Psicanálise, a Psicossociologia estabelece pontos de coincidência entre a subjetividade e as instâncias sociais (família, organizações, instituições etc.), consideradas dialeticamente imbricadas. O sujeito é percebido como multideterminado, produto de sua história singular entrecruzada à social – ambas indissociáveis, porém não equivalentes (GAULEJAC, 1987, 2000, 2001). Esses pressupostos sustentaram as análises, nas quais as narrativas dos sujeitos da pesquisa foram consideradas enquanto fluxos de contradições ligadas e encadeadas, sejam de campos sociais ou psíquicos.

Gaulejac (2000) aponta que o sujeito se funda nos processos sócio-históricos e nas relações primárias estabelecidas em sua família. A abordagem psicossociológica é multidimensional, o que era essencial para este projeto, posto que seus objetivos também almejavam compreender o que levou às mulheres entrevistadas a buscarem este segmento maciçamente masculino. Quando o/a pesquisador/a quer compreender, ao mesmo tempo, a totalidade e a particularidade, o singular e o social, ele/a se vê obrigado à “indisciplina” da interdisciplinaridade (SÉVIGNY, 2001).

A Psicossociologia não propõe uma metateoria que englobe, num só conjunto, social e psíquico. “Cada um desses registros obedece a leis de natureza diferentes. São ‘realidades’ diferentes que convém estudar como tais, sem assimilá-las pela construção de métodos e conceitos” (GAULEJAC, 2001, p. 41). O sujeito se constitui, dialeticamente, produto e produtor da sociedade, oscilando entre a autonomia e a heteronomia, buscando “[...] sair tanto da clausura social quanto da clausura psíquica, bem como da tranquilização narcísica, para se abrir ao mundo e para tentar transformá-lo” (ENRIQUEZ, 1999, p. 31-32). Em outras palavras, todo ser humano é produto social e, ao mesmo tempo, é um ator que tem alguma margem de manobra – maior ou menor, conforme o contexto – “[...] que lhe permita ‘virar de cabeça para baixo’ estes determinismos para criar seu próprio caminho” (AMADO; ENRIQUEZ, 2011, p. 101).

A Psicossociologia percebe o humano como um ser social e pulsional. Gaulejac (2011) atribui suma importância ao social e reivindica, também, um *approach* psicanalítico. A Psicanálise se interessa pelo sujeito do desejo, associado às pulsões sexuais reprimidas e aos desejos inconscientes (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). A pesquisa buscou os motivos que impulsionaram as mulheres entrevistadas para a área de vigilância, contudo não fez parte de seus objetivos a escuta e a interpretação de seus desejos inconscientes. Buscar compreender essa escolha profissional circunscreveu-se à análise do romance familiar, expressão dos desejos vinculados tanto à genealogia como ao próprio sujeito, circunscritos a aspectos sociais e econômicos.

O romance familiar representa a trama intrínseca ao grupo primário que gera aspirações e modelos de identificação, por vezes contraditórios. Gaulejac (1987) propõe que este não pode ser unicamente analisado enquanto um conflito intrapsíquico, pois faz referência ao registro social no qual a família se insere. O autor destaca que a família fornece elementos (conscientes ou não) através dos quais os

sujeitos apreendem a realidade e dão sentido às suas experiências – esta funciona como uma “correia de transmissão” histórica tramada à genealogia, período histórico e classe social vivenciada pelos seus membros.

A abordagem psicossociológica se interessa pelo universo dos sentidos. Sujeitos em interação produzem sentidos socialmente mediados. Estes são produções pessoais, compreensões singulares sobre um dado objetivado ou objetivo (SÉVIGNY, 2001), mas os sentidos também estão implicados ao social, refletindo a processualidade histórica inserida na tensão dialética entre a subjetividade e a objetividade. Para Rouchy (2001), a subjetividade só ganha sentido na intersubjetividade, sendo a mediação entre o sujeito e o social realizada pelas instituições.

Ao fornecer subsídios para a compreensão dos processos grupais (primário e secundários, representados pelas instituições sociais), a Psicossociologia auxilia na “[...] compreensão da natureza dos vínculos que os indivíduos estabelecem com as instituições e as organizações, com reflexos na questão do trabalho” (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011, p. 11). O ato laboral, desde o ponto de vista da Psicossociologia, converte-se em um terreno de mediação entre a economia psíquica e o campo social, entre a ordem singular e a coletiva, sendo plenamente abarcado pela perspectiva psicossociológica (AMADO; ENRIQUEZ, 2011).

Em síntese, a perspectiva interdisciplinar proposta neste estudo considerou a existência de uma autonomia relativa entre os processos sociais e psíquicos, cabendo ao/à pesquisador/a a necessidade de compreendê-los de forma implicada, construindo problemáticas que permitam pensar suas influências e interconexões (GAULEJAC, 2011), indo além do empírico e buscando suas determinações materiais e históricas (MARX, 2011). O humano se produz na articulação das relações estruturais, das contradições que elas originam e dos sentidos elaborados por cada um na tentativa de se posicionar como sujeito da sua história. “Há um sentido da história que é o sentido que os homens [sujeitos], na sua vivência, *dão à sua história*” (GAULEJAC, 2000, p. 73, grifo nosso). Sujeitos submetidos a influências múltiplas e conflitantes – tanto sociais quanto psíquicas – elaboram, cada um ao seu modo, respostas. Assim, condições concretas similares podem forjar desde pessoas que *vivem a história* até pessoas que *fazem a história*.

O segmento de vigilância patrimonial privada

Para melhor compreensão do método, é importante entender o *modus operandi* do segmento de vigilância patrimonial privada. Os/as vigilantes exercem funções parapoliciais, coibindo a ação criminosa em estabelecimentos públicos e privados (ZANETIC, 2005). A profissão é regulamentada pelo Departamento de Polícia Federal (DPF) e possui monopólio do exercício das atividades descritas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

A este/a profissional é vetada a autonomia, a única forma reconhecida de trabalho é vinculada a uma empresa prestadora de serviços – forma terceirizada – ou pela contratação direta por empresas cujas atividades-fim não estão relacionadas à área de vigilância – forma orgânica (CERDEIRA, 2004). A terceirização é a forma mais usual de contratação, pois restringe custos, exige a contratante de burocracias junto ao DPF e externaliza a gestão deste/a trabalhador/a.

Para exercer a profissão, é imprescindível passar por um curso de formação. Este possui duração de 120 (cento e vinte) horas/aula, cumprindo currículo estabelecido pela Portaria nº 387 (BRASIL, 2006). Para efetuar a matrícula no curso, a

Lei 7.102 (BRASIL, 1983) estipula a quarta série do Ensino Fundamental como escolaridade mínima.

Há grande diversidade nos postos de vigilância patrimonial, mas, em geral, este/a profissional convive com assaltos, furtos, arrombamentos e com a ascensão do crime organizado (ZANETIC, 2005; OLIVEIRA, 2004). O setor historicamente emprega força de trabalho masculina, possuindo 89,6% de homens (NUNES, 2011), mas transformações estruturais e tecnológicas gradativamente ampliaram a contratação de mulheres – este movimento foi o meu objeto de pesquisa. Tecnologias digitais que visam ao controle da circulação de pessoas em estabelecimentos, residências e locais públicos multiplicaram-se. Segundo Kusther *et al.* (2010), os sistemas de monitoramento eletrônico mudaram, inclusive, o perfil dos clientes, tornando-os mais exigentes quanto à prestação de serviços.

As fontes de informação

As fontes de informação da pesquisa foram gestores/as atuantes em empresas de vigilância patrimonial privada e mulheres que desejavam trabalhar neste segmento. Aquilo que pensamos, sentimos e falamos não está pronto em nossas mentes: os sentidos são produzidos na inter-relação entre pesquisador/a e sujeitos. As pessoas se apropriam do social e o traduzem de acordo com as suas subjetividades, assim as narrativas não se restringem ao subjetivo, pois são indissociáveis do social. Dialeticamente, conforme aponta Souza (2007), o simbólico integra o tecido social dado que opera na construção dos discursos e dos símbolos.

Trabalhar com a tese de que o simbólico faz parte do tecido social e se encontra presente em todos os setores da sociedade não implica estabelecer a tese de que esses aspectos abarcam toda a vida social e sejam suficientes para o trabalho de análise sobre o humano e sua cultura [...] já que a condição do concreto continua a operar no plano da construção dos discursos e dos símbolos (SOUZA, 2007, p. 141).

Esta pesquisa buscou coletar informações em diferentes searas. O primeiro conjunto de sujeitos, gestores/as atuantes em empresas de vigilância patrimonial privada, era formado por profissionais responsáveis pela gerência das empresas, operacionalização da área de vigilância ou pelo recrutamento e seleção. A denominação gestor/a é uma tradução do termo *managers* utilizado por Gaulejac (2007). Tal qual a descrição do autor, eles/as eram profissionais que assumiam responsabilidades pela empresa; tinham forte identificação com seus interesses, normas e valores; tentavam atender ao máximo às necessidades dos clientes na prestação de serviços; e, principalmente, suas ações almejavam transformar os/as trabalhadores/as sob a sua gestão em “agentes sociais de desempenho” (GAULEJAC, 2007, p. 50). Neste grupo, entrevistei dez sujeitos, quatro mulheres (psicólogas inseridas na área de recursos humanos) e seis homens (responsáveis pela área operacional e/ou pela gerência). As entrevistas buscaram compreender a receptividade dos clientes à força de trabalho feminina, as peculiaridades da gestão de mulheres, fatores determinantes no recrutamento e seleção de vigilantes em geral e a ocorrência de especificidades no recrutamento e seleção de mulheres nesta área. As empresas de prestação de serviços às quais os/as gestores/as pertenciam eram de grande porte, atuavam na capital e no interior do estado de Santa Catarina e algumas possuíam filiais nos outros estados do sul do País.

O segundo conjunto de sujeitos eram mulheres que desejavam trabalhar no segmento de vigilância. Foi realizada uma pesquisa longitudinal, composta de dois

momentos. A primeira entrevista foi realizada na ocasião da matrícula no curso de formação de vigilantes. Duas escolas localizadas na Grande Florianópolis permitiram a realização da primeira fase da pesquisa em suas dependências. Busquei compreender o movimento que as levou a escolher a formação em vigilância, quais suas concepções sobre a área e seus projetos futuros. Aproximadamente doze meses após a primeira entrevista, foi realizado um outro encontro com o objetivo de verificar os sentidos atribuídos ao curso de formação de vigilantes, as táticas de inserção na área de vigilância utilizadas pelas participantes, como foram por elas significadas e seus projetos futuros. Além da entrevista, neste segundo encontro também foi aplicada a dinâmica da Trajetória Sócio Profissional (GAULEJAC, 1987). Ao todo, doze mulheres compuseram este conjunto de sujeitos.

A coleta de informações

Na fase exploratória, foi realizada extensa revisão bibliográfica sobre mulher, trabalho e sobre a área de vigilância privada e, também, uma pesquisa documental relativa à legislação que regulava o segmento. Essas informações configuraram fontes secundárias e deram suporte tanto à elaboração do projeto bem como à análise das informações produzidas em meu contato com o campo.

Na pesquisa, utilizei dois instrumentos para a coleta de informações. Com todos os sujeitos, foram aplicadas entrevistas individuais semiestruturadas. Estas utilizaram roteiros norteadores, um para cada conjunto de sujeitos, mas estes não foram rigidamente seguidos, ou seja, as questões podiam sofrer alterações conforme o direcionamento da conversa. Zago (2003, p. 296) denomina *compreensiva* este formato de entrevista. “Na entrevista compreensiva, o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre”.

Para a coleta de informações junto às mulheres que desejavam atuar no mercado de vigilância também foi utilizada a Trajetória Socioprofissional (GAULEJAC, 1987), dinâmica que busca articular aspectos econômicos, sociais e/ou ideológicos que condicionam as escolhas socioprofissionais. Com base em indicações fornecidas por Soares e Sestren (2007), solicitei que as mulheres complementassem, em uma folha de papel, as ocupações de seus avós maternos e paternos, seu pai, sua mãe e seu esposo/a ou companheiro/a. Quando necessário, eram realizados questionamentos buscando esclarecer alguns aspectos, tais como inserção social, espaço geográfico, grau de escolaridade dos familiares etc. Em seguida, elas descreveram seus trabalhos, em ordem cronológica, alinhavando-os à sua trajetória escolar, vida familiar ou a acontecimentos sociopolíticos que influenciaram suas escolhas. Para Gaulejac (1987), defrontar-se com sua produção gráfica amplia para o sujeito a capacidade de refletir sobre a história pessoal e social. Algumas entrevistadas tiveram dificuldade em compreender e/ou executar a dinâmica, outras manifestaram certo “medo de errar” e algumas puderam se “dar conta” de como sua trajetória foi influenciada pela sua história pessoal e social, narrando suas inserções profissionais alinhavadas à maternidade, ao casamento, à mudanças regionais, à práticas ideológicas etc.

Análise das informações

Neste subitem, buscarei relatar os procedimentos de análise. O objetivo deste texto é descrever o método dialético e não a pesquisa em si. Assim, para informações mais detalhadas sobre o estudo, é possível consultar a Tese (DIOGO, 2012) ou localizar seus principais apontamentos em Diogo e Coutinho (2011; 2013).

O processo de conhecimento do concreto implica, quando se pretende ir além da aparência, a apreensão não somente da dimensão imediata, mas também da dimensão mediata do objeto (MARX, 2011; MARX, ENGELS, 2007). A análise pautou-se no método dialético e utilizou uma reflexão multidimensional que objetivou transcender “[...] as contradições estereis entre as escolas à utilização dialética e fecunda da oposição” (PAGÈS, 1987, p. 8, tradução nossa).

A situação na qual o relato é produzido determina, ao menos em parte, sua natureza e conteúdo (BARROS; SILVA, 2002). A abordagem epistemológica na qual o estudo se pautou refuta a noção de neutralidade do/a pesquisador/a – ele/a está implicado na pesquisa na medida em que a fala dos sujeitos lhe é dirigida e ele/a se propõe a produzir conhecimento a partir desses discursos. Assim, é preciso que o/a investigador/a tenha clareza sobre a construção do objeto, suas escolhas teóricas (GAULEJAC, 2001) e se implique no estudo – afinal o objeto para ele/a se revela: “[...] o que se obtém nunca é senão o fruto da relação” (BARUS-MICHEL, 2004, p. 41). Seguindo essas premissas, busquei não perder de vista a totalidade e minha implicação, enquanto pesquisadora, na coleta e na análise das informações.

Utilizei as prerrogativas metodológicas expostas por Pagès *et al.* (2006, p. 204). Os autores descreveram o método sistemático-dialético, cujo “sistema [é] interpretado como uma resposta às contradições que ele oculta, desloca e media”. Eles propuseram as seguintes instruções aos/às pesquisadores/as: (1) destacar nas falas dos sujeitos indicadores de temas, (2) dividi-los em unidades de discurso (temas), (3) classificá-las em função do tema dominante, (4) identificar relações entre temas e subtemas (por exemplo, entre discurso consciente e inconsciente, entre dito e não dito) e (5) estabelecer relações com a totalidade.

O principal material de análise foram as entrevistas cedidas pelos dois conjuntos de sujeitos. Guiada pela perspectiva dialética, busquei as inter-relações entre o nível macro (societal) e micro (pessoal). As narrativas foram consideradas fluxos de contradições, sejam de campos sociais ou psíquicos, e foram compreendidas enquanto “[...] reconstruções e, neste sentido, não podem ser tomadas como o real” (GAULEJAC, 1987, p. 22, tradução nossa). Compreendê-las dessa forma pressupõe que os sujeitos se apropriam do real e o traduzem de acordo com as suas subjetividades. Assim, as narrativas contêm construções fantasmáticas relativas aos seus grupos sociais de pertencimento, pois “o discurso é atravessado pelo imaginário social, pelo imaginário individual, pela simbólica social (os grandes mitos, as angústias fundamentais) e pelas tentativas da simbólica individual” (ENRIQUEZ, 1999, p. 18). Em todas as entrevistas emergiram, dialeticamente, elementos coletivos/sociais e singulares/pessoais, dialeticamente indissociáveis.

A vigilância foi considerada, pelos dois conjuntos de sujeitos, um segmento em expansão, contudo sob diferentes enfoques. Apresentarei aqui algumas considerações desenvolvidas na pesquisa para elucidar e exemplificar a análise.

Nas entrevistas com os/as gestores/as, busquei compreender o movimento que gerou as fissuras que possibilitaram a admissão de mulheres na área de vigilância patrimonial privada. Tendo como base as prerrogativas metodológicas expostas por Pagès *et al.* (2006), desenvolvi os seguintes temas para esse conjunto de sujeitos: procedimentos na área de vigilância, contratação de vigilantes em geral, peculiaridades na contratação de mulheres, especificidades na gestão de mulheres e dos postos de trabalho feminino. Os/as gestores/as apresentaram discursos homogêneos e atrelados a uma visão gerencialista, tal como caracteriza Gaulejac (2007), pautada no pragmatismo, na racionalidade instrumental e na excelência no atendimento aos clientes. Eles/as apontaram mudanças no segmento, dentre elas a maior exigência dos clientes quanto à qualidade técnica dos serviços: “Hoje em dia eles pedem: ‘eu quero

um monitoramento digital com sistema integrado'. Por quê? O cliente com dois cliques [na internet] tem acesso a todas as informações de segurança"³. Eles detalharam o incremento tecnológico e a associação de novas atividades aos postos de vigilância: tornaram-se comuns sistemas informatizados, acesso biométrico, planilhas eletrônicas, monitoramento por câmeras, portas giratórias detectoras de metais, rádios comunicadores, cancelas computadorizadas, portões eletrônicos etc. Também foi mencionado o aumento da violência e a especialização do crime. "O marginal, antes de fazer um assalto, faz um levantamento técnico. O mesmo levantamento técnico que nós fazemos para pegar um posto de vigilância, o marginal vai fazer para assaltar". Essa materialidade histórica fez emergir a demanda por um novo perfil profissional, abrindo portas para a entrada de mulheres.

A feminização da vigilância foi narrada pelos/as gestores/as de forma estereotipada. As vigilantes foram descritas como mais atenciosas, detalhistas, "focadas", responsáveis, educadas, esforçadas, "harmoniosas" e com melhor apresentação pessoal que seus colegas homens, demonstrando a polarização masculino *versus* feminino, própria das relações de gênero dominantes em nossa sociedade (delicadeza *versus* brutalidade; fraqueza *versus* força; feminilidade *versus* virilidade). Elas eram vetadas aos postos noturnos ou de alta periculosidade, a "fragilidade feminina" foi considerada um empecilho para os postos com maior probabilidade do uso da força física, pois elas poderiam debilitar a segurança: "O bandido vai ver a mulher: 'pô, é mulher, é mais fácil'. [...] Já é tão complicado ter vaga pra mulher, se eu colocar ela e houver um assalto, vai piorar". Elas eram designadas aos postos com características receptivas, deixando a vigilância ostensiva a cargo dos homens. Por meio de justificativas biologizantes, elas exerciam, em vários postos, funções não relacionadas à vigilância com vistas à redução de custos operacionais, pois "[as mulheres] conseguem ser mais flexíveis e rápidas no controle de duas ou três coisas, [...] atender ao telefone enquanto te identifica, já o homem tem mais dificuldade".

Ainda segundo os/as gestores/as, as vigilantes teriam de superar seus colegas homens: "Se uma mulher quer buscar [uma vaga] tem que mostrar algo a mais". Para elas era exigido Ensino Médio completo, conhecimentos de informática, preferencialmente não ter filhos pequenos e não desejar engravidar (a gravidez foi descrita como um grave transtorno econômico e operacional), ter "impecável apresentação pessoal" (maquiagem sóbria, cabelos presos, unhas curtas e não estar com sobrepeso nem ser muito magra, aparentando fragilidade) e expor uma postura que transmitisse firmeza, força e determinação, corporificando a autoridade inerente à função.

A feminização da vigilância é um dado imediato e, para compreender seus meandros, temos que examinar suas determinações, buscando a "unidade da diversidade" (MARX, 2011, p. 54). É efetiva a gradual abertura deste segmento à força de trabalho das mulheres, mas, nas narrativas dos/as gestores/as, a inclusão esteve permeada por estereótipos e, por vezes, serviu ao aumento da extração mais-valia⁴ (MARX, 1985) – quando elas acumulavam funções. Além disso, foi possível perceber um paradoxo: mudanças nos postos e no perfil dos clientes promoveram a entrada da força de trabalho feminina no setor, contudo este ainda se encontrava associado ao estereótipo do "security man", conforme a descrição de um dos gestores. O simbólico

³ Trechos selecionados das falas dos sujeitos da pesquisa foram inseridos em itálico entre aspas duplas.

⁴ A mais-valia se origina de um excedente quantitativo do trabalho socialmente empregado na produção, ou seja, após remunerar a força de trabalho, descontados os gastos com insumos e equipamentos, o excedente conseguido pelo capitalista ao converter a produção em dinheiro denomina-se mais-valia (MARX, 1985).

faz parte do tecido social (SOUZA, 2007) e, nas falas dos/as gestores/as, foi possível apreender sentidos subjacentes de inferioridade feminina, pois persistiram desqualificações, tais como “mulher não impõe respeito”. Eles/as também disseram que alguns clientes acreditavam que “mulher não tem que estar com um revólver na cintura”. A Psicossociologia vaticina que a subjetividade ganha sentido na intersubjetividade (ROUCHY, 2001) e, com base em estereótipos e naturalizações, o movimento de feminização neste segmento emerge de modo parcial, segmentado e eivado de preconceitos.

Com base nas prerrogativas metodológicas expostas por Pagès *et al.* (2006), desenvolvi os seguintes temas para analisar as entrevistas com as mulheres que desejavam atuar no segmento de vigilância: trajetórias profissionais, sentidos atribuídos à formação profissional, concepções sobre a área, como realizaram o movimento de inserção na vigilância, bem como sua situação laboral no segundo encontro e suas perspectivas de futuro. Para esse conjunto de sujeitos, busquei a tensão dialética entre o sujeito reflexivo (dimensão consciente), o sujeito do desejo (dimensão inconsciente) e o sujeito sócio-histórico (dimensão social), enfatizando a codeterminação entre esses planos e sua relação com o romance familiar (GAULEJAC, 1987; 2000; 2011).

Busquei o movimento desenhado por esse conjunto de sujeitos para se inserir na vigilância. As ações empreendidas englobam tanto aspectos sociais como intrapsíquicos, numa perspectiva dialética. Ou seja, a Trajetória Sócio Profissional (GAULEJAC, 1987) dessas mulheres articulou suas condições materiais (o contexto familiar, social, cultural e político) aos seus desejos conscientes e inconscientes. Nas entrevistas, com base em Certeau (1994), busquei compreender as táticas usadas pelas entrevistadas para se inserirem ocupacionalmente. O autor considera que as relações de poder são desequilibradas por fatores econômicos, políticos e sociais e define a tática como a “arte do fraco” (IDEM, p. 101). Enquanto a estratégia pressupõe um sujeito de poder, capaz de antever e planejar ações com certa autonomia, ações táticas se desenvolvem no “terreno inimigo” e exercem um combate “golpe a golpe”, constituindo-se uma “antidisciplina” (IDEM, p. 103). Por não deterem o controle (sobre o tempo ou sobre as circunstâncias), as ações táticas buscam criar situações astuciosas em proveito do próprio sujeito.

As mulheres entrevistadas descreveram a vigilância como promissora pela observação do aumento de profissionais no mercado de trabalho ou por meio do relato de familiares e amigos/as. A maioria buscava evadir de trabalhos socialmente relacionados ao feminino, precários, subalternos e fisicamente desgastantes, como podemos ver neste relato: “de doméstica você quase morre trabalhando e o salário é a mínima coisa”. A vigilância foi associada a uma postura de poder e ofertava um trabalho com “roupinha social, cabelo arrumado, unha bem-feita”. Elas também buscavam uma ocupação com horário fixo, salário estável e melhor remunerada que as anteriores. As narrativas das mulheres também se apresentaram eivadas de estereótipos e naturalizações, revelando a reprodução de discursos e práticas socialmente constituídas, mas o movimento que elas fizeram em relação à vigilância tomou, nas entrevistas, aspectos de *desafio*. Elas narraram estar investindo numa mudança de trabalho e de vida, ansiavam romper padrões culturais standardizados e conquistar o *status* social auferido à identidade profissional dessa categoria, pois “no momento em que vê uma vigilante, a pessoa te respeita”.

Ao buscar uma profissão majoritariamente masculina, a análise revelou que as entrevistadas infringiram os padrões familiares de gênero. A análise de suas Trajetórias Sócio Profissionais (GAULEJAC, 1987) permitiu perceber que suas mães e avós eram “donas de casa” e era esperado delas domesticidade e/ou que buscassem profissões socialmente reconhecidas como femininas. Realizar o curso de vigilância representou,

de modo consciente ou não, uma transgressão, pois elas estavam afrontando princípios sectários de gênero. Uma delas narrou que as mulheres estavam “*roubando lugares masculinos*” – o que enfatizava que o imaginário social da profissão estava associado ao masculino e, mais uma vez, retomava o componente transgressor de mulheres se tornarem vigilantes. Três delas explicitaram o desejo de romper com “*trabalhos de mulher*”, como na fala que segue: “*eu entrei por causa disso, a maioria é tudo homem. Aí eu digo: não, só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar*”. É preciso enfatizar, contudo, que foi possível perceber esse movimento mesmo para aquelas que não verbalizaram o intento, pois o sentido de mudança laboral e de vida esteve presente em todas as entrevistas.

No segundo encontro, ao descreverem o movimento de inserção profissional na vigilância, algumas entrevistadas relataram terem vivenciado dificuldades em conseguir uma vaga, esbarrando no reduzido número de postos femininos e na exigência diferenciada do setor para as mulheres. As principais táticas (CERTEAU, 1994) usadas foram o acesso à rede de contatos e a entrega de currículos. O processo de recrutamento e seleção demonstrou ser complexo, elas relataram que o mercado apresentava “*preconceito*” e “*discriminação*” contra as vigilantes: “*deu pra notar que homem e mulher é bem diferente*”. Contudo, no movimento entre os dois encontros, sete das doze entrevistadas conquistaram empregos formais na vigilância, uma atuava ocasionalmente como segurança em eventos, duas haviam realizado trabalhos pontuais como vigilante e somente duas entrevistadas não tinham conseguido atuar na área. Apesar dos percalços, demonstrou-se efetiva a abertura do segmento à força de trabalho feminina. De modo geral, as mulheres entrevistadas não perceberam preconceito ou discriminação de gênero relacionada ao exercício profissional. Elas narraram como projeto futuro permanecer na área.

Considerações finais

O arcabouço teórico do Materialismo Histórico Dialético e da Psicossociologia foram utilizados para analisar a admissão de mulheres em uma profissão já consolidada e com identidade profissional associada ao masculino. Representando a minoria neste segmento laboral, trazê-las para o centro da trama possibilitou identificar as reproduções e as transgressões nos discursos dos/as entrevistados/as – tanto os/as gestores/as como as mulheres que buscavam uma colocação na área de vigilância.

Quando tratamos homens e mulheres como um todo homogêneo, fechamos os olhos às nuances que os/as envolvem e, conseqüentemente, não alcançamos a compreensão da totalidade. O capital se apropria da força de trabalho masculina e feminina de forma diferenciada. Assim, utilizar a categoria gênero como ferramenta de análise amplia a compreensão de como as relações de produção tensionam e significam o elo entre os âmbitos produtivo e reprodutivo (STECHEER; GODOY; DÍAZ, 2005), possibilitando reformular o conceito de força de trabalho e refutar concepções naturais de fenômenos sociais forjados na história e nas condições materiais e simbólicas da ordem social (FONSECA, 2000).

A feminização de profissões maciçamente masculinas tem como pressupostos transformações históricas e sociais e se faz necessário perscrutar minuciosamente a materialidade e as determinações que alicerçam e possibilitam essas aberturas. A pesquisa visibilizou que o incremento tecnológico em segurança patrimonial, mudanças nos postos de trabalho de vigilância, alterações no perfil dos clientes, bem como a especialização do crime abriram frinchas para a contratação de mulheres no segmento. Com base em estereótipos de gênero e naturalizações, os/as gestores/as de empresas prestadoras de serviços passaram a significar que a força de trabalho feminina poderia

deter algumas qualidades necessárias ao novo perfil profissional, assim, abriu-se uma brecha para a contratação de mulheres para *alguns tipos* de postos de trabalho de vigilância – aqueles que agregaram funções multitarefas e que passaram a exigir maior grau de atenção, agilidade e afabilidade no trato com o público.

A pesquisa de campo revelou que foi efetiva a abertura do segmento à força de trabalho feminina – entre as doze mulheres que participaram da pesquisa, dez haviam, de alguma forma, se inserido na área. Mas, também, revelou que a feminização da vigilância se encontrava eivada de naturalizações e preconceitos. É preciso sublinhar o *paradoxo* no qual a inserção feminina se assentava nessa área: por um lado, elas romperam paradigmas de gênero, mas, por outro lado, a imagem do homem-forte-protetor ainda predominava no imaginário social do segmento e gerava uma forte representação simbólica. Esteve latente em todas as entrevistas com os/as gestores/as um sentido de *inferioridade* atribuída à força de trabalho feminina. Assim, foi possível reconhecer que movimentos de aproximação e retração convivem *pari passu* na admissão e reconhecimento profissional das mulheres nesse segmento.

As vigilantes consideradas “*perfeitas*” deveriam apresentar um perfil andrógino, associando vaidade e delicadeza à postura viril, apresentando comportamentos e aparência “*características de mulher*”, mas renunciando a feminidade do corpo gestante ou, se fossem homossexuais, deveriam ser discretas e nunca afrontar “*a sociedade com sua predileção*”. As análises permitiram concluir que as pioneiras se tornaram *vigilantes vigiadas*, pois o trabalho feminino se destacava nesse segmento cuja identidade profissional ainda estava associada ao masculino e era alvo de especulações, demandando uma prestação de serviços exemplar e sem quaisquer falhas.

Muitos teóricos, principalmente no campo marxista, apontam não ser possível a igualdade de gênero e a emancipação feminina no bojo do sistema capitalista. Mézáros (2002) destaca que a base desse sistema sociometabólico está apoiada na subordinação permanente do trabalho ao capital e, conseqüentemente, na perpetração de desigualdades econômicas e sociais. Ou seja, para o autor, o capitalismo se sustenta em relações de dominação, sendo impossível a manutenção de *princípios de igualdade* nesse sistema.

Mas, e para as mulheres que buscavam atuar na vigilância? A análise das entrevistas e a da dinâmica da Trajetória Sócio Profissional revelou que o movimento em relação à vigilância representou o desafio de uma mudança de trabalho e de vida: evadir de ocupações precárias, mal remuneradas e associadas ao feminino. Elas perceberam na vigilância uma posição profissional que inspirava respeito social e dignidade. Nesse movimento, elas transgrediram, conscientemente ou não, as referências de seus romances familiares e os padrões simbólicos instituídos pelo social, projetando um futuro diferente do passado e redesenhando suas trajetórias Sócio Profissionais. Cada uma delas se apropriou de forma singular das relações emergentes em seu contexto e, cada uma a seu modo, buscou com afinco ocupar um espaço ainda resistente à feminização.

Busquei compreender neste estudo tanto o movimento que gerou as fissuras que permitiram a admissão de mulheres em uma profissão maciçamente masculina como, também, aquele realizado por algumas precursoras na área, que buscaram, com persistência e teimosia, ocupar um espaço que elas mesmas verbalizaram “*pertencer a eles*”. Ao término da pesquisa, foi possível concluir que utilizar um arcabouço metodológico pautado no Materialismo Histórico Dialético e na Psicossociologia me permitiu articular os níveis macro e micro e ampliar a compreensão dos movimentos gerados em campos sociais e psíquicos. Como meu objetivo era transcender o campo fenomênico, a “indisciplina” da interdisciplinaridade (SÉVIGNY, 2001) foi fundamental,

posto que a abordagem multidimensional trouxe maior profundidade ao estudo, permitindo a apreensão de sentidos e significações simbólicas relacionadas à feminização da vigilância patrimonial privada na Grande Florianópolis.

Entretanto, antes de encerrar o escrito, gostaria de retomar um último ponto desta perspectiva metodológica: a posição ocupada pelo/a pesquisador/a. No aporte teórico aqui apresentado, ele/a não assume uma posição de neutralidade na medida em que a fala dos sujeitos é a ele/a dirigida e a entrevista é fruto dessa relação (BARUS-MICHEL, 2004). Assim, penso ser vital estabelecer uma contrapartida e devolver as análises aos sujeitos da pesquisa, levando o conhecimento gerado no estudo a quem nele esteve envolvido. No decorrer da pesquisa, as transcrições de todas as entrevistas foram impressas e enviadas pelo correio ou encaminhadas digitalmente para os *e-mails* dos/das participantes. Especificamente em relação às mulheres do segundo grupo, participar de uma pesquisa foi um momento diferenciado em suas vivências, quicá único. Algumas verbalizaram que aguardaram meu segundo contato, ansiosas para contar o que tinha se passado após a conclusão do curso de formação de vigilantes. Uma delas comentou da entrevista para os seus familiares e lhes mostrou, orgulhosa, a carta com a transcrição do primeiro encontro. Ao final da pesquisa, foi enviado para todos/as o convite para a banca de defesa da Tese, juntamente com o resumo da pesquisa e uma carta de agradecimento. A devolutiva dos resultados do estudo aos sujeitos de pesquisa não pode ser encarada como uma *delicadeza*, mas como uma ação ético-política que pode, inclusive, gerar novos sentidos e modos de se posicionar no mundo, ensejando outros movimentos.

Referências

- AMADO, Gilles; ENRIQUEZ, Eugène. Psicodinâmica do trabalho e Psicossociologia. In. BENDASSOLI, Pedro F.; SOBOLL, Liz Andrea P. (Orgs.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 99-109.
- BARROS, Vanessa Andrade de; SILVA, Lílian Rocha da. A pesquisa em história de vida. In. GOULART, Iris Barbosa (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 133-146.
- BARUS-MICHEL, Jaqueline. *O sujeito social*. Tradução de Eunice Galery e Virginia Mata Machado. Belo Horizonte/MG: PUC Minas, 2004.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Liz Andrea P. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In. BENDASSOLI, Pedro F.; SOBOLL, Liz Andrea P. (Orgs.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 03-21.
- BRASIL. *Lei nº 7.102*. Dispõe sobre segurança para estabelecimentos financeiros, estabelece normas para constituição e funcionamento das empresas particulares que exploram serviços de vigilância e de transporte de valores, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República; Casa Civil, 1983. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7102.htm. Acesso em: 22 jan.2020.
- BRASIL. *Portaria nº 387*. Altera e consolida as normas aplicadas sobre segurança privada. Brasília: Ministério da Justiça; Departamento de Polícia Federal, 2006. Disponível em: https://www.mariz.eti.br/Portaria_387_06.htm. Acesso em: 22 jan.2020.
- CERDEIRA, Mauro Tavares. *Segurança privada no Brasil: panorama atual e situação dos vigilantes e seguranças*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. 102 f. Monografia. Curso de Pós-Graduação em Políticas e Estratégia do Núcleo de Análise Interdisciplinar de Políticas e Estratégia. Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12478881/seguranca-privada-no-brasil-panorama-atual-cerdeira-advogados>. Acesso em: 20 jan.2020.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira

Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIOGO, Maria Fernanda. “*Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar.*” Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. 259f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96365/304555.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan.2020.

DIOGO, Maria Fernanda; COUTINHO, Maria Chalfin. O desafio de tornar-se sujeito da própria história: análise de uma trajetória sócio profissional. *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas*, v. 24, p. 178-191, 2011. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2860/2863>. Acesso em: 20 jan.2020.

DIOGO, Maria Fernanda; COUTINHO, Maria Chalfin. A Inserção de Mulheres no Segmento de Vigilância Patrimonial Privada: Entre Conquistas e Manutenções. *Psico*. v. 44, n. 3, p. 421-431, jul./set. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12283/10417>. Acesso em: 20 jan.2020.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado*: psicanálise do grupo social. Tradução de Tereza Cristina Carreiro e Jaciara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FONSECA, Tania Mara Gali. *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In. JANTSCH, A. P; BIANCHETTI, L. *Interdisciplinaridade*: para além da filosofia do sujeito. 9. ed. atual. ampl. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 34-59.

GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*: trajectoire sociale et conflits d'identité. Paris: Hommes & Groupes, 1987.

GAULEJAC, Vincent de. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. Tradução de Norma Missae Takeuti. *Cronos*, v. 5/6, n. 1/2, p. 59-77. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3233/2623>. Acesso em: 20 jan.2020.

GAULEJAC, Vincent de. Psicossociologia e sociologia clínica. In. ARAÚJO, José Newton de; CARRETEIRO, Tereza Cristina (Orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 35-47.

GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como doença social*: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

GAULEJAC, Vincent de. El sujeto entre el inconsciente y los determinismos sociales. In. Ana Maria Araújo (Comp.). *Sociologia clínica*: uma epistemologia para la acción. Montevideo: Psicolibros, 2011. p. 37-36.

HOLF, Debora Nayar *et al.* Os desafios da pesquisa e ensino interdisciplinares. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 4, n. 7, p. 42-65, 2007. Disponível em: http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.4_7jul2007_/Experiencias_Artigo1_n7.pdf. Acesso em: 20 jan.2020.

KUSTHER, Eribelto Alves *et al.* Inovação tecnológica e suas influências no processo de gestão: uma análise no setor de segurança privada patrimonial. *Revista Gestão Organizacional*, v. 3, n. 1, p. 07-26, 2010. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/645>. Acesso em: 20 jan.2020.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Tradução de Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Manuscritos Econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro 1. 2. ed. Tradução de Regis Barbosa

- e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo; Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- NUNES, Jordão Horta. "A seu dispor!" Identidades e interação no trabalho em serviços. In. NUNES, Jordão Horta (Org.). *A seu dispor! Sociologia do trabalho em serviços*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 15-48.
- OLIVEIRA, Aryeverton Fontes de. *Empresas de vigilância no sistema de prestação de serviços de segurança patrimonial privada: uma avaliação da estrutura de governança*. Piracicaba/SP: Universidade de São Paulo, 2004. 132f. Tese (Doutorado). Economia Aplicada. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-26042005-142812/publico/aryeverton.pdf>. Acesso em 20 jan.2020.
- PAGÈS, Max. Avant-propos: rencontres dialectiques. In. GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe: trajectoire sociale et conflits d'identité*. Paris: Hommes & Groupes, 1987. p. 07-10.
- PAGÈS, Max et al. *O poder das organizações*. Tradução de Maria Cecília Tavares e Sônia Favatti. São Paulo: Atlas, 2006.
- ROUCHY, Jean Claude. Identificação e grupos de pertencimento. In. ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Tereza Cristina (Orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 123-153.
- SÉVIGNY, Robert. Abordagem clínica nas ciências sociais. In. ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Tereza Cristina (Orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 15-33.
- SOARES, Dulce Helena Penna; SESTREN, Gisele. A trajetória socioprofissional. In. BARROS, Delba Teixeira Rodrigues; LIMA, Mariza Tavares.; ESCALDA, Rosângela. (Orgs.). *Escolha e inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições. Orientação Profissional: Teoria e Técnica – Volume 3*. São Paulo: VETOR/ABOP, 2007. p. 81-96.
- SOUZA, Mariana Aranha de; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade, Currículo e Tecnologia: um estudo sobre práticas pedagógicas no Ensino Fundamental. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 12, n. 2, p. 708-721, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8303/6561>. Acesso em: 20 jan.2020.
- SOUZA, Mériti de. Narrativas, conhecimento e homem simbólico: entrelaçamentos entre saberes e fazeres. *Mal estar e Subjetividade*, v. 7, n. 1, p. 137-161, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n1/09.pdf>. Acesso em 20 jan.2020.
- STECHE, Antonio; GODOY, Lorena; DÍAZ, Ximena. Relaciones de producción y relaciones de género en un mundo en transformación. In. SCHVARSTEIN, Leonardo; LEOPOLD, Luis Leopold (Orgs.). *Trabajo y subjetividad: entre lo existente y lo necesario*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 71-111.
- TORDINO, Claudio Antonio. A estética do método. In. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 21-26.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In. ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). *Itinerários de pesquisas: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.
- ZANETIC, André. *A questão da segurança privada: estudo do marco regulatório dos serviços particulares de segurança*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado). Ciência Política. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-14062007-154033/pt-br.php>. Acesso em 20 jan.2020.

Capítulo 4

O MÉTODO NOS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS/NOS MOVIMENTOS LABORAIS

Geruza Tavares D'Avila

Desde o microcosmo familiar, os indivíduos são educados e forjados para o trabalho. Ricardo Antunes (2011, p. 436).

Introdução

No presente capítulo, descrevo o método desenvolvido na pesquisa doutoral sobre os movimentos laborais e os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais, egressos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Essa pesquisa deu continuidade aos temas que estudei anteriormente, mais especificamente, no mestrado em Psicologia em que busquei compreender as repercussões da experiência de participar de um curso pré-vestibular popular para o projeto profissional de vestibulandos/as. Tanto na investigação do mestrado como nesta que descreverei a seguir, ambas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), procurei evidenciar as tensões entre o campo da Educação, em especial a Educação Superior, e o Trabalho, tal como apontei nos artigos que sintetizam os resultados da dissertação (D'AVILA *et al.*, 2011) e, depois, da tese (D'AVILA; COUTINHO, 2019).

No doutorado, o pressuposto foi de que, conforme os estudantes vivenciassem novas experiências laborais ao longo do tempo, os sentidos do trabalho produzidos por eles revelariam as contradições engendradas nesse movimento no “mundo do trabalho”. Essa ideia pode ser sustentada considerando que sentidos e práticas relacionam-se mutuamente, como explicam Coutinho e Oliveira (2017) ao mencionarem algumas possibilidades teóricas na pesquisa em Psicologia Social do Trabalho. Assim sendo, na tese, pressupunha uma relação entre os sentidos atribuídos ao trabalho pelos jovens bacharéis e seus movimentos laborais, especialmente os de inserção profissional.

Para conceituar movimentos laborais, estudei as trajetórias sociais (DUBAR, 1998; GAULEJAC, 1987) ou socioprofissionais (SOARES; SESTREN, 2007) e, para pensar a dinamicidade do termo, recorri ao filósofo Henri Bergson (2006) no que se refere ao “pensamento” e ao “movente”.

Sabíamos perfeitamente, desde nossos tempos de colégio, que a duração é medida pela trajetória de um móvel e que o tempo matemático é uma linha; mas ainda não havíamos notado que essa operação destoa radicalmente de todas as outras operações de medida, pois não se exerce sobre um aspecto ou um efeito representativo daquilo que se quer medir, mas sobre algo que o exclui. A linha que medimos é imóvel, o tempo é a mobilidade. A linha é algo já feito, o tempo aquilo que se faz e, mesmo, aquilo que faz de modo que tudo se faça (BERGSON, 2006, p. 5).

Dessa forma, ainda que possa elencar os movimentos laborais, o estudo das trajetórias dos/as trabalhadores/as fornece suporte para a compreensão dessa categoria teórica. Tal como apontou Coutinho (2009), o estudo das trajetórias identitárias pode configurar uma estratégia frutífera no intuito de apreender tanto “continuidades” como também rupturas “nos modos de ser trabalhador na contemporaneidade” (Ibid, p. 195).

Importante apontar que, para compreender os sentidos produzidos pelos/as jovens bacharéis, fundamentei meu estudo na Psicologia Sócio-Histórica. Nessa abordagem, os estudos de Lev. S. Vigotski configuram-se centrais por propor uma forma de compreender a complexidade do ser humano, diferente da Psicologia de seu tempo. Para Aguiar e Ozella (2006, p. 227), em artigo pautado na abordagem da Psicologia Sócio-Histórica,

O sentido coloca-se em um plano que se aproxima mais da subjetividade que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos. No entanto, dada a sua complexidade, afirmamos como nossa possibilidade aproximarmos de algumas zonas de sentido.

A seguir, descrevo como construí a tese de doutorado, caracterizando a compreensão sobre a pesquisa qualitativa desenvolvida e alguns aspectos éticos relacionados a essa prática acadêmica. Em seguida, sintetizo os procedimentos adotados na investigação, abordando a seleção dos participantes e os instrumentos utilizados e, brevemente, a análise das informações. Finalmente, faço algumas considerações.

Caracterizando a pesquisa qualitativa e alguns aspectos éticos ao “entrar” no campo

Ao falar de método, considera-se fundamental enfatizar que sua escolha está intrinsecamente relacionada às opções teóricas delineadas na pesquisa, desde o estabelecimento do objeto a ser estudado até o encerramento do estudo (TRIVIÑOS, 1987). Dessa forma, tendo como foco o propósito da investigação que apresento neste capítulo, qual seja, o de compreender um fenômeno produzido nas e pelas relações cotidianas na vida dos sujeitos, bem como o objetivo que guiou tal estudo, o de compreender as relações entre os movimentos laborais e os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens bacharéis, uma investigação qualitativa permite alcançar esse objeto, em suas diversas relações, complexas e não lineares.

Tal abordagem, como mencionado por Triviños (1987), não pretende a generalização de resultados nem mesmo uma posição de neutralidade do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Na abordagem qualitativa, investigador e investigado são agentes do processo; e é a partir da subjetividade e do simbolismo que se assenta essa abordagem e, dessa forma, seu método deve ser compatível com a proximidade entre sujeito e objeto.

González Rey (2005, p. 102-103) acrescenta que a pesquisa qualitativa, além de sempre comprometida com a diferenciação de forma singular do objeto estudado,

[...] caracteriza-se pela construção de um modelo teórico como via de significação da informação produzida, a qual não está fragmentada em resultados parciais associados aos instrumentos usados, mas está integrada em um sistema cuja inteligibilidade é produzida pelo pesquisador.

Além disso, a produção de sentidos para a informação coletada é mediada pela orientação teórico-epistemológica e, neste estudo, tal orientação foi sendo erigida ao longo de toda a minha formação doutoral. Tal investigação tem seu mote a partir das próprias indagações e angústias que vivenciava em relação à sociedade e, assim sendo, eu e os/as partícipes atuamos no processo investigativo ativamente.

Quanto aos preceitos éticos do estudo, observei princípios em relação aos participantes, tais como a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, a proteção à sua identidade, o respeito e a honestidade com eles, a explicitação de todas as condições do estudo e a autenticidade no registro das informações e na apresentação dos resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Considerei a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), a qual estipula normas para pesquisas envolvendo seres humanos e, em observância a esse documento, submeti o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Como uma das decorrências desse processo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi elaborado na intenção de garantir aos partícipes do estudo os princípios elencados anteriormente sendo assinado por todos/as participantes¹.

Também expliquei aos interlocutores sobre a devolução dos resultados, a qual ocorreu de duas formas: por meio da devolução das entrevistas transcritas, assim como a imagem da Trajetória Socioprofissional (TSP)² e do próprio áudio gravado, assim como pelo convite feito aos/às entrevistados/as para assistirem à defesa da tese no PPGP da USFC. Em função da distância entre as Universidades, foi realizada uma apresentação dos resultados da pesquisa na UFRRJ, onde ocorreram a maioria das entrevistas, de forma a dar um retorno aos participantes da investigação e, também, à UFRRJ, que permitiu a realização da pesquisa com seus/uas egressos/as. Na medida do possível, também discutia os resultados com colegas e outros interlocutores importantes que auxiliaram em todo o processo de doutoramento.

Observei que, em algumas entrevistas, a relação “professora-estudante” precedeu a relação “pesquisadora-pesquisado/a”, muito provavelmente pelo fato de atuar como docente na Universidade em que os jovens profissionais fizeram sua formação. Sobre essa relação, refleti, tal como pontuaram Coutinho e Zanella (2011, p. 46), sobre a necessidade de “considerar o lugar social ocupado por eles em suas relações com o próprio pesquisador. Há diferentes lugares de saber/poder que demarcam as posições de um e outro”. Esses desconfortos foram revelados quando de algumas perguntas feitas pelos/as entrevistados/as, como, por exemplo, ao questionarem se o desenho “está bom” ou “está correto”, ou ainda, por se referirem à pesquisadora como professora, ou mesmo se desculpando ao pronunciar alguma palavra errada.

Assim sendo, minha entrada no campo de pesquisa ocorreu pela atuação como docente da UFRRJ, sendo viabilizada por meio do estudo exploratório³ realizado com estudantes formados há cerca de seis meses em cursos de bacharelado dessa Universidade. Assim, a partir dos contatos repassados pelos/as professores/as dos

¹ Orientei todos/as os/as participantes da pesquisa sobre o desenvolvimento do projeto e sobre os procedimentos relativos às exigências do CEPSH. Além disso, entreguei uma cópia do TCLE assinado por mim a cada um/a dos/as entrevistados/as. A outra cópia, assinada pelos/as participantes, permaneceu comigo.

² O instrumento da TSP, da forma como recomendam Soares e Sestren (2007, p. 99), foi utilizado na presente pesquisa. Essa ferramenta foi implementada em outras investigações conduzidas por pesquisadores/as do NETCOS, como descrito em outros capítulos deste livro.

³ Minayo (2016, p. 25) chama de fase exploratória, considerando o ciclo da pesquisa qualitativa, o período para a “produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo”.

cursos do departamento de Administração e Turismo (DAT), no campus Nova Iguaçu, onde eu trabalhava na época, convidei alguns estudantes para participar do estudo exploratório. O convite se deu por endereço eletrônico, telefônico ou mesmo pessoalmente. Para possibilitar conhecimento prévio do campo de estudos, elaborei um roteiro com algumas questões com base no referencial teórico para direcionar as entrevistas deste estudo exploratório. Em agosto de 2011, realizei duas entrevistas exploratórias, primeiro com um administrador e, em seguida, com um turismólogo. Expliquei para ambos os preceitos éticos do estudo, assim como dirimi algumas de suas dúvidas.

A fase exploratória do estudo permitiu tecer algumas considerações em relação à continuidade do processo investigativo, principalmente quanto ao acesso aos estudantes recém-formados, cumprindo seu objetivo de adentrar no campo de pesquisa. Outra alteração importante para o processo de pesquisa, decorrente do estudo exploratório assim como pela sugestão da banca de qualificação, foi a inclusão de um instrumento complementar à entrevista, a técnica da TSP, de que falei anteriormente. Dessa forma, os dois participantes do estudo exploratório foram entrevistados novamente com a finalidade de aprofundamento em relação a suas vivências socioprofissionais a partir da realização da técnica da TSP.

A construção da pesquisa: participantes, instrumentos e procedimentos

Partindo do princípio de que a investigação do tipo qualitativa não se pauta em critérios numéricos ou matemáticos para garantir sua representatividade, o número de participantes foi definido conforme a investigação foi se desenvolvendo até que se atingisse a saturação tal como postulam Minayo (2010), Gaskell (2015), dentre outros pesquisadores. O número ideal de participantes define-se, conforme González Rey (2005, p. 112), “pelas próprias demandas qualitativas do processo de construção de informação intrínseco à pesquisa em curso”.

A “seleção” (GASKELL, 2015) dos participantes foi construída com base em alguns critérios de inclusão, como, por exemplo, o tempo de formatura entre seis e doze meses, além dessa ter sido sua primeira graduação numa universidade pública. Finalmente, como último critério de inclusão, ser considerado jovem e, assim, a idade cronológica, entre 15 e 29 anos, foi pensada, observando a faixa etária indicada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) no que se referia à inclusão laboral de jovens nas políticas e nos programas de âmbito federal (BRASIL, 2005), assim como pelo Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013)⁴.

Para convidar esses/as jovens para participar da pesquisa, além de recorrer à Pró-Reitoria de Graduação da UFRRJ, solicitando informações sobre os/as formandos/as recentes dos cursos que faziam parte do departamento onde lecionava, Administração e Turismo, também pedi aos/às colegas que pudessem indicar possíveis contatos de egressos. Fiz as primeiras entrevistas e, ao final delas, alguns jovens indicaram também outros colegas, até o momento que entrevistei dezesseis bacharéis, nove mulheres e sete homens, com idades entre 23 e 35 anos. Cinco deles eram egressos do curso de Turismo, cinco do curso de Ciências Econômicas e seis do curso de Administração, todos egressos da UFRRJ, *campus* localizado na cidade de Nova Iguaçu, do turno noturno.

Assim sendo, a forma de acesso aos entrevistados ocorreu por indicação dos professores/as, pela lista de concluintes fornecida pelo setor responsável pelos registros

⁴ No caso de um dos partícipes da pesquisa, esse critério foi repensado, pois, mesmo tendo o entrevistado mais de 29 anos de idade, ainda se considera jovem e, por uma série de questões relativas à sua inserção laboral e condições socioeconômicas, manteve-o como integrante da pesquisa.

acadêmicos na Pró-Reitoria de Graduação da Universidade, por indicação dos próprios participantes e, por último, por conhecer o entrevistado pela vivência acadêmica, como atividades de ensino, participação em bancas ou tarefas do colegiado de curso e do departamento. Priorizei a participação de jovens que constavam na lista fornecida pela Pró-Reitoria de Graduação; no entanto, cerca de sete pessoas contatadas a partir desse documento não responderam ou não puderam participar do estudo, evidenciando que a indicação tanto de professores/as quanto de outros/as entrevistados/as mostrou-se muito mais contributiva para o aceite do convite à entrevista.

A maioria das entrevistas foi realizada em uma sala na própria instituição de ensino dos egressos, em Nova Iguaçu; portanto, aquela programada para o desenvolvimento da atividade investigativa. No entanto, em quatro casos, por solicitação dos/as partícipes, alterei o local de realização dessa atividade para outro lugar de fácil acesso para eles(as), inclusive em outras cidades próximas, como Nilópolis e Rio de Janeiro. Desse modo, um desses encontros ocorreu em uma livraria perto da casa de uma das participantes, no sábado; outro na própria casa da entrevistada, no domingo; e mais outros dois encontros realizados em outras instituições de ensino superior, marcadas antecipadamente com algum representante de cada uma dessas distintas escolas, após o expediente de trabalho dos/as entrevistados/as, em dias da semana⁵.

Como antecipado, a entrevista foi o principal instrumento para o levantamento das informações no campo de pesquisa. Esta pareceu ser o instrumento ideal na pesquisa que desenvolvi, considerando, como Aguiar (2006), que esse é um dos instrumentos mais ricos e capazes de acessar alguns processos psíquicos, tais como os sentidos produzidos pelos sujeitos. De forma complementar, Gaskell (2015, p. 65) aponta que “A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa” (grifo do autor). Gaskell (2015) também enfatiza que as entrevistas qualitativas podem ser combinadas com o uso de outras ferramentas de pesquisa, tal como ocorreu nessa investigação, mais especificamente, com o uso da TSP⁶.

De acordo com Triviños (1987, p. 146), esse instrumento, “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Assim, o objetivo dessas entrevistas foi o de investigar as relações entre os sentidos atribuídos ao trabalho pelos jovens bacharéis e os movimentos de inserção e permanência laboral, especificamente os movimentos neste momento de sua trajetória: logo depois da formatura na primeira graduação em universidade federal. Nessas entrevistas, buscou-se “respeitar princípios éticos e de objetividade na pesquisa, bem como garantir as condições que favoreçam uma melhor aproximação da realidade social estudada, pois sabemos que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões” (ZAGO, 2003, p. 294).

A fim de conduzir tais entrevistas, o roteiro utilizado no estudo exploratório foi ampliado, sobretudo com as sugestões advindas da banca de qualificação sobre a condição socioeconômica dos/as entrevistados/as. Para Minayo (2010), o roteiro serve para orientar a entrevista, sendo o elemento facilitador de abertura, ampliação e

⁵ Em uma das entrevistas, mesmo com o agendamento prévio, infelizmente, não foi possível a realização em uma sala adequada. Tal entrevista foi aquela com menor tempo de duração, 49 minutos. Mesmo assim, a entrevistada desenhou seu gráfico da TSP, ainda que em uma folha menor que aquela das demais entrevistas por preferência dela própria, mas também pelo tamanho das mesas que estavam disponíveis na sala de aula.

⁶ Em outros capítulos desse livro como, por exemplo, o capítulo 3 e o capítulo 7, de Maria Fernanda Diogo e de Maria Chalfin Coutinho e co-autoras, respectivamente, a TSP é apresentada de forma mais detalhada.

também aprofundamento da comunicação. Além de facilitador, ele deve possuir poucas questões e contribuir para a aparição da visão, dos juízos e das relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores. Zago (2003) menciona as entrevistas compreensivas e, apesar de defender a utilização de um roteiro, enfatiza que esse não deve ser um empecilho para o pesquisador; ele poderá ser modificado de acordo com as necessidades e os direcionamentos da pesquisa.

Ainda sobre o roteiro, a realização da fase de pesquisa exploratória mostrou-se útil para verificar se esse roteiro alcançava o que pretendia investigar, além de essa fase do estudo marcar o processo de entrada no campo, como mencionei. González Rey (2005, p. 110) recomenda que a “primeira atitude antes de selecionar alguém é envolver-se no campo para observar, conversar, conhecer, de forma geral, as peculiaridades do contexto em que a pesquisa será desenvolvida”.

Uma vez que pretendia compreender os sentidos do trabalho produzidos por recém-egressos do Ensino Superior a partir dos seus movimentos de inserção laboral, avantei a ideia do estudo ser longitudinal, inspirada em Diogo (2012)⁷. Após a avaliação da banca de qualificação do projeto de tese, o estudo longitudinal foi afastado tanto em função do tempo hábil para concretização da pesquisa quanto da dificuldade de acessar os(as) participantes em um segundo momento – a “viabilidade” como aponta Castro (2002). Como já explicado, acatei a sugestão da banca em inserir no contexto de realização das entrevistas a técnica da TSP, que também foi utilizada por Diogo (2012).

De todo modo, as trajetórias sociais (DUBAR, 1998; GAULAEC, 1987), identitárias (COUTINHO, 2009) ou TSP (SOARES; SESTREN, 2007), apontam uma teoria que relacione processos de significação, processos identitários e o trabalho, antes de serem consideradas uma estratégia metodológica, conforme explica Coutinho (2009). A autora aponta ainda a importância dos estudos que analisam a dimensão subjetiva dos trabalhadores nas mais diversas disciplinas que se propõem a investigar a relação Homem e Trabalho.

Quanto ao desenvolvimento da TSP durante as entrevistas, utilizei as recomendações propostas por Soares e Sestren (2007, p. 96)⁸, ainda que a origem epistemológica deste método seja distinta do arcabouço teórico-metodológico que adotei na tese, fundamentado na Psicologia Sócio-Histórica. Assim, todos(as) os(as) entrevistados(as) realizaram tal desenho; no entanto, a maneira de ser desenvolvida não foi homogênea: nem todos(as) construíram a TSP e, após, verbalizaram sobre ela. Alguns perguntavam como fazê-la ao longo de toda a confecção da tarefa, outros(as) solicitavam um modelo para iniciá-la. Em uma das entrevistas, por exemplo, o participante primeiro contou sobre sua trajetória para depois desenhá-la. Ainda assim, a maioria desenhou sua TSP durante alguns minutos e, então, contou sobre os fatos presentes em sua elaboração. Em alguns casos, também foi mencionada a natureza de “desabafo” possibilitada pela entrevista e pela técnica da TSP. Em todas as entrevistas, sugeri que os(as) interlocutores(as) realizassem o desenho da sua trajetória da forma e com o conteúdo que se sentissem à vontade, mas é possível que tal mediação tenha alterado a consigna para o desenvolvimento da TSP recomendada pelos(as) autores(as) que se utilizam dessa técnica (DIOGO, 2012; CARRETEIRO, 2013; GAULEJAC, 1987; SOARES; SESTREN, 2007).

Importante destacar que todos os desenhos das trajetórias socioprofissionais foram compreendidos como recurso complementar à entrevista e só foi possível analisá-los a partir dos discursos dos/as próprios/as entrevistado/as. Os trechos

⁷ No capítulo 3, o método desenvolvido por Diogo (2012) é descrito e aprofundado.

⁸ Apenas um dos entrevistados não solicitou um modelo, pois ele já sabia o que desenhar desde o início do encontro.

extraídos das transcrições das entrevistas junto aos(as) interlocutores(as) foram os materiais utilizados para responder aos objetivos da pesquisa, sendo o desenho das trajetórias uma forma complementar da apreensão dos sentidos atribuídos ao trabalho. Aguiar e Ozella (2006, 2013) sugerem os Núcleos de Significação como proposta para análise dos processos de significação, ancorados na Psicologia Sócio-Histórica e que inspiraram o processo de análise das informações produzidas. Esses autores também sugerem os desenhos, além de outros instrumentos de pesquisa, como uma forma de ajudar a se chegar aos Núcleos de Significação.

Em todos os casos, iniciou-se a entrevista sob a orientação daqueles/as estudiosos/as que propõem a realização da TSP e, posteriormente, a narração dos acontecimentos elencados pelo/a entrevistado/a. Como antecipado, no entanto, nem todos os interlocutores se dispuseram a primeiro desenhar e depois narrar seu desenho. Em quase todos os casos, os/as interlocutores/as questionavam “está completo?”, “o que mais eu coloco?”.

De alguma forma, esses sujeitos se sentiram constrangidos por não saberem desenhar ou por essa atividade não estar presente em suas rotinas. Por outro lado, o ato de desenhar possibilita o exercício da livre expressão, sem julgamentos entre o que seria certo e errado, belo e feio, dentre outros; o que foi sempre ressaltado por mim. Tal fato sugere também que, mesmo quando se propõe a livre expressão, predominou no imaginário desses jovens o que seria adequado ou inadequado se pôr no papel. É possível que esse desconforto tenha alguma relação com o que Vigotski [1930]/(2014, p. 45)⁹ chamou de “os tormentos da criação”. Em suas palavras,

A criação traz ao homem criador grandes alegrias, porém acarreta também sofrimentos conhecidos como tormentos da criação. Criar é difícil, e o impulso para criar nem sempre coincide com a capacidade para tal, por isso surge o sentimento de tortura e sofrimento; o pensamento não vai ao encontro da palavra, como dizia Dostoiévski. Os poetas chamam a esse sofrimento de o tormento da palavra (VIGOTSKI, 2014, p. 45).

Após o processo de criação das TSPs, observei que, assim como na pesquisa de Carreteiro (2013), ao longo da construção dessa trajetória, foram surgindo ali naquele espaço “zonas nebulosas” sobre a vida pregressa dos participantes e alguns fatos que nem eles(as) próprios(as) sabiam e, talvez, não estivessem dispostos(as) a saber o que tinha acontecido. Um dos administradores e uma das turismólogas entrevistadas, por exemplo, desconheciam a família paterna, sabendo muito pouco sobre a genealogia da família de seu pai devido a um rompimento da mãe com o pai quando ainda eram muito pequenos. Outras duas entrevistadas, por sua vez, conheciam os fatos, mas desconheciam alguns detalhes. Outra entrevistada mencionou que pouco sabe sobre as profissões dos seus avós paternos, pois nem o pai dela gosta muito de falar sobre isso, uma vez que o assunto lhe traz tristeza; afinal, eles morreram muito cedo. Outros/as entrevistados/as conheciam muito bem sua história, apesar de presentes algumas “zonas nebulosas” (Carreteiro, 2013) de suas vivências. Algumas doenças na família, sobretudo aquelas consideradas pelos(as) participantes como “doenças mentais”, também deixaram algumas dúvidas; no entanto, essas questões não foram exploradas nem analisadas, pois não eram objetos do estudo.

⁹ A data entre colchetes indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação dela no texto. Assim como em outros textos do mesmo autor, nas citações seguintes será registrada apenas a data da edição consultada.

Sobre a análise das informações produzidas no campo da pesquisa

Uma boa análise qualitativa interpreta o conteúdo dos discursos (a palavra, a “fala”) a partir de um recorte da realidade, em que a ação humana objetivada nas instituições permite compreender também o significado não manifesto. Dessa forma, compreender os sentidos do trabalho por meio do discurso dos(as) pesquisados(as) é possível por meio do entendimento de suas palavras, e, principalmente, da apreensão do seu pensamento, sempre emocionado (AGUIAR, 2006). Vigotsky [1934]/(2007, p. 48, grifo do autor) explica que “a análise em unidades torna-nos possível ver a relação entre as necessidades ou inclinações do indivíduo e o seu pensamento”, uma vez que há uma “*unidade dos processos afectivos e intelectuais*”. A esse respeito, Vigotsky (2007, p. 43, grifo do autor) propõe alguns questionamentos, a saber:

O sentido da palavra será linguagem ou pensamento? É uma coisa e outra ao mesmo tempo; é uma *unidade de pensamento verbal*. Torna-se, portanto, evidente que o nosso método terá de ser o da análise semântica. O nosso método terá de assentar na análise da dimensão de sentido da linguagem; terá de ser um *método de estudar o sentido verbal*.

Assim, a realização, repetidas vezes, das leituras “flutuantes” sobre o material textual produzido mediante a transcrição das entrevistas permitiu a familiarização e, decorrente, apropriação do material transcrito e que compõe os achados da pesquisa. Segundo Aguiar (2006, p. 18), é nesse momento, ainda empírico, que a primeira unidade enfatizada é “a palavra com significado”, o que leva a “destacar e organizar o que chamaremos de indicadores para a construção dos Núcleos de Significação”, os quais podem ser definidos como os reveladores da “essência dos conteúdos expressos pelo sujeito” (p. 19). A análise das informações deverá passar do empírico para o interpretado, passagem propiciada pelo processo de nuclearização.

Como mencionei previamente, o procedimento para análise foi inspirado nos Núcleos de Significação (AGUIAR, 2006; AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013). Esses emergiram *a posteriori*, e suas nomeações correspondem, como sugere Aguiar (2006), às falas encontradas no discurso dos próprios sujeitos, mas articuladas com o contexto social, político e econômico no qual os sujeitos estão inseridos, além da leitura teórica, marcando aqui o início da fase analítica dessa etapa do estudo. Enfim, busquei com essa análise a coerência de determinada modalidade de comunicação com vistas à produção de inferências a partir da Psicologia Sócio-Histórica e do campo dos estudos da Psicologia Social do Trabalho. Recorrendo mais uma vez a Aguiar (2006, p. 21), o processo de análise que pretendi buscava “realizar uma análise que apreenda o movimento, a historicidade, as contradições, de modo a avançarmos na apreensão dos sentidos do sujeito”.

Apesar de dinâmico, o processo de nuclearização pode ser entendido didaticamente a partir de três etapas: o levantamento dos pré-indicadores por meio das leituras flutuantes, a fase de aglutinação desse material e, finalmente, o estabelecimento dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). Em outros estudos que também recorreram aos Núcleos de Significação como forma de análise para os resultados, como, por exemplo, na dissertação de Borges (2010) e de outras autoras do presente livro, adotam-se representações gráficas ou tabelas para mostrar seu esforço na compreensão do complexo processo de significação dos sujeitos em relação ao seu trabalho e à sua trajetória laboral.

Dessa forma, construí os Núcleos de Significação a partir do processo de aglutinação dos elementos pré-indicadores de sentido das transcrições de cada entrevista realizada. Realizei esse procedimento com cada participante até que

pudesse visualizá-lo com todos(as) os(as) partícipes e, dessa forma, apreender os Núcleos de Significação em sua última fase, a de nuclearização. Aguiar e Ozella (2006, 2013) apontam a organização desse processo em quadros, o que também fiz. Esses quadros refletem a análise do social, mas ainda persiste a dúvida: como proceder à passagem da análise individual para a coletiva na busca da construção dos Núcleos de Significação? Assim como Alves (2009, p. 26), que investigou estruturalmente quinze entrevistas biográficas, essas inspiradas nos trabalhos de Didier Demazière e Claude Dubar¹⁰, realizadas com egressos da Universidade de Lisboa, o exercício de análise buscou “desconstrução e reconstrução de um texto à procura dos seus sentidos e da sua estrutura. [...] Mergulhei na primeira entrevista. Fiz a primeira análise e resultou. Fiz a segunda, a terceira. Nalguns casos tive de refazer a análise”. Assim, em alguns momentos, voltei novamente ao particular já “analisado” para prosseguir no processo. No quadro 1, a seguir, busquei sintetizar esse processo.

Quadro 1: Quadro de aglutinação e nuclearização de um dos entrevistados

Pré-Indicadores → aglutinação → Indicadores → nuclearização → Núcleos de Sig.		
Primeira graduação	O acesso à universidade	A universidade e o curso de bacharelado realizado
Universidade pública		
Vários vestibulares		
Administração desde o Ensino Médio técnico	O curso de bacharelado em Administração	
Acabou o curso sem experiência de estágio		
Vestibular da Rural foi diferente	A Universidade Rural	Trajetória laboral
Não reclamava do trabalho, mas tinha que seguir em frente	Trajetória laboral	
Novas responsabilidades		
Concurso já vem comigo	Concurso público	
Fiz alguns concursos		
Trabalhar e estudar no mesmo lugar, perto de casa		Projetos laborais e de vida
Poucos na família com graduação	Fatos marcantes do Ensino Fundamental até o Ensino Técnico	Marcas sociais: educação, família e sociedade
Ensino Médio técnico e música	Música	
Música era forte		
Gravei um CD		
Trabalho da mãe	Fatos marcantes na trajetória familiar	
Mãe: “Arte não é pra você trabalhar”		
Firmou noivado	Noivado e casamento	
Responsabilidades da Igreja	Participação na igreja	
Moravam no Rio e vieram pra cá	Nova Iguaçu	Concepções sobre o trabalho
Primeiro trabalho	Significados do mercado de trabalho	
Não passei, fui trabalhar		
Não sabia como acessar o mercado de trabalho		
“Você precisa buscar um trabalho”	Concepções de trabalho	
Auxiliar de Serviços Gerais		

Fonte: Informações da pesquisa (Obs.: foram apresentados apenas parte dos pré-indicadores).

¹⁰ A autora cita a obra *Analyser lés entretiens biographiques. L'exemple des récits d'insertion*.

Dessa forma, primeiramente foram construídos todos os pré-indicadores de todas as entrevistas – todos os quadros de aglutinação dos dezesseis participantes, individualmente – e a passagem para o coletivo somente ocorreu quando da elaboração dos indicadores para a apreensão dos sentidos. Foi tanto no processo de aglutinação quanto de nuclearização o momento em que visualizei todas as entrevistas coletivamente, em um quadro mais amplo.

Cabe lembrar que só foi possível a construção desses Núcleos de Significação, pois realizei o processo sintetizado anteriormente no Quadro 1. Além disso, cada Núcleo de Significação construído guarda correspondência tanto com os indicadores e os pré-indicadores quanto com a fundamentação teórico-epistemológica e os objetivos da pesquisa.

Assim sendo, foram construídos quatro Núcleos de Significação: 1) Marcas sociais: educação, família e sociedade; 2) A universidade e o curso de bacharelado realizado; 3) Trajetória laboral; e, finalmente, 4) Concepções sobre o trabalho. Nestes núcleos, busquei compreender as informações para além do aparente expresso nas falas dos/as interlocutores/as da pesquisa. Para maior detalhamento de cada Núcleo de Significação, sugiro a leitura da tese (D'AVILA, 2014) e/ou do artigo que sintetiza seus principais resultados (D'AVILA; COUTINHO, 2019).

Algumas considerações

Ao revisitar o trabalho desenvolvido durante o processo de doutoramento, o distanciamento temporal de mais de seis anos permite reavaliar algumas questões metodológicas e experiências como pesquisadora. Ao detalhar o método construído na intenção de subsidiar argumentos teóricos e empíricos para sustentar a tese defendida naquele momento, percebo, hoje, o quanto esse processo é fundamental para o processo de tornar-se pesquisador/a em determinada área. Considero importante que cada pesquisador/a possa ter momentos de refletir sobre sua própria trajetória laboral, como pude fazer ao reler e (re)escrever este capítulo, por meio da leitura das trajetórias laborais dos interlocutores/as de minha pesquisa.

Sobre as trajetórias laborais, foi possível compreendê-las por meio de seus movimentos, nos momentos em que os/as participantes da pesquisa descreveram sobre seus percursos em direção à inserção profissional. Assim sendo, a técnica da TSP, de forma complementar às entrevistas, foi significativa para mostrar como esses jovens profissionais construíam esses percursos de inserção, mudança ou permanência em seus loci de trabalho, mostrando também com quem mais dialogavam nesses processos. Os sentidos que atribuíam ao trabalho mostraram-se diversos, mas congruentes com os significados do trabalho no âmbito do capitalismo. Conforme Antunes (2011, p. 435, grifo do autor) “O trabalho converteu-se, portanto, em *meio* e não mais na *primeira necessidade* para a realização humana”.

Outra consideração é sobre os demais pesquisadores/as envolvidos/as na pesquisa. De forma diferente dessa que escrevi neste capítulo, Castro (2002) reflete sobre as “memórias de um orientador de tese”, o que me fez refletir também sobre as orientações no mestrado e no doutorado e, mais recentemente, sobre as orientações junto aos estudantes que agora estão sob minha supervisão na graduação e na pós-graduação. A tarefa de escrever uma tese parece solitária em alguns momentos, mas ao longo desses anos fui sempre amparada pelo grupo de pesquisa que participo, o Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS) – grupo que congrega pesquisadores/as que escrevem o presente livro. Além disso, embora tenha escrito em primeira pessoa neste capítulo, é importante mencionar que, em todos os momentos do doutorado, em cada detalhe, a presença da orientadora foi fundamental.

Essa postura também auxiliou sobremaneira o processo de “tornar-se orientadora” de outros pesquisadores/as iniciantes no processo de investigação.

Assim, ao refletir sobre o método desenvolvido, revisei os fundamentos teóricos metodológicos que fizeram parte da investigação. Apesar das publicações da tese sob a forma de artigos em periódicos científicos – citadas ao longo do texto, a parte destinada ao método não foi tão detalhada nessas publicações quanto foi aqui no presente capítulo. Nesse sentido, espero que futuros/as pesquisadores/as possam pensar em seus desenhos de pesquisa associados aos seus objetos de estudo sempre guiados/as pelas ferramentas teóricas e metodológicas pertinentes.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A pesquisa junto a professores: fundamentos teóricos e metodológicos. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de (Org.). *Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 11-22.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf> Acesso em: 14 jan. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista brasileira de Estudos pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr., 2013. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/2271/1908> Acesso em: 23 jun. 2013.

ALVES, Natália. *Inserção profissional e formas identitárias: o caso dos licenciados da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2. ed. revisada e ampliada. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Jovem-Aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93666/280625.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 nov. 2013.

BRASIL. *Lei n. 11.129, de 30 de junho de 2005*. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis n.os 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm. Acesso em: 20 ago. 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília, 2012a. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2013.

BRASIL. *Estatuto da Juventude*. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acesso em: 18 ago. 2013.

CARRETEIRO, Tereza Cristina Othenio. Telescopagem geracional: entre aspectos familiares, políticos, históricos e fronteiriços. In: Feres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 35-52.

CASTRO, Cláudio Moura. Memórias de um orientador de tese: um autor relê sua obra depois de um quarto de século. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). *A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. p. 109-134.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25749>. Acesso em: 29 abr. 2021.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de. Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In M. C. COUTINHO; M. H. BERNARDO; L. SATO (Org.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréia Vieira. Ética na pesquisa: concepção de sujeito na norma brasileira. *Polis e Psique*, v. 1, n. 1, p. 25-41, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/20145/25599>. Acesso em: 13 mar. 2013.

D'AVILA, Geruza Tavares. *Os movimentos laborais e os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais*. Florianópolis. Tese de doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

D'AVILA, Geruza Tavares *et al.* Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 350-358, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200016&lng=en&nrm=iso Acesso em: 29 abr. 2021.

D'AVILA, Geruza Tavares; COUTINHO, Maria Chalfin. Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, v. 50, n. 2, p. e29659, 1 ago. 2019.

DIOGO, Maria Fernanda. *"Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar."* Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada. Florianópolis. 259f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e Sociedade*. Vol. 19 n. 62 Campinas Abr, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002 Acesso em: 20 nov. 2013.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In Martin W. BAUER; George GASKELL (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Tradução Pedrinho Guareschi. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015. p. 64-89.

GAULEJAC, Vincent De. *La nevrose de classe: trajectoire socieale et conflits d'identité*. Paris: Hommes & Groupes Editeurs, 1987.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em Saúde. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 9-28.

SOARES, Dulce Helena Penna; SESTREN, Gisele. A trajetória socioprofissional. In: BARROS, Delba Teixeira Rodrigues; LIMA, Mariza Tavares; ESCALDA, Rosângela. (Org.). *Escolha e Inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições. Orientação Profissional: Teoria e Técnica – Volume 3*. São Paulo: Editora VETOR / ABOP, 2007. p. 81-96.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo (1987) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criatividade na infância*. Tradução João Pedro Fróis. São Paulo: Martins Fontes, 1930-2014.

VIGOTSKY, Lev S. O pensamento e a Palavra. *In: VIGOTSKY, Lev S. Obras escolhidas*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1934-2007. p. 313-373.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de constituição: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

Capítulo 5

O COTIDIANO DA VIDA UNIVERSITÁRIA DE JOVENS GRADUANDOS QUE CONCILIAM ESTUDO E TRABALHO¹

Regina Célia P. Borges (*in memoriam*)
Maria Chalfin Coutinho

Introdução

O atual contexto histórico-social, cultural e econômico, fundado no sistema capitalista, atravessa a vida cotidiana de jovens onde quer que estejam inseridos. Quando refletimos sobre sua inserção no contexto universitário, é possível levantar inúmeras questões: será que esse processo também promove no jovem universitário fragmentações, acelerações, limitações e alienações em seus modos de vida? Os jovens comandam suas vidas ou são conduzidos a modelos e discursos padronizados de alienação?

Questões como as acima apontadas suscitaram o desenvolvimento de uma pesquisa para retratar a vida cotidiana dos jovens em dois “campos” imbricados e em constantes transformações: trabalho e educação. O primeiro deles refere-se ao chamado “mundo do trabalho”, com suas mutações de ordem objetiva, mas também subjetiva, as quais transformam os trabalhadores em “sujeito-objeto”.

É o trabalhador “convertido” em mercadoria. E, no cenário coexistente, a precarização social do trabalho se tornou evidente numa concepção histórico-dialética (MARX, 1988). No percurso entre os séculos XX e XXI, continuidades e rupturas balizaram os contextos micro e macrossocial e um capitalismo cada vez mais multiforme, originou novas e diversas morfologias na categoria trabalho (ANTUNES; ALVES, 2004; DRUCK, 2011; ANTUNES, 2012).

No segundo campo, relativo ao cenário educacional, Santos (2005) também sinaliza a ocorrência de mudanças significativas nos últimos anos, notadamente na educação de Ensino Superior, apontando para uma globalização neoliberal e mercadorização das universidades, incluindo neste rol também aquelas de caráter público.

Na mesma linha de pensamento, Sguissardi (2006, 2008) analisa o sistema universitário brasileiro e suas atuais características nomeadas por ele de “neoprofissionais” (grifo do autor), sob as quais a geração de novas carreiras segue padrões e interesses do mercado de trabalho. O autor ainda questiona a respeito da relação qualidade e quantidade no meio universitário, no qual a expansão de vagas e de universidades, sejam públicas e/ou privadas, não necessariamente resulta em uma formação mais adequada e, por meio das expressões “educação-mercadoria” ou “mercadoria-educação” (grifo do autor), interroga: quais serão os caminhos predominantes?

Os achados nas pesquisas de Corrochano (2013); Raitz (2011) e Ibase (2010)

¹ O presente capítulo consiste em uma versão revisada de um texto elaborado pelas autoras em 2018 com vistas à publicação em uma revista científica, a qual não foi efetivada.

retratam o quanto o curso universitário se faz cada vez mais presente nos discursos e projetos das populações juvenis, opção esta que transcende às diferentes realidades sociais nas quais os jovens se inserem.

Desse modo, a intenção de tornar-se um universitário é reiterada pelas diferentes juventudes. “O projeto profissional de ingresso no ensino superior torna-se necessário para ser alguém no contexto da atual realidade brasileira” (D’AVILA, VERIGUINE, BASSO; SOARES, 2011, p. 75). Para Romanelli (1995) são diversos os motivos que levam as juventudes a buscarem um curso superior, no entanto, o autor considera como ponto convergente para aqueles que objetivam um diploma universitário considerá-lo como um instrumento de acesso e/ou avanço profissional.

Pochmann (2004, 2007) apontava que caminhamos na tendência contrária a de países desenvolvidos, pois, a cada dez jovens brasileiros, sete já iniciaram uma atividade profissional, fazendo da combinação estudo-trabalho uma fonte que produz e reproduz desigualdades. Perante uma massificação da educação que se “curva” para atender ao mercado de trabalho, a continuidade dos estudos, embora necessária, não é mais suficiente para garantir uma inserção laboral bem-sucedida.

Para estudar essa configuração da díade educação-trabalho, a questão da juventude foi analisada desde uma concepção sócio-histórica, na qual o sujeito não é naturalizado, mas sim capaz de ‘inventar-se’ constantemente, entendendo que “o jovem não é algo por natureza” (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2007, p. 168). Ou seja, pensar as juventudes na sua pluralidade implica considerar suas histórias e vida cotidiana entre estudo e trabalho, levando em conta as subculturas, estilos de vida e demais diferenças sociais.

Na direção apontada por Corrochano (2013, p. 24), considera-se que “olhar para a universidade e para os jovens universitários pode se constituir em uma melhor maneira de compreender muitos dos dilemas vividos na sociedade brasileira contemporânea”. Assim, a pesquisa aqui apresentada buscou compreender a vida cotidiana de jovens estudantes universitários que conciliam estudo e trabalho. A tese de doutorado (BORGES, 2017) resultante dessa pesquisa foi fundamentada na leitura helleriana de vida cotidiana. Com esse referencial teórico, o estudo foi desenvolvido para possibilitar a aproximação com a vida cotidiana dos jovens participantes, estudantes de uma universidade pública federal localizada numa capital da região sul do país. O propósito do presente capítulo é apresentar alguns resultados de pesquisa e destacar a potencialidade das escolhas metodológicas empreendidas.

O texto, organizado de modo a situar a pesquisa com destaque para o método, segue com uma breve exposição sobre a categoria cotidiano tal como embasou a tese. A seguir, o percurso metodológico é apresentado, desde sua concepção até os procedimentos para levantamento e análise das informações. Após, são expostos alguns resultados do estudo, centrados na análise das trajetórias dos jovens. Por fim, são tecidas algumas reflexões sobre a potencialidade do contato de longo prazo com os jovens participantes do estudo, por meio de entrevistas recorrentes e de outras ferramentas de pesquisa, para o acesso à vida cotidiana dos jovens universitários.

O Cotidiano

Segundo Levingard e Barbosa (2010, p. 85), “os estudos sobre o cotidiano desenvolveram-se no bojo das transformações que aconteceram no terço final do século XX”, em relação às mudanças do sistema de produção capitalista. São exemplos desta a globalização, as inovações tecnológicas e a substituição do modelo taylorista-fordista pelo modelo toyotista, dando ênfase às flexibilizações tanto de ordem objetiva quanto subjetiva.

Para Tedesco (1999), por meio da chamada “sociologia da vida cotidiana”, instaura-se uma (re) valorização da noção de senso comum, recolocando o ser humano como agente de construção de sua própria história. Portanto, “é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos momentos da invisibilidade da reprodução, que se promovem ocasiões da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão” (MARTINS, 1998, p. 57).

Pais (2003), ao conceituar o cotidiano ou a vida quotidiana, pontua que esta tem de ser compreendida por meio da fragmentação, do híbrido, um verdadeiro mosaico. A ideia expressa pelo termo “cotidiano” é de “rotina”, um fazer sempre igual, sem inovação. Sabe-se que há uma regularidade e ações repetitivas no curso dos cotidianos, pois a rotina é um componente basal dentro das atividades sociais diárias. Contudo, ressalta o mesmo autor, nas raízes etimológicas da palavra “rotina” surgem outros caminhos semânticos, direcionando o termo para novos signos, concebendo-lhe um conceito de rota, caminho, ruptura, do latim *via*, *rupta*.

Em meio a outros autores, a opção, neste estudo, seguiu as lentes propostas por Agnes Heller² para conceituar a categoria cotidiano. Heller (1994, 2008) enuncia que todos os homens/indivíduos já nascem inseridos na cotidianidade. Assim, ela define vida cotidiana como um conjunto de atividades que possibilitam a reprodução de cada sujeito em sua individualidade e, conseqüentemente, também a reprodução social. As concepções da autora se evidenciam em algumas de suas célebres expressões: “a vida cotidiana é a vida de *todo* homem” e “a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*” (HELLER, 2008, p. 31, grifo da autora).

Desde o nascimento, todos já são “inseridos” na vida cotidiana e encontram um mundo social já construído anteriormente. Num universo cultural humano, que será estendido durante toda a sua vida, o indivíduo, por meio de mediações com outros seres humanos, em grupos como a família, a escola, o trabalho e outras comunidades, segue seu crescimento obtendo as habilidades necessárias para viver em seu contexto social, sendo que alguns conhecimentos são eliminados e outros introduzidos, atendendo a cada época e camada social.

Em suas palavras, Heller (2008, p. 68) declara que “todo homem³ é, ao mesmo tempo, ente particular-individual e ente humano-genérico, ou seja, uma ‘singularidade’ e, simultaneamente, uma parte orgânica da humanidade, da história humana”. Assim, faz-se oportuna a teorização proposta por Heller, ao permitir que o olhar para a vida cotidiana compreenda tanto ao nível psicológico e heterogêneo de cada sujeito, como também sua inserção social, já que é na vida cotidiana que o ser humano se reproduz como sujeito histórico. Assim, é possível estabelecer uma interligação entre esta perspectiva de vida cotidiana e a concepção de um sujeito sócio-histórico, produto e produtor do meio social, também adotada no presente estudo.

Heller (1994, 2008) enuncia que a vida cotidiana segue uma estruturação formada por um conjunto de atividades, por meio das quais cada indivíduo expressa seus modos de ação, pensamentos e sentimentos, apreendidos nas mediações grupais e objetivados no seu viver diário, indispensáveis para sua própria reprodução. Para a autora, a característica dominante da vida cotidiana é a “espontaneidade”, ou seja, o pensar e o agir acontecem sem reflexão consciente, de forma automática. Sem a espontaneidade, nossa vida se tornaria inviável para a produção e reprodução social. Porém, essa mesma espontaneidade, que nos determina um ritmo fixo, de repetição nos hábitos diários é, dialeticamente, o “caminho” para nossas produções acima da cotidianidade.

² A filiação da pesquisa à leitura helleriana da vida cotidiana foi mais bem explicitada em Borges (2017) e em Borges e Coutinho (2018).

³ As expressões “homem” e “indivíduo” são nomenclaturas utilizadas por Heller, as quais, quando aqui utilizadas, considerarão as variações de gênero.

Continuando, Heller (2008) indica que a vida cotidiana tem também como características a “heterogeneidade” e a “hierarquia”. É heterogênea em relação ao seu conteúdo, pois atuamos de modo singular mediante nossas significações, ações e pensamentos para a organização do trabalho, da vida privada, do lazer e do descanso. É hierárquica, pois as atribuições das atividades seguem uma escala de valores pessoais que são mutáveis e, desse modo, escolhas são necessárias e influenciadas de acordo com a estruturação socioeconômica vigente e pelo desenvolvimento humano.

Outra forma que baliza a vida cotidiana é a “probabilidade”. Em nosso cotidiano, estabelecemos uma relação objetiva de probabilidade, não sendo viável dentre as atividades cotidianas executadas que fossem requeridas certezas científicas para sua ação, por exemplo, podemos tomar o ato de atravessar uma rua. Nessa situação, costumamos olhar para os dois lados da via e “calcular” mentalmente quando seguir sem sermos atropelados por um veículo. A autora segue afirmando que a vida cotidiana também aponta para o “economicismo”. Nessa ação e/ou pensamento, o indivíduo guia-se pela “lei do menor esforço”, ou seja, busca formas rápidas, de menor tempo e esforço físico e intelectual, visando “dar conta” do seu conjunto heterogêneo de atividades com base em suas probabilidades.

O “pragmatismo” também é um elemento da vida cotidiana, de acordo com Heller (2008). Assim, o cotidiano toma o valor prático de verdade, sem ater-se a teorizações, na maior parte os nossos dias. A “ultrageralização” é outra forma característica do pensamento cotidiano. Nesta, os indivíduos agirão a partir de generalizações de sua própria e prévia experiência anterior ou daquelas disseminadas socialmente, por meio de uma avaliação probabilística e, assim, os preconceitos acabam sendo disseminados.

Heller (2008) ainda afirma que não há vida cotidiana sem “imitação”, seja para os hábitos, utensílios e usos de uma sociedade, ou na imitação de outras pessoas, formando assim um processo de aprendizagem. Por fim, chegamos à “entonação”, sendo essa entendida como uma “ultrageralização emocional”, ou seja, uma forma de “tom” afetivo característico em cada pessoa.

Todas essas estruturas são indispensáveis para a vida cotidiana. Todavia, o importante é que exista uma margem de movimento, pois do contrário, quando essas formas se tornam cristalizadas, o indivíduo encontra-se diante da alienação da vida cotidiana (HELLER, 2008) e segue um curso consuetudinário rígido e, por vezes, com pouca consciência.

Dessa forma, diante de uma alienação da vida cotidiana, o indivíduo fica impedido, cerceado social e psicologicamente, de “expandir-se” para as esferas da não cotidianidade, ficando restrito em sua vida cotidiana particular. Apesar desse cenário, no qual nossas vidas parecem fadadas a ser/estar alienadas, Heller (2008) enfatiza que a vida cotidiana não é sempre e necessariamente alienada, em decorrência da sua estrutura, mas, principalmente, pelas conjunturas sociais e modelos econômicos. Entretanto, margens e possibilidades sempre existiram para que o indivíduo possa pensar e agir conscientemente, pois na vida cotidiana sempre há uma possibilidade de hierarquia espontânea, permitindo assim acesso à individualidade.

Para Heller (1994), a genericidade é o processo no qual o indivíduo efetiva-se por meio da homogeneização, ou seja, uma ativa concentração em uma única tarefa e, desse modo, quando retorna à vida cotidiana, para as tarefas do seu dia a dia, ele tem maior consciência de sua práxis social. Todavia, o ser humano, nas condições de manipulação e alienação, acaba por se “dividir” em muitos “papéis” e, ao deixar de atingir sua individualidade, direciona a condução de seu cotidiano meramente na efetivação desses papéis, estereotipados em clichês (Heller, 1970/2008).

Tedesco (1999, p. 158) realça, dentro do pensamento helleriano, que “o indivíduo alienado é um ente fragmentado, vítima de uma cisão entre a personalidade e a existência autêntica” e, assim, nas esferas da realidade são as atividades heterogêneas que mais nos aproximam da alienação. A divisão social do trabalho, por exemplo, expõe cotidianamente o homem a agir com definidas disciplinas no trabalho e em inúmeros “papéis”, além do de trabalhador.

De tal modo, a vida cotidiana, conjunto de reproduções, de automatismos e mudanças, seria composta por ciclos, sendo o menor deles um dia, destacando a estruturação da vida cotidiana e as objetivações dela decorrentes. Entretanto, quando não percebemos nossas ações no tempo presente, vamos, cada vez mais, tornando-nos inconscientes e conduzidos pelo contexto social, pois o tempo parece “escapar” do nosso controle e passamos a ser dominados por contingências.

Em nosso dia a dia, combinam-se a dialética entre as pequenas e grandes ações, concebendo que o cotidiano seria o tempo presente, atual, que vai compondo o fluxo de vida de cada um e, conseqüentemente, da sociedade. Dessa maneira, esse tempo presente não é mera propagação do passado e formaria uma tríade temporal, entre passado, presente e futuro, sendo este último um rol de probabilidades em aberto.

Percurso metodológico

O desenho metodológico da investigação se assentou em alguns pressupostos, entre os quais o de considerar o pesquisador como parte integrante do itinerário de pesquisa. O estudo também foi norteado pelo pressuposto de que uma pesquisa deve sempre se basear em conceitos éticos e metodológicos e tomar como tarefa social o compartilhamento das informações levantadas e analisadas. Assim sendo, na pesquisa qualitativa, a concepção e atuação do pesquisador e das demais pessoas que fazem parte do estudo devem pressupor um processo dialógico (COSTA, 2002; GONZÁLEZ REY, 2005).

Os caminhos são traçados pelo pesquisador, entendendo que pesquisar é uma ação irregular e contínua, portanto, longe de seguir um fio rígido. No momento empírico, deve-se dar ênfase ao processo de construção de saberes, mais do que a busca de respostas propriamente ditas, saindo do foco instrumental para chegar à elaboração do conhecimento. González Rey (1998) observa que a constituição do indivíduo dá-se por meio de uma integração com o processo histórico-social e cultural.

No presente estudo, os participantes, jovens universitários e, também, trabalhadores, foram contatados junto à Universidade Federal na qual estudavam e, neste universo físico, participaram um total de dez jovens, que conciliavam estudo e trabalho, sendo três homens e sete mulheres. Sobre a categoria “trabalho”, foram considerados trabalhadores os jovens que atuavam em empregos formais, em atividades da chamada “informalidade”, estagiários e bolsistas, ou seja, estudantes que exerciam uma atividade laboral, sendo esta remunerada, ou não, compreendendo a categoria trabalho, para além do emprego. O critério relevante era que fizessem a conciliação estudo-trabalho em seus cotidianos.

Os participantes foram estudantes de diferentes cursos de graduação, com atividades laborais também diversificadas, para contemplar o acima exposto e refletir sobre variadas modalidades de inserção no mercado de trabalho. Também foram oriundos de cursos realizados em diversos horários, perfazendo os períodos matutino, vespertino e noturno. Quanto ao recorte etário, seguimos a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para as juventudes, considerando participantes até os 29 anos de idade.

A pesquisa foi desenhada com a realização de três encontros com cada um dos sujeitos, num intervalo médio de trinta dias entre os contatos. O convite para participação na pesquisa se deu em sala de aula⁴, com uma breve explanação da pesquisa e registro do contato dos estudantes interessados. A partir daí, os jovens foram contatados individualmente para agendamento dos encontros realizados na universidade durante o segundo semestre de 2013 e primeiro de 2014. No primeiro encontro, receberam informações sobre a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Cabe observar que a investigação foi previamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade.

Nos três encontros recorrentes, a entrevista na modalidade compreensiva foi tomada como instrumento principal. Zago (2003), ao descrever suas experiências com a concepção compreensiva de entrevista, situa a atuação do pesquisador como diferente do modelo clássico de pesquisa, ou seja, ele atua com margens de possibilidades: “Campo, método e teoria não são camisas-de-força que dominam o pesquisador e impedem descobertas de novos caminhos” (ZAGO, 2003, p. 296).

No primeiro contato, por meio de entrevista com uso de um roteiro com campos temáticos, foi estabelecida uma conversação passando pelos seguintes tópicos: vida pessoal/familiar, vida educacional e vida profissional; permitindo ao entrevistado possibilidades de argumentações das suas motivações e crenças. Ao término desse momento, foi entregue o formulário impresso da Agenda Colorida e também solicitada a confecção de fotografias que registrassem cenas cotidianas.

No segundo momento, a Agenda Colorida e as fotografias das cenas cotidianas balizaram o diálogo. A agenda colorida⁵ se constitui de um instrumento contendo os dias de uma semana, divididos em períodos de cada hora, das 6 da manhã às 24 horas. Para este estudo, foi feita uma readequação na divisão dos horários em vinte quatro horas consecutivas, para ajustar à realidade dos jovens participantes. Assim, foi solicitado aos jovens que registrassem todas as suas atividades, diferenciando cada uma delas com uma coloração diversa, de modo a facilitar a visualização desse rol de ações na semana. E cada sujeito pôde tecer seus comentários sobre as atividades cotidianas ali registradas.

A produção fotográfica de cada participante teve uma abordagem autofotográfica, ou seja, as imagens foram produzidas pelos próprios sujeitos participantes, por meio da seguinte consigna: fotografem sua vida cotidiana. Foi solicitada aos jovens a produção de no mínimo sete e no máximo dez imagens. Por considerar a fotografia como um instrumento de pesquisa bastante significativo dentro das investigações do cotidiano, no presente estudo, foi retomada uma experiência anterior de fazer uso das fotografias como ferramenta de pesquisa (BORGES, 2010), pesquisa que inspirou o uso de imagens em outros estudos do NETCOS, como foi apontado no capítulo 2. Toda imagem condensa muito signos e uma fotografia pode “falar” muito além do que seu próprio produtor relata em sua narrativa, a imagem

⁴ Existe na universidade uma disciplina optativa de planejamento e orientação de carreiras aberta a estudantes de todos os cursos, ministrada por docentes do departamento de psicologia. A professora ministrante da disciplina à época foi consultada e, gentilmente, abriu um espaço em suas aulas para divulgação da pesquisa, o que possibilitou o contato com alunos dos diferentes cursos de graduação. Para contemplar graduandos das diversas unidades de ensino da universidade, também foi feita a divulgação da pesquisa em disciplinas específicas de diferentes cursos.

⁵ A adaptação da Agenda Colorida foi desenvolvida e utilizada por Soares e Costa (2011) em programas de aposentadoria a partir do instrumento de pesquisa utilizado por Sarriera, Tatim, Coelho e Busker (2007) na investigação do uso do tempo livre por adolescentes. O uso desse instrumento no presente estudo inspirou outras pesquisas desenvolvidas no NETCOS, como o caso da pesquisa com as trabalhadoras domésticas apresentada no capítulo 7 deste livro.

demonstra uma escolha e a história pessoal na imagem ali “congelada”.

O terceiro e último encontro foi realizado utilizando uma adaptação da Técnica do Sósia (CLOT, 2006). A técnica em si consiste em convidar os trabalhadores a dialogarem sobre seu trabalho, de forma minuciosa, como se estivessem instruindo um substituto, um sósia, alguém que pudesse desempenhar da mesma maneira as tarefas (BATISTA & RABELO, 2013). Em uma versão “mais suave”, a Agenda Colorida foi retomada e foi solicitada aos sujeitos da pesquisa a escolha de um dia da agenda para que pudessem assim detalhá-lo, não somente sobre o trabalho, mas todo o seu dia em si a partir da seguinte consigna: amanhã eu irei te substituir em suas tarefas e preciso saber em minúcias o que acontece no seu dia típico, ou seja, o que fazer: que horas vou acordar? Como vou me preparar para aquele dia? Que horas almoço? Que horas vou voltar para casa? São alguns exemplos. Ainda, foi solicitado aos jovens que pudessem manifestar os sentimentos vivenciados naquele dia. E, nesse caminho metodológico, o campo foi encerrado, sendo todas as entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas.

A escolha do caminho analítico foi previamente pensada durante o trajeto da investigação, contudo, também buscando obter conformidade com as opções teórico-metodológicas utilizadas. Dentre as possibilidades, a compreensão das informações coletadas foi inspirada na proposta dos Núcleos de Significação. Esse procedimento foi idealizado por Aguiar e Ozella (2006), seguindo uma abordagem da Psicologia Sócio-Histórica e, assim, pertinente com as opções teóricas adotadas no estudo.

Para iniciar esse processo analítico, várias leituras flutuantes, de todo material coletado, foram realizadas, o que possibilitou realizar uma listagem dos pré-indicadores para cada um dos dez jovens participantes. Os chamados pré-indicadores devem emergir em grande número, consolidando amplos campos de possibilidades futuras para a nuclearização final. São eleitos como pré-indicadores os temas que sejam mais recorrentes, os narrados com ênfases, com carga emocional, além de ambivalências e contradições que tenham importância dentro dos objetivos da investigação. Para concluir essa etapa, uma única lista de pré-indicadores unificou os resultados de todos os sujeitos. A organização dos pré-indicadores para cada um dos dez participantes, somente depois unificados para todos, difere da proposta original de Aguiar e Ozella (2006), que elegem apenas um participante para o processo de análise, na mesma direção da análise efetuada em pesquisa anterior (BORGES, 2010) e em outras pesquisas do NETCOS apresentadas em outros capítulos do livro.

Concluída a fase dos pré-indicadores, em novas leituras consecutivas, eles foram aglutinados, formando os indicadores. Os critérios que regem essa união são as similaridades, as complementaridades ou as contraposições. Lembrem, Aguiar e Ozella (2013), da necessidade das novas (re)leituras das entrevistas a cada fase do procedimento analítico. É o ir e o vir do pesquisador ao seu material analítico, um jogo analítico dialético entre análise e interpretação, tal como uma composição musical que vai unindo “melodia” e “letra”. Assim vão se aglutinando as palavras indicativas dos pré-indicadores com os contextos dos indicadores, dando origem, neste estudo, a dois núcleos de significação: 1) Trajetórias profissionais e educacionais: entre incertezas e expectativas na vida dupla; e 2) O cotidiano e as histórias estudantis e laborais – quando a gente se dá conta e para pra pensar assim: o que eu faço no meu dia a dia? Neste capítulo, a partir de um recorte da investigação, será apresentado a seguir o primeiro núcleo.

Trajétórias educacionais e profissionais: entre incertezas e expectativas.

Os temas que envolveram o núcleo aqui apresentado são relacionados às prioridades entre o estudo e o trabalho ou entre o trabalho e o estudo nas vidas cotidianas dos jovens, considerando escolhas e inserção profissional, sentidos do trabalho e projetos dos jovens universitários. Didaticamente, os sujeitos da pesquisa foram subdivididos em dois grupos: os estudantes-trabalhadores e os trabalhadores-estudantes que assim se autodenominaram, quando questionados nos momentos de entrevista.

Assim, conceitualmente as definições do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante foram delineadas a partir dos estudos de Foracchi (1977), datados aos anos de 1970, período em que a autora considerou relevante a participação do jovem estudante nos processos de transformação social brasileira. Disse Foracchi (1977), àquela época, que o acesso aos níveis superiores de ensino era balizado pelas camadas sociais da pequena-burguesia (expressão da autora). De lá para os dias de hoje, mudanças nesse cenário foram recorrentes e, à época da pesquisa de campo, vivia-se um processo de expansão do Ensino Superior, todavia ainda insuficiente.

As contribuições conceituais lançadas por Foracchi ainda são relevantes e, frequentemente, utilizadas por pesquisadores que na atualidade transitam pela tríade juventudes, trabalho e educação, a exemplo de D'Avila (2014), Vargas e Paula (2013) e Corrochano (2013). De tal modo, para Foracchi (1977), o estudante-trabalhador é aquele jovem que estuda e trabalha, mas tem também respaldo financeiro familiar e, habitualmente, estuda nos períodos matutinos e/ou vespertinos. Já o trabalhador-estudante precisaria subsidiar, além dos estudos, também todos os seus custos de vida pessoal e, em geral, estuda no período noturno.

Mas, para olhar o momento presente da vida cotidiana de cada jovem participante, foi solicitada sua autodenominação e, obviamente, sem conhecimento das definições teóricas de Foracchi, autointitularam-se estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante, mediante uma escolha entre suas prioridades e, também, já definindo uma hierarquia para aquele momento em suas vidas. Consideraram-se estudantes-trabalhadores sete entre os dez participantes, foram eles/elas: Ana⁶, Joana, José, M, Marcela, Manuela e T. Já os três autodenominados de trabalhadores-estudantes foram Cléo, Gerson e L. M..

Para Heller (2008, p. 60), além de heterogênea a vida cotidiana é também hierárquica: “Sabemos que a vida cotidiana tem sempre uma hierarquia.”. Essa hierarquia é mutável, por isso sofre variações nas diversas estruturas socioeconômicas e culturais. Seguem os comentários dos participantes sobre a autodefinição:

[...] uma estudante que trabalha, com certeza, eu sou muito mais focada nos meus estudos do que no meu trabalho (Marcela).

Eu tento dá um peso maior pro estudo assim, pro TCC, porque eu quero me formar logo, assim... meu TCC que é mais importante de todos, assim, sem ele eu não me formo (José).

[...] se um dia o trabalho tiver atrapalhando os meus estudos, eu não penso duas vezes em abandonar e focar no que eu acho mais importante. (Marcela).

Sinceramente, uma trabalhadora que estuda... sessenta pro trabalho e quarenta pro estudo (L. M.).

[...] estudo, ele entra de vez em quando no horário de trabalho (Cléo).

⁶ Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos participantes. Quando não fizeram uma escolha, optamos por utilizar somente as iniciais dos nomes.

De modo geral, na leitura helleriana, as hierarquias são expressas por meio das motivações individuais. Diante da necessidade de conciliação estudo e trabalho, as falas acima revelam ser uma prioridade para esse coletivo o acesso aos estudos universitários, entretanto as duas últimas falas, de jovens autodenominados como trabalhadores-estudantes, evidenciam um maior peso do trabalho entre suas atividades cotidianas.

No que se refere às escolhas, essas fazem parte do nosso dia a dia e, dentre muitas, a escolha profissional é uma das que mais mobilizam jovens e adultos. Soares (2002) comenta que a escolha profissional sofre influências temporais, da infância, do estilo de vida e das expectativas quanto ao futuro, assim, é carregada de afetos, esperanças, medos, incertezas de quem escolhe e do seu contexto familiar.

Álvarez Hernández (2001), marcando as transformações econômicas mundiais entre os séculos XX e XXI, ressalta que os fenômenos da globalização criaram novas demandas e exigências, tanto para os futuros como para os profissionais já em atuação laboral. Tais alterações indicam novos cenários de orientação profissional, como ocorre para os jovens, que se encontram “dispersos” num rol cada dia mais amplo de opções. Foi possível observar, nas narrativas dos sujeitos, no que se refere às escolhas profissionais, que elas aconteceram sem auxílio de um processo de orientação profissional. Em seus discursos, os participantes destacam terem realizado escolhas, basicamente, seguindo influências familiares, elegendo uma ou várias opções profissionais, revelando pouco conhecimento de si e das profissões, o que limitava o discernimento e a crítica pessoal. Vejamos:

[...] quando chegou na terceira fase, que a gente meio deixa de ser calouro, eu vi que na verdade eu não tinha consciência nenhuma pra ter tomado aquela decisão (Joana).

Eu não sabia o que eu queria da faculdade e comecei a trabalhar, fiz cursinho um ano, dois anos... e a pressão de casa que é a pior (se refere à mãe)... eu me inscrevi pro vestibular pra Fono, eu escolhi Fono pelo baixo índice de procura e por ser na área da saúde, que eu gosto muito. (Cléo).

[...] eu tentei prestar vestibular, algumas vezes, umas cinco... aí teve um ano que eu me cansei... vou fazer pra qualquer coisa... aí eu tentei pra Biblioteconomia... só por que era o curso mais baixo,... minhas duas irmãs fizeram, e talvez se eu não fizesse, eu iria me sentir mal por não fazer... me sinto na obrigação de entrar numa universidade (L. M.).

Os relatos denotam que tanto para estudantes-trabalhadores, como para os trabalhadores-estudantes, a importância não é refletir sobre uma possível escolha profissional, mas sim importa se tornar um universitário. Além disso, é possível inferir que, na estrutura da vida cotidiana desses sujeitos, essas escolhas foram efetivadas tomando por conta o princípio do economicismo. De acordo com Heller (2008), o sujeito toma por princípio a “lei do menor esforço”, uma forma rápida de acesso, seja para minimizar tempo, esforço físico ou intelectual.

Essa expectativa de pertencer a uma universidade mostra-se como um projeto, um valor, não só dos jovens, mas também do grupo familiar. Conforme comenta Romanelli (1995), famílias de diversas camadas sociais almejam que seus filhos possam acessar um curso superior, como meio de ampliar suas condições de inserção profissional no mercado de trabalho. Predominantemente, no grupo pesquisado, os jovens de camada social média abraçavam fortemente essas expectativas, como também as suas famílias.

Diz Romanelli (1995, p. 446) que, “nas representações de pais e de filhos, a escolarização superior é avaliada como recurso que qualifica a força de trabalho,

habilitando-a a disputar empregos bem remunerados”, tanto que seguir nos estudos após conclusão do nível médio aparece como uma condição esperada.

[...] todo mundo da minha família já fez faculdade, então, então era uma coisa natural sabe, do ciclo da vida assim... Nunca pensei: nossa, não quero fazer faculdade! Bem pelo contrário, queria fazer faculdade! (Manuela).

Assim sendo, tanto para os estudantes-trabalhadores como para os trabalhadores-estudantes, a decisão por cursar uma universidade seguia mais uma expectativa e/ou uma imposição dos núcleos familiares, a partir de valores representativos no contexto social em que se inserem, reiterando os enunciados de Soares (2002) sobre as intervenções e expectativas dos pais em relação aos projetos dos filhos. Para esses jovens universitários, o diploma mantinha o discurso da ascensão profissional, em nome da aquisição da formação educacional de nível superior, reforçando as expressões da empregabilidade, sob responsabilidade dos próprios indivíduos, prática discursiva do modelo econômico vigente.

Desse modo, para esses jovens, após a conquista de um curso universitário, outro “fantasma” se relacionava com a entrada no mercado de trabalho. No atual regime de acumulação capitalista, as dificuldades de inserção profissional juvenil são marcantes, em um mercado cada vez mais competitivo, os jovens, diante das adversidades, buscam alternativas possíveis de inovações, considerando um cotidiano que traz dilemas incertos perante seus futuros (PAIS, 2007).

Inserir-se no mercado de trabalho estaria linearmente correlacionado com a ascensão educacional, discurso dominante no cenário contemporâneo. Concluir a graduação seria um requisito mínimo para a inserção embora o avanço educacional não necessariamente prenuncia uma trajetória de inserção laboral bem-sucedida. Os motivos predominantes, no grupo pesquisado, para a “antecipação” de conciliar estudo e trabalho durante os anos de graduação eram as incertezas diante da futura inserção profissional. Assim, a conciliação em estágios e/ou empregos tinha como meta adquirir prévia experiência e, assim, facilitar a futura inserção:

[...] acho que é muito difícil tu se inserir no mercado se não tem curso de graduação. Hoje as possibilidades de trabalho sem curso de graduação são muito pequenas (Manuela).

[...] então, é uma porta, né?... uma porta pro mercado de trabalho qualificado... Então o estágio é uma mistura de desenvolvimento das minhas habilidades... pra tá, tipo contribuindo com meus pais, com a minha grana e também por meu currículo (Joana).

A partir das primeiras experiências laborais, os sentidos do trabalho foram assim expressos:

[...] trabalho pra mim significa renda (riso), isso não tem como esconder... mas pela experiência (estágio), eu tô gostando muito de trabalhar, tô vendo que dá uma recompensa pra gente, assim, não só financeira (José).

Eu trabalho na Polícia Militar. A polícia era, assim, o que melhor pagava, daí entrei mais pelo financeiro, assim (Gerson).

As falas acima de José e Gerson reiteram o quanto o trabalho, palavra complexa e polissêmica, segue apresentando diversas concepções de acordo com os tempos históricos e, desse modo, pode proporcionar um rol de significações. Assim sendo,

conforme anuncia Druck (2011, p. 41), “o capitalismo do século XIX não é o mesmo do século XX, e muito menos do século XXI”, os participantes, quando questionados sobre quais eram sentidos que o trabalho suscitava, o apresentaram, predominantemente, como um valor de troca.

Segundo Antunes (2005, p. 97), “o capital de nossos dias amplificou a lei do valor, deu-lhe maior vigência, extraindo sobretrabalho de todas as esferas das quais se pode extraí-lo: nas fábricas, nos bancos, nas escolas, nos serviços mercadorizados, nas casas etc.”, ou seja, mostra-se extensivo a diversos setores e, também, nos diferentes vínculos laborais.

E, para finalizar, falamos dos projetos. Maheirie (1994) entende que o projeto mostra um futuro ainda não concretizado, revelando uma ausência do momento atual, possibilidades e impossibilidades que caracterizam as subjetividades e objetividades de cada sujeito. As expectativas eram de inserção imediata no mercado de trabalho e/ou na área de formação. Porém, incertezas e/ou múltiplas opções foram presentes:

Sempre tive a ideia do mestrado, mas sempre bate uma dúvida (Marcela).

[...] eu planejo passar em concurso público, melhor do que eu tô, até na questão financeira, e conciliar a Psicologia e o meu trabalho... É bom ter um plano B, eu penso assim (Gerson).

Como alguns estudantes-trabalhadores, Gerson, um trabalhador-estudante, manifestou planos optativos, o chamado plano B se mostrou uma proposta presente. Em sua tese, D’Avila (2014), apresentada no capítulo 4 do presente livro, também constatou com jovens universitários egressos essas expectativas múltiplas. Heller (1987) aponta que nossas ações, pensamentos e sentimentos devem ser compreendidos como um processo unificado. A partir dessa formulação, fizeram-se presentes algumas interrogações: seria o medo/receio de ficar desempregado o motivo desse imediatismo e dos planos alternativos? Independentemente de razões individuais, as falas dos jovens participantes revelam o quanto a incerteza quanto ao futuro profissional é um componente significativo de suas escolhas educacionais e laborais.

Considerações finais

O presente capítulo apresenta o recorte de um estudo mais amplo (BORGES, 2017) no qual o extenso contato com os jovens participantes foi fundamental para a construção da pesquisa. Esse amplo diálogo entre quem pesquisa e os participantes da investigação, possibilitado pela recorrência das entrevistas, consiste em um diferencial do percurso metodológico empreendido, o qual permitiu apreender de forma mais ampla os sentidos, as emoções e a vida cotidiana dos jovens universitários e trabalhadores.

Os momentos de dialogia entre a pesquisadora e os jovens participantes também contribuíram para o alcance dos objetivos da investigação. Esses objetivos foram atingidos por meio das entrevistas recorrentes aliadas a outras ferramentas de pesquisa, como a Agenda Colorida, as imagens fotográficas das cenas cotidianas e uma versão adaptada da Técnica do Sósia, uma vez que as observações prolongadas da vida cotidiana de cada jovem não seriam viáveis no contexto desta pesquisa.

De outra parte, os jovens, quando questionados ao final dos encontros sobre a experiência, expressaram a oportunidade de repensar sobre suas vidas cotidianas. Como ficou evidenciado em algumas falas:

[...] Tu faz um monte de pergunta pra pensar assim, que têm coisas realmente que eu não penso assim, essa questão do ensino superior, eu acho que eu nunca pensaria isso em casa sozinha (Ana).

[...] Foi realmente uma excelente experiência... eu nunca tinha pensado nas minhas atividades, eu pensava eu tô tão cansado, como tá corrido, mas eu nunca tinha botado no papel (José).

De acordo com Pais (2007), as possibilidades de repensar a vida cotidiana são ocorrências da “reflexividade transformadora”, ou seja, entre a realidade normativa e seu reflexo cultural há oportunidades de transformações. Para o autor, o cotidiano pode tecer teias de alienação, diante da sua normatização, contudo mudanças e o futuro constroem-se no dia a dia, entre o passado e o presente.

O núcleo de significação apresentado neste capítulo se refere a temáticas relativas às prioridades da vida cotidiana dos jovens, suas escolhas e modos de inserção profissional, sentidos do trabalho e projetos. Para os dez jovens participantes deste estudo, quer fossem estudantes-trabalhadores ou trabalhadores-estudantes - tipologias utilizadas, cursar uma graduação era um requisito significativo a todos.

Os estudantes-trabalhadores, em sua maioria, conciliam a vida acadêmica com a realização de estágios, preparando-se e objetivando uma futura inserção profissional na área de graduação. Já os trabalhadores-estudantes, que atuavam em áreas diversas àquelas de suas formações, manifestaram dúvidas quanto às possibilidades de virem a construir uma trajetória profissional futura na formação que estavam realizando, principalmente pelas questões salariais já conquistadas até aquele momento.

O curso superior era um objetivo para todos, considerado como um “passaporte” para um futuro promissor. Assim, o avançar na escolarização é tomado como a possibilidade de atingir empregos bem-remunerados, valor social “superior”. Contudo, de acordo com Estanque e Bebian (2008), essa vinculação entre acesso/conclusão de um curso de graduação está se tornando cada vez mais inadequada devido às dificuldades de inserção profissional e da própria manutenção do trabalho/emprego.

Apesar de objetivarem tornarem-se universitários, condição essa considerada como “natural”, sequencial em suas trajetórias escolares, a escolha profissional pareceu ser aspecto secundário, pois não importava o curso e/ou carreira propriamente, mas sim ter uma graduação, fato que também influenciará suas trajetórias.

Como destaca Heller (2008), a vida cotidiana é permeada de escolhas, podendo elas serem indiferentes ou serem movidas pelas nossas motivações. As escolhas, quando realizadas com discernimento e compromisso, aproximam-nos de ações mais conscientes e menos cristalizadas e/alienadas.

Em seus discursos, os jovens valorizam serem universitários e, futuramente, profissionais bem-sucedidos. Desse modo, denotam o quanto concepções sociais são predominantes nos valores pessoais para esses jovens e revelam que ao atribuírem sentidos para o trabalho e na construção de suas trajetórias tiveram como prevalência os valores de troca, regentes no sistema capitalista neoliberal.

Diante das narrativas desses jovens, ser um universitário era um projeto. Contudo, a busca incessante por prévias experiências, para “esquentar o currículo” como disse um dos participantes, os sentidos do trabalho como valor de troca, condições que condizem mais com um trabalho alheio, acabam expressando em suas vidas cotidianas a “captura” pelo contexto econômico vigente. São falas individualizadas, com pouco teor crítico em relação ao mundo do trabalho contemporâneo, transmitindo um “pensamento mágico” de que logo após o término da graduação irão se inserir no mercado de trabalho em suas áreas de atuação, traçando caminhos imediatos de sucesso.

A guisa de conclusões, fazendo uso de um termo helleriano, é possível considerar que esses jovens universitários se posicionam, ainda, de modo

“cristalizado”, faltando uma relativa ousadia, de criar, de (re)inventar seus próprios discursos e ações, expandindo sua particularidade e individualidade. Entretanto, o relato da experiência reflexiva, mesmo pontual, quando questionados sobre como se sentiram ao longo ao final de suas participações na pesquisa, poderia se constituir em um dos momentos na direção de uma vida cotidiana mais autoral, com valores e hierarquias pessoais menos fragmentados, mais condutores do que conduzidos, em busca da genericidade. Ou seja, o processo no qual o indivíduo efetiva-se por meio da homogeneização, concentrando-se de modo inteiro nas suas rotinas e com maior consciência de si próprio e a práxis social. Dando um novo olhar à vida cotidiana e na continuidade dos incessantes movimentos humanos e históricos, poderiam “construir” pensamentos e ações para além do “piloto automático”.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjKq4zjP/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 19 jul. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia; OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-178.

ÁLVAREZ HERNÁNDEZ, Joaquín. *Orientación profesional: tránsito a la vida activa*. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2001.

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho no Brasil: Reestruturação e precariedade. *Nueva Sociedad*, v.1, p. 1-158, 2012. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/a-nova-morfologia-do-trabalho-no-brasil-reestruturacao-e-precariedade/> Acesso em: 30 jun. 2021.

ANTUNES, Ricardo. *O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/FSqZN7YDckXnYwfqSWqgGpp/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 07 nov. 2005.

BATISTA, Matilde; RABELO, Laís. Imagine que eu sou seu sócia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v16n1/a02v16n1.pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Jovem-aprendiz: Os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93666/280625.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30 jun. 2021.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Tramas da vida cotidiana de jovens universitários que*

- conciliam estudo e trabalho*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. 249f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177765/347008.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30 jun. 2021.
- BORGES, Regina Célia; COUTINHO, Maria Chalfin. Desvelando a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho. *Acta Sociológica*, n. 76, p. 89-11, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/64920/56951> Acesso em: 25 maio 2018.
- CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CORROCHANO, Maria Carla. Jovens Trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. *Avaliação*, v. 18, n. 1, p. 23-43, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/avaliacao/article/view/1471/1440> Acesso em: 30 jun. 2021.
- COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 43-159.
- D'AVILA, Geruza Tavares. *Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 347f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128864> Acesso em 02 jun 2021.
- D'AVILA, Geruza Tavares; VERIGUINE, Nadia Rocha; BASSO, Claudia; SOARES, Dulce Helena Penna. Com estudo se consegue trabalho: razões para ingressar no ensino popular de jovens de um cursinho popular. In: RAITZ, Tânia Regina (Org.). *Os tempos atuais e a educação e o trabalho na esteira das transformações*. Curitiba, PR: CRV, 2011. p. 65-76.
- DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? *Caderno CRH*, v. 24, n. esp. 01, p. 37-57, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/qvTGPNcmnSfHYJjH4RXLN3r/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.
- ESTANQUE, Elísio; BEBIANO, Rui. Memória e actualidade dos movimentos estudantis. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 81, p. 3-7, 2008. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/081/RCCS81_Introducao_3_8.pdf Acesso em: 30 jun. 2021.
- FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. *Psicología & Sociedade*, n. 10, v. 2, p. 32-52, 1998. Disponível em: https://www.abrapso.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=539 Acesso em: 30 jun. 2021.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970-2008.
- HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1970-1994.
- HELLER, Agnes. *Teoria de los sentimientos*. Tradução Francisco Cusó. México: Ed. Coyoacán, 1987.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS IBASE. *Livro das juventudes Sul-americanas*. Rio de Janeiro: J. Sholna Reproduções Gráficas, 2010.
- LEVINGARD, Yvonne Elsa; BARBOSA, Ruth Machado. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 5, p. 84-89, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n1/v62n1a09.pdf> Acesso em: 20 dez. 2010.

- MAHEIRIE, Kátia. *Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/Nqwc7ZBzTyrrXHnHhKmLzZL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 ago. 2010.
- MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de produzir valores de uso. In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2 ed., v. I.2. Cap. V. São Paulo: Nova Cultural.1867-1988. p. 125-145.
- PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 98, p. 23-46, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/THhNxqcBpnjzjxQmsb4RBbb/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 09 fev. 2012.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- POCHMANN, Marcio. *A batalha pelo primeiro emprego: a situação e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro* (2a ed.). São Paulo: Publisher, 2007.
- POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 383-39, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/TDsxdKm3C3QHP4dFqxTySkM/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.
- RAITZ, Tânia Regina. Jovens, trabalho e educação: processos identitários na contemporaneidade. *Revista Reflexão e Ação*, v. 19, n. 01, p. 78-94, 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1988/1916#> Acesso em: 30 jun. 2021.
- ROMANELLI, Geraldo. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 76, n. 184, p. 445-476, 1995. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1178/917> Acesso em: 30 jun. 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação, Sociedade e Culturas*, n. 23, p. 137-202, 2005. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Boaventura.pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.
- SARRIERA, Jorge Castellá; TATIM, Denise C.; COELHO, Roberta P. Shell; BUSKER, Joana. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 3, p. 361-367, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/pnQdrPm8Q3J9z3QN8CHbjHw/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.
- SGUISSARDI, Valdemar. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. *Educação & Sociedade*, v. 29, n. 105, p. 991-1022, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9QPg LZg9NZdCt7vVwBCCyqj/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.
- SGUISSARDI, Valdemar. Reforma Universitário no Brasil - 1995-2006: Precária trajetória, incerto futuro. *Educação e Sociedade*, v. 27, n. 96, p. 1021-1056, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PsCdVc87JdsF6KDX7LhGq6H/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30 jun. 2021.
- SOARES, Dulce Helena Penna. *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.
- SOARES, Dulce Helena Penna; COSTA, Aline Bogoni. *Aposentação: aposentadoria para a ação*. São Paulo: Vetor, 2011.
- TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. *Avaliação*, v. 18, n. 2, p. 459-485, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/VmmLwb3h8zbnsKVnJRJKqDz/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 30 jun. 2021.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

Capítulo 6

A PESQUISA QUALITATIVA NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E CONTEXTOS MIGRATÓRIOS A PARTIR DO CONSTRUCIONISMO SOCIAL E DAS NARRATIVAS

Laila Priscila Graf Ornellas

Introdução

Neste capítulo, apresentamos os processos de enquadre, de coleta/geração das informações e análises de uma tese de doutorado em Psicologia desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Dr. Maria Chalfin Coutinho entre os anos de 2011 e 2015 e intitulada “São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida”: trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa ocidental” (ORNELLAS, 2015)¹. O estudo que subsidiou a tese foi referente às trajetórias laborais de brasileiros/as que retornaram da Europa a partir do ano de 2008 com base na concepção francesa de trajetórias de Dubar (1998; 1999) e no paradigma técnico-científico do construcionismo social e das narrativas. Dessa forma, neste capítulo do livro, apresentamos as etapas fundamentais da construção desta investigação e, posteriormente, efetuamos uma discussão deste trabalho.

Com isso, para explicar o método de pesquisa, descrevemos a perspectiva teórica do Construcionismo Social (CS), o estudo das Narrativas, as características relacionadas à pesquisa de campo, os procedimentos de coleta/geração das informações e dos processos de análise delas. Destacamos que a pesquisa sobre as trajetórias laborais de migrantes foi desenvolvida a partir da perspectiva qualitativa. Creswell (2003) esclarece que o qualitativo procura entender as experiências e os sentidos produzidos pelas pessoas direcionados a certos objetos ou fenômenos. Esses sentidos são variados e múltiplos, assim o investigador precisa de um olhar atento para identificar as complexidades de perspectivas dos sujeitos. Desse modo, o objetivo seria conhecer as redes de complexidades presentes nas relações humanas e entender essas conexões e seus desdobramentos para além da aparência.

Embora esse estudo estivesse fundamentalmente ancorado no enfoque qualitativo, também foram acrescentados materiais complementares. Bosi (2003) sugere que documentos, informes estatísticos, materiais gráficos produzidos por instituições governamentais e não governamentais podem promover um maior detalhamento da pesquisa. Na visão da autora, as pesquisas qualitativas e quantitativas² não devem ser consideradas excludentes entre si, mas sim a autora considera que uma certa união pode oportunizar complementaridades entre elas. A

¹ A pesquisa foi contemplada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² O capítulo 12 do presente livro, de Daniela F. Schott e Márcia L. Pit Dal Magro, também discute modalidades de pesquisa com elementos qualitativos e quantitativos.

despeito desse trabalho ser qualitativo, consultas a materiais como jornais, revistas, músicas, livros, imagens, anedotas, estatísticas foram incluídas.

Outro ponto importante a ser destacado é que essa investigação foi considerada como descritiva e explicativa. Segundo Gil (2002), a parte descritiva estaria relacionada aos objetivos da tese quando o trabalho não está ancorado em hipóteses (procurando explicações de causa e efeito) ou testes, mas sim por envolver perguntas que buscam descrever os fenômenos. A base explicativa estaria relacionada ao procurar evidenciar as características de uma determinada população ou fenômeno, tendo um maior nível de profundidade e com o emprego de instrumentos como roteiros de entrevistas, observações, entre outros.

Além disso, empregamos, na tese, Ornellas (2015), o construcionismo social como paradigma técnico-científico e o articulamos com os estudos das narrativas, que serão explicados em continuidade. No estudo, foram investigadas as trajetórias de brasileiros/as procurando identificar as relações laborais com as dimensões relacionadas ao processo de saída do país, de ingresso no país estrangeiro e o processo de reinserção laboral no país de origem. Assim, apresentamos em sequência o processo de construção desta pesquisa, ou, em outras palavras, as escolhas e os caminhos percorridos para a consolidação da investigação.

Abordagem do construcionismo social

O estudo com o construcionismo social (CS) tende a se diferenciar das pesquisas tradicionais no âmbito da psicologia, conforme explica Gergen (2009a). Essa teoria não pretende romper com nenhuma tradição científica, mas sim questionar certas práticas sociais que são observadas pelas pessoas em geral como “naturais”. Para Burr (2003), o construcionismo social é crítico quanto à maneira utilizada pelas pessoas nos modos de compreender o mundo, como se ele fosse “natural” ou “dado” e nos convida a questionar como o observamos. A proposta dessa perspectiva é desafiar a visão convencional do conhecimento científico, baseada em um modelo objetivo e sem considerar os vieses envolvidos nos estudos e nas observações. Essa abordagem nos alerta para suspeitarmos de nossas verdades sobre o mundo, problematizando crenças estabelecidas como incontestáveis pelos sujeitos e pela sociedade. O construcionismo social difere dos paradigmas tradicionais da pesquisa científica por compreender esse “mundo” como relacional e não concordar com uma objetividade absoluta. Diante dessa perspectiva, há a necessidade de incluir o/a pesquisador/a na produção do conhecimento, com ele/ela participando da geração dos saberes, das análises e da produção integral do processo científico. Segundo Riessman (2008), os/as pesquisadores/as participam da construção da narrativa da pesquisa, ou seja, existe uma implicação do pesquisador no processo de construir as narrativas, sendo que as informações são elaboradas a partir de uma relação particular, estabelecida em um momento específico entre o/a pesquisador/a e o/a entrevistado/a.

Na investigação construcionista social, os/as pesquisadores/as escolhem um fenômeno para estudar, mas sabem que essa escolha implica dar “voz” ou “visibilidade” a certos objetos em detrimento de outros. Essa opção é feita observando uma tradição cultural da qual os pesquisadores também fazem parte. Do ponto de vista construcionista social não há possibilidade de refletir sobre um mundo separando pessoas e objetos e é importante ter a consciência das características do estudo e evidenciar quais grupos e sujeitos serão auxiliados ou prejudicados no desenvolvimento das análises (GERGEN, 2009a).

De acordo com Gergen (2009a), os cientistas são participantes de uma tradição social e isso ocorre independentemente de suas práticas desenvolvidas como

pesquisadores. Os pesquisadores estão imersos em tradições sociais onde vivem e participam, levando consigo certos valores produzidos por certa origem social, espacial (lugar de residência) e pelas relações sociais estabelecidas no decurso do tempo. Esses valores se evidenciam na pesquisa em diversos momentos, como, por exemplo, nas palavras selecionadas para a formulação do projeto, nos aspectos a serem analisados em relação ao fenômeno, nas descrições e análises do problema etc. Tanto que os problemas de pesquisa são selecionados por serem coerentes com a vida das pessoas em sociedade. Para Burr (2003), o pesquisador deve evidenciar o seu envolvimento com os fenômenos estudados, pois possibilita aos leitores compreenderem seus modos de entender o problema. Gergen (2009a) esclarece que o entendimento (ou a crença) em uma natureza estável pode ser vantajoso no caso das ciências naturais, mas torna-se complexo nas ciências humanas. No estudo dos fenômenos humanos, as pessoas têm a capacidade de refletir sobre as “hipóteses” de trabalho e dar aos pesquisadores outras explicações sobre os aspectos investigados na pesquisa. Diante disso, a predição pode ser dificultada, pois, no decorrer da pesquisa, as pessoas podem mudar de opinião ou até mesmo de curso de vida, sendo que as mudanças podem não ser previsíveis nos projetos de investigação. O autor assinala ser importante que os investigadores nas ciências humanas tenham uma postura de igualdade de relações com seus investigados. Burr (2003) sustenta a necessidade de integrar as vozes das ciências, ou seja, dos estudos já realizados e dos autores, com as vozes dos/as entrevistados/as, incorporando os/as pesquisados/as como autênticos coparticipantes do processo investigativo. No pensamento construcionista social, os/as pesquisados/as estão integrados no estudo e participam da sua construção.

Outro ponto importante nesse modo de investigação é o caráter da linguagem. Gergen (2009a) salienta que os números são descrições da vida humana e são tão adequados como pinturas, escultura, poesia, palavras e música, sendo que cada uma dessas modalidades são modos particulares de representar o mundo. O autor assinala que os números podem ser usados para encobrir ou reduzir informações valiosas, portanto ele não os valoriza em detrimento de outros modos de comunicar as práticas sociais.

Do ponto de vista construcionista social, não haveria uma única resposta para concluir o estudo ou para a investigação. Segundo os autores dessa perspectiva, cada construção científica tem potencial e limites, sendo importante convidar as diferentes vozes para o desenvolvimento de um diálogo sem sobrepujar os conhecimentos dos diversos atores envolvidos. Em síntese, para um problema, é possível existir mais perguntas e mais respostas sobre ele. Gergen (2009a) esclarece, diante disso, que não há uma única verdade, pois todas as tradições e modos de vida sustentam certos valores e práticas a serem consideradas verdadeiras para as pessoas, sendo uma grande preocupação dessa abordagem de valorizar essas diversas possibilidades de vida e iluminar modos de vida gratificantes e diversificados. Gergen (2009a) e Burr (2003) apreciam a conciliação dos estudos empíricos com reflexões teóricas, sinalizando que essa união pode vitalizar discussões relevantes para a vida em sociedade.

Mais especificamente sobre os modos de desenvolver os estudos, Gergen (2009a) esclarece que são frequentes três estilos de pesquisa de campo. São eles: a) as etnografias e os novos modos de efetuar história: são os tipos de pesquisa tradicionais, mas com novos modos de analisar o material. b) os estudos discursivos: eles carregam elementos do trabalho tradicional do empirismo, mas com um enfoque mais voltado à linguagem e também são compostos pelos estudos do discurso, das narrativas e do discurso em ação como resultado conversacional; c) as autoetnografias,

a pesquisa colaborativa, pesquisa-ação e a pesquisa como “performance”: essas representam um quebra maior nos modos tradicionais de efetuar pesquisas, transformando a própria ideia de pesquisa.

Nessa investigação, trabalhamos com o estilo de pesquisa das narrativas. Com isso, o foco do/a pesquisador/a não foi investigar a veracidade das informações nem avaliar a precisão dos fatos ocorridos, mas sim buscar a compreensão das narrativas das pessoas sobre suas vivências. As narrativas foram coletadas/geradas a partir das estórias³ das pessoas sobre suas trajetórias laborais. Destarte, não focalizamos a “verdade” dos fatos nas vidas migrantes, mas sim suas estórias, seus contos e relatos.

Estudo das Narrativas

Explicar o conceito de narrativa não é fácil. Riessman (2008) considera que existe na literatura uma dificuldade conceitual com o termo. Segundo a autora, as narrativas carregam diferentes significados e são usadas de vários modos por diferentes disciplinas. No entanto, de acordo com a autora, narrativas podem ser consideradas como estórias, por entender que são contos produzidos. Desse modo, as narrativas ou as estórias são eventos importantes selecionados, organizados, conectados e avaliados como significativos para uma audiência em particular (RIESSMAN, 2008). Nesse ato de contar, ocorre um resgate dos episódios, os quais são articulados entre eles para serem narrados a outra pessoa. Cabe salientar que as estórias narradas não estão prontas ou previamente estabelecidas, mas são construídas no próprio processo da fala.

Com os esclarecimentos acima, os/as entrevistados/as constroem estórias sobre as suas vivências, lembranças, sentimentos, reflexões passadas e atuais e, com isso, criam narrativas sobre os temas sugeridos. As narrativas elaboradas se alteram conforme o público, mudando se forem direcionadas a um pesquisador ou a um colega. No entanto, nessa perspectiva, os pesquisadores também são contadores de estórias, pois eles escrevem narrativas sobre narrativas. Riessman (2008) diz que as narrativas podem ser mitos, lendas, fábulas, contos, novelas, histórias, tragédias, dramas, comédias, pinturas, filmes, conversações, memórias, biografias, autobiografias, diários, documentos arquivados, projetos sociais, registros médicos, documentos organizacionais, teorias científicas, músicas populares, fotografias e outros trabalhos artísticos. A teórica também explica que não podem ser consideradas narrativas: os textos descontínuos, as listas ou textos curtos.

No âmbito da pesquisa com narrativas, a maioria dos/as pesquisadores/as tende a trabalhar com alguma modalidade textual, mas também há trabalhos com imagens e outros artefatos (Riessman, 2008). Chase (2005) argumenta que a concepção de narrativas varia em um *continuum* de entendimento, ou seja, este pode ser ilustrado com a imagem de uma linha; de um lado, estaria uma concepção bem restrita, a partir da compreensão linguística, em que a narrativa seria uma unidade de discurso, uma resposta restrita a uma pergunta específica, centrada em um tópico e organizada por uma temporalidade. Do outro lado, estariam os trabalhos efetuados pela história social e antropologia, em que a narrativa se referia a uma estória de vida inteira e feita com várias entrevistas e documentos. No meio desse *continuum*, estariam as pesquisas em psicologia e sociologia, em que as narrativas pessoais são escritas a partir de sessões de falas sobre a vida e seriam sobre um aspecto singular, ou com múltiplas entrevistas

³ Conforme mencionado em Ornellas (2015), os termos história e estória aqui possuem significações diferentes; o termo história é empregado quando se refere a algum momento social e histórico ocorrido no passado e estória para falar das narrativas das pessoas, como dos entrevistados, quando relatam suas vivências.

de pesquisa, ou conversações terapêuticas. A diversidade de emprego das narrativas em curso mostra sua complexidade e a ausência de uma simples definição.

Segundo Chase (2005), a investigação narrativa é um subtipo de pesquisa qualitativa, sendo voltada para o estudo da biografia das pessoas. Além disso, pode ser oral ou escrita, ouvida em um trabalho de campo, em uma entrevista ou ocorrer naturalmente em uma conversação. Para essa autora, em qualquer situação, a narrativa pode ser: a) uma pequena estória tópica sobre um evento em particular, ou eventos específicos como um encontro com amigos, chefe ou médico; b) uma estória estendida sobre um aspecto significativo na vida de uma pessoa, como a escolaridade, o trabalho, o casamento, o divórcio, o nascimento, uma doença, um trauma, incluindo uma participação em uma guerra ou em um movimento social; ou também c) a vida inteira de uma pessoa, do nascimento até o momento presente. Segundo a autora, muitos/as pesquisadores/as usam a expressão estória de vida (*life story*) para designar a narrativa contada sobre trechos ou temas específicos e significantes da vida dos/as entrevistados/as.

Com isso, a vida de uma pessoa pode ser estudada por meio da narrativa. A investigação se sustenta na coleta das informações narradas ou contadas. Assim, a leitura analítica não seria voltada aos acontecimentos passados, mas sim referente ao ato de narrar, pois é nele que a pessoa reformula o sentido das experiências passadas. Por isso, Chase (2005) explica que a narrativa é um modo de formar sentido em retrospectiva. Quando a pessoa narra, ela, ao mesmo tempo, reflete sobre os acontecimentos e recria conexões entre os eventos, organiza as experiências em termos temporais, visualiza determinadas ações passadas e seus resultados, bem como seleciona os fatos ou acontecimentos respeitando o seu público. O foco é no ponto de vista do/a narrador/a nas estórias de vida. No processo da pesquisa, é importante que os/as pesquisadores/as estejam atentos para a fala das pessoas, observem como são feitas as conexões entre os eventos, as sequências e os modos de apresentar os sentidos para que os ouvintes registrem sua estória. O/a pesquisador/a não encontra estórias prontas, mas sim participa da construção delas, pois efetua perguntas sobre a vida dos sujeitos, propõe temas, dá mais atenção a alguns fatos em detrimento de outros. Os/as pesquisadores/as interagem com seus entrevistados e participam da construção da narrativa.

A análise em uma pesquisa narrativa é desenvolvida enfatizando a “voz” do/a narrador/a, procurando colocar em relevo a sua estória. O/a pesquisador/a observa como o/a narrador/a comunica, qual é sua posição de sujeito, qual o seu lugar social, como efetua as conexões entre as estórias; tudo isso é feito para iluminar a singularidade, a realidade e experiência do/a contador/a. Na análise, é necessário considerar as similaridades e diferenças entre as narrativas, o tempo, o local e os saberes. Sempre considerado que os/as pesquisadores/as são também narradores/as porque descrevem interpretações, análises, efetua relações, enfatizam ideias, escolhem lugares para publicar seus resultados, ou seja, os/as pesquisadores/as produzem significados com seus estudos.

Mais particularmente no campo das análises, Riessman (2008) explica que por meio dessas é possível focar um texto, uma pessoa ou um grupo de pessoas. As estórias podem estar combinadas a partir de temas, pode ser feito tanto em um estudo singular de uma pessoa, de muitas pessoas, como em um estudo de caso singular ou múltiplo. Franklin (1997) sustenta a importância do estudo de caso para a investigação narrativa e entende a entrevista como o principal instrumento de pesquisa. Diferentemente de “recolher informações”, a autora salienta ser por meio da entrevista em que há uma oportunidade de trocas de reflexões entre o entrevistador/a e o/a entrevistado/a, ou seja, é momento quando ocorre uma interação entre pessoas,

dialogica, demarcando perspectivas e pontos de vista, não procurando um consenso, mas o levantamento de ideias, reflexões e da produção narrativa. Segundo Franklin (1997), para desenvolver estudo de casos, o pesquisador precisa selecionar certo número de pessoas como participantes do estudo, pessoas que apresentam alguns aspectos ou características em comum: como gênero, profissão, idade. Cada pessoa selecionada constituiria um “caso”, constituindo-se um “grupo de casos”, um estudo multicase. Os casos seriam estudados separadamente e, após, feito uma relação com os outros. Segundo a autora, esse grupo de casos forneceria uma base para a articulação de similaridades e diferenças entre as pessoas, contextualizando percepções por meio da comparação, com a possibilidade de, no final das análises, os resultados incorporarem mais confirmações por não serem relacionados a apenas uma pessoa.

Para Riessman (2008), a análise da modalidade narrativa temática, modalidade que foi empregada nesta pesquisa, tem como foco o conteúdo e é frequentemente empregada em estudos de campo com grande quantidade de material coletado por meio de entrevistas, observações e documentos. Nos procedimentos de análise das narrativas temáticas, a teórica salienta que os pesquisadores, especialmente aqueles que trabalham com entrevistas, frequentemente estudam as histórias das pessoas, em um procedimento de reconstruir a experiência vivida. Os estudos nesse formato são elaborados com um número reduzido de participantes e não pretendem possuir uma representatividade estatística, mas contribuir com o desenvolvimento do argumento analítico e na (re)construção de significados sociais.

Desenvolvimento

Continuando com a explicitação do processo de pesquisa desenvolvido na tese de doutoramento (ORNELLAS, 2015), apresentamos agora uma parte referente a pesquisa de campo e outra sobre os processos de geração e análise das informações. A primeira compreende o acesso ao campo, procedimentos éticos, participantes da pesquisa e o estudo exploratório. A segunda é sobre a identificação dos participantes, desenvolvimento das entrevistas, processo de coleta/geração de informações e análise das informações.

Parte 1: Referente ao “campo de pesquisa”

Durante o trabalho de campo, tivemos dificuldades em encontrar os/as migrantes retornados/as, especialmente por eles/elas estarem/morarem em diversas cidades, estados e localidades no país. Diante da dificuldade em encontrar esse “campo”, buscamos a perspectiva de campo-tema sugerida por Spink (2003; 2008) e um outro modo de entrar no “campo” de pesquisa. Para Spink (2003), o termo “pesquisa de campo” é normalmente empregado para descrever um tipo de pesquisa feito em lugares sociais fora de laboratórios ou de uma sala de entrevista. A concepção desse modo de estudos é pautada em uma compreensão clássica da antropologia e da sociologia, em que o pesquisador se direciona ao “campo” para coletar informações a partir de uma variedade de procedimentos e, posteriormente, trabalha com o material levantado em um gabinete. O autor revisa essa ideia quando encontra dificuldades em suas práticas de pesquisa e, assim, ele passa a compreender não apenas “um campo” como um local delimitado, mas sim visualizar múltiplos campos e espaços pois entende esse espaço para além de um lugar específico e propõe a noção de “campo-tema”. Nessa noção, o “campo” não seria determinado por uma localização específica, mas pela “processualidade” dos temas envolvidos no social.

Acesso ao campo

Para termos acesso ao campo, trabalhamos com a noção de campo-tema de Spink (2003). Para o autor, esse conceito não compreenderia um lugar localizado em um universo distante, separado e não relacionado com a vida do pesquisador/a, mas sim situado no cotidiano do/a pesquisador/a, de modo que o investigador/a em seu movimento estaria envolvido por esse campo. Em outras palavras, seriam nos lugares onde ele/a circula e que poderiam emergir os assuntos relacionados ao seu estudo.

A pesquisa de campo com os/as migrantes retornados/as foi elaborada a partir dessa perspectiva de Spink (2003; 2008) quando compreendemos que era um tema e assunto presente na sociedade contemporânea e presente nas interações sociais e de circulação da pesquisadora. Desse modo, trabalhamos considerando falas, histórias e documentos presentes em diversas conversas e espaços sociais. Assim, não foi possível considerar somente “um campo”, pois conversas ocorreram com pessoas de diferentes lugares: na universidade, nos cafés, nas visitas a amigos, em uma loja, em bares nos finais de semanas. Pessoas conhecidas e desconhecidas comentavam sobre algum parente retornado ou de alguém que residia no exterior e eram conversas longas e significativas: as pessoas narravam suas histórias, seus trabalhos, escolhas de partida e regresso. Assim, essa perspectiva de “campo-tema” nos auxiliou a entrar no campo e considerar as trocas discursivas e nas práticas cotidianas, colocando a pesquisadora “dentro” do campo de pesquisa em sua vida cotidiana, com um olhar apurado e atento.

Procedimentos Éticos

A preocupação ética esteve presente em todo o percurso da pesquisa. Foram vários momentos de reflexão e discussão quanto a esse fundamental aspecto em pesquisas em ciências humanas e em psicologia. O projeto de pesquisa foi submetido no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, atendendo aos procedimentos éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, em especial a Resolução 196/1996⁴. Antes de começar as entrevistas, falávamos sobre os procedimentos da pesquisa e líamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os nomes foram alterados para fictícios. Durante as entrevistas, os entrevistados eram esclarecidos sobre sua liberdade para responder ou não às questões propostas, assegurando a sua privacidade em relação aos conteúdos abordados. Eles também foram informados de que, em qualquer momento, poderiam ter suas informações retiradas do estudo. No término da pesquisa, informamos os resultados encaminhando cópias da versão final e a pesquisadora ficou disponível para sanar dúvidas.

Participantes da pesquisa

Neste estudo, trabalhamos com dois grupos de entrevistados, os participantes principais e os participantes de apoio. Os primeiros foram aqueles com os quais efetuamos as análises das narrativas e os segundos geraram informações complementares ao estudo. A escolha foi feita unicamente em relação à qualidade do material final e o atendimento aos critérios adotados para selecionar os participantes, pois todos os relatos foram considerados importantes por possibilitarem compreender o fenômeno em profundidade.

Foram cinco os critérios para selecionar os participantes: a) terem residido mais

⁴ Essa era principal resolução do Conselho Nacional de Saúde vigente à época da pesquisa.

de um ano no exterior, conforme critério usado Organizações das Nações Unidas (ONU), (KOSER, 2007); b) terem exercido atividades laborais no período migratório; c) Destino migratório Reino Unido, Espanha ou Portugal; d) terem regressado do exterior a partir do ano 2007; e) inclusão de pessoas com diferentes status migratórios (ORNELLAS, 2015). Esses cinco critérios estabeleceram as referências para a seleção dos participantes, mas houve casos em que, por não atenderem aos critérios (por serem entrevistas feitas em outros lugares, períodos de tempo) ou por dificuldades quanto ao material, foram agregados ao estudo como participantes de apoio.

Diante disso, a pesquisa foi efetivada com dez participantes principais e outros participantes que foram considerados participantes de apoio, pela importância dessas entrevistas e da qualidade das informações apresentadas. De acordo com o estudo das narrativas e do construcionismo social, não há a necessidade de haver grande número de participantes no estudo, pois a preocupação maior é com o “ponto de vista” do/a narrador/a (RIESSMAN, 2008).

Estudo Exploratório

Bosi (2003) explica que o estudo nomeado de “exploratório” é essencial antes da efetivação da pesquisa de campo, por oportunizar a reelaboração do futuro roteiro de entrevista, como também possibilitar um encontro prévio com os entrevistados, observando questões na linguagem usual dos depoentes e outros temas ou perguntas relevantes. Efetuamos este estudo com dois sujeitos de pesquisa e ele foi importante para compreender as narrativas dos sujeitos, evidenciando os percursos migrações internas, relações interpessoais e familiares, as migrações internacionais e migrações internas posteriores. O destaque deste trabalho prévio foi em relação a conciliar a técnica das Trajetórias Sociais (TTS) (GAULEJAC, 1987) com o emprego da entrevista, bem como observar a viabilidade do desenvolvimento das entrevistas no meio eletrônico, por videochamada. Assim, o emprego da tecnologia foi fundamental para a realização das entrevistas devido ao fato de pesquisados morarem em outros estados, tornando assim possível acessá-los sem acrescentar o custo de deslocamento e estadas em outras cidades.

Parte 2: Procedimentos de geração de informações e análises

O corpus central do trabalho foi elaborado com as informações geradas pelas entrevistas com os participantes principais do estudo. Para produzir as narrativas, utilizamos dois procedimentos: entrevistas com roteiro e a TTS desenvolvida com base em Gaulejac (1987). Para a entrevista, desenvolvemos um roteiro semiestruturado para identificarmos o perfil dos sujeitos e oportunizar falas sobre as vivências/experiências migratórias. O roteiro continha perguntas relativas ao perfil dos participantes, como idade, estado civil, se tem filhos ou não, naturalidade, escolaridade, renda pessoal e familiar, cargo atual no trabalho, tempo no exterior, local e período. Perguntamos sobre a trajetória escolar, sobre os cursos e formações adicionais. Depois, questões sobre as atividades laborais e de vida no período anterior à migração internacional, sobre o processo migratório, sobre a vida laboral no exterior, quais os trabalhos ou empregos em que atuou, entre outros. Após, enfocamos as questões sobre o processo de retorno, qual o motivo de regressar, os trabalhos efetuados nesse período pós-migração e a vida social e familiar.

Identificação dos participantes do Estudo

Para localizar os participantes, conversamos com conhecidos, divulgamos panfletos com os critérios de participação para diversos colegas, conhecidos, amigos profissionais e pessoais e foram usados o e-mail e a rede social do *Facebook* para publicar um convite para participação na pesquisa. Dessa forma, empregamos neste estudo o procedimento chamado de “bola de neve” (*snowball*) para localizar os participantes. Essa técnica também foi usada por Assis (2011) e Martins Junior e Dias (2013) no estudo da migração de brasileiros. Essa técnica não tem o objetivo de estabelecer uma amostra representativa da população, por se tratar de pesquisa qualitativa, mas é empregada geralmente quando há dificuldades em localizar os pesquisados. Com esse trabalho, pudemos perceber o quanto os sujeitos de pesquisa estavam pulverizados no território brasileiro, ou seja, morando e localizados em diversas cidades e estados do país.

Aqui destacamos que várias pessoas contactadas não participaram da pesquisa, tanto por não atenderem aos critérios adotados como por não quererem conceder a entrevista, até postergando recorrentemente o seu agendamento. Com a pessoa atendendo aos critérios de pesquisa, explicávamos os objetivos do estudo, os procedimentos e os princípios éticos e conferíamos se ela concordava em participar. Após isso, marcávamos um encontro presencial ou *on-line*, dependendo da disponibilidade dos participantes e das possibilidades geográficas para o encontro.

Desenvolvimento das Entrevistas

As entrevistas foram feitas tanto de modo presencial, como *on-line*. Zago (2003), em relação ao processo de entrevista, destaca a importância de fomentar um diálogo entre duas pessoas, aproximando o/a pesquisador/a e o/a informante para possibilitar uma fala livre sobre a vida cotidiana. A ideia era abrir um espaço para a fala do comum para trocas de experiências, como ocorre em uma conversa entre amigos, em espaços cotidianos. As entrevistas *on-line* foram recursos adotados para facilitar o acesso aos pesquisados, especialmente pelos participantes residirem em cidades de difícil acesso à pesquisadora. Silva (2009), que também investigou em a migração internacional, enfatiza que a videochamada promove informações tão relevantes e confiáveis como quaisquer outras. Mendes (2009) também corrobora esse entendimento, ressaltando que a internet, com seu amplo poder comunicativo, tecnologia de fácil acesso e baixo custo pode ser usada em métodos de pesquisa qualitativa para a coleta de informações e análise de dados. No processo de pesquisa, seis entrevistas foram feitas de modo presencial e quatro por meio de videochamada.

Para Bosi (2003), a elaboração de uma entrevista mais próxima ao ideal seria aquela que possibilitasse a formação de laços de amizade entre o/a entrevistador/a e o/a entrevistado/a, lembrando que aquele espaço aberto para a fala e aquela relação entre duas pessoas não deveria ser considerado como efêmero. Consideramos esse aspecto no decorrer do trabalho de campo, promovemos a criação de laços de relacionamento com os entrevistados durante as conversas e nos colocamos à disposição para consulta e perguntas. Porém, no decorrer da entrevista, procurávamos nos manter em uma postura discreta e permitir a fala do/a entrevistado/a fluir, para assim conhecer mais sobre a pessoa, suas histórias ou “ponto de vista”, como esclarece Chase (2005).

Após a entrevista, no mesmo encontro, aplicávamos a TTS de Gaulejac (1987) com os participantes. O trabalho consistiu em solicitar a eles/elas a produção gráfica de suas trajetórias sociais. Mostrávamos o desenho da TTS, explicávamo-lo em português

e solicitávamos que os/as participantes indicassem, por meio de produção gráfica, os elementos principais de trabalho de seus antepassados, da sua vida educacional e profissional no passado, no presente e no futuro. Oferecíamos uma folha de papel tamanho A4 e canetas coloridas, deixando os participantes à vontade para efetuarem seus desenhos e, em seguida, perguntávamos sobre suas produções gráficas. Eles/as falaram sobre aspectos complementares aos da entrevista, narrando histórias sobre a família de origem e fatos marcantes em suas vidas sociais e profissionais. Esse procedimento já foi usado, com adaptações no campo científico, por Soares e Sestren (2007) e, posteriormente, por Diogo (2012), e D'Avila (2014)⁵, que nomeiam a técnica como Trajetória Socioprofissional, de modo que essa ferramenta possibilitou uma investigação genealógica das profissões dos pais e dos avós e das trajetórias educacionais e profissionais dos participantes. Para Gaulejac (1987), essa técnica permite a produção discursiva sobre as experiências pessoais e produz um material de qualidade sobre a vida dos participantes. Para o autor, esse procedimento permite produzir um discurso sobre o passado, ao mesmo tempo em que exprime uma permanência no presente: no aqui e no agora.

Processo de coleta/geração de informações complementares

Esse processo é referente às informações complementares, tais como: as entrevistas complementares, depoimentos coletados, documentos e anotações no diário de campo. Para isso, coletamos documentos em jornais eletrônicos, sites da internet, jornais impressos, reportagens, mapas, fotografias, revistas e periódicos referentes à temática do estudo. Valles (1997) assinala que os documentos usados pelos/as pesquisadores/as podem estar situados em arquivos oficiais e/ou privados, terem diversas características e serem produzidas para os mais diversos fins e eles não necessariamente precisam ser construídos para objetivos de pesquisa. Também efetuamos diversas buscas em sites e arquivamos separadamente mais de cinquenta documentos eletrônicos, de reportagens publicadas em diversos jornais nacionais e internacionais sobre o tema das migrações internacionais e retorno.

Organização e processo de análise das informações

Neste tópico, explicamos como organizamos e como efetuamos a análise do conjunto dos materiais e documentos coletados/gerados. Freitas (2008), que também trabalhou com narrativas no contexto migratório, apresentou o conjunto de materiais gerados com a pesquisa antes de esclarecer os procedimentos de análise. O corpus central desta tese de doutorado foi constituído pelo trabalho feito com os dez participantes principais do estudo (Entrevistas e TTS). Todos os materiais com esses participantes foram gravados em um gravador digital e transcritos em arquivo eletrônico. As entrevistas com os oito participantes de apoio foram registradas em aparelho digital ou escritas no diário de campo. O processo de análise ocorreu em toda a pesquisa, desde as reflexões iniciais do projeto até as finais nas conclusões. Yin (2005), sobre o processo analítico em pesquisa, sinaliza a importância de se estabelecer uma estratégia geral e específica para organizar o material e desenvolver os processos. Diante disso, primeiramente analisamos o material principal, gerado com os participantes principais, que se tornou o corpus central da tese e, posteriormente, foram analisados e acrescentados ao principal o material complementar.

⁵ Diogo (2012) e D'Avila (2014) apresentam suas pesquisas nos capítulos 3 e 4, respectivamente, do presente livro. Essas autoras fazem uso da Técnica da Trajetória Socioprofissional, uma adaptação da técnica proposta por Gaulejac (1997).

Aqui apresentamos o processo feito com o material principal. Todas as falas foram transcritas, inclusive as geradas com a TTS, destacamos que analisamos sempre as falas e narrativas e não as produções gráficas. Após a transcrição de todo o material, estabelecemos dois processos analíticos com algumas modificações inspirados em Dubar (1998; 2005) e, assim, identificamos os elementos presentes nas trajetórias “objetivas” de todos os dez participantes e, posteriormente, todos os elementos relacionados com as trajetórias “subjetivas”. Cabe destacar que essa divisão foi apenas usada como um recurso de análise, visto serem duas dimensões indissociáveis.

Primeiro, falaremos do processo efetuado para compreender as trajetórias “objetivas”. Dubar (1998) esclarece que elas envolvem os elementos relacionados aos aspectos sociais, como um discurso considerado “por fora”, ou seja, no âmbito social, desconsiderando nesse procedimento as reflexões dos sujeitos. Assim, identificamos inicialmente o perfil dos participantes e efetuamos análise compreensiva de cada caso. Riessman (2008) distingue que os estudos narrativos são voltados para a especificidade, para o particular e para o caso, e podem envolver toda a vida de uma pessoa. Estudamos os relatos dos dez participantes lendo o material de cada um repetidas vezes. Após, formulamos um grande resumo sobre cada caso com elementos objetivos, as atividades laborais e os percursos migratórios. Após a análise de cada caso, articulamos todos eles, identificando a proporção dos casos e as regularidades com apoio também em Dubar (1998) e Franzoi (2006). Assim, tivemos como resultados: a) contexto pessoal; b) contexto educacional e laboral; c) Estudo das trajetórias: trajetórias mais contínuas e trajetórias fragmentadas (as construídas a cada etapa e aquelas mais associadas ao estudo).

Esclarecemos agora como efetuamos a análise das trajetórias subjetivas. Dubar (1998, 2005) esclarece que essa vertente incorpora as reflexões dos entrevistados sobre suas vidas e suas narrativas. Para efetuar esse processo, empregamos o método das narrativas temáticas. Riessman (2008) esclarece a importância de aproveitar as narrativas temáticas quando os materiais são extensos, provenientes de longas entrevistas e com muitos participantes. Por isso, esse modo de análise se adequou a esse trabalho, o qual abarcou um vasto material proveniente das extensas conversas com os sujeitos da pesquisa. Para a análise das narrativas, trabalhamos com ideias de Riessman (2008) e Gee (1991). Chase (2005) e Riessman (2008) esclarecem que no trabalho com narrativas não há um procedimento único e rígido, mas o/a pesquisador/a é instigado a produzir seu próprio caminho analítico. Diante disso, a preocupação principal da autora foi com os temas mencionados nas entrevistas. Riessman (2008) informa que a análise temática é o método mais comum entre os demais tipos, considerando-o particularmente apropriado quando o foco está no conteúdo das informações, sendo especialmente adequada para pesquisas com trabalho de campo.

Tendo todas as falas dos participantes transcritas, organizamos evitando segmentá-las além do necessário para compreender as histórias. Assim, com material transcrito, abrimos um arquivo de texto *word*, efetuando uma inserção gráfica de uma tabela dividida em duas. Na primeira coluna, adicionamos o material transcrito do caso e a segunda coluna permaneceu em branco até um momento subsequente. Foi desenvolvido do mesmo modo em cada um dos casos analisados. Efetuamos a leitura de todo o material transcrito repetidamente de cada caso e, após, segmentamos as narrativas em blocos, ou seja, criando parágrafos no material sobre trechos ou histórias relacionadas a um determinado assunto. Efetuamos diversas segmentações no material de cada participante. Esse processo deixou o texto dos participantes seccionados em diversos “parágrafos”, os quais nomeamos de “blocos narrativos”.

Salientamos que essa divisão do material foi conduzida para manter a continuidade da narrativa, evitando perder os sentidos dos relatos. Trabalhando em cada um dos casos, construímos esses “blocos narrativos” no material de todos os participantes. Com todo esse processo pronto, usamos a segunda coluna, que em princípio estava em branco, para nomeá-los, ou seja, dar-lhes um título. Cada “bloco narrativo” foi nomeado em relação aos assuntos presentes nos trechos narrativos. Feito isso no material de cada participante, após, foram observadas regularidades nesses temas entre os entrevistados e foi montado um gráfico que trata dos nomes dos blocos; após, efetuamos a reorganização dos temas de acordo com a literatura e, posteriormente, as categorias temáticas finais. Conforme pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 1: Categorias das Narrativas Temáticas

Categories temáticas iniciais conforme o material	Reorganização dos temas conforme a literatura	Categories temáticas finais
Motivos de ida ao Exterior: Planejamento e projeto- preparação para ida Trabalhos realizados antes da migração Conhecimento prévio da Europa: viagens, descendência. Língua estrangeira Mudanças anteriores dentro do país- migração interna. Reflexões	Motivos de ida ao Exterior Planejamento e projeto- preparação para migrar.	PARTIDAS Significados das partidas Planejamentos: apoio/redes e tempo.
Entrada no país de destino Visto Linguagem estrangeira Primeiras atividades laborais, ingresso no mercado de trabalho. Segundo momentos de trabalho no exterior Relação com colegas de trabalho Relação com supervisores Rendimentos e finanças Residências no Exterior Lazer Atividades domésticas Reflexões	Primeiras atividades laborais, ingresso no mercado de trabalho. Segundo momentos de trabalho no exterior Relação com colegas de trabalho Relação com supervisores Rendimentos e finanças Residências no Exterior Lazer Atividades domésticas	DESTINOS Narrativas mais relacionadas à dimensão do trabalho/emprego/renda Narrativas no destino mais relacionadas à dimensão social e familiar
Preparativos e planejamento para o Retorno Sentimentos no retorno Retorno como Impacto Motivos de retorno Trabalhos no regresso Retorno- trabalhos com o uso da língua estrangeira Modos de viver no Brasil após retorno Planos e projetos futuros Reflexões	Preparativos, motivos e planejamento para o Retorno Trabalhos no regresso Retorno- trabalhos com o uso da língua estrangeira Modos de viver no Brasil após retorno Planos e projetos futuros	RETORNOS Significados dos Retornos Narrativas no retorno- trabalho, família, amigos e tempo livre Futuros

Fonte: Ornellas (2015, p. 99-100)

Após esse processo, foi-se estabelecendo relações com a literatura e estudos científicos em cada um dos temas. Discutimos os temas relacionados às partidas, sobre o que subsidiou a partida para o exterior dos migrantes, o planejamento e a preparação para a chegada no exterior. Após, com as informações sobre as questões pertinentes ao país de destino e o processo de trabalho, conseguimos compreender como foi a inserção laboral, quais foram as dificuldades e as diferenças/facilidades que os/as participantes tiveram. Mais adiante, trabalhamos sobre o regresso ao Brasil e quais os motivos e as histórias presentes.

Discussão dos resultados desse processo de pesquisa

Detalhar os processos dessa investigação permitiu evidenciar todo um trabalho dialógico necessário para destacar os achados a partir da compreensão construcionista social e das narrativas. De acordo com Gergen (2009b, p. 314), o que se confronta nessa abordagem de pesquisa é “a tradicional concepção ocidental de um conhecimento objetivo, individualista e a-histórico”. Assim, o que se vislumbra com essa perspectiva são as possibilidades de uma metateoria científica em que a pesquisa não estaria condicionada às regras tradicionais, no entanto, estaria fundamentada em um certo rigor.

Tal metateoria poderá deslocar o conhecimento dos domínios condicionais pelos dados empíricos e/ou dependentes cognitivamente deles, e depositá-los nas mãos das pessoas em relação. Nessa perspectiva, a formulação científica não resultaria uma aplicação impessoal de regras metodológicas descontextualizadas, mas de responsabilidade de pessoas em intercâmbio ativo e compartilhado (GERGEN, 2009b, p. 314).

O rigor estaria relacionado aos modos de fazer o estudo, no dar visibilidade no campo científico a uma problemática relevante na sociedade, além de iluminar os caminhos escolhidos e/ou percorridos durante a construção do conhecimento. “Do ponto de vista construcionista, o processo de compreensão não é automaticamente conduzido pelas forças da natureza, mas é o resultado de um empreendimento ativo, cooperativo, de pessoas em relação” (GERGEN, 2009b, p. 303). Ou seja, nessa perspectiva, o conhecimento é algo que as pessoas produzem/fazem juntas e importante por se voltar para assuntos humanos.

Com a pesquisa e todo o processo dialógico realizado para compreender as relações entre migração e trabalho, foi possível caracterizar/conhecer as falas dos atores (participantes do estudo) sobre as suas vivências e como foi a inserção no mercado de trabalho no exterior e no regresso. Todo esse processo foi elaborado a partir das narrativas dos participantes, somadas à narrativa da pesquisadora e às decisões referentes aos processos de pesquisa, assim, foi possível verificar as mudanças/sofrimentos/estratégias de ação referentes ao contexto do trabalho e das migrações.

Essa pesquisa e suas etapas evidenciam que as construções narrativas longe de serem descoladas das vivências e do concreto, ao contrário, são estratégias de pesquisa que enfocam questões e problemas intimamente humanos e colocam em relevo os modos como os atores operam na condução e na resolução de seus problemas concretos.

Com as narrativas, esse movimento também se consolida, pois, para compreender analiticamente uma narrativa, é preciso identificar a especificidade da história, sua sequência e especificar as pessoas e particularidades do contexto

(RIESSMAN, 2008). Ou seja, elas enfocam e abordam problemas humanos concretos, históricos e socialmente situados. Em outras palavras, a pesquisa aborda a narrativa, mas compreendendo a direção desse discurso, os fatos e as falas que são permeados por significados sociais, tal como apresentado nas discussões e nas relações com a literatura em Ornellas (2015). As partidas, chegadas e regressos foram feitos pelas pessoas e narrados por elas a partir de diversas vivências/experiências pessoais diante de contextos históricos e sociais e econômicos que estavam continuamente se modificando e se processando.

Franklin (1997) explica que o emprego das narrativas como processo metodológico ainda tem dificuldades de se posicionar no plano central dos estudos em psicologia. Com uma perspectiva feminista, social, construcionista e pós-modernista, a autora sustenta a importância do uso das narrativas nas pesquisas como um modo de produzir significados, sendo que esta produção é feita durante as entrevistas, no momento em que elas oferecem uma ordenação dos eventos pessoais dentro de uma dimensão temporal. Assim, destacamos a importância de registrar o percurso feito pelo pesquisador na pesquisa com narrativas e dele ser muito bem documentado por ser esse o processo fundamental que promove a validade do estudo.

Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos de método da tese de doutoramento defendida por Ornellas (2015), no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Elucidamos como foi desenvolvido o estudo a partir da perspectiva qualitativa, tendo como fundamento o construcionismo social e a análise das narrativas em Psicologia com o estudo do contexto migratório e das relações de trabalho.

Foram entrevistadas dez pessoas, as quais foram consideradas como os participantes principais, mas envolvemos entrevistas com participantes de apoio, documentos, textos diversos, além de anotações em um diário de campo sobre diversas conversas feitas pelo pesquisador principal do estudo. A pesquisa construcionista social e das narrativas permitiu uma exploração desse contexto migratório e de trabalho, além dos problemas humanos e relacionais, conforme pode ser observado em Ornellas (2015). Possibilitou inclusive compreender os processos e movimentos de partida, de ingresso no mercado laboral no exterior e os processos de decisão e contexto de regresso. Essa abordagem e a investigação permitiu uma visão sobre as trajetórias dos participantes, seus cotidianos e sobre os fundamentos sociais e históricos de suas vivências.

Com esse trabalho, destacamos a importância de os/as pesquisadores/as em psicologia, nos estudos construcionistas sociais e de narrativas, serem rigorosos nos modos de registrar/descrever as etapas e os percursos de seus estudos, pois esses processos são fundamentais para sustentar a validade do estudo. Neste capítulo, pudemos apresentar como efetuamos todos os passos da investigação, que foi amplamente documentada, possibilitando compreender as vivências dos/as entrevistados/as ao abordar o fenômeno migratório relacionado ao trabalho. Por último, queremos lembrar que a perspectiva do construcionismo social não pretende se opor a outras teorias presentes na atualidade, mas sim abrir espaços e manter diálogo e isso a torna uma perspectiva de pesquisa frutífera no estudo de problemas concretos, sociais e humanos.

Referências

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Ilha de Santa Catarina, SC: Editora Mulheres, 2011.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- BURR, Vivien. *Social Constructionism*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2003.
- CHASE, Susan E. Narrative inquiry: Multiple lenses, approaches, voices. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *The handbook of qualitative research* 3. ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2005. p. 651-679.
- CRESWELL, John W. *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. 2. ed. Sage Publications, 2003.
- D'AVILA, Geruza Tavares. *Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais*. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.
- DIOGO, Maria Fernanda. *“Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar”. Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada*. (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.
- DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*, v. 19, n. 62, p. 13-30, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9CFjqcBMkKSZcj4PXLYpBRj/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- DUBAR, Claude. A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. *Educação e Sociedade*, vo. 19, n. 64, p. 87-103, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ns3xfk3JWnGD8zLZ67jtYF/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANKLIN, Margery B. Making Sense: interviewing and narrative representation. In: GERGEN, Mary M.; DAVIS, Sara N. (Org.). *Toward a new psychology of gender: a reader*. New York and London: Routledge, 1997. p. 99-116.
- FRANZOI, Naira Lisboa. *Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- FREITAS, Lucia Gonçalves de. *Discurso de identidade em narrativas de migrantes*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2008.
- GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*. Trajectoire sociale et conflits d'identité. Avant-propos de Max Pagès. Paris: Hommes & Groupes Editeurs, 1987.
- GEE, James Paul. A linguistic approach to narrative. *Journal of Narrative and Life History/Narrative Inquiry*, v. 16, n. 1, p. 15-39, 1991.
- GERGEN, Kenneth J. *An invitation to social construction*. 2. ed. London, UK: Sage, 2009a.
- GERGEN, Kenneth J. O movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna. Tradução do Original publicado em 1985. *Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis*, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009b.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOSER, Khalid. *International Migration: a very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MARTINS JUNIOR, Ângelo; DIAS, Gustavo. Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. *Análise Social*, v. 209, n. 4a, p. 810-832, 2013. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_209_a03.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.

MENDES, Conrado Moreira. A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. *Hipertextus*, v. 2, n. 0, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://arquivohipertextus.epizy.com/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

ORNELLAS, Laila Priscila Graf. “São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida”: trajetórias laborais de brasileiros/as retornados/as da Europa Ocidental. 229 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative Methods for the human Sciences*. United States of America: Sage Publications, 2008.

SILVA, Larentes da. *Migrações internacionais e mundos do trabalho: Brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)*. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2009.

SOARES, Dulce. Helena Penna; SESTREN, Gisele. A trajetória socioprofissional. In: BARROS, Delba Teixeira Rodrigues; LIMA, Mariza Tavares.; ESCALDA, Rosângela. (Orgs.). *Escolha e inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições. Orientação profissional: teoria e técnica - vol. 3*. São Paulo: Vetor. 2007. p. 81-96.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18- 42, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/nSkXqD7jKvgdrTFYGmTF8gP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. especial, p. 70-77, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6Sc7z55mBgkxxHPjrDvJHXJ/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.

VALLES, Michel S. *Técnicas qualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Universidad Complutense, 1997.

YIN, Richard. *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3ª ed.) Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. T. V. (Orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro, 2003. p. 287-309.

Capítulo 7

VIDA COTIDIANA DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: MODOS DE PESQUISAR

Maria Chalfin Coutinho
Geruza Tavares D'Avila
Liandra Savanhago
Tielly Rosado Maders

Introdução

No presente capítulo, apresentaremos o percurso metodológico de uma pesquisa realizada com o objetivo de investigar as práticas possíveis e os sentidos sobre trabalho produzidos no cotidiano de trabalhadoras domésticas¹. O foco da investigação foi a vida cotidiana de trabalhadoras domésticas, mensalistas e diaristas, residentes em duas regiões metropolitanas: Grande Florianópolis, Santa Catarina (GF-SC) e Baixada Fluminense, Rio de Janeiro (BF-RJ).

A pesquisa, realizada entre os anos de 2013 e 2016, foi contemplada pelo Edital Universal 14/2013 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)². Durante sua execução, o projeto foi coordenado pela primeira autora, a qual contou com Bolsa Produtividade também concedida pelo CNPq, e foi desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, da qual fizeram parte as demais autoras. Na pesquisa realizada na GF, incluímos alunos de Graduação e da Pós-Graduação em Psicologia vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Já o desenvolvimento da pesquisa na BF contou com uma equipe menor, além da pesquisadora que coordenou a pesquisa nessa região, também autora do presente texto, teve a participação de um graduando e de uma aluna de pós-graduação vinculados ao departamento de Administração e Turismo do campus de Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Toda a equipe envolvida no projeto era vinculada ao Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC).

A proposta da pesquisa surgiu com o intuito de darmos continuidade a pesquisas desenvolvidas pelo NETCOS³ acerca de sujeitos inseridos na sociedade do trabalho na contemporaneidade e as reflexões teóricas sobre as práticas cotidianas e os sentidos produzidos no cotidiano laboral. Compreendemos, também, como esses sentidos são

¹ Adotamos o termo trabalhadoras domésticas, no feminino, por representar a grande maioria das pessoas que fazem parte da categoria ocupacional assim como a quase totalidade das participantes da pesquisa ora apresentada em que apenas um homem foi entrevistado.

² Além do custeio da investigação, o edital universal do CNPq concedeu duas bolsas de pesquisa, sendo uma delas na modalidade de Iniciação Científica (IC) e a outra de Apoio técnico. Também participaram graduandos contemplados com duas bolsas de IC por meio de editais internos da UFSC (2013-2014; 2014-2015 e 2015-2016). Agradecemos a todos/as os/as pesquisadores/as que participaram dessa investigação em seus diferentes momentos, em ambas as regiões brasileiras.

³ Em relação às pesquisas do Núcleo, vide o capítulo sobre aspectos metodológicos de algumas pesquisas. Sobre as pesquisas que focalizam, neste Núcleo, o trabalho no serviço doméstico, vide artigo de Coutinho et al. (2013).

produzidos na cotidianidade, levando em consideração as mudanças estruturais nas relações produtivas do mundo do trabalho.

A investigação com as trabalhadoras domésticas ocorreu no momento de duas importantes e recentes transformações na legislação brasileira relacionadas ao trabalho doméstico. Em 2013, quando foi aprovada a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 72, popularmente conhecida como “PEC das Domésticas”, iniciamos a pesquisa na Grande Florianópolis (GF) – onde a maior parte das pesquisadoras atuava. A PEC tinha como proposta alterar o artigo 7º da Constituição Federal, com o objetivo de estabelecer paridade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos⁴ e os demais trabalhadores urbanos e rurais, conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Já em 2015, quando a Lei Complementar nº 150 foi publicada, a qual regulamenta a PEC nº 72/2013 e dispõe sobre o contrato de trabalho de trabalhadoras domésticas e diversas alterações legais, iniciamos a investigação na região da Baixada Fluminense (BF).

As legislações brasileiras acima mencionadas, que buscam equiparar as trabalhadoras domésticas com outros trabalhadores regidos pela CLT, foram marcos históricos significativos na história do mundo do trabalho brasileiro, pois afetaram sobremaneira o contexto trabalhista dessa categoria. De acordo com a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, esta conquista de 16 direitos trabalhistas, já garantidos para outros trabalhadores, significa mais do que uma igualdade de direitos, mas também uma equiparação histórica (OLIVEIRA, 2013).

O percurso metodológico que utilizamos durante a investigação, que será melhor detalhado ao longo deste capítulo, situa-se dentro do enfoque qualitativo, mais especificamente no campo dos chamados métodos biográficos. As ferramentas utilizadas para a pesquisa foram as entrevistas recorrentes, isto é, as trabalhadoras foram entrevistadas mais de uma vez, posto que pesquisar no cotidiano sugere alguma permanência no campo da pesquisa. Dessa forma, nessas entrevistas, utilizamos algumas ferramentas complementares, como as fotografias, a agenda colorida e, em alguns casos, a ferramenta da Trajetória Socioprofissional (TSP), tal como descrito em outras pesquisas apresentadas neste livro.

A pesquisa contou com a participação de 27 trabalhadoras domésticas, sendo 10 diaristas e 12 mensalistas situadas na região da GF e três diaristas e duas mensalistas entrevistadas na BF. Como atividades complementares, também entrevistamos duas dirigentes sindicais das trabalhadoras domésticas, uma em cada região mencionada (COUTINHO; D’AVILA; MADERS, 2016).

Em seguida, analisamos as entrevistas em consonância com os pressupostos epistemológicos adotados. Utilizamos um procedimento inspirado na proposta dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2013). Essa análise resultou na organização de três grandes núcleos de significação que serviram como horizonte para a construção dos resultados da pesquisa: Trajetórias educacionais e laborais; Vivências no trabalho e Gestão da vida cotidiana e do trabalho.

O primeiro Núcleo de Significação versou sobre as “Trajetórias educacionais e laborais” das trabalhadoras domésticas. De forma geral, neste núcleo de significação analisamos as relações mútuas entre as dimensões singular e social, particularmente sobre os percursos educacionais e laborais das participantes (COUTINHO; D’AVILA; MADERS; MORAIS, 2018). O estudo apontou trajetórias de vida marcadas pela entrada

⁴ Além do trabalho de diaristas (faxineira) e mensalistas, o trabalhador doméstico compreende outros cargos e funções, como: jardineiro, motorista, cozinheiro, babá, entre outros conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>).

precoce no mercado de trabalho e frequente interrupção nos percursos escolares, sugerindo “o nível de escolarização enquanto fator decisivo que possibilita diferentes inserções ocupacionais” (COUTINHO; D’AVILA; MADERS; MORAIS, 2018, p. 95).

O Núcleo de Significação relacionado às “Vivências no trabalho” apontou majoritariamente as relações contrastantes e contraditórias entre as trabalhadoras domésticas e seus empregadores, marcadas pela ambiguidade afetiva, em especial no caso das mensalistas. Coutinho, D’Avila, Maders e Morais (2018, p. 96), ao analisarem essas relações, identificaram vivências tanto “permeadas por bons afetos, com relações de cumplicidade e confiança, como as situações de humilhação, associadas aos afetos tristes”.

O último Núcleo de Significação, intitulado “Gestão da vida cotidiana e trabalho”, foi compreendido pelos mesmos autores como um cotidiano de trabalho doméstico heterogêneo e multifatorial. Coutinho *et al.* (2018, p. 98) identificaram também pontos convergentes entre as trabalhadoras domésticas, “caracterizado por cotidianos robustos que exigem decisões a todo momento, pautadas não só nas negociações com os contratantes, mas também no saber tácito e nas astúcias das trabalhadoras”.

Outros resultados da pesquisa podem ser observados em publicações (vide COUTINHO; D’AVILA; MADERS; MORAIS, 2018; COUTINHO; MADERS; WESTRUPP; D’AVILA, 2018; COUTINHO; MADERS; TRINDADE; SAVANHAGO; 2018), visto que, neste capítulo, enfatizaremos os percursos metodológicos e algumas reflexões sobre as experiências do processo de pesquisar junto às trabalhadoras domésticas. Em seguimento, apresentaremos brevemente os marcos teórico-metodológicos nos quais a investigação se assentou, em diálogo com modos de pesquisar no cotidiano e com os métodos biográficos, assim como nas leituras sobre trajetórias laborais. Em seguida, exporemos o percurso metodológico da pesquisa e, por fim, as considerações finais.

Método biográfico e trajetórias laborais como possibilidades de acesso à vida cotidiana de trabalhadoras domésticas

A investigação apresentada aqui buscou acercar-se da vida cotidiana das interlocutoras da nossa pesquisa. Assim, para compreender as práticas e os sentidos produzidos no cotidiano de trabalhadoras domésticas, adotamos a perspectiva da Psicologia Social do Trabalho e direcionamos o foco de nossa investigação para o campo do cotidiano, interessadas em compreender onde “[...] se sucedem os acontecimentos da vida no trabalho. Ao assim pesquisarmos, assumimos uma postura metodológica de partícipes desses acontecimentos enquanto investigamos as ações dos trabalhadores *no cotidiano*” (COUTINHO; OLIVEIRA; SATO, 2016, p. 289, grifo dos autores). Mas o que significa pesquisar *no cotidiano*?

Se pesquisarmos o cotidiano, estabeleceremos a clássica separação entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Mas se pesquisarmos *no cotidiano*, seremos partícipes dessas ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos. Fazemos parte do fluxo de ações; somos parte dessa comunidade e compartilhamos normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações (SPINK, M. J., 2007, p. 7, grifos da autora).

Na mesma direção, Peter Spink (2008) situa o pesquisador como um conversador do cotidiano. Assim, mais do que a preocupação com ferramentas, como a observação (distante ou participante) e as entrevistas (com roteiros previamente estabelecidos), o pesquisador deve estar atento a sua própria cotidianidade e ser capaz de estabelecer “[...] conversas espontâneas em encontros situados [...]” (Ibid, p. 72).

Entre as diferentes perspectivas metodológicas adotadas para investigar no cotidiano, consideramos importante o diálogo com a sociologia da vida cotidiana. Pais (2003) considera este campo como uma sociologia mais interessada em mostrar a vida social com suas características espontâneas e flexíveis, do que em demonstrar conceitos e teorias:

Em que consiste a perspectiva metodológica do cotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos, limitando ou anulando suas relações recíprocas (PAIS, 2003, p. 30).

De acordo com Pais (2003, p. 15, grifo do autor) este campo sociológico “[...] introduz um novo objeto de estudo: o das *situações de interação*”⁵. Assim, o autor propõe um modo de pesquisar regido pela “*lógica da descoberta*”, a qual “[...] afasta-se da lógica do ‘preestabelecido’, que condena percursos de pesquisa a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida [...]” (PAIS, 2003, p. 17) e procura desvendar os enigmas do cotidiano.

Para decifrar os enigmas do cotidiano, o pesquisador deve fazer uso do método dialógico e, assim, “[...] manter um relativamente elevado grau de consciência que evite sua absorção por parte do mundo objectivo de sua análise, ao mesmo tempo que está desperto para a polifonia das vozes que o rodeiam [...]” (PAIS, 2003, p. 59). Desse modo, o autor defende uma postura de pesquisador viajante, o qual, ao contrário do pesquisador turista circulando apenas em pontos previstos, é capaz de caminhar como um “*flâneur*” pelas rotas do cotidiano.

Em vários momentos, ao descrever suas compreensões sobre pesquisar na sociologia do cotidiano, Pais (2003) se acerca da pesquisa etnográfica. O recurso a modalidades de pesquisa de cunho etnográfico, as quais possibilitam um convívio intenso no campo da pesquisa, é frequentemente associado ao pesquisar no cotidiano. Por outro lado, Pais (2003) também destaca a historicidade do cotidiano, o que implica considerar o uso de fontes documentais quando se analisa a vida cotidiana, entre as quais estão as histórias de vida, memórias e biografias, que compõem o método biográfico⁶, ao lado de outras fontes literárias e audiovisuais. Nessa direção, o autor aponta a pertinência do uso de fontes orais, as quais possibilitarão “[...] uma maior aproximação tanto àquelas facetas do cotidiano que se encontram mais ligadas aos pequenos incidentes da vida doméstica, ao modo de viver íntimo etc., como à realidade daqueles grupos sociais situados à margem das esferas de poder [...]” (PAIS, 2003, p. 164).

Por meio de nossa investigação, buscamos, justamente, aproximar-nos da vida cotidiana de mulheres encarregadas de executar um sem número de atividades de cuidado e reprodução da vida de modo remunerado ou não. Quando exercidas de modo remunerado, essas atividades compõem o trabalho doméstico executado em residências de famílias de classe média e alta e, portanto, em contextos privados, dificilmente acessíveis para observação e convívio prolongado. Assim, inspiradas em outras pesquisas que vinham sendo desenvolvidas no NETCOS, em especial na pesquisa de Borges (2017)⁷ sobre a vida cotidiana de jovens universitários que

⁵ Como apontando no capítulo inicial deste livro, a análise dos processos de interação faz parte da tradição das pesquisas com Histórias de Vida (BECKER, 1999).

⁶ Ao tratar do método biográfico, Pais (2003) dialoga com outros estudiosos do campo como Daniel Bertaux e Franco Ferrarotti, cujas obras foram analisadas no primeiro capítulo do presente livro.

⁷ Um recorte da pesquisa de Borges (2017), cujo projeto e delineamento das ferramentas de pesquisa foi apresentado alguns anos antes, compõe o capítulo 5 do presente livro.

conciliam estudo e trabalho, fizemos uso de entrevistas recorrentes articuladas com outras ferramentas de pesquisa. Essa forma de pesquisa possibilitou investigar a vida cotidiana das trabalhadoras domésticas participantes do estudo, de modo a compreender suas histórias, acontecimentos diários e trajetórias laborais.

Na direção acima apontada por Borges (2017, p. 70), tomamos como referência a concepção de “[...] cada sujeito como único, singular e, ao mesmo tempo, histórico, constituído em uma relação histórico-dialética [...]” cuja apreensão das singularidades diversas e complexas requer investigar dentro de modalidades qualitativas. Entre as inúmeras possibilidades metodológicas qualitativas situamos a investigação aqui apresentada no campo dos métodos biográficos. Delory-Momberger (2012, p. 524, grifo da autora) situa a pesquisa biográfica na interface entre o individual e o social, na busca por apreender a singularidade enquanto “[...] atravessada, *informada* pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais”.

Para Bassi Follari (2014, p. 130, grifo do autor, tradução nossa) “[...] o método biográfico é *uma* das opções qualitativas que os/as investigadores/as tem a sua disposição”. O autor aponta para o fato de que tal método englobaria tradições distintas daí a dificuldade em configurá-lo como um campo metodológico, mas concorda com as delimitações mencionadas por Bolívar e Domingo (2006, s/p, tradução nossa):

O marco biográfico – entendido, em primeiro lugar, como a investigação que se ocupa de todo tipo de fontes que trazem informações de tipo pessoal e que servem para documentar uma vida, um acontecimento ou uma situação social – faz inteligível o lado pessoal e recôndito da vida, da experiência, do conhecimento. Nele tem lugar todos os enfoques e vias de investigação cuja principal fonte de dados se extrai das biografias, material pessoal ou fontes orais, que dão sentido, explicam ou contestam perguntas vitais atuais, passadas ou futuras, a partir das elaborações ou possíveis argumentos com os quais se contam experiências ou histórias vividas desde a perspectiva de quem as narra.

A opção pelos métodos biográficos de pesquisa, enquanto pesquisadoras da Psicologia Social do Trabalho, também se deveu à compreensão de que essa escolha metodológica favorece “[...] a inserção da psicologia nos campos da teoria social crítica: certamente, a psicologia deve dar conta da produção sócio-histórica, em qualquer dos seus campos epistemológicos, reconhecendo na esfera psicológica os atravessamentos sociais” (NOGUEIRA; BARROS; ARAÚJO; PIMENTA, 2017, p. 471). Para Nogueira *et al.* (2017), o movimento de contar a vida entrelaça suas condições concretas, vivências e modos de narrá-las; sendo os significados atribuídos ao vivido, o que enriquece a experiência de vida, pois “Os significados das vivências mudam, mudamos” (Ibid, p. 482).

Moyano Dávila e Ortiz Ruiz (2016) consideram importante para o enfoque biográfico falar de tempo e de mudança. Como é característico dentro desse enfoque, os autores consideram o tempo desde uma perspectiva singular e não necessariamente linear. Quando tratam de mudança, os autores remetem ao conceito de trajetórias de vida. Moyano Dávila e Ortiz Ruiz (2016, p. 23-24, tradução nossa) dividem as concepções dos estudos sobre trajetórias de vida nas ciências sociais em dois tipos: estrutural e de agência⁸.

A primeira, enfocada em conhecer os efeitos que tem as estruturas na

⁸ Os autores mencionam ainda estudos sobre trajetórias ancorados em métodos quantitativos, que fogem ao escopo dos estudos biográficos.

composição da vida dos indivíduos e a segunda no espaço de decisão daquela composição. Desde a perspectiva biográfica [...] os objetivos estão mais relacionados com a agência, colocando ênfase em como os indivíduos vivem as mudanças e tomam decisões a partir destas.

Em nossa investigação, interessava-nos compreender a vida cotidiana de trabalhadoras domésticas, para tanto se fez necessário situar seus cotidianos em tempos singulares e históricos, por meio de suas trajetórias laborais. Antes de apresentar os procedimentos de pesquisa que nos permitiram compreender a vida cotidiana e os sentidos produzidos pelas interlocutoras desta pesquisa, vamos situar nossa compreensão sobre trajetórias laborais.

Há várias formas de nominar as trajetórias, sejam sociais (GAULEJAC, 1987; DUBAR, 1998), profissionais ou ocupacionais (COGO, 2011), identitárias (COUTINHO, 2009), socioprofissional (SOARES; SESTREN, 2007), dentre outras qualificações correlatas. Cada um desses termos remete a uma maneira específica de conceituar teórica e metodologicamente tal categoria de estudos. Consideramos trajetórias laborais o termo mais abrangente o qual foi adotado neste capítulo.

Dubar (1998) propõe uma análise das trajetórias sociais a partir das formas identitárias e afirma que “Estabelecer relações entre esquemas discursivos de relatos biográficos e processos estruturais de determinação social continua sendo um exercício essencialmente virtual” (Ibid, p. 13). O sociólogo francês segue mencionando as dificuldades na análise das trajetórias sociais, as quais podem levar a uma espécie de psicologização desse processo, numa tendência que prefere nomear de essencialista, ou, inversamente, uma tendência sociologista – ou relativista como também prefere chamar.

De outra forma, mas ainda pautado na sociologia, mais especificamente, na Sociologia Clínica, Gaulejac (1987)⁹ faz uma análise das trajetórias sociais por meio da neurose de classe a qual sugere um campo multideterminado capaz de compreender uma noção sociológica e uma noção clínica. Sua compreensão considera aspectos da historicidade e do projeto parental e indica que “compreender o peso da história em si é compreender a articulação entre a própria história pessoal e a história social na qual ela se inscreve” (GAULEJAC, 1987, p. 38, tradução nossa).

Cogo (2011) apoia suas explicações sobre as trajetórias profissionais em estudos sociológicos que procuravam compreender a (re)inserção laboral e os constrangimentos dos trabalhadores em busca do emprego nas diferentes décadas do final do século XX, especialmente, ao ser questionada a “sociedade salarial de quase pleno emprego durante duas ou três gerações” (Ibid, p. 467). Dessa forma, o autor refere aos estudos dos sociólogos Claude Dubar e Vincent de Gaulejac, anteriormente citados, pois há uma vinculação entre as trajetórias sociais e as histórias de vida, configurando um campo relativamente novo na sociologia do trabalho.

Coutinho (2009), ainda na primeira década do século XXI, apontava o quanto os índices elevados de desemprego e as formas precárias de emprego e subemprego trazem repercussões para a vida dos(as) trabalhadores(as). Assim, a autora aponta as trajetórias identitárias como estratégia para o estudo qualitativo dos processos de significação relacionados ao trabalho e explica que:

Considerando a relação dialética entre sentidos e significados, a análise dos sentidos produzidos pelos sujeitos deve sempre considerar suas relações com os significados produzidos coletivamente e vice-versa. Do

⁹ Neste livro, as pesquisas apresentadas nos capítulos 3 e 9, respectivamente de Maria Fernanda Diogo e Luana Sodré, desenvolvem a perspectiva de Gaulejac (1987).

mesmo modo, também é importante considerar a articulação entre os processos identitários e de construção de sentidos pelos sujeitos em seu cotidiano de trabalho (COUTINHO, 2009. p. 193).

Portanto, ao vincular trajetórias ocupacionais à construção da identidade seria possível melhor compreender os sentidos atribuídos ao trabalho por diferentes grupos de trabalhadores, mas sempre evitando análises “psicologizantes” ou “sociologistas”, como já apontamos conforme Dubar (1998). A autora acima citada também chama a atenção para o aspecto temporal das trajetórias, ao possibilitar conhecer, por um lado, os percursos ocupacionais no passado e, por outro, conhecer também os projetos laborais relacionados ao futuro do trabalhador.

Soares e Sestren (2007), fundamentadas na definição do projeto paternal de Gaulejac (1987), propõem uma técnica para análise das trajetórias nomeada trajetória socioprofissional. As autoras indicam o uso mais recente, no Brasil, dessa ferramenta como técnica de pesquisa utilizada “inicialmente na França, tem por objetivo propor um método de investigação que permita articular a análise dos fatores sociológicos que determinam as histórias individuais, propiciando uma interação dinâmica entre o social e o psicológico” (SOARES; SESTREN, 2007, p. 89). Para a elaboração da trajetória socioprofissional, as autoras propõem a construção de um genograma familiar e, em seguida, de uma linha da vida conforme um modelo que apresentam ao final do capítulo (SOARES; SESTREN, 2007). Assim, a partir das definições de Gaulejac (1987), pretendem integrar aspectos sociais e psicológicos, pois, desse modo, o pesquisador poderia contribuir ao oferecer suporte teórico e auxiliar na elaboração do conhecimento produzido no encontro para a construção da TSP.

A articulação entre trajetórias laborais e as biografias dos/as trabalhadores/as depende de um arcabouço teórico metodológico capaz de compreender a complexidade dos processos de constituição dos sujeitos assim como da complexidade das transformações do trabalho e de seus processos organizativos em curso. A seguir, apresentaremos o percurso da pesquisa, considerando tanto os procedimentos para o levantamento e análise das informações no campo de pesquisa, como também algumas vicissitudes e bastidores da investigação.

Percurso metodológico da pesquisa

A etapa da investigação de campo, junto aos interlocutores, é sempre um momento desafiador. No decorrer desse processo, algumas situações que vivenciamos como pesquisadoras, no cotidiano da pesquisa, implicaram reflexões e mudanças nas estratégias de levantamento das informações e no próprio entendimento do objeto de estudo em questão.

Para Scopinho e Santos (2014), alguns momentos “embaraçosos” acontecem no fazer cotidiano das pesquisas científicas e essas situações raramente são contempladas nos “manuais” de investigações qualitativas. Além disso, tais situações embaraçosas nem sempre são relatadas nas produções finais e, assim, deixam de compor o quadro de análise intrínseco ao próprio campo. Ao pensar o campo como uma relação, o pesquisador “tem que se identificar e negociar a entrada na vida do outro, esclarecer propósitos, equalizar interesses e sincronizar agendas” (Ibid, 2014, p. 267), compreendendo que o processo de pesquisar não é linear e pode estar sujeito a surpresas e a conflitos no caminho.

Dessa forma, neste tópico, apresentamos os percursos do campo, com ênfase nos procedimentos de levantamento das informações da referida pesquisa e nas reflexões e modificações das ferramentas oriundas das experiências e das relações estabelecidas com as interlocutoras. Também apresentamos os procedimentos de

análise das informações levantadas.

As interlocutoras foram contatadas por meio do procedimento conhecido como “Bola de neve”, em que as entrevistadas foram indicadas por amigos ou conhecidos, o que gerou uma rede de contatos. As questões éticas relacionadas ao campo foram pensadas ao longo de toda a investigação, desde a sua elaboração até a finalização. Em observância às normas éticas de pesquisa brasileiras, tal como as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC). Nesse sentido, antes de cada entrevista, as participantes eram informadas sobre a pesquisa e, então, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na BF-RJ, a pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética na Pesquisa (COMEP-UFRRJ) em junho de 2015, quando iniciamos a pesquisa também nessa região com procedimentos similares e uso do TCLE. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Como apontado no início do capítulo, houve a participação de 27 trabalhadoras domésticas, sendo 20 diaristas e 12 mensalistas. Também entrevistamos duas dirigentes sindicais.

Cada trabalhadora doméstica participou de duas entrevistas, estas baseadas num roteiro semiestruturado que foi organizado em eixos temáticos: cotidiano de vida e trabalho, as trajetórias escolares e laborais e os projetos de vida (COUTINHO; MADERS; TRINDADE; SAVANHAGO, 2018). De forma complementar, foram utilizadas duas ferramentas, a Agenda Colorida e a Fotografia. Ao final do primeiro encontro, foi pedido às entrevistadas que registrassem entre 6 e 12 imagens que remetessem ao seu cotidiano de trabalho. Foi oferecida uma câmera digital¹⁰ para que elas pudessem realizar essa atividade. Baseadas em Borges e Coutinho (2011), compreendemos a fotografia enquanto um recurso imagético, produzido pelo próprio participante da pesquisa. Após a produção das imagens, no segundo encontro, as entrevistadas escolheram 6 produções e refletiram sobre elas junto às pesquisadoras. Já a Agenda Colorida consiste em uma tabela com a divisão da semana em dias e horários, em que cada momento é preenchido com uma cor (SOARES; COSTA, 2011). As cores são referentes a cada tipo de atividade realizada pelas interlocutoras em seu cotidiano. Após a produção da agenda, no segundo encontro, foram discutidas as informações ali registradas pelas trabalhadoras. Tanto as fotografias quanto as agendas coloridas não foram analisadas em si, mas utilizadas como ferramentas que ampararam as falas e auxiliaram na compreensão da vida cotidiana das interlocutoras. Assim sendo, em relação às ferramentas complementares, foram analisadas as falas com reflexões proporcionadas por estas durante o segundo encontro.

No decorrer dos três anos de pesquisas, algumas questões evidenciaram-se. Em um primeiro momento, a proposta era a realização de até quatro entrevistas com cada participante, junto ao uso da Agenda Colorida, da fotografia e da TSP. Como mencionado, a TSP trata-se de um registro gráfico em que a participante constrói uma linha do tempo contendo aspectos de sua história de vida, tanto em relação às trajetórias pessoais e familiares quanto em relação aos itinerários educacionais e laborais (SOARES; SESTREN, 2007). Após a elaboração do registro, os participantes discorrem sobre os elementos significativos de suas vidas.

A primeira entrevistada participou de três encontros e, como ferramentas complementares, foram produzidas a Agenda Colorida e a TSP. A Agenda Colorida facilitou o acesso a particularidades da vida cotidiana da trabalhadora, pois assegurou o conhecimento de informações detalhadas e aprofundadas de seu dia a dia. Já a TSP

¹⁰ Nas primeiras entrevistas realizadas, usamos câmeras digitais, mas em seu decorrer, parte das interlocutoras utilizou seu próprio celular para produzir as fotos.

evidenciou-se uma ferramenta pertinente para o uso em abordagens biográficas por permitir apreender a dimensão temporal e histórica da vida de nossa interlocutora.

Após a finalização das três entrevistas, constatamos que, em função da própria dinâmica laboral do serviço doméstico e da intensa rotina de trabalho da entrevistada, seria mais vantajoso diminuir o número de encontros. Também refletimos sobre o uso da TSP, uma vez que a produção exigiu um tempo significativo para sua construção e que algumas dificuldades correram, por exemplo, quando a entrevistada, com dificuldades para leitura e escrita, solicitou ajuda das pesquisadoras para essa tarefa. Dessa forma, optamos por rever o protocolo planejado e passamos a realizar apenas dois encontros com as participantes e deixamos de utilizar regularmente a TSP. As trajetórias laborais continuaram a ser investigadas por meio de perguntas nas entrevistas recorrentes.

Além de mudanças no protocolo geral da pesquisa, como a redução no número de encontros e de modalidades de ferramentas complementares acima apontadas, certas situações embaraçosas requeriam ajustes nos modos de usar os procedimentos para levantamento das informações de modo a facilitar nossa interlocução com as participantes do estudo. Na direção apontada por Scopinho e Santos (2014), algumas situações vivenciadas no cotidiano do fazer científico podem contribuir para o andamento da pesquisa. Ao mesmo tempo, também cooperam para a formação do pesquisador, pois o situam no campo e requerem que “lide com a distância que se coloca entre o que se deve fazer (o prescrito) e o que, realmente, é possível e necessário fazer (o real) para estabelecer relações de trabalho com sujeitos em determinados campos de pesquisa” (SCOPINHO; SANTOS, 2014, p. 268).

A questão da formação do pesquisador foi um elemento particularmente relevante na investigação, pois o levantamento das informações não teria sido possível sem a participação dos alunos de graduação envolvidos, que se iniciavam nos fazeres de pesquisa. Esses alunos, em geral bolsistas de IC, quando se inseriam no grupo de pesquisa, eram acompanhados e orientados por outros membros mais experientes da equipe e, depois, passavam a realizar as atividades de pesquisa de modo autônomo, sempre com supervisão das coordenadoras do projeto e da bolsista de Apoio Técnico.

Um exemplo de situação “embaraçosa” ocorreu durante a fase inicial da pesquisa, ao entrevistamos uma trabalhadora doméstica mensalista no local onde a interlocutora executava suas funções laborais. Ao final da primeira entrevista, foi solicitada à entrevistada a produção de fotos e lhe foi emprestada uma câmera, quando a pesquisadora retorna ao local para recolher o equipamento fotográfico e dar continuidade ao levantamento de informações, a trabalhadora explicou à pesquisadora dificuldades em produzir as imagens e pediu: “*Você poderia tirar as fotos para mim?*”. Diante deste “embaraço”, a pesquisadora precisou ajustar a ferramenta de pesquisa e foi produzindo imagens a partir das orientações da trabalhadora sobre o que e como fotografar seu cotidiano de trabalho.

As mudanças no protocolo e ajustes em cada situação de pesquisa, considerando peculiaridades de cada interlocutora, bem como a dinâmica da interação com o pesquisador e do contexto de interação, constituem um fazer artesanal chave em todo processo de investigação. Desde o clássico texto de Wright Mills¹¹, sobre o artesanato intelectual em sociologia, são inúmeras as reflexões sociológicas sobre esse tema. De acordo com Martins (2013, p. 24), “[...] o artesanato intelectual envolve a invenção de técnicas de pesquisa e de abordagem ajustadas à natureza do tema e do objeto” e, mais do que técnicas, consiste em uma troca, pois “No artesanato, o

¹¹ “Do artesanato intelectual” consiste em apêndice escrito por C. Wright Mills no livro “A imaginação Sociológica”, publicado originalmente nos anos 1950 e editado no Brasil pela Zahar.

observador é observado, o decifrador é decifrado” (Ibid, p. 35).

Para Martins (2013), o artesanato intelectual acontece em diferentes áreas científicas, não apenas na sociologia, e requer mais respeito com os interlocutores, cujas vivências e visão de mundo vão compor a pesquisa, e mais tempo para o processo de interação. “Não se deve subestimar, nas ciências humanas, a importância do depositário de informações decisivas para o tema que o pesquisador está estudando” (ibid, p. 27).

Também para Pais (1993) faz reflexões sobre o cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. Para o autor, essa prática reivindica sensibilidade para valorizar e se inspirar nas “[...] experiências mundanas da vida cotidiana [...]” (Ibid, p. 109). O sociólogo português faz interessantes reflexões inspirado em certas práticas artesanais, como o exemplo das rendeiras de bilro, originárias de Portugal e presentes em algumas regiões brasileiras, de colonização açoriana, como a cidade de Florianópolis:

Assim sendo, as rendas não são apenas entrançamentos de fios de algodão ou de linho, são também junções de fios de vida tecidos na urdidura da experiência. Por tal razão, nos *motivos* das rendas encontramos *razões* sociológicas que os explicam. O traçado da renda não se traduz apenas numa diversidade de pontos, reproduz experiências de vida, traça também destinos prováveis de uso com marcas sociais (PAIS, 2013, p. 108 – grifo do autor).

Do mesmo modo que as rendeiras guardam achados, como espinhas de peixe ou caroços, para fazer seus bilros, os pequenos achados do pesquisador artesão ou fragmentos do cotidiano podem possibilitar o esboço da investigação. Na lógica da descoberta, mencionada anteriormente e adotada por Pais (2013, p. 113, grifo do autor), “[...] vale mais o esboço do que o *projeto* [...]”, pois quando nos aferramos a um projeto em busca de resultados previsíveis corremos o risco de perder o imprevisto. Assim, nosso projeto de pesquisa, encarado como um esboço, foi sendo redimensionado no percurso da investigação em diálogo com nossas interlocutoras, que nos permitiram vislumbrar fragmentos de suas vidas cotidianas.

A partir da epistemologia adotada, consideramos, tal como González Rey (2011, p. 55), o entrevistado como um interlocutor ativo na pesquisa “não é simplesmente um reservatório de respostas, prontas a expressar-se diante da pergunta tecnicamente bem-formulada”, mas sim a pesquisa implica uma comunicação interativa e dinâmica, “que segue os altos e baixos e as irregularidades de toda relação humana” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 58).

Com base nessas perspectivas, a coparticipação do pesquisador no processo de elaboração das fotografias pode ser interpretada como a utilização da ferramenta fotográfica no sentido interativo, ou seja:

O instrumento não é importante só pelo que o sujeito responde ou realiza, mas pelas conversações que suscita, pelas expressões do sujeito diante dele, pelas perguntas que formula durante sua execução, pelas características da execução etc (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 56).

Por fim, a análise dos materiais levantados foi inspirada na proposta dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013; AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015), também desenvolvida em outras pesquisas apresentadas neste livro. Essa proposta de análise envolve um processo de aglutinação em três etapas sucessivas para organizar os pré-indicadores, os indicadores e, por fim, os núcleos. Certas características da presente investigação, em especial o grande volume de

informação levantada em dois diferentes campos da pesquisa, complexificou o processo de análise. Assim, após as leituras flutuantes e recorrentes das entrevistas transcritas, levantamos os pré-indicadores de cada interlocutora de pesquisa, destacando pontos enfatizados por elas ou aspectos relevantes em diálogo com nosso referencial teórico. A partir disso, iniciamos o processo de aglutinação dos elementos identificados e, considerando certas especificidades das entrevistadas, como o fato de atuarem principalmente como mensalistas ou diaristas ou serem da GF ou da BF, foram levantados indicadores comuns às entrevistadas. A finalização do processo de análise implicou a aglutinação das compreensões efetivadas com a organização de três Núcleos de Significação, os quais orientaram a construção dos resultados da pesquisa, sempre direcionados pelos seus objetivos: Trajetórias educacionais e laborais; Vivências no trabalho e Gestão da vida cotidiana e trabalho.

A etapa de análise das informações também levantou inúmeras reflexões. Conforme avançamos na compreensão dos resultados, surgiu a necessidade de aprofundarmos algumas temáticas, como o estudo das emoções e dos sentimentos, pois essa temática evidenciou-se central na compreensão e na análise do contexto do trabalho doméstico.

Ao final de 2016, encerramos a pesquisa de campo em ambas as regiões e, passamos, então, a divulgar alguns resultados deste estudo em publicações, eventos científicos, e, também, em uma Mostra de Fotografias, realizada pelo NETCOS, na UFSC, em que as trabalhadoras produtoras das fotos e interlocutoras deste estudo foram convidadas a participar. Essa foi uma experiência particularmente interessante, pois, além das fotografias, realizamos Rodas de Conversa com outras pesquisadoras de diferentes áreas de conhecimento, articulando essas discussões com a Psicologia Social do Trabalho. De modo semelhante, a Mostra de Fotografias também foi apresentada no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, em Nova Iguaçu.

Considerações finais

Após apresentarmos uma síntese das orientações teórico-metodológicas da pesquisa, assim como seu percurso metodológico, incluindo os principais procedimentos para levantamento e análise das informações no campo, cabe apontar alguns aspectos. Mais do que descrever e comentar os procedimentos de pesquisa adotados, interessava-nos aqui revelar um pouco dos meandros do processo de pesquisar, um artesanato intelectual e prático desenvolvido coletivamente por muitas mãos, no nosso caso. Em nossas reuniões regulares de pesquisa, havia momentos para discussões sobre temas emergentes, como procedimentos para levantamento e análise de informações e, também, reflexões teóricas sobre vida cotidiana, trabalho doméstico, emoções e sentimentos, entre outros. Também discutíamos frequentemente não só o andamento da pesquisa, mas os materiais levantados, como, por exemplo, o compartilhamento e a discussão coletiva da transcrição de uma entrevista. Essas ações guardam uma dupla função: a formação de pesquisadores e o aprimoramento das ferramentas de pesquisa. Também as etapas e os materiais resultantes das análises foram discutidas minuciosamente pela equipe.

Assim, além do conhecimento acadêmico produzido e divulgado, aprendemos com as trabalhadoras domésticas um pouco sobre o que é ser pesquisador no cotidiano dos serviços domésticos. As trabalhadoras domésticas, ao compartilharem relatos de suas vidas nas entrevistas, puderam mostrar o quanto essa categoria ocupacional é invisibilizada e desvalorizada, mesmo considerando as recentes legislações, apontadas na introdução, para garantir alguns direitos ainda não reconhecidos. Ao concluirmos nossa pesquisa, fomos capazes de visualizar a

precariedade característica do trabalho doméstico, dados macrossociais posteriores indicam maior precarização das relações de trabalho nesse contexto. Relatório recente do DIEESE (2021), com dados comparativos entre 2019 e 2020 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), aponta para uma diminuição da quantidade de pessoas atuantes nesta ocupação de modo geral, com aumento do número daquelas sem carteira assinada e diminuição do rendimento médio mensal. Ainda assim, temos um contingente grande de mulheres, a maioria negra, que exerce essa ocupação, o que torna relevante não só o desenvolvimento de estudos acadêmicos sobre essa temática, mas também outras atividades que integrem as reflexões acadêmicas com a vida dessas mulheres e suas organizações coletivas.

Finalmente, ressaltamos o desafio em realizar uma pesquisa em dois estados diferentes com pesquisadores/as em distintos momentos da formação acadêmica, aliado a um momento em que algumas mudanças estavam em curso no que se refere à categoria ocupacional dessas trabalhadoras. Também destacamos a potencialidade das ferramentas de pesquisa utilizadas como modo de acessar a vida cotidiana das trabalhadoras domésticas. Nesse sentido, cabe destacar a generosidade dessas mulheres ao compartilharem suas vidas conosco e, considerando o ritmo intenso de suas vidas cotidianas, por despendermos um tempo para participarem da pesquisa. Essa troca de experiências afetou nossas vidas, aqui nos referimos tanto às vidas de nossas interlocutoras, disponíveis para falar, produzir fotos e preencher agendas coloridas, como de todos e todas que fizeram parte da equipe de pesquisa, pois o artesanato intelectual, como coloca Martins (2013, p. 27), “[...] implica numa certa invasão recíproca da vida do pesquisador por aqueles com os quais dialoga e até mesmo sua ressocialização”.

Referências

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira Estudos Pedagogia*, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335764577_Apreensao_dos_sentidos_aprimorando_a_proposta_dos_nucleos_de_significacao>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021740006>>. Acesso em: 20 de abr. 2021.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Julio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, v.45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/198053142818>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.
- BASSI FOLLARI, Javier Ernesto. Hacer una historia de vida: decisiones clave durante el proceso de investigación. *Athenea Digital*, v. 14, n. 3, p. 129-170, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1315>>. Acesso em: 28 de fev. de 2015.
- BECKER, Howard Saul. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, Howard Saul. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, p. 102-115, 1999.
- BOLÍVAR, Antônio; DOMINGO, Jesús. La investigación biográfica y narrativa em Iberoamerica: campos de desarrollo y estado actual. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n. 4, art. 12, 2006. Disponível em: < <https://doi.org/10.17169/fqs-7.4.161> >. Acesso em: 31 de jul. de 2019.
- BORGES, Regina Celia Paulineli. *Tramas da vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho*. Tese de doutorado em Psicologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177765>>. Acesso em: 20 de mai. de 2021.

BORGES, Regina Celia Paulineli; COUTINHO, Maria Chalfin. Cenas do trabalho: a fotografia como recurso metodológico para expressar os sentidos do trabalho juvenil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 63, n. spe, p. 38-48, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300005>. Acesso em: 18 de mai. de 2012.

BRASIL. *Lei Complementar nº 150 de 01 de junho de 2015*. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº 8.212, de 24 de julho de 1991, nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Brasília, DF. 2015. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2015/leicomplementar-150-1-junho-2015-780907-publicacaooriginal-147120-pl.html>> Acesso em 20 de mai 2021.

BRASIL. *Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 72, 2 de abril de 2013*. Brasília, DF, 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm>. Acesso em 20 de mai 2021.

COGO, Paulo Sergio Fernandes. Trajetórias profissionais. In: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena (Orgs.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. p 465-470.

COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v12n2/a05v12n2.pdf>>. Acesso em: 09 de nov. de 2009.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fabio; SATO, Leny. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 289-295, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420140053>>. Acesso em: 01 de set. de 2016.

COUTINHO, Maria Chalfin; D'AVILA, Geruza Tavares; MADERS, Tielly Rosado; MORAIS, Marcelo. Trabalhadoras domésticas: trajetórias, vivências e vida cotidiana. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho (USP)*, v. 21, p. 87-101, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p87-101>>. Acesso em: 28 de mai. de 2021.

COUTINHO, Maria Chalfin; D'AVILA, Geruza Tavares; MADERS, Tielly Rosado. De trabalhadora doméstica à sindicalista: “[...] as domésticas precisam de mim!”. *VIII Congreso da Asociación Latinoamericana de Estudios del Trabajo (ALAST)*. La recuperación de la centralidad del trabajo en América Latina. Actores, perspectivas y desafíos. Buenos Aires, 2016.

COUTINHO, Maria Chalfin; MADERS, Tielly Rosado; TRINDADE, Camila; SAVANHAGO, Liandra. “Acho que homem... não é para ele essa profissão”: contrapontos de gênero no trabalho doméstico. *Psicologia Argumento*. V. 36, n. 91, p. 1- 15, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.91.AO01>. Acesso em: 09 de abr. de 2021.

COUTINHO, Maria Chalfin; MADERS, Tielly Rosado; WESTRUPP, Mônica Back; D'AVILA, Geruza Tavares. História de uma trabalhadora doméstica. *Athenea digital*, v. 18, p. 1940, 2018. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/download/v18-n2-coutinho-maders-westrupp-davila/1940-pdf-pt>>. Acesso em: 09 de abr. de 2021.

COUTINHO, Maria Chalfin. *Práticas e produção de sentidos no cotidiano de trabalho*. Projeto de Pesquisa. CHAMADA UNIVERSAL – MCTI/CNPq Nº 14, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 12 de jul. de 2017.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

(DIEESE) Gráfico - Especial de Trabalho doméstico no Brasil, abril de 2021. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>> Acesso em: 10 de jun. de 2021>. Acesso em: 15 de mai. De 2021.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e Sociedade*, v. 19, n. 62, p. 13-30, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>>. Acesso em: 11 de abr. de 2011.

GAULEJAC, Vicent de. *La nevrose de classe: trajectoire socieale et conflits d'identité*. Paris: Hommes & Groupes Editeurs, 1987.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MARTINS, José de Souza. O artesanato intelectual na sociologia. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, n. 2, p. 13-48, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.41>>. Acesso em: 18 de mai. de 2021.

MOYANO DÁVILA, Camila; ORTIZ RUIZ, Francisca. Los estudios biográficos em las Ciencias Sociales del Chile reciente: hacia la consolidación del enfoque. *Psicoperspectivas: individuo e sociedade*, v. 15, n. 1, p. 17-29, 2016. Disponível em: < <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/718> >. Acesso em: 26 de mai. de 2017.

NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhaes; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisa e práticas psicossociais*, v. 12, n. 2, 2017, p. 466-485, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082017000200016>. Acesso em: 14 de dez. de 2017.

OLIVEIRA, Creuza Maria. *Uma reparação histórica*. Entrevista à Folha Uol. [S.l.], 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/03/1253293-creuza-maria-oliveira-uma-reparacao-historica.shtml>>. Acesso em: 05 de mai. 2021.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, n. 1, p. 107-128, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.26> >. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida; SANTOS, Charles dos. Batismo de fogo e gravador desligado: notas sobre embaraços vividos pelo pesquisador no cotidiano do trabalho de campo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 266-280, 2014. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v17i2p266-280. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/112347>>. Acesso em: 27 de abr. de 2021.

SOARES, Dulce Helena Penna; SESTREN, Gisele. A trajetória socioprofissional. In: BARROS, Delba; LIMA, Mariza; ESCALDA, Rosangela. (Orgs). *Escolha e inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições*. Orientação Profissional: Teoria e Técnica – Volume 3. São Paulo: Vetor, 2007. p. 81-96.

SOARES, Dulce Helena Penna; COSTA, Alice Bogoni. Aposentação: aposentadoria para a ação. São Paulo: Vetor, 2011.

SPINK, Mary Jane Paris. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v.19, n.1, p. 7-14. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100002> >. Acesso em: 18 de mai. de 2016.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 20, n.spe, p. 70-77, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010> >. Acesso em: 01 de fev. de 2011.

Capítulo 8

A PESQUISA COM JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS: REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Liandra Savanhago

Introdução

O objetivo do presente estudo é apresentar algumas reflexões de cunho metodológico sobre uma pesquisa científica que envolveu jovens usuários das Políticas Públicas de Assistência Social. Os jovens participantes do estudo estavam inseridos nessas políticas por cumprirem medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida e/ou de Prestação de Serviços à Comunidade em um município localizado no litoral do estado de Santa Catarina.

Tais reflexões são oriundas de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante os anos de 2017 e 2019¹. A pesquisa de pós-graduação teve como objetivo central investigar os sentidos do trabalho para jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto. Para isso, buscou-se aprofundar nos seguintes objetivos específicos: compreender suas trajetórias de estudo e de trabalho, entender as práticas cotidianas de trabalho e, por fim, compreender as interfaces existentes entre o contexto de trabalho e medidas socioeducativas que os jovens estavam cumprindo durante essa pesquisa de mestrado.

Durante a construção do alicerce teórico-metodológico da pesquisa, buscou-se assumir uma postura teórica que não é neutra, mas sim que considera a parcialidade da realidade e se relativiza os contextos socioculturais. Diante disso, a pesquisa desenvolvida foi de cunho qualitativo, a qual permite o envolvimento da pesquisadora no e com o campo e o contexto de pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

Em consonância com a postura ética e política adotada, utilizou-se como arcabouço teórico a Psicologia Social do Trabalho e a Psicologia Histórico Cultural. A primeira é definida como uma área da psicologia social que “focaliza os fenômenos e problemas do trabalho e, para tanto, conta com elementos que a singularizam, enraizados em sua história, em seus princípios, em seus objetivos, em sua ética não liberal” (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017, p. 11). A segunda, por sua vez, teve o psicólogo e escritor Lev Semionovitch Vigotski como um de seus principais precursores. O autor considera a necessidade de analisar os fenômenos sociais sem desconsiderar a base histórica e os contextos macro e microsociais dos sujeitos envolvidos (VYGOTSKY, [1982] 2004²).

Durante a operacionalização da pesquisa, que será detalhada ao longo deste texto, foi estabelecido o contato com quatro jovens usuários de um Centro de

¹ A pesquisa foi contemplada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² A data entre colchetes indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes, será registrada apenas a data da edição consultada.

Referência Especializado de Assistência Social (Creas) por cumprirem medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e/ou Prestação de Serviços à Comunidade. Foram usadas duas ferramentas: entrevistas recorrentes e fotografias, além da utilização do diário de campo pela pesquisadora. As entrevistas foram divididas em duas etapas com cada jovem. Na primeira etapa, utilizou-se um roteiro semiestruturado, contendo dados de identificação, dados sociodemográficos e, em seguida, questões semiestruturadas elaboradas com base nos objetivos específicos da pesquisa. A segunda etapa das entrevistas foi realizada após os jovens produzirem fotografias livres com o tema “trabalho” como norteador, a pesquisadora dialogou com esses jovens sobre as produções imagéticas. Cabe pontuar que a pesquisadora repassou algumas orientações para a construção das fotografias. Os jovens utilizaram seus celulares para produzirem as imagens.

Com base nas perspectivas teóricas adotadas, tanto nas entrevistas quanto nas fotografias, os interlocutores, ao falarem sobre um tema em específico, apresentaram aspectos de um certo lugar social, ou seja, de um ponto de vista marcado por condições de possibilidade historicamente produzidas (ZANELLA, 2011).

As informações foram transcritas e analisadas por meio dos Núcleos de Significação. Tais Núcleos foram preconizados por Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Soares e Machado (2015), os quais utilizam a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica³. A partir da epistemologia adotada, essa forma de análise considera de maneira dinâmica e não estática os elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelos sujeitos.

Acerca dos principais resultados da pesquisa, foi possível perceber uma extensa trajetória de trabalhos, apesar da pouca idade dos jovens entrevistados. Em alguns casos, inclusive, identificaram-se vivências de trabalho iniciado precocemente durante a infância. Diante disso, pode-se analisar que “a condição de pobreza e de trabalho infantil acabam marcando a experiência em relação ao trabalho e a própria vida em geral para esses sujeitos” (SAVANHAGO; MADERS; TRINDADE; COUTINHO, 2019, p. 74)⁴.

Além disso, identificou-se que muitos desses jovens relatam um cotidiano exaustivo, visto que necessitam conciliar seus estudos com um trabalho predominantemente precarizado, como, por exemplo: ausência de vinculação empregatícia, trabalho polivalente, alternância contínua entre o emprego e o subemprego, trabalho sem carga horária definida. Os estudos “aparecem para os jovens como uma possibilidade de investimento para transformações no mundo do trabalho onde se encontram na atualidade” (SAVANHAGO, 2019, p. 92).

Alguns importantes resultados a serem destacados dizem respeito à questão social no contexto brasileiro, que atinge, de maneira mais intensa, os inúmeros jovens inseridos nas políticas de assistência social. A questão social⁵ se expressa por meio da precarização das relações de trabalho, violência de Estado e criminalização da pobreza. Tais fenômenos e a forma com que eles reverberam na subjetividade de cada jovem foram relatados por Savanhago (2019) e Savanhago, Maders, Trindade e Coutinho (2019). Para se ter acesso aos resultados completos, recomenda-se a leitura desses trabalhos.

Ao longo deste tópico, pontuou-se brevemente o desenvolvimento de uma

³ Alguns autores utilizam o termo Psicologia Histórico-Cultural e outros Psicologia Sócio-Histórica, tratam-se de diferentes denominações para o mesmo campo teórico.

⁴ Neste capítulo citado, as autoras apresentaram alguns resultados e discussões da dissertação de mestrado em questão no presente texto.

⁵ Para uma melhor compreensão sobre a temática da questão social, recomenda-se a leitura dos livros: “As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário” de Robert Castel e “Desigualdade e a Questão social” de Robert Castel, Luiz Eduardo W. Wanderley, Serge Paugam e Mariangela Belfiore-Wanderley.

pesquisa de mestrado e seus aspectos teóricos e metodológicos. Muitas vezes, o pesquisador apenas relata o conteúdo final, ou seja, enfatiza apenas os resultados que foram frutíferos, frequentemente ocultando os nós críticos e práticas “malsucedidas”. Porém, é importante considerar que a construção de uma pesquisa não é linear e unidirecional, mas sim repleta de percalços que demandam constantes modificações do método, ferramentas de pesquisa, campo de estudo etc. É com base nessas reflexões que este capítulo é construído, com o objetivo de relatar os bastidores da construção metodológica da pesquisa e algumas reflexões oriundas deste processo artesanal de fazer pesquisa.

No tópico a seguir, será discutido o contexto da pesquisa científica no campo das Políticas Públicas de Assistência Social, visto que se trata do cenário de pesquisa, ou seja, o espaço social em que a pesquisa científica foi desenvolvida e que não pode ser desconsiderado ao se pensar metodologia. Em seguida, serão mencionados os percursos metodológicos, enfatizando como ocorreu a (re)construção do método de pesquisa durante a etapa do estudo exploratório, além de reflexões acerca das questões éticas envolvendo pesquisa com seres humanos.

O cenário da pesquisa: as Políticas Públicas de Assistência Social

Conforme já mencionado anteriormente, o processo de construção de uma pesquisa científica de metodologia qualitativa é, antes de tudo, um processo artesanal de investigação. Para este estudo, utilizou-se o termo “cenário de pesquisa”, com inspiração em González Rey (2005), para tratar sobre o momento de imersão no campo durante o estudo exploratório, comumente feito em pesquisas científicas. O autor define o termo cenário de pesquisa como o espaço social em que é desenvolvida a investigação, bem como onde se promove a construção do vínculo de confiança e de familiaridade com os participantes e todos os outros atores presentes na pesquisa.

Compreender e adentrar ao cenário da pesquisa, entendendo o contexto sociocultural, a história do público a ser dialogado, é uma etapa fundamental para se compreender as vicissitudes de idiossincrasias de cada *lócus* de pesquisa. Ribeiro, Oliveira, Bernardo e Navarro (2017), inspirados em Paulo Freire, discorrem que a pesquisa e as intervenções precisam ocorrer a partir de um movimento de aproximação direta com os trabalhadores, no caso desta pesquisa, com os jovens trabalhadores.

Na pesquisa aqui apresentada, o cenário de pesquisa foi um equipamento público municipal das Políticas Públicas de Assistência Social, tais políticas se caracterizam como um campo vasto, heterogêneo e interdisciplinar que envolvem, além dos jovens em questão, diversos outros atores sociais, como psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, educadores sociais e advogados, entre outros.

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2004), as políticas de assistência social compõem as políticas de Seguridade Social preconizadas pela Constituição Federal de 1988, elas estão voltadas para garantia de direitos e de condições dignas de vida da população brasileira (BRASIL, 1988). As políticas de assistência social são divididas em três áreas de Proteção Social: Proteção Social Básica, Proteção Social Especial de Média Complexidade e Proteção Social Especial de Alta Complexidade (BRASIL, 2004).

Em cada uma das três áreas de Proteção Social, há uma infinidade de equipamentos públicos que prestam serviços de apoio, orientação, acolhimento, promoção de direitos e prevenção de violação de direitos. No que diz respeito à Proteção Social Especial de Média Complexidade, inclui-se o equipamento do Creas, que presta serviço para pessoas e famílias que tiveram seus direitos violados.

O Creas é subdividido em três principais áreas, conforme a Tipificação Nacional

de Serviços Socioassistenciais (BRASIL, 2011): Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI); Serviço Especializado em Abordagem Social; Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias (SEPREDI); Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua; e, por fim, o Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA), e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC).

Em relação ao último serviço, o referido equipamento tem por finalidade prover atenção socioassistencial e acompanhamento de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, conforme determinação judicial (BRASIL, 2011). Ou seja, essa atividade é de caráter obrigatório aos jovens e é determinada pelo Poder Judiciário, orientada pela Doutrina da Proteção Integral, considerando duas principais legislações federais: o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) (BRASIL, 2012).

Dentro dessa pluralidade de legislações e tipificações dos serviços das políticas públicas destinadas à juventude, a compreensão do cenário de pesquisa vai além de legislações e normativas técnicas, pois também é preciso abarcar o contexto histórico e cultural da construção social da juventude brasileira em questão.

Por qual motivo é necessário revisitar alguns pontos da história e o contexto macroestrutural para se falar em metodologia de pesquisa? Lago, Mozzer e Valdez (2015) explicam que a história é complexa, plural e não homogênea e não deve ser pensada de maneira linear. As autoras dizem que não há como retirar do cenário as tensões, os conflitos, e as especificidades de cada tempo histórico, pois, ao tentar simplificar e reduzir a complexa trama social e histórica, corre-se o risco de cometer anacronismo (olhar para o passado com o olhar do presente). Diante disso, concorda-se com as autoras quando dizem que, ao se tratar de um fenômeno social, é relevante abordar as relações existentes entre o passado e o presente, observando suas transformações e permanências.

Tratando-se de jovens que cumprem medidas socioeducativas, durante a pesquisa, foi realizada uma extensa revisão de literatura acerca da construção social da juventude criminalizada. Em síntese e sem a pretensão de esgotar o tema, Lago, Mozzer e Valdez (2015) perceberam, ao longo do estudo da história do Brasil, a existência de um lugar social construído para o desenvolvimento dos jovens que cometeram atos infracionais. Tal lugar é eminentemente excludente, sustentado por políticas e instituições de manutenção da exclusão social, e quem ocupa este lugar são, majoritariamente, meninos pobres, negros, que residem em locais periféricos.

Diante dessa breve compreensão do cenário de pesquisa⁶, composto pelo arcabouço histórico, normativas técnicas e legislações vigentes, ir ao campo de pesquisa com essas apreensões é um cuidado essencial a fim de evitar novas violações de direitos, estigmatizações, preconceitos e danos imateriais aos jovens em questão. Diante dessas compreensões, é inevitável a elaboração de inúmeros questionamentos, como exemplo: Qual a especificidade do campo que se vai adentrar? Quem é o público-alvo? Quais as condições de possibilidade para a realização da pesquisa? Quais são os limites da pesquisa? Quais ferramentas de pesquisa são mais apropriadas para este público e o contexto em questão?

Essas perguntas vão ao encontro dos questionamentos realizados em um capítulo oriundo da mesma dissertação, em que o objetivo principal foi teorizar sobre a trajetória de vida de um jovem em cumprimento de medida socioeducativa e o papel da

⁶ Para aprofundamento dessa discussão, sugere-se a leitura completa da dissertação, pois neste capítulo não há pretensão de esgotar tal temática, que engloba a construção social do jovem que cumpre medida socioeducativa.

psicologia no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). No diário de campo construído pela pesquisadora, havia alguns questionamentos:

Como acolher as histórias dos jovens que estão por vir? Como abordar as temáticas de cunho institucional sem que gere desconforto, ou que criminalize ainda mais os jovens? Qual é a melhor forma ou instrumentos de trabalho para que eles se sintam acolhidos, numa instituição direcionada a temáticas que transversalizam questões sobre criminalidade? (SAVANHAGO; MADERS; TRINDADE; COUTINHO, 2019, p. 82).

Essas e muitas outras questões surgiram durante a construção da pesquisa e foram constantemente dialogadas com as profissionais do Creas (psicóloga, assistente social e educadora social), a fim de serem revistas e repensadas durante o estudo exploratório. Ao mesmo tempo, tais questionamentos não apareceram diretamente na dissertação de mestrado, tendo em vista que o objetivo central da pesquisa era diretamente relacionado aos jovens em questão.

Percursos metodológicos

Guerriero e Minayo (2019, p. 302), ao discutirem sobre normas éticas na pesquisa qualitativa, afirmam que, comumente, as pesquisas ocorrem no “local onde as pessoas estão, na sua vida cotidiana, pois é importante para o pesquisador conhecê-las no seu ambiente habitual”. As mesmas autoras também afirmam que a investigação é um processo dinâmico, que precisa ser atualizada durante todo o momento da interação. Diante disso, ressalta-se que a compreensão do cenário da pesquisa – a começar pelo estudo teórico, normativo, social e histórico, em seguida com a imersão no campo – é fase inicial para se pensar sobre as possíveis limitações metodológicas, conforme as singularidades e movimentos do campo.

Como forma de exemplo, neste tópico, serão discutidos dois importantes fatos que geraram diversas reflexões durante a pesquisa: o primeiro se refere ao estudo exploratório, que, como já foi mencionado, trata da apropriação do local da pesquisa, do público-alvo e da análise das condições de possibilidade de pesquisa no campo. Momento fundamental para adaptação das ferramentas de pesquisas e das estratégias de intervenção.

O segundo é fundamentado nos preceitos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos. Embora haja normativas técnicas para as ciências humanas e sociais, como a Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), promulgada no ano de 2016 (BRASIL, 2016), ainda assim as orientações éticas e políticas são genéricas, necessitando serem adaptadas para estarem em consonância com as particularidades de cada campo.

Sobre o estudo exploratório, durante o desenvolvimento da pesquisa, surgiram algumas dificuldades, pois, nessa etapa, o conhecimento do campo forneceu subsídios à pesquisadora acerca dos primeiros impactos da pesquisa em seu *lôcus*, precisando, por isso, estar suscetível a transformações nos modos de pesquisar e intervir. Como as dificuldades e percalços não estavam totalmente planejadas pela pesquisadora, foi preciso adaptar a pesquisa de acordo com a realidade do campo.

Um exemplo a ser evidenciado diz respeito às ferramentas de pesquisa pensadas para serem utilizadas. Por meio de legislações no campo da socioeducação, como o Sinase (BRASIL, 2012), existe a prerrogativa da realização de atividades de natureza coletiva, como, por exemplo, grupos temáticos com jovens. Diante dessa prerrogativa, durante a etapa inicial da pesquisa, estava previsto realizar grupos focais

com tais jovens e nesses grupos trabalhar com a construção de fotografias.

Ribeiro, Oliveira, Bernardo e Navarro (2017), ao discutirem sobre a importância de estratégias grupais no campo das políticas públicas de assistência social, citam o exemplo de processos grupais em um Centro de Referência de Assistência Social (Cras). Os grupos propostos pelos autores tinham como objetivo debater o tema desemprego e seus enfrentamentos. Como resultado dessa prática grupal, os autores discorrem sobre a importância da troca de experiências promovidas pelo encontro grupal junto a outros trabalhadores, que é um espaço profícuo para a ocorrência da construção e ressignificação de informações que antes eram tomadas como verdades absolutas.

Na imersão no cenário de pesquisa, Savanhago (2019) expõe que, logo após decidir sobre o município onde a pesquisa seria realizada, entrou em contato com a coordenadora do Creas da cidade de interesse para agendar uma reunião. Em certo período de tempo, foi possível dialogar com a coordenadora da instituição sobre as possibilidades em desenvolver a pesquisa com os jovens que frequentavam a MSE, seus procedimentos, aspectos éticos e sobre os nós críticos que possam vir a acontecer durante a fase de produção das informações. Ao final da reunião, a coordenadora se posicionou favorável ao desenvolvimento da pesquisa e, nos próximos dias, repassou as informações à equipe responsável pela MSE e entregou a carta de apresentação elaborada para esse objetivo⁷.

Nesse contato inicial, o objetivo foi promover a aproximação com o *lócus* da pesquisa e obter informações pertinentes ao cotidiano da instituição, aspectos estes que contribuíram para adaptações nos delineamentos da pesquisa. Segundo Minayo (2008), a exploração do campo fornece subsídios à pesquisadora acerca dos primeiros impactos à pesquisa em seu *lócus*.

Em contato com as técnicas responsáveis pela MSE, as profissionais apresentaram a dinâmica do serviço e dos grupos. Em conjunto, foi delineado quais seriam as formas mais adequadas para entrar em contato com os jovens, a fim de que houvesse uma familiaridade recíproca para um melhor delineamento das estratégias de construção das informações.

Como já era o esperado, conforme a tipificação dos serviços socioassistenciais, nas segundas-feiras à noite, às 19 horas, as profissionais realizavam encontros grupais semanais com jovens que cumprem MSE, tal horário se deve ao fato de grande parte dos jovens trabalharem durante o horário comercial. As técnicas relataram que os grupos eram realizados há algum tempo na instituição e que normalmente compareciam aproximadamente 10 jovens. Diante disso, o grupo foi a estratégia inicial para um primeiro contato com todos esses jovens e a ideia era realizar a intervenção nesse mesmo formato.

Esse contato inicial durante o trabalho de campo é retratado por González Rey (2011) como um momento que não deve se limitar à participação do pesquisador no meio que será estudado. Mas sim, deve se expandir para um contato interativo, e em que o pesquisador “pode se expandir com naturalidade dentro das relações e eventos que fazem parte da vida cotidiana do sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 96). Ou seja, para o mesmo autor, essa forma de pesquisar é um processo contínuo de construção de relações e eixos relevantes de conhecimento no cenário onde se pesquisa o fenômeno.

Dessa forma, entre os meses de outubro e dezembro de 2017, estava prevista a participação da pesquisadora nos grupos com os jovens, durante cinco encontros. Porém, no primeiro encontro, apenas dois jovens compareceram, um deles não participou, pois estava finalizando sua MSE, inviabilizando o grupo. E os encontros grupais subsequentes também não aconteceram pela ausência de participação dos jovens (SAVANHAGO, 2019).

⁷ A carta de apresentação está disponível no Apêndice A da dissertação referenciada.

De acordo com o Relatório Final das Atividades Desenvolvidas em 2017, redigido pelas profissionais do Creas, as atividades grupais ocorreram normalmente entre os meses de fevereiro a setembro, entre outubro e dezembro, não ocorreram pela falta de demanda de jovens (SAVANHAGO, 2019).

A partir desse exemplo, é importante evidenciar que, durante a fase de estudo exploratório, o pesquisador sempre estará exposto a deparar-se com situações novas e inesperadas. A necessidade da elaboração do estudo exploratório e considerá-lo um processo ativo de construção e reformulação da pesquisa, exigem que cada campo seja compreendido em sua singularidade, incluindo seus imprevistos e rupturas momentâneas. Conforme González Rey (2011), o trabalho de campo é a estratégia para o desenvolvimento intelectual do pesquisador, o qual é obrigado a elaborar ideias e estratégias em face do que acontece no cotidiano da pesquisa.

Partindo desse princípio, exigiu-se adaptação e flexibilidade para construir e reconstruir outras formas de pesquisar. Após o estudo exploratório e, em constante diálogo com as profissionais técnicas do Creas, o planejamento e o método foram alterados. Inicialmente, estava previsto grupo focal com jovens e a utilização de fotografias. Após a imersão no campo, optou-se pela retirada dos grupos e a inclusão de duas entrevistas individuais com cada jovem, mantendo as fotografias.

Cruz Neto ([1994] 2022) considera que as entrevistas são as mais usuais nos contextos de pesquisa científica, pois é possível construir informações, opiniões e reflexões durante o diálogo com o sujeito. Nesse sentido, as entrevistas individuais foram planejadas e executadas da seguinte forma: na primeira etapa, a entrevista foi semiestruturada, composta pela identificação, dados sociodemográficos e, posteriormente, questões norteadoras divididas em blocos temáticos em consonância com os objetivos específicos. Ao final dessa entrevista, a pesquisadora repassou orientações verbais e por escrito sobre as fotografias que os jovens foram convidados a fazer. Na segunda entrevista, o foco foi dado sobre os sentidos e significados das fotografias produzidas por cada jovem. De acordo com Mattos, Zanella e Nuernberg (2014), as fotografias são consideradas como uma produção discursiva e dialógica, sua leitura possibilita problematizar a relação que elas estabelecem com a realidade em que vivem. Tanto o roteiro das entrevistas quanto as orientações sobre a construção das fotografias estão nos apêndices da dissertação.

Após ter realizado esse novo planejamento metodológico, no mês de abril de 2018, a pesquisadora entrou em contato com as profissionais do Creas para planejar o primeiro contato com os participantes. As profissionais informaram que estavam acompanhando apenas cinco jovens, e que, em muitos atendimentos, eles não estavam comparecendo. Além disso, disseram que planejavam uma nova tentativa para estabelecer os grupos com os jovens. Diante do contexto apresentado, a pesquisadora foi convidada a participar desse grupo, a fim de realizar a primeira aproximação com os jovens e convidá-los para a entrevista.

Em maio de 2018, durante o início do encontro grupal, apenas dois jovens compareceram para as atividades. A pesquisadora se apresentou, explicou o que era uma pesquisa de mestrado e, posteriormente, foi realizado o convite para a participação da pesquisa. Durante o convite, enfatizou-se os preceitos éticos de pesquisas com seres humanos, como o anonimato, o direito à recusa em qualquer fase da pesquisa, sem sofrerem qualquer prejuízo pessoal e/ou no cumprimento da MSE.

Após as devidas apresentações, os dois jovens que se encontravam no grupo se recusaram a colaborar com a pesquisa. Logo após a recusa, uma terceira pessoa compareceu ao grupo. Nesse momento, foram retomadas as apresentações e o convite à participação da pesquisa para o terceiro jovem. Este rapidamente aceitou participar e, então, a pesquisadora o levou até uma sala individual para realizar a primeira entrevista.

Ao final da entrevista, ambos retomaram ao grupo e o terceiro jovem foi convidado pela pesquisadora a falar como foi sua experiência na primeira entrevista e como se sentiu durante o diálogo. O participante respondeu que foi uma “conversa tranquila” e que não havia respostas certas ou erradas, pois eram assuntos referentes à sua vida de trabalho. O relato do jovem teve um papel importante para desmistificar a entrevista individual para os dois participantes que inicialmente recusaram. Assim, logo em seguida, os outros dois jovens aceitaram a participar da pesquisa. Nesse dia, duas pessoas foram entrevistadas. Em decorrência do tempo, a entrevista com o último jovem foi agendada para a semana seguinte.

Na semana seguinte, a pesquisadora retornou para a instituição com o objetivo de entrevistar o último jovem do grupo e para conhecer as outras duas pessoas que também frequentam as Medidas Socioeducativas. Na referida semana, a pesquisadora finalizou a primeira entrevista com cinco jovens, todos maiores de idade que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os jovens foram convidados e instruídos a realizarem produções imagéticas sobre seu cotidiano de trabalho e, durante a semana, a pesquisadora entrou em contato com os participantes por aplicativo de mensagens, a fim de obter as fotografias e levá-las para a segunda entrevista individual.

O segundo bloco de entrevistas, agora com a presença das fotografias, ocorreu durante a primeira quinzena de junho de 2018. Inicialmente, a pesquisadora contava com a participação de cinco jovens, porém, no curso da pesquisa, um deles deixou de fazer contato e, assim, sem que o jovem tenha verbalizado sobre sua desistência, a pesquisadora optou por retirá-lo da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa contou com a participação de quatro jovens. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a elaboração das análises das informações.

Após esse período de aproximação com o campo, de repensar as estratégias metodológicas e o contato com os participantes da pesquisa, outra reflexão importante a ser mencionada diz respeito aos desafios éticos de pesquisa científica com seres humanos.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo outros seres humanos, todo projeto de pesquisa científica necessita ser submetido a um rigoroso processo ético normativo. A referida pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Nesse processo, o pesquisador precisa estar em consonância com as resoluções nacionais, como, por exemplo, a Resolução 510 do CNS, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes (BRASIL, 2016).

Essa Resolução estipula alguns princípios fundamentais a serem seguidos e que os participantes precisam estar cientes, como: confidencialidade, voluntariedade e privacidade. O princípio da confidencialidade é definido pela “garantia do resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada” (BRASIL, 2016, p. 2). A voluntariedade, por sua vez, implica a participação como uma não obrigatoriedade, necessitando da “concessão de consentimento e também, quando couber, de assentimento” (BRASIL, 2016, p. 3). O princípio da privacidade, por fim, é definido como:

Direito do participante da pesquisa de manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais e de resguardar sua intimidade, sua imagem e seus dados pessoais, sendo uma garantia de que essas escolhas de vida não sofrerão invasões indevidas, pelo controle público, estatal ou não estatal, e pela reprovação social a partir das características ou dos resultados da pesquisa (BRASIL, 2016, p. 4).

Porém, tal como foi tratado ao longo do texto sobre as peculiaridades dos campos de pesquisa, as normas vigentes e instituídas são genéricas, não abarcando tais especificidades. Diante disso, acredita-se que a postura ética e política deve partir eminentemente do pesquisador, ao (re)conhecer os sujeitos e a realidade social do campo de pesquisa a ser investigado. A resolução apenas alerta para a não neutralidade da atividade de pesquisar, visto que possui condicionantes históricos e culturais.

No que diz respeito à pesquisa com jovens que cumprem MSE, a Resolução 510 do CNS categoriza esse público como “vulneráveis”, visto que estão incluídos em um contexto em que há “reduzida a capacidade de tomar decisões e opor resistência na situação da pesquisa, em decorrência de fatores individuais, psicológicos, econômicos, culturais, sociais ou políticos” (BRASIL, 2016). Estando nessa categorização, cabe ao pesquisador adotar medidas para a proteção do participante, “reconhecendo sua situação peculiar de vulnerabilidade” (BRASIL, 2016).

Coscioni, Dias, Rosa e Koller (2017), de maneira muito pertinente, problematizam os princípios da autonomia e voluntariedade sobre um grupo similar ao deste trabalho. Os autores alertam que:

Autonomia e a voluntariedade dos participantes manifestam-se a partir da livre tomada de decisão em fazer parte da atividade investigativa, após tomar conhecimento sobre seus objetivos, justificativa, procedimentos, benefícios, riscos potenciais e critérios éticos – tais como as medidas para se evitar e reparar danos, o direito em se retirar da pesquisa, em qualquer momento, sem represálias, entre outros (COSCIONI; DIAS; ROSA; KOLLER, 2017, p. 76).

Coutinho e Zanella (2011, p. 33), ao debaterem ética em pesquisas científicas, mencionam que o princípio da autonomia precisa ser relativizado, “posto que o sujeito é datado e, necessariamente, marcado pelas condições reais e concretas do contexto sócio histórico do qual ativamente participa”. Já Coscioni, Dias, Rosa e Koller (2017) problematizam acerca da real autonomia e voluntariedade quando as pesquisas são realizadas com crianças e adolescentes, tendo em vista as relações de poder simbólicas existentes entre pesquisador e pesquisado e as relações simbólicas de poder entre adultos e adolescentes. Sobre os jovens em cumprimento de medida socioeducativa, ainda há a necessidade de maior cautela. Os mesmos autores afirmam que pesquisar tal público é um desafio, pois a participação da pesquisa pode estar implicada no medo da recusa e no receio do risco do aumento do tempo de cumprimento da medida socioeducativa.

Outra situação diz respeito que os jovens possam ter o receio de que determinadas informações podem significar o agravo do andamento de seu processo judicial (COSCIONI; DIAS; ROSA; KOLLER, 2017). Somado a isso, o uso de instrumentos de apoio, como gravadores e câmeras, pode “interferir”, inclusive, nas informações repassadas do jovem ao pesquisador.

Essa possível “interferência” nas informações repassadas pelos interlocutores pode ser interpretada à luz da perspectiva teórica adotada, como a forma com que o sujeito é capaz de expressar suas vivências que se processam em sua subjetividade (AGUIAR, 2007). Ou seja, a fala e a interação do sujeito para com o pesquisador são relações sociais construídas de acordo com a história e a cultura vivenciada pelo jovem e o contexto onde está inserido.

Diante disso, a partir de uma compreensão social e histórica, é importante o pesquisador apreender o contexto macroestrutural e a construção social da juventude inserida nas políticas sociais de assistência social. A partir disso, mesmo demarcando o

sigilo ético e informando que a pesquisa científica não interferirá em nenhum processo legal da medida socioeducativa, ainda assim há possibilidades de silêncios e omissões de informações. Tal fato pode ser compreendido como um fenômeno esperado diante das determinações sociais do campo e do público da pesquisa. Cabe ao pesquisador o esforço analítico e “ir em busca das determinações (históricas e sociais), que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos)” (AGUIAR, 2007, p. 131).

Ademais, para Aguiar (2007, p. 134), as falas dos sujeitos são construções históricas, por isso, a tarefa do pesquisador não é isolar o fato a ser analisado, colocando-o como um dado puro, mas “apreendê-lo em seu movimento, em seu processo de constituição, incluindo aí as determinações que lhe são constitutivas”. Em outras palavras, González Rey (2011) pontua que não se pode isolar as características psicológicas do contexto em que se manifestam. Portanto, cabe ao pesquisador compreender as circunstâncias em que o contexto da pesquisa ocorre. Nesse sentido,

Em toda pesquisa que comprometa a subjetividade, nós nos vinculamos a um problema suscetível a seu contexto. Isto é, todo problema subjetivo é afetado pelas condições em que o sujeito se encontra e pelo sentido dessas condições para ele; portanto, o contexto da pesquisa afeta a expressão do sujeito nela (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 89).

Por outro lado, durante os diálogos construídos com os participantes, as demandas podem surgir dos próprios jovens. Surgem informações frutíferas e inesperadas, que, em um primeiro momento, não se constituíam dentro dos limites da pesquisa. Diante disso, aponta-se que:

A trama de diálogo no curso da pesquisa adquire uma organização própria, em que os participantes se convertem em sujeitos ativos que não só respondem às perguntas formuladas pelo pesquisador, mas constroem suas próprias perguntas e reflexões. Essa posição ativa lhes permite expressar sua experiência e compartilhar reflexões muitas vezes inauguradas ali (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 85 – 86).

O mesmo autor diz que o limite das conversações não é imposto pelo pesquisador, mas sim pelas necessidades do diálogo, visto que o diálogo construído no cenário da pesquisa se expande espontaneamente, atingindo áreas de interesse que antes não estavam demarcadas no planejamento da pesquisa.

Considerações finais

Neste capítulo, buscou-se construir algumas reflexões de cunho metodológico, a partir de uma pesquisa mais ampla. Ao longo do trabalho, foram adotados os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural e da Psicologia Social do Trabalho. Ambas as teorias compreendem que o ser humano se constitui e é constituído em uma relação dialética com a sociedade. Diante disso, as construções do método, bem como etapa analítica de compreensão do ser humano e compreensão da realidade, estão adequadas às complexidades da epistemologia adotada.

A fase empírica da pesquisa qualitativa constitui o momento em que há a aproximação com o cenário e os interlocutores da pesquisa. Nessa fase, o pesquisador, enquanto um sujeito que não é neutro e que também é, faz parte do campo, leva à pesquisa seu complexo universo de expectativas, planos, ferramentas semiestruturadas. Ao deparar-se com os atores sociais, é necessário reconhecer suas

singularidades e o caráter permanentemente dinâmico do contexto do interlocutor. Ribeiro, Oliveira, Bernardo e Navarro (2017, p. 109) alertam sobre a impossibilidade da postura pretensamente “neutra”, visto que “qualquer ação é sempre política, mesmo que seja uma pesquisa aparentemente simples, pois a suposta neutralidade serve apenas para reproduzir o *status quo*”.

Nesse contexto, repensar as ferramentas de pesquisa em consonância com a proposta epistemológica e com a singularidade do campo é uma atividade essencial na pesquisa qualitativa, visto que “o sujeito faz mais do que responder ante a um instrumento, ele se expressa por meio dele, elabora e constrói sua experiência e a expressa de forma diferenciada mediante o indutor” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 82). Além do mais, inspirando-se em Paulo Freire, o pesquisador deve estar comprometido com a vida, portanto, não pensa ideias, pensa a existência (RIBEIRO; OLIVEIRA; BERNARDO; NAVARRO, 2017).

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A Pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos Núcleos de Significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. V. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Julio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*. V. 45, n. 155, p. 56 – 75, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00056.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm > Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. *Norma Operacional Básica NOB/SUAS*. Brasília – DF. 2004. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/public/NOBSUAS_2012.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília, DF. 2011. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/04-caderno-creas-final-dez..pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Sinase. *Diário Oficial da União*, Brasília – DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm#:~:text=Institui%20o%20Sistema%20Nacional%20de,1986%2C%207.998%2C%20de%2011%20de. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 07 de Abril de 2016*. Brasília – DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

COSCIANI, Vinicius; DIAS, Ana Cristina Garcia; ROSA, Edinete Maria; KOLLER, Silvia Helena. Autonomia e voluntariedade na pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa de

internação. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, v. 18, n. 2, p. 74-85, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000200007. Acesso em: 20 mar. 2021.

COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andreia Vieira. Ética na Pesquisa: concepção de sujeito na norma brasileira. *Polis e Psique*, v. 1, n. 1, p. 25 – 41, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/20145/0>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs). *Pesquisa Social: Teoria, método e Criatividade*. 21. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994-2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo - SP: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia; caminhos e desafios*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GUERRIERO, Iara Coelho Zito; MINAYO, Maria Cecília. A aprovação da Resolução CNS nº 510/2016 é um avanço para a ciência brasileira. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 299-310. Dec. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000400299&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 mar. 2021.

LAGO, Marilúcia Pereira do; MOZZER, Geisa; e VALDEZ, Diane. Universal, singular e excluído: A construção do lugar do adolescente pobre na sociedade brasileira. *Inter-Ação*, Goiânia – GO, V. 40, n. 2, p. 213 – 233, 2015.

MATTOS, Laura Kemp; ZANELLA, Andrea Vieira; NUERNBERG, Adriano Henrique. Entre olhares e (in)visibilidades: reflexões sobre fotografia como produção dialógica. *Fractal: Revista de Psicologia*. Rio de Janeiro-RJ. V. 26, n. 3, 901-918, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 11. ed. São Paulo – SP. Editora Hucitec. 2008.

RIBEIRO, Marcelo Afonso; OLIVEIRA, Fabio de; BERNARDO, Marcia Hespanhol; NAVARRO, Vera Lucia. Práticas em Psicologia Social do Trabalho: pesquisa e intervenção. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2017.

SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol. A perspectiva da psicologia social do trabalho. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2017.

SAVANHAGO, Liandra; MADERS, Tielly Rosado; TRINDADE, Camila; COUTINHO, Maria Chalfin. A Psicologia nas políticas públicas de Assistência Social: estudo de caso de um jovem em cumprimento de medidas socioeducativas. In: CORDEIRO, Mariana Prioli. [et al] [org]. *Pesquisas em psicologia e políticas públicas: Diálogos na pós-graduação*. São Paulo: IPUSP, vol. 1, 2019. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/413/364/1465-1?inline=1>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SAVANHAGO, Liandra. *Sentidos sobre o trabalho para jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 174p. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215151>. Acesso em: 27 mar. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Teoria e método em psicologia*. 3 ed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1982-2004.

ZANELLA, Andreia Vieira. Fotografia e pesquisa em psicologia: retratos de alguns (des)encontros. In: Zanella, A. V., Tittoni, J. (Orgs). *Imagens no pesquisar: Experimentações*. Porto Alegre - RS: Dom Quixote Ed, 2011.

Capítulo 9

CAMINHO METODOLÓGICO NA PESQUISA SOBRE A HISTÓRIA DE VIDA DE GESTORES PÚBLICOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Luana Sodré da Silva Santos

Introdução

Este capítulo apresenta parte de uma dissertação de mestrado sobre a trajetória laboral de Especialistas de Políticas Públicas e Gestão Governamental e Analista de Planejamento e Orçamento (EPPGGPO), também conhecidos como gestores públicos do estado do Rio de Janeiro (RJ)¹. Destaca-se o caminho metodológico da pesquisa inspirada nas histórias de vida por meio da análise do trabalho gerencial de gestores/as públicos participantes da referida dissertação (SANTOS, 2018a), à luz da gestão gerencialista (GAULEJAC, 2014a).

A atuação desse/a gestor/a dá-se, essencialmente, nos órgãos nos quais se articula o cerne da administração pública estadual, ou seja, em cargos de direção e de assessoramento em escalões superiores. Cabe destacar que o cargo de EPPGGPO é fundamental para as diversas ações governamentais, uma vez que seu campo de trabalho é amplo e está interligado a atividades de gestão relativas à formulação, implementação e avaliação de políticas públicas do estado do RJ.

Nesse sentido, para a análise em foco é importante conhecer as relações entre trabalho e subjetividade na história de vida desse sujeito, uma vez que é figura-chave às políticas públicas e, conseqüentemente, ao rumo do estado em tais questões. Para que isso aconteça, o suporte teórico-metodológico foi desenvolvido a partir da Psicossociologia, em que considera os sujeitos inscritos numa dupla determinação social e psíquica, além de acrescentar o cenário social na dinâmica da relação homem-trabalho (GUIMARÃES, 2014).

A Psicossociologia é uma das possíveis abordagens para os estudos com histórias de vida, e se constitui como um caminho para conhecermos a vida cotidiana no trabalho, conforme apontam Pinto, Carreteiro e Rodriguez (2015, p. 976-977): “Para a psicossociologia, o método ‘história de vida’ busca coletar e analisar o discurso de um indivíduo e/ou de um grupo, considerando seus aspectos pessoais, familiares, sociais e/ou históricos”. Tal abordagem enfatiza o ponto de vista do/a trabalhador/a e a importância de abrir espaço para visibilizar a sua voz.

O método de história de vida se torna um método profícuo para essa abordagem. É importante enfatizar que a pesquisa em história de vida² permite a compreensão da “personalidade biográfica, que se relaciona ao modo como os indivíduos são autores de sua própria biografia, sendo ao mesmo tempo

¹ A pesquisa foi contemplada com bolsa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Sugere-se a leitura do primeiro capítulo deste livro para maior detalhamento sobre o enfoque biográfico, com ênfase nas histórias de vida. Além disso, cabe destacar outros capítulos deste livro em que as autoras relatam suas pesquisas, também apoiadas nesse enfoque teórico-metodológico, quais sejam, capítulos 10 e 11, de Andreia Martins e de Tielly Maders, respectivamente.

transformadores das condições sóciohistóricas que a regem” (COLOMBY *et al.*, 2016, p. 828). Pinto, Carreiro e Rodriguez (2015) e Carvalho e Costa (2015) argumentam que a história de vida atua como mediação entre a história individual e a história social, abrangendo o campo psicológico e o campo social, fundamentais para a leitura psicossociológica.

E isso é possível porque a pesquisadora, por meio do método de história de vida, debruça-se nos diálogos aprofundados que os sujeitos contam sobre sua vida, aqui com o foco na experiência laboral (PINTO; CARRETEIRO; RODRIGUEZ, 2015). Nesse método, a história é contada da maneira própria do sujeito e procura-se uma ligação entre o individual e o social, o que permite, assim, conhecer a realidade sócio-histórica em que essas histórias de vida se passam (COLOMBY *et al.*, 2016). Dessa forma, esse método se constitui como meio para conhecer as vivências laborais, e abre espaço para compreender as tensões e contradições que perpassam o cotidiano de trabalho desses sujeitos, este último marcado pela ideologia gerencialista, uma vez que a carreira de EPPGGPO se orienta pelos princípios do gerencialismo desde a sua estruturação (RIO DE JANEIRO, 2008), o que justifica a escolha destes profissionais para o presente estudo.

Para Gaulejac (2014a) os fundamentos da ideologia gerencialista podem ser sintetizados em alguns paradigmas: o objetivista, o funcionalista, o experimental, o utilitarista e o economista. Segundo o autor, “A gestão apresenta-se como pragmática e, portanto, não ideológica, fundada sobre a eficácia da ação, mais do que sobre a pertinência das ideias. Ela se torna uma metalinguagem” (GAULEJAC, 2014a, p. 67).

Dessa forma, a Lei de Criação da Carreira (RIO DE JANEIRO, 2008) destaca a vocação para o trabalho gerencial, e que as transformações advindas do gerencialismo configuram novos modos de subjetivação, o presente estudo foca nas trajetórias laborais de ex-gestores públicos, buscando compreendê-las sob a ótica da gestão gerencialista (GAULEJAC, 2014a).

A seguir, serão apresentados uma caracterização da pesquisa, o caminho metodológico e a análise dos dados e, por fim, algumas considerações.

Caracterização da pesquisa: abordagem qualitativa e os princípios éticos

Os estudos das trajetórias de trabalho nos Estudos Organizacionais³ geralmente realizam pesquisas de cunho qualitativo (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI, 2012, DE LUCCA, 2015, CLOSS; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2015). Na abordagem qualitativa, há uma busca em compreender como os sujeitos produzem significações de si mesmos e do/sobre o mundo, analisando, a partir da reflexão e da linguagem do sujeito, suas narrativas e vivências (MINAYO, 2012). Além disso, a pesquisa qualitativa busca conhecer a singularidade de cada indivíduo, considerando diferentes contextos sociais, histórias individuais e coletivas, muitas vezes difíceis de investigar por meio do método quantitativo (MINAYO, 2012; STRAUSS; CORBIN, 2008).

Considerando o fato de que, para compreender as trajetórias laborais, foco da dissertação desenvolvida, é preciso conhecer as experiências de cada ser humano, a pesquisa qualitativa mostrou-se como o caminho ideal para estudar as experiências vividas (MINAYO, 2012).

Quanto aos princípios éticos de pesquisa com seres humanos, foram

³ Estudos Organizacionais se refere a uma das áreas de conhecimento em Administração. Neste capítulo, é apresentada uma dissertação desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Administração. Assim como o relato de pesquisa apresentado no capítulo 11, o presente texto foi desenvolvido em um Programa de Pós-Graduação em outra área que não a Psicologia – que é o caso da maioria dos capítulos presentes na Parte 2 do livro.

observadas as recomendações da Resolução nº 446 (BRASIL, 2012) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), cuja finalidade é assegurar a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Tal resolução também determina princípios éticos como obter consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa, garantindo a liberdade de participação ao entrevistado, a garantia da não utilização das informações a não ser para fins de pesquisa e a manutenção do sigilo quanto à identidade dos participantes. Assim, o projeto da dissertação foi submetido à Comissão de Ética na Pesquisa (COMEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ainda em observância aos princípios anteriores, também foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foi esclarecido aos participantes as informações, de forma clara e acessível, as condições para participar da pesquisa e a sua importância para o alcance dos objetivos. O TCLE foi assinado em duas vias, uma para a pesquisadora e outra para os(as) entrevistados(as).

Caminho Metodológico

A metodologia utilizada na dissertação busca articular a obtenção das informações com o referencial teórico que contou com as contribuições da Psicossociologia (SANTOS, 2018a). Autores dessa abordagem sugerem o recolhimento de histórias de vida como interessante método por possibilitar “acesso àquilo que os sujeitos colocam de si no trabalho, que está para além das condições materiais e objetivas.” (CAEIRO *et al.*, 2016, p. 4). Ademais, retomando o conceito de trajetória social de Gaulejac (2014b)⁴, o autor afirma que é por meio da experiência biográfica que é possível compreender como cada sujeito ocupa tal ou qual posição social. O fato de não saber a sua história, ou não a conhecer, não lhe permite saber quem é. Afinal, “quer rejeitemos quer aceitemos nosso passado, ele cola à nossa pele, ele é nossa pele” (GAULEJAC, 2014b, p. 31).

Dessa forma, inspira-se no método das histórias de vida para conhecer as trajetórias laborais dos EPPGGPO, mais precisamente os percursos desses trabalhadores no contexto do serviço público. Importante ressaltar que foi feito um recorte da história de vida desses sujeitos, com a finalidade de conhecer, principalmente, as experiências gestórias. Por isso, compreendendo que o método de história de vida engloba um processo mais amplo e aprofundado sobre a vida dos sujeitos, o recolhimento das histórias de vida em que a dissertação se refere é inspirado na lógica de tal método. Cabe destacar que, na dissertação, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, com o intuito de aprimorar as análises, uma vez que “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas” (VERGARA, 2009, p. 43).

A história de vida se apresenta como material privilegiado de pesquisa, em que o sujeito pode contar sua própria história. As histórias de vida compõem o campo das abordagens biográficas porque possuem em seu âmago as dimensões do contar e da narrativa.

É por meio da narrativa que é possível ouvir a voz dos sujeitos e, com isso, “transformar e emancipar coletividades” (BARROS; LOPES, 2014, p. 48). Nesse sentido, o uso dessa ferramenta pelos pesquisadores permite aos sujeitos narrarem sobre suas vidas, explorando sua subjetividade, seu caráter individual, por meio de observações e dos acontecimentos. Ao analisar o relato da vida do entrevistado, compreende-se desde o exterior até seu mundo particular, dando-lhe um sentido a

⁴ Nos capítulos 3 e 7, de Maria Fernanda Diogo e de Maria Chalfin Coutinho e co-autoras, respectivamente, as trajetórias sociais são abordadas.

partir do contexto. O principal diferencial reside em estudar um fenômeno por meio do ponto de vista do(a) entrevistado(a), além de permitir “observar o que há nas entrelinhas do discurso, o que não pode ser apreendido pelos questionários, por exemplo.” (PINTO; CARRETEIRO; RODRIGUEZ, 2015, p. 960).

Cabe indicar que não há uma única maneira para recolher uma história de vida. Basicamente o entrevistado conta sua história de vida laboral do seu ponto de vista e, através dela, a pesquisadora tentará compreender o universo do qual o sujeito faz parte. O recolhimento da história de vida se inicia com um pedido simples, para estimular a narração: “Conte-me a sua história”, tal como no título do artigo de Silva *et al.* (2007). As questões seguintes vão depender dos relatos dos sujeitos durante as entrevistas, em que a pesquisadora irá incentivar as narrações de experiências que dizem respeito ao problema em estudo. Num primeiro momento, há uma abordagem aberta, com o mínimo de interferências da pesquisadora e, num segundo momento, a pesquisadora retoma algumas partes da história para que sejam alinhadas com o fenômeno investigado (QUEIROZ, 1988).

As fases de pesquisa das histórias de vida podem ser consideradas a partir da gravação, transcrição e análise. Em relação à análise, cabe destacar a importância de que esta ocorra de maneira alinhada à perspectiva epistemológica da pesquisadora e com as características do fenômeno estudado, neste trabalho, a Psicossociologia e as trajetórias laborais. Segundo Barros e Silva (2002), as histórias de vida podem ser analisadas desde a análise de conteúdo até a de discurso. Porém, a análise das narrativas de vida precisa estar de acordo com o assunto investigado, de modo a construir uma ponte entre as experiências vivenciadas pelos entrevistados, como um trabalho de “costura” dos relatos (BARROS; SILVA, 2002).

Recolhimento das histórias de vida e sua análise

Na pesquisa ora apresentada, participaram dois tipos de entrevistados, os participantes principais e um participante de apoio⁵. Os primeiros são aqueles com os quais foi efetuado o recolhimento das histórias de vida, os EPPGGPO, o segundo tipo de entrevista foi realizada com apenas uma pessoa, o subsecretário regional de gestão de pessoas, também da carreira de EPPGG, o que gerou informações complementares ao estudo. A entrevista feita com o subsecretário regional de recursos humanos não seguiu um roteiro padronizado e versou sobre temas relacionados à carreira de EPPGGPO no estado do Rio de Janeiro, a fim de conhecer o contexto laboral em que estão inseridos. Foram realizadas duas entrevistas com o participante de apoio. Uma durante o início da pesquisa de campo, em junho de 2017 e outra em janeiro de 2018. Na primeira, foi possível conhecer o gestor, a carreira de EPPGGPO e a indicação dos participantes principais.

Ainda na primeira entrevista com o participante de apoio, após explicar os objetivos da pesquisa para ele e os critérios de seleção dos sujeitos, foi indicada uma lista de telefones de ex-gestores que poderiam ser contatados. O subsecretário fez previamente uma ligação convidando-os na presença da pesquisadora, visto que eram de seu círculo pessoal. De antemão, uma pessoa recusou a participar da pesquisa, alegando estar vivendo numa “ditadura” e que, se descobrissem que ela tinha falado sobre o seu trabalho, poderia até perder o emprego. Tinha perdido seu cargo comissionado de forma involuntária, e preferiu se manter reclusa, sem ser incomodada. Mesmo assim, considera-se que a aproximação dos sujeitos participantes por alguém conhecido e de confiança ajudou na aceitação do convite.

⁵ Na pesquisa de Laila Graf Ornellas, apresentada no capítulo 6 do livro, a autora também considerou informantes principais e informantes de apoio.

Na segunda entrevista, o gestor respondeu às principais dúvidas específicas que sujeitos falaram em suas histórias de vida e sobre os cargos comissionados. A primeira foi feita no local de trabalho, e a segunda por Skype. Cabe ressaltar que essas informações foram incorporadas de modo complementar.

A escolha dos sujeitos foi feita de acordo com as suas disponibilidades em participar da pesquisa e em atendimento aos critérios adotados, a seguir detalhados. Quanto à delimitação temporal, o recolhimento das histórias de vida compreendeu o período de junho de 2017 a janeiro de 2018: após a primeira entrevista, os participantes principais demoraram a marcar uma segunda conversa, alegando a rotina intensa de trabalho. Observou-se também uma resistência para a participação na pesquisa, devido à crise financeira do estado do Rio de Janeiro, e os respectivos cortes de cargos comissionados.

Foram estabelecidos cinco critérios para definir os sujeitos principais:

a) ser ou ter sido servidor público concursado da carreira de EPPGGPO no estado do Rio de Janeiro. A escolha dessa carreira ocorreu pelo fato de que a Lei de Criação da Carreira (RIO DE JANEIRO, 2008) prevê a descentralização e, por isso, ser uma carreira transversal, ou seja, que se encontra distribuída pelos órgãos públicos, podendo esses servidores movimentar-se por todos eles, tanto no nível municipal, estadual ou federal. Além disso, essa carreira foi criada para trabalhar nos altos cargos comissionados na administração pública, sendo vocacionada para a ocupação de cargos de comissão e para trabalhar, desde o início, com a gestão. Por fim, investigar uma carreira possibilita focar nas diversas experiências laborais da atividade gerencial, não restringindo a análise em apenas uma única organização;

b) ter sido aprovado no estágio probatório de três anos, segundo a lei de criação da carreira;

c) ter assumido um cargo comissionado na administração pública, direta ou indireta. Na administração pública brasileira, os lugares de nível mais alto nas carreiras, e, ao mesmo tempo, os lugares de decisão são os cargos de comissão (ABREU; MEIRELLES, 2012);

d) ter se distanciado do cargo comissionado, podendo esse afastamento ter sido provocado ou não pelo EPPGGPO. Logo, abrange os ex-gestores públicos que pediram voluntariamente para sair e os que perderam o cargo contra a sua vontade. Tendo em vista que o distanciamento temporal do cargo possibilita reflexões acerca do trabalho gerencial em suas vidas, considera-se que a condição de ex-gestores públicos pode favorecer uma melhor compreensão sobre a experiência gestonária;

e) consentir em participar da pesquisa de forma voluntária.

Assim sendo, os sujeitos desta pesquisa foram quatro EPPGGPOs, acessados de maneira a se obter uma diversidade de histórias, as quais convergissem aos critérios adotados. O pequeno número de sujeitos é justificado pela necessidade de encontros recorrentes com cada sujeito e à profundidade dos depoimentos recolhidos a cada encontro. Reissman (2008) afirma que, para o estudo das narrativas, não há necessidade de haver grande número de pessoas, pois o método se preocupa com as histórias narradas. Colomby (2016) em sua dissertação estudou a história de vida de duas pessoas que vivem com HIV. O autor ainda afirma que a maioria das pesquisas em estudos organizacionais que faz uso do método dirige seus estudos focalizando a história de uma ou duas pessoas (COLOMBY *et al.*, 2016). De forma semelhante, Caeiro (2016) investigou a história de vida de duas mulheres para sua dissertação, uma vez que esse número foi suficiente para possibilitar análises transversais, entre as histórias recolhidas, e compreendê-las de forma relacional.

As histórias possibilitaram compreender como se constroem as trajetórias

laborais dos sujeitos pesquisados, assimilando-se nessa construção a dupla determinação social e psíquica em que o sujeito de inscreve (GAULEJAC, 2014b). Os gestores públicos foram convidados a participar deste estudo a partir da indicação do subsecretário regional de gestão de pessoas, que, como antecipado, disponibilizou-se a indicar pessoas para a pesquisa, bem como a dar informações e tirar possíveis dúvidas sobre a carreira durante todo o processo do estudo.

Assim, os sujeitos principais foram convidados por telefone pela pesquisadora a marcar um encontro, para que, assim, pudesse ser explicada a proposta desta investigação e de que maneira seriam conduzidas as conversas. Em junho de 2017, foram iniciados encontros com quatro gestores, no entanto, uma delas não conseguiu marcar a segunda entrevista para continuar a contar sua história, mesmo a mestranda persistindo até janeiro de 2018. Como concedeu apenas uma entrevista, e ainda não tinha falado sobre nenhuma atividade laboral, sua transcrição não foi considerada na investigação. Os locais dos encontros foram de livre escolha dos participantes, mas foi disponibilizado o prédio da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no Centro da capital fluminense. Duas entrevistas foram ali realizadas, em uma sala de aula vazia. Outra foi feita num auditório vazio da Secretaria de Estado de Fazenda (SEFAZ), também no Centro do RJ, e a última por Skype, visto que o sujeito morava no exterior.

As entrevistas foram gravadas, para posteriormente serem transcritas. De forma a preservar suas identidades, cada participante escolheu um nome fictício que foi utilizado na dissertação (SANTOS, 2018a). Os nomes escolhidos pelos pesquisados foram Márcia, Pedro, Antonia⁶ e João. O subsecretário de gestão de pessoas, participante de apoio, escolheu ser chamado de Vicente. Quando os pesquisados fizeram referência a outras pessoas que foram citadas no decorrer das histórias de vida, a pesquisadora também utilizou nomes fictícios para evitar a identificação dessas pessoas e dos pesquisados, seguindo orientações deles. As organizações, regiões de moradia, trabalho, também seguiram o mesmo critério, contudo aquelas que não prejudicariam as identidades e/ou poderiam danificar significativamente as histórias de vida foram mantidas.

No primeiro encontro com os participantes principais, a eles foi explicado o propósito da pesquisa e como ela seria operacionalizada. Primeiramente, foi feita uma apresentação da pesquisadora, que se tratava de uma pesquisa sobre as trajetórias laborais de ex-gestores públicos do estado do Rio de Janeiro e que, para isso, era necessário me contar suas histórias de vida laborais. Após, foi lido o TCLE, enfatizado que a pesquisadora manteria sigilo sobre os dados, como nome, local de trabalho e moradia, e que nenhuma outra informação que pudesse identificá-los seria mencionada. Foi avisado também que teria liberdade de adesão ou recusa da participação, podendo retirar seu consentimento em qualquer momento. Todos assinaram os termos. Esse processo foi importante para que eles aceitassem participar, pois alguns demonstraram receio de falar momentos de sua trajetória em que pudessem ser identificados.

Para que ficassem mais seguros, foi garantido também que seria enviada a transcrição das entrevistas a eles por e-mail, e que ficassem à vontade para modificar alguma informação que pudesse identificá-los. Após esse primeiro momento, foi explicado que poderiam acontecer outros encontros, e que eles falariam sobre a história de vida laboral, ficando abertos a falar o que viesse a mente. A primeira conversa se iniciou com um pedido simples, para estimular a narração: “Conte-me a

⁶ Uma síntese da história de vida laboral de Antonia foi apresentada no *V Congreso de la Red de Posgrados de Investigación Latinos en Administración y Estudios de la Organización - Red Pilares* em Santiago, no Chile, e publicada sob a forma de capítulo de livro (SANTOS, 2018b).

sua história” (SILVA *et al.*, 2017). Nesse primeiro momento, não houve interrupções, apenas deixando o gestor falar livremente sobre sua vida laboral. Apenas com João, que mora no exterior, a conversa se limitou a um encontro, devido a sua disponibilidade. João, no entanto, disse quealaria sobre sua história e que, se a pesquisadora quisesse, poderia fazer algumas perguntas para focar nas questões que dissessem respeito ao estudo. Assim, esse foi o único participante que, à medida que narrava, a mestranda aprofundava no recolhimento, anotando pontos para serem aprofundados posteriormente.

Com os outros três participantes, houve dois encontros, sendo que, após o primeiro, os relatos foram transcritos e lidos para que pudessem ser esclarecidas possíveis dúvidas ou retomadas algumas experiências que se alinhavam ao interesse deste estudo. No caso da dissertação, por mais que os sujeitos principais tivessem aceitado participar de forma voluntária falar sobre suas histórias de vida laborais, a narração era, algumas vezes, limitada ao cargo em comissão. Como eles entendiam que tinham sido escolhidos a participar por terem trabalhado no cargo, acabavam falando mais sobre esse processo. Em uma das entrevistas, foi necessário pedir para o entrevistado falar mais sobre as experiências anteriores. Como a ideia era deixá-los confortáveis com o método, e não os assustar, decidiu-se não os pressionar a falar o que não desejavam, pois o narrador deve sentir-se à vontade para compartilhar a sua história com a sua própria linguagem, determinando ele o que é relevante ou não narrar (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Além disso, cabe destacar a dificuldade em marcar entrevistas com os pesquisados. O interesse inicial era recolher histórias de vida laborais de oito pessoas. No entanto, no início da pesquisa de campo, ao conversar com o subsecretário de gestão de pessoas, foi constatado que os sujeitos da pesquisa, por serem ex-gestores públicos e terem saído do cargo comissionado, resistiriam a aceitar. Vicente explicou que, por terem de sair de um trabalho que gostavam, em que se sentiam vivos e realizados, muitos deles estavam abalados, tristes e decepcionados com o governo do estado. Isso sem falar na perda salarial, que era fator estimulante para continuar na carreira.

Com um futuro incerto na carreira, que dependia de ações governamentais e políticas, eles estavam num momento turbulento, pois o governador do RJ estava fazendo radicais mudanças nas estruturas organizacionais. Tinha acabado de assinar um decreto (RIO DE JANEIRO, 2017) exigindo a extinção da Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Rio de Janeiro (SEPLAG). Muitos não sabiam o que poderia acontecer amanhã, como explicou Vicente. Poderiam ter o cargo comissionado ou não, poderiam trabalhar na SEFAZ ou em outra secretaria, ou poderiam mudar de local de trabalho, pois havia tido realocação de funcionários entre os prédios da SEPLAG e a SEFAZ. Vicente, por exemplo, em dezembro de 2017, também perdeu seu cargo. Já não era mais subsecretário. Mudou de prédio, agora trabalha sem cargo comissionado na carreira de EPPGGPO. Então, esses sujeitos estavam numa situação muito delicada, pois, para conseguir outro cargo, precisavam fazer contatos e não podiam “se queimar”, segundo Vicente. Eles achavam que, ao contar sobre suas histórias, isso poderia acontecer.

Outra dificuldade foi após o primeiro encontro com os sujeitos participantes para marcar uma segunda entrevista. Embora tenham mostrado interesse em participar da pesquisa, a cada tentativa de reencontro, postergavam o agendamento das datas. De início, a recusa foi entendida, pois não era fácil ficar lembrando a perda de um trabalho desejado, ainda recente. Pedro havia explicado que precisaria viajar à casa de seus pais, em outro estado, para recuperar as energias. Márcia disse que estava ocupada no trabalho, Ana precisou fazer uma viagem, e a participante que desistiu estava cumprindo obrigações do doutorado.

Após quatro meses de tentativas para conseguir uma reaproximação, as transcrições das entrevistas foram enviadas por e-mail, pedindo para que eles sugerissem alterações que julgavam necessárias. A partir de então, a pesquisadora conseguiu dar continuidade às histórias. E, no último mês do recolhimento das histórias de vida, encontrou João, indicado por Antonia, para participar da pesquisa. Com ele foi realizada uma entrevista. Na segunda entrevista, com Márcia, Pedro e Antonia, foram levadas anotações de alguns pontos das entrevistas anteriores para eles explicarem melhor. Após a transcrição dessa segunda etapa, as novas entrevistas foram enviadas por e-mail aos participantes, para que, se quisessem, modificassem alguma informação. Cabe ressaltar que os entrevistados retiraram algumas partes, pois não queriam se “expor de forma alguma”. Márcia, por exemplo, pediu para modificar duas vezes a transcrição de sua história de vida, inclusive a última em março de 2018.

Dessa forma, as histórias de vida apresentadas na dissertação (SANTOS, 2018a) têm a autorização dos participantes para a exposição, uma vez que tiveram acesso prévio a elas. Finalizadas todas as entrevistas com cada um dos EPPGGPO, foi feita a leitura sistemática das transcrições de cada história, a fim de estabelecer pontos em comuns entre os pesquisados, assim como as singularidades de cada um deles e suas histórias. Quanto à análise das histórias de vida, cabe enfatizar que não há um procedimento único e rígido, sendo aberto quanto aos procedimentos de análise, e a pesquisadora instigada a produzir seu próprio processo analítico (RIESSMAN, 2008). Barros e Silva (2002) corroboram afirmando que o caminho analítico deve estar de acordo com o objetivo do trabalho, podendo diferenciar-se em seu modo de análise.

Assim, a análise das quatro histórias de vida laborais foi realizada de maneira similar a Caeiro (2016) e a Guimarães (2014), com algumas modificações. Importante destacar que o método possui características próprias de análise, as quais podem se assemelhar à análise de conteúdo ou do discurso, mas por razões epistemológicas, não é possível afirmar que se tratou de uma dessas análises, como explica Caeiro (2016). Após as transcrições das histórias de vida, elas foram lidas e relidas, pensando em como articulá-las à construção das trajetórias laborais, à luz da Psicossociologia.

A fim de cumprir os objetivos do estudo, era necessário, primeiramente, compreender as trajetórias laborais dos sujeitos, conhecer o processo anterior à entrada no cargo comissionado, entender como ocorreu a experiência gestonária no serviço público, analisar as relações entre as vivências gestonárias e subjetivas para a construção da trajetória laboral dos EPPGGPOs, para que, assim, pudesse compreender as implicações da experiência gestonária para a trajetória laboral dos EPPGGPO do estado do Rio de Janeiro. Por isso, a análise das narrativas foi conduzida em dois momentos: num primeiro momento, foi feita uma apresentação de cada uma das histórias de vida laborais, contando, de maneira mais aprofundada, quem são esses gestores públicos. Aqui foram descritas experiências passadas e presentes e as expectativas futuras. É importante enfatizar que, nesse momento, há diferenças entre os conteúdos apresentados, em função da negativa de alguns participantes em autorizar o relato integral de suas histórias, após a pesquisadora ter realizado as análises, o que impactou no tamanho de cada uma delas quando apresentadas aos leitores (SANTOS, 2018a).

Num segundo momento, foi realizada uma análise conjunta das quatro histórias, fazendo uma análise transversal das semelhanças entre elas e as particularidades de cada uma. Nessa etapa, foi analisado como cada uma das vivências no trabalho teve implicações em suas subjetividades, a partir de impressões próprias da pesquisadora. Após, analisou-se como as vivências gestonárias e subjetivas, reveladas nas histórias de vida dos EPPGGPOs, contribuíram para a construção de suas trajetórias laborais.

Algumas considerações

A partir das histórias de vida laboral de ex-gestores públicos, foi possível conhecer as dificuldades e contribuições do uso do método de história de vida em um contexto de trabalho gerencial. A utilização da história de vida se mostrou bastante frutífera, sobretudo porque permitiu um olhar para o passado, mostrando que a trajetória é um processo histórico, que foi se construindo aos poucos, mediado pelo seu contexto social, e não uma produção individual. Assim, incorporou-se às vivências passadas e o histórico familiar como elementos que ainda ecoam em sua respectiva história, chamando a atenção de tais aspectos na discussão de trajetórias daqueles que trabalham nos cargos públicos. A história de vida também mostrou que as vivências do passado persistem no presente. Assim, passado, presente e futuro estão emaranhados e são indissociáveis, como apontado por Coutinho (2009) e em outros relatos de pesquisa presentes neste livro⁷.

Como dificuldades do estudo, destaca-se que a literatura do método de história de vida aconselha a pedir ao pesquisado para (re)contar sua história, enquanto os gestores aqui pesquisados tiveram dificuldades em falar abertamente, pedindo para serem guiados. Além disso, tinham receio que algo dito pudesse identificá-los, logo as transcrições das entrevistas foram enviadas por correio eletrônico para eles, para que, se quisessem, modificasse/retirassem alguma informação. Eles enfatizavam que não queriam “se expor de forma alguma”. Outra dificuldade foi marcar outros encontros, ficando limitados a apenas dois.

No entanto, cabe enfatizar que a resistência dos gestores públicos entrevistados é limitada pelo contexto social em que viviam, evidenciando que também é um processo sociopsicológico e, por isso, um olhar da Psicossociologia também foi importante neste estudo. Por exemplo, no caso de uma das gestoras, Antonia, é no momento da saída do cargo comissionado e na movimentação entre os órgãos, o “se mexer”, que ela se depara com o fato de que não basta sua dedicação e sabedoria para ingressar ou se manter nos cargos, mas as articulações políticas e as transformações sociais influenciam nas escolhas dos gestores públicos.

É interessante destacar também que a carreira de EPPGGPO, a qual bebe das águas do gerencialismo desde a sua criação e, assim, tende a promover um afastamento de formas colaborativas de trabalho. Esse individualismo dificulta a ruptura e a construção de propostas de gestão distintas do gerencialismo, bem como uma solidariedade que facilitaria a luta corporativista em prol de melhores vínculos de trabalho. Ainda, também é importante lembrar da possibilidade de o trabalho realizado dentro de um coletivo tornar-se mais prazeroso.

Ademais, contrapondo-se à visão hegemônica de linearidade própria dos valores gerencialistas, a carreira de EPPGGPO é um espaço de ambiguidades. Apesar das críticas apontadas, entre os ganhos e perdas, os gestores públicos demonstram saudades e “orgulho” por trabalhar no Estado, ou mesmo o “amor” à carreira. É salutar que o Estado repense a carreira desses servidores, bem como os cargos comissionados, para que possa proporcionar um ambiente saudável para os seus trabalhadores. Isso pode impactar no modo de gestão e na maneira como as políticas governamentais são realizadas.

⁷ Especialmente os capítulos 4 e 6, de Geruza Tavares D'Avila e Laila Graf Ornellas, respectivamente.

Referências

- ABREU, Maria Aparecida Azevedo; MEIRELLES, Raquel de Lima. *Mulheres e homens em ocupação de cargos de Direção e Assessoramento Superior (DAS) na carreira de especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG)*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n. 1797, 2012. (Texto para discussão). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1000/1/TD_1797.pdf Acesso em 29 jul. 2021.
- BARROS, Vanessa Andrade de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Vitória: EDUFES, 2014. p. 41-64.
- BARROS, Vanessa Andrade de; SILVA, Lilian Rocha da. A pesquisa em história de vida. In: GOULART, Iris Barbosa (org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 133-146.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília, 2012a. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2013.
- CAEIRO, Mariana de L. *“A minha vida foi só trabalhar”: a construção do sentido para o trabalho de faxina*. 2016. 96f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- CAEIRO, Mariana de L.; CARVALHO NETO, Antônio; GUIMARAES, Ludmila de Vasconcelos Machado. Para além do Sofrimento: os Sentidos do Trabalho para os Profissionais Invisíveis. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 2016, Belo Horizonte. *Anais*. Minas Gerais: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2016.
- CARVALHO, Juliana Castro Benício; COSTA, Liana Fortunato. História de vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica. *Revista Brasileira de psicodrama*, São Paulo, v.23, n.2, p. 24-31, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v23n2/v23n2a04.pdf>. Acesso em 29 jul. 2021.
- CLOSS, Lisiane Quadrado; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidnei. R. História de Vida e Trajetórias Profissionais: Estudo com Executivos Brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 525-543, 2015.
- COLOMBY, Renato Koch. *Antes e depois do diagnóstico: o trabalho na história de pessoas que vivem com HIV*. Porto Alegre, 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Administração)- Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016.
- COLOMBY, Renato Koch *et al.* A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, v.3, n.8, p.821-856, 2016.
- COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25749>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- DE LUCA, Gabriela. *“Você só tatua?: a trajetória profissional no campo da tatuagem*. 2015. 187p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.
- GAULEJAC, Vincent De. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2014a.
- GAULEJAC, Vincent De. *A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade*. Tradução de Maria Beatriz de Medina e Norma Takeuti. São Paulo: Via Lettera, 2014b.
- GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos Machado. *Entre o céu e o inferno: confissões de executivos no topo da carreira profissional*. 211 f. 2014. Tese (Doutorado em Administração) -

- Universidade Federal de Minas Gerais, CEPEAD, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9LSPU2>. Acesso em 29 jul. 2021.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In.: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.
- LEMOS, Ana Heloisa da Costa; RODRIGUEZ, Daniel Arbaiza; MONTEIRO, Vinicius de Carvalho. Empregabilidade e sociedade disciplinar: uma análise do discurso do trabalho contemporâneo à luz de categorias foucaultianas. *Organizações & Sociedade*, v.18, n.59, p. 567-584, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302011000400002>. Acesso em 29 jul. 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.621-626, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007> Acesso em 29 jul. 2021.
- PINTO, Bruna de Oliveira Santos, CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro, RODRIGUEZ, Luciana da Silva. Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. *FAROL-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, v.2, n.5, 2015.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. V. (Org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.
- RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative Methods for the human Sciences*. United States of America: Sage Publications, 2008.
- RIO DE JANEIRO. *Lei nº 5355, de 23 de dezembro de 2008*. Dispõe sobre a criação da carreira de especialista em políticas públicas e gestão governamental, planejamento e orçamento, a carreira de especialista em finanças públicas e a carreira de especialista em gestão de saúde, no âmbito do poder executivo estadual, estabelece sua estrutura e formas de desenvolvimento, fixa sua remuneração, e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ, 2008.
- RIO DE JANEIRO. *Decreto-lei nº 45896, de 27 de janeiro de 2017*. Modifica a estrutura do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro. Diário oficial do Estado. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 2017, p.01.
- ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei.; PICCININI, Valmiria Carolina. Uma Análise Sobre a Inserção Profissional de Estudantes de Administração no Brasil. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 13, n. 2, art. 212, p. 44-75, 2012.
- SANTOS, Luana Sodr e da Silva. "Você tem que tirar seu coração do Estado, entendeu?": *Trajetórias laborais de especialista de Políticas Públicas e Gestão Governamental e Analista de Planejamento e Orçamento do Estado do Rio de Janeiro*. 85 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/ Instituto Multidisciplinar/ Instituto de Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica _ RJ, 2018a. Disponível em <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/4869> Acesso em 25 jul. 2021.
- SANTOS, Luana Sodr e da Silva. A história de vida laboral de uma ex-gestora pública. In: PÉREZ-ARRAU, Gregorio; MANDIOLA, Marcela; RODRÍGO MUÑOZ, Pablo Isla; RÍOS, Nicolás (Org.). *Nuevas formas de organización y trabajo: Latinoamérica frente a los actuales desafíos económicos, sociales y medioambientales*. Santiago de Chile: Red de Posgrados de Investigación Latinos en Administración y Estudios Organizacionales, 2018b. p. 1337-1345.
- SILVA, Aline Pacheco *et al.* Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, Belo Horizonte, Brasil, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: Técnicas e fundamentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 17-27.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Capítulo 10

EMOÇÕES/SENTIMENTOS NO COTIDIANO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS: PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA

Andreia Martins

Introdução

Este texto apresenta um recorte da tese de doutorado de Martins (2018)¹. O referido estudo teve como objetivo compreender as emoções/sentimentos que medeiam a vida cotidiana de docentes do Ensino Superior. Contudo, para esse trabalho propõe-se apresentar o percurso teórico-metodológico utilizado na tese em questão.

Lev Semionovitch Vigotski e Agnes Heller foram o autor e a autora que fundamentaram a construção da referida tese, especialmente em função de proporcionarem referenciais analíticos aos conceitos de emoções e sentimentos a partir de uma perspectiva monista Spinoziana, a qual não exclui os afetos, muito menos os concebem negativamente, mas sim os integram aos pensamentos e a todas as ações realizadas na vida cotidiana pelas pessoas.

E é justamente na própria definição conceitual de sentimento e emoção que Heller e Vigotski se encontram, pois os sentimentos, sob a ótica Heller, demarcam o direcionamento das ações e das escolhas cotidianas, visto que estar implicado movimenta, direciona, paralisa, mas principalmente envolve e produz dialeticamente, entre o eu e o outro, a forma de ser e de se constituir enquanto sujeito. Já Vigotski, ao buscar referência em Benedictus de Spinoza, visualiza as emoções como potência de ação, afetação. E, assim, sendo a emoção constituinte *sine qua non* do pensamento, há também de se considerar que estar afetado “atravessa”, produz afecções, enfatiza as vivências e demarca momentos da existência humana.

Nesse sentido, o desafio de pesquisar os aspectos afetivos e volitivos relacionados ao fazer docente implica, também, a perspectiva de uma Psicologia monista, que não adere às análises mecanicistas e fragmentadas, mas que compreende o ser humano historicamente a partir da dinamização dos processos sociais, dos conflitos e do contraditório, ou seja, em sua totalidade. Desse modo, por meio do método de História de Vida (HV), o qual foi abordado de forma mais detalhada no primeiro capítulo do presente livro, procurou-se vivenciar cada momento da pesquisa e cada história relatada e (re)vivida pelos docentes. O método de HV, a partir de Ferrarotti (1991, 2007) e Pais (2003, 2009), foi escolhido em função de possibilitar a compreensão do fazer docente enquanto uma construção, um processo que se constitui a partir das várias experiências da vida cotidiana dos docentes, daquilo que lhes afetaram e que lhes implicaram. Dessa forma, encontrou-se, no referido método, um acesso mais profícuo para compreender as emoções e os sentimentos construídos na vida cotidiana dos protagonistas da referida pesquisa.

¹ A pesquisa de doutorado foi contemplada com bolsa do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU).

Cabe pontuar que o tema de tese supracitada faz alusão aos anos de experiência e vivências da autora como docente no Ensino Superior. No decorrer desse tempo, o convívio diário com os discentes e demais colegas trouxe a oportunidade de compartilhar momentos de alegria, mas também, por muitas vezes, de tensões e de angústias oriundas do próprio contexto do trabalho docente.

Destarte, ao estudar as emoções/sentimentos na perspectiva dos docentes, o conceito do cotidiano emerge, então, como "palco" das relações construídas por esses sujeitos e a forma como constroem seu modo de ser professora/professor: "É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais" (J. S. MARTINS, 1998, p. 2).

Desse modo, ao longo deste texto, pretende-se explicar sobre as emoções/sentimentos na perspectiva de Heller e Vigotski, bem como sobre as histórias de vida enquanto proposta metodológica de investigação das relações do trabalho docente. Por fim, tecem-se algumas considerações finais a respeito da pesquisa vivenciada.

Emoções/sentimentos no cotidiano dos docentes universitários: percurso teórico

A partir do materialismo histórico-dialético e ancorando-se na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, adotou-se o pressuposto de que, no contexto cultural, econômico e político no qual o sujeito se encontra, ou seja, a instância "material", construída historicamente, são tecidas as ações humanas. Para Marx e Engels (2007), "A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real" (p. 93). Mais que um posicionamento epistemológico, tem-se também uma concepção de ser humano, na acepção ontológica do ser, pois, a partir dos princípios do materialismo histórico dialético, a abordagem da Psicologia Sócio-Histórica concebe o sujeito em sua totalidade, construído historicamente na/em relação com o outro, visto que, para a referida abordagem, "o objetivo da teoria psicológica é explicar os mecanismos pelos quais os processos naturais/filogenéticos, presentes no recém-nascido, se mesclam com os processos culturais e sociais para produzir as funções complexas que caracterizam o homem" (LEITE, 2012, p. 360).

Conforme Vigotski (2000, p. 24),

A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade. Daí está claro, porque necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros, aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo.

Posicionamento análogo ao de Vigotski pode ser visto em Heller (1994) quando, no prólogo da edição castelhana de seu livro "*Sociología de la vida cotidiana*", a autora sublinha, ao discorrer sobre a "essência humana", que essa:

[...] não é o ponto de partida, nem o "núcleo" ao qual as influências sociais se sobrepõem, mas se constitui um resultado; sob o pressuposto de que o indivíduo se encontra desde seu nascimento em uma relação ativa com o mundo em que nasceu e que sua personalidade se forma através dessa relação (HELLER, 1994, p. 7, tradução nossa).

Desse modo, é na articulação com o contexto sociocultural que o ser humano altera a si mesmo e ao outro, não como uma personalidade estática, fragmentada, mas em constante movimento “dialético da relação, dá ao eu as coordenadas para saber quem é ele, que posição social ocupa e o que se espera dele. Dito de outra forma, é pelo outro que o eu se constitui em um ser social com a sua subjetividade” (PINO, 2000, p. 66). Essa característica dialética entre o “eu e o outro”, demarcada pelas relações sociais do ser humano, também pode ser observada em Heller (2008) ao comentar que:

Enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós” (p. 36).

Com relação às emoções, é possível encontrar dois pressupostos nos escritos de Vigotski, os quais apresentam a posição do autor, a saber: primeiro uma perspectiva monista, a qual é contra qualquer forma de fragmentação do ser humano, sejam elas “corpo/alma, mente/alma, material/não material e até, mais especificamente, pensamento/linguagem” (OLIVEIRA, 1992, p. 76). O segundo pressuposto está ancorado na visão integrada de Vigotski, a qual se opõe ao atomismo e à investigação dos elementos isolados, indicando a análise do todo. Desse modo, “Tanto o monismo como abordagem globalizante buscam a pessoa como um todo e, portanto, por definição, não separam afetivo e cognitivo como dimensões isoláveis” (OLIVEIRA, 1992, p. 76).

Ambos os posicionamentos supracitados vêm ao encontro do entendimento de Heller (1993) – visão monista, pois a autora claramente defende a relação entre sentimentos e pensamentos, contrapondo-se às abordagens reducionistas. Segundo Heller (1993), “Atuar, pensar, sentir e perceber são, portanto, um processo unificado. Durante o desenvolvimento do Ego, ação, sentimento, percepção e pensamento se diferenciam funcionalmente e, em processo paralelo, se reintegram mutuamente em seguida” (p. 36, tradução nossa).

E as relações entre o ser humano e a cultura como são edificadas e transformadas cotidianamente? Mediante os signos, pois, segundo Vigotski (2007), “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações do signo” (p. 58). Assim, os signos têm a finalidade de “governar os processos de atuação, alheia ou própria, do mesmo modo que está dirigida a técnica a governar os processos da natureza” (VYGOTSKI, 1987, p. 182).

Os signos são construídos dialeticamente por meio da mediação entre os sujeitos que se encontram em determinada conjuntura econômica, política e social e produzem de forma dinâmica sua existência. Para Zanella (2014), “As relações que estabelecemos com o mundo, considerando a condição relacional dos signos, são, [...] mediadas pelos valores característicos do momento social e histórico em que vivemos [...] daquilo que nos afeta, nos mobiliza e nos move” (p. 71).

Desse modo, das relações cotidianas, desenvolvidas pelos sujeitos e mediadas pelos signos, emanam dois importantes conceitos vigotskianos – significado e sentido –, ambos relacionados ao contexto sócio-histórico-cultural. O significado decorre da cultura e da estrutura material de determinado objeto, lugar e/ou palavra, sendo mais estável e menos variável. Para Pino (2005),

[...] significar é encontrar para cada coisa o signo que a representa para si e para o Outro. É passar do plano perceptível ao do enunciável e do

inteligível. É encontrar a razão que permite relacionar as coisas entre si e, dessa forma, conhecê-las. É dizer o que elas são (p. 147, grifo do autor).

O sentido refere-se à apropriação que o sujeito infere ao conjunto de significados, sempre demarcado historicamente e de forma dinâmica e contextual. Para Zanella (2014),

Os sentidos e o processo de sua produção (significação), por sua vez, são relativamente libertos de amarras, ainda que social e historicamente ancorados. Afinal, sentidos são produzidos na relação com outros, com o mundo, e inexoravelmente mediatizados pelas características do contexto sócio-histórico, econômico e político no qual emergem, bem como, das condições dos interesses, das motivações e das trajetórias das pessoas em relação ao processo de sua produção (p. 72).

Conforme Vigotski (1993), “o sentido da palavra é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa que tem várias zonas de estabilidades diferentes. O significado é só uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa” (p. 333, tradução nossa). Desse modo, Vigotski (1993) recorre à fábula “A cigarra e a formiga” de Krylov para explicar sobre a complexa relação contextual entre significados e sentidos, a saber:

“Ah então tu...” (A formiga se prepara para derrotar a cigarra.)
“Despreocupada
Passei o verão inteiro cantando” (A cigarra responde fora de propósito, mais uma vez lembra o verão).
“Estiveste sempre cantando? Isso é coisa séria:
Então agora dança!” (KRYLOV, *apud* VIGOTSKI, 1993 p. 150).

Desse modo, a palavra “dança” com a qual conclui a fábula tem um significado bem definido e constante em qualquer contexto em que aparece. Mas, no contexto da fábula, adquire um significado intelectual e afetivo muito mais amplo: “divirta-se”, mas também “morra” (VIGOTSKI, 1993, p. 333, tradução nossa). Desse modo, na fábula acima, Vigotski (1993) apresenta o significado da palavra “dança” e a dinâmica dos vários sentidos que esse vocábulo pode representar de acordo com o contexto que está incluído e do modo como cada sujeito concebe, demonstrando, assim, a variabilidade dos sentidos. Portanto,

A palavra está inserida em um contexto do qual toma seu conteúdo intelectual e afetivo, se impregna desse conteúdo e passa a significar mais ou menos do que significa isoladamente e fora do contexto: mais porque se amplia seu repertório de significados, adquirindo novas áreas de conteúdo; menos, porque o contexto em questão limita e concreta seu significado abstrato. [...] o sentido da palavra é ilimitado. A palavra ganha sentido no contexto da frase, mas a frase, por sua vez no contexto do parágrafo, o parágrafo deve ao contexto do livro e o livro no contexto da criação inteira do autor (VIGOTSKI, 1993, pp. 333-334, tradução nossa).

O sujeito atribui uma variedade de sentidos à palavra, em função do contexto que se encontra, logo, sendo a palavra “um fenômeno do pensamento, que se interconecta [...] com todos os processos psicológicos e a dimensão afetivo-volitiva que move as pessoas e conota as relações que estabelece com outros e consigo mesmas” (ZANELLA *et al.*, 2007, p. 31). Assim, o sentido representa a conexão entre o singular e

o coletivo, ou seja, “o sentido das palavras depende conjuntamente da interpretação do mundo de cada um e da estrutura interna da personalidade” (VIGOTSKI, 1993, p. 334, tradução nossa). Desse modo, Vigotski propõe a unidade dos processos cognitivos, volitivos e afetivos, “Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção” (OLIVEIRA, 1992, p. 76).

Vigotski (2009) criticava a Psicologia tradicional de sua época, a qual analisava as esferas intelectuais separadas das esferas afetivas, indicando a importância da análise interligada desses processos:

A análise por unidades aponta a via para a resolução destes problemas de importância vital. Ela demonstra que existe um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem, mostra que todas as ideias contêm, transmutadas, uma atitude afetiva para com a porção de realidade a que cada uma delas se refere. Permite-nos, além disso, seguir passo a passo a trajetória entre as necessidades e os impulsos de uma pessoa e a direção específica tomada pelos seus pensamentos, e o caminho inverso, dos seus pensamentos ao seu comportamento e à sua atividade (p. 14).

Dessa forma, é possível observar a ênfase integrada que Vigotski traz para compreensão dos sentidos, o que possibilita compreender o ser humano em sua totalidade, sem dicotomias entre razão e emoção, mente e corpo etc. Ou seja, para Vigotski (2005, p. 187): “Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último porquê de nossa análise do pensamento”. Assim, Vigotski (2009) ressalta:

Estamos a pensar na relação entre o intelecto e o afeto. A sua separação como objetos de estudo é uma importante debilidade da psicologia tradicional, pois que faz com que o processo de pensamento surja como uma corrente autônoma de “pensamentos que pensam por si próprios”, dissociada da plenitude da vida, das necessidades e interesses, das inclinações e dos impulsos pessoais de quem pensa. Tal pensamento dissociado terá que ser considerado quer como um epifenômeno sem significado, que não poderá alterar de maneira nenhuma a vida e a conduta de uma pessoa, quer como uma espécie de força primeira que influenciaria a vida pessoal de uma forma inexplicável, misteriosa. Fecha-se assim a porta à questão da causa e da origem dos nossos pensamentos, visto que a análise determinista exigiria uma clarificação das forças motrizes que orientam o pensamento por esta ou aquela via. Pela mesma razão, a velha abordagem impede qualquer estudo frutuoso do processo inverso: a influência do pensamento sobre o aspecto e a vontade (p. 14).

Vigotski remete à noção sistêmica e integrada das funções mentais superiores, indicando que a compreensão e o estudo dessas se realizam de forma integrada e dinâmica. Desse modo, Toassa (2011), Lane (2002), Sawaia (2000) e Clot (2006) destacam que, para Vigotski, as emoções teriam um papel preponderante e tão importante quanto os próprios processos cognitivos. Clot (2006, p. 21) defende que para Vigotski “[...] o afeto deve se tornar o principal capítulo da Psicologia”. Contudo,

[...] é preciso ter claro que, ao teorizar sobre emoção, ele não está preocupado em aprimorar um conceito do psiquismo ou em conhecer formas para controlá-la, mas em rever a metodologia e superar a

epistemologia dualista da Psicologia, que separa mente de corpo e intelecto de emoção (SAWAIA, 2000, p. 3).

Ainda, cabe salientar que o estudo das emoções se articula com a análise das vivências, pois existe uma estreita relação desses termos nas obras de Vigotski. Desse modo, Toassa (2011, p. 35) discorre sobre as relações entre vivências e emoções tanto nas obras de Vigotski, como na própria língua russa utilizada diariamente. “As vivências, na língua russa, não são experiências indiferentes. Envolver necessariamente qualidades emocionais, sensações e percepções, acarretando uma imersão do sujeito no mundo”. Souza, Petroni e Andrada (2013), ancoradas na teoria vigotskiana, relatam:

A vivência seria uma experiência que une a personalidade do sujeito e o meio, este último entendido como situação social de desenvolvimento, visto ser produzido socialmente, inclui os aspectos da cultura, sendo, portanto, ‘fonte’ do desenvolvimento do psiquismo (p. 364).

O estudo das emoções nas obras de Vigotski é complexo pelo fato de os próprios termos emoções, afetos e sentimentos estarem diluídos nas obras do autor e não terem uma definição pontual. Segundo Pino (2005),

Uma das coisas que mais chamam atenção ao leitor que lê a obra de Lev S. Vigotski com a intenção de conhecer o seu pensamento é a quase total ausência de definições dos termos que ele utiliza, mesmo tratando-se de termos-chave para a construção desse pensamento. A falta de um tratamento conceitual desses termos por parte de Vigotski impõe-nos uma grande vigilância ao tentar analisá-los, para evitar interpretações inadequadas que poderiam comprometer a leitura compreensiva dos seus textos. A solução é tentar contextualizar tais conceitos no quadro das ideias que constituem o *locus* das suas análises (pp. 95-96).

Outro aspecto a ser pontuado refere-se à obra “Teoria das emoções: estudo histórico-psicológico” (tradução nossa) publicada pela primeira vez 50 anos após a morte de Vigotski e que não foi finalizada pelo autor. Há muitas hipóteses sobre as razões que levaram Vigotski a não ter concluído o referido manuscrito, sendo a mais provável que, com o agravamento da tuberculose, o autor teria abandonado a obra para se dedicar à finalização de outros trabalhos, entre eles “Pensamento e Linguagem”, com resultados experimentais mais acumulados (TOASSA, 2011).

O manuscrito “Teoria das Emoções: estudo histórico-psicológico” (VIGOTSKI, 2004b) foi redigido entre os anos de 1931 a 1933, e foi publicado em 1968 na Revista *Voprosy Psikhologii* e, em 1970, na Revista *Voprosy Filosofii*, ambas na Rússia. Em 1999, a obra foi publicada em inglês com o título *The teaching about emotions: historical-psychological studies* e, em 2004, em espanhol: *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico* (TOASSA, 2011). A partir da escrita de “Teoria das Emoções”, na década de 1930, Vigotski começou a se dedicar, de modo mais intenso, ao estudo das emoções. Na referida obra, o autor analisa as premissas teóricas sobre emoções, elaboradas, quase que concomitantemente, por William James e Carl Lange. Tal teoria preconizava que as alterações fisiológicas que acompanhavam as emoções, tais como tremor, suor, rubor (reguladas pelo sistema nervoso autônomo) eram consequências direta da percepção de um estímulo excitante ou ameaçador. Assim, as emoções decorreriam em seguida a essas reações periféricas (VEER; VALSINER, 1999).

No entanto, Vigotski demonstrou sua oposição com relação à teoria dualista

referente às emoções proposta por James-Lange: “Apoiando-se em Irons [...], Vigotski afirmou que a teoria de James-Lange era, em grande medida, equivalente à teoria apresentada por Descartes em ‘As paixões da Alma’” (VEER; VALSINER, 1999, p. 379).

Dessa forma, foi em Spinoza que o autor encontrou a sustentação para sua forma de entender e conceber as emoções. Visto que “A teoria da afetividade exerce, assim, uma função essencial no projeto ético de Espinosa” (GLEIZER, 2005, p. 10). Vigotski ancora-se em Spinoza para compreender as emoções em uma perspectiva monista, por meio da qual não se pode separar o funcionamento e a dinâmica dos pensamentos excluindo os aspectos emocionais, visto que ambos os processos, pensamento e emoções, estão imbricados e ocorrem de forma simultânea e dialética, ou melhor, as emoções são a base dos pensamentos e das ações cotidianas. Segundo Sawaia (2009),

as ontologias espinosana e vigotskiana nos unem inexoravelmente aos outros e ao social. A consciência/sentimento de que nossa potência de passar da passividade à atividade só é possível por meio do outro nos torna comprometidos socialmente, não por obrigação, mas como ontologia. E são os afetos os responsáveis pela união dos esforços (*conatus*), em nos fazermos um, como se fôssemos uma única mente e um único corpo (p. 370).

Desse modo, é na ambiência do dia a dia, por meio das várias atividades que os docentes realizam, que se torna possível a compreensão dos sentidos afetivos e volitivos, pois a cada ação na vida cotidiana dos docentes pode-se observar “condutas cotidianas automatizadas ou mecanizadas, as quais carregam as marcas de formações complexas de nossos antepassados e ao mesmo tempo anunciam os devires” (ZANELLA *et al.*, 2007, p. 30).

Essas condutas são importantes unidades de análise, visto que no cotidiano as pessoas se apropriam, de forma mediada, dos instrumentos e dos utensílios utilizados pela sociedade para a organização e o funcionamento das atividades econômicas e culturais. É no campo do cotidiano que os sujeitos incorporam a linguagem, os costumes, os valores, os hábitos e as leis que os fazem movimentar-se e relacionar-se com o outro na cotidianidade da vida. Segundo Vigotski (1995),

Somente nesses últimos anos a psicologia vem superando o temor diante da valorização cotidiana dos fenômenos e aprende por minúcias insignificantes – resíduos dos fenômenos como dizia Freud, que pedia maior atenção para a psicologia da vida cotidiana – a descobrir com frequência importantes documentos psicológicos (p. 64).

O estudo dos insignificantes seria para Vigotski (1995) o ponto de partida para o método. O cotidiano se insere nesse contexto por constituir-se na trivialidade do dia a dia, na qual os docentes vão tecendo, cada qual, sua história e construindo sua maneira única de ser e de se relacionar com os outros, visto que “é no cotidiano que a vida acontece” (COUTINHO; OLIVEIRA; SATO, 2016, p. 293). É nessa ambiência que os professores e professoras planejam seu futuro, vivenciam suas emoções, desejos e aspirações, realizam seus projetos e ambições. A cotidianidade se instituiria, portanto, no habitual, na repetitividade e na monotonia diária.

Todavia, no cotidiano, também ocorre o inesperado, sendo permitido quebrar barreiras, realizar o diferente, criar, desconstruir e construir novas formas de ser, de agir e de se constituir. É no dia a dia que tudo acontece, que tudo ocorre e que tudo se transforma. Também faz parte do cotidiano o excêntrico, o diferente, a eventualidade e o imprevisto (PAIS, 2009). Imprevisto que se inclui de forma inerente às atividades desenvolvidas pelos docentes, pois, a cada planejamento de aula, o inesperado pode

acontecer “em sala”. Com os(as) acadêmicos(as), tudo ocorre, tudo se transforma, tudo pode mudar e, nesse contexto cotidiano, o fazer docente realiza-se, constitui-se e emana diferentes sentimentos e emoções oriundos dessa relação.

Após tecer sobre os aspectos teóricos que fundamentaram o estudo, a seguir, na próxima seção, serão explanados os percursos metodológicos utilizados na tese de Martins (2018).

Emoções/sentimentos no cotidiano dos docentes universitários: percursos metodológicos

Os pressupostos metodológicos que ancoraram o estudo desenvolvido por Martins (2018) foram inspirados em autores do campo da Sociologia. Pais (2003, 2009) compreende que: “a sociologia da vida cotidiana vê-se na contingência de recuperar saberes e linguagens comuns – isto é, da cotidianidade, do que se passa quando nada parece passar-se – para (re)construir o terreno da sua própria discursividade” (Pais, 2003, p. 52). J. S. Martins (1998, p. 2) salienta que “O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais”.

Desse modo, a partir do método de HV, procurou-se vivenciar cada momento da pesquisa e cada história relatada e (re)vivida pelos docentes. Encontrou-se, no referido método, a partir das propostas de Ferrarotti (1991, 2007) e Pais (2003, 2009), um acesso mais profícuo para compreender as emoções e os sentimentos construídos na vida cotidiana dos protagonistas da pesquisa, em função de proporcionar uma relação mais próxima entre pesquisadora e participantes do estudo. O método de HV possibilitou a compreensão do fazer docente enquanto uma construção, um processo que se constitui a partir das várias experiências da vida cotidiana dos docentes, daquilo que lhes afetaram e que lhes implicaram.

Ancorado em Marx, Ferrarotti (1991) utiliza a perspectiva dialética e o caráter histórico para compreender as histórias de vida em sua totalidade, pois “só a razão dialética permite a compreensão de um ato em sua totalidade, a reconstrução do processo que faz de um comportamento específico, a síntese ativa de um sistema social” (p. 172). O pensamento dialético de Ferrarotti (1991, 2007) coaduna-se com a proposta da Psicologia Sócio-Histórica, cujo propósito consiste em “recuperar a afirmação do sujeito como histórico e recorrer à teoria e ao método que fornecem esse referencial para avançar na sua compreensão” (GONÇALVES, 2011, p. 73).

Dessa maneira, tomaram-se como parâmetro os três princípios, que, segundo Vigotski (2007, p. 63), “formam a base de nossa abordagem na análise das funções psicológicas superiores”. Esses, de acordo com Zanella *et al.* (2006, p. 26), “podem ser entendidos como pressupostos do seu método de pesquisa”. Os referidos princípios são: “Analisar os processos, e não objetos. Explicação versus descrição”. Análise genotípica do processo ao invés da fenotípica (VIGOTSKI, 2007, p. 63-64; VIGOTSKI, 1995).

Com relação ao desenvolvimento da pesquisa, por meio do método de HV, um dos aspectos evidenciados no estudo de Martins (2018) foi justamente o quanto o “contar sua história” propiciou para os participantes da pesquisa um (re)viver de sua biografia, pois seus relatos, particularmente aqueles expressados por fotografias, trouxeram lembranças de momentos repletos de sentidos. Para Pais (2005, p. 72), a biografia corresponde “a um processo de transformação retrospectiva. Na biografia, os acontecimentos de vida são procurados e avaliados com um olhar do presente dirigido ao passado. Este olhar, pela sua natureza retrospectiva transforma o biografado”, o que foi efetivamente constatado com os participantes da pesquisa de Martins (2018). De

acordo com Vigotski (1995, p. 6, tradução nossa), “Estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento no seu desenvolvimento histórico. Essa é a exigência fundamental do método dialético”.

No que se refere ao estabelecimento de vínculo entre pesquisadora e participantes da pesquisa, Ferrarotti (2007) discorre que o método HV promove uma relação mais significativa, uma autêntica interação entre as pessoas que fazem parte do estudo e o próprio condutor da pesquisa. Fato que foi possível experienciar ao longo da pesquisa aqui apresentada. As entrevistas realizadas com as duas professoras e com os dois professores, participantes da pesquisa, caracterizam-se não como uma mera etapa a ser efetivada na construção do estudo em questão, mas como momentos intensos, que promoveram “encontros”, nos quais, muitas vezes, ao recordar situações (boas e/ou ruins), escaparam lágrimas não só dos participantes da pesquisa, mas da própria pesquisadora. Para Ferrarotti (1991),

O observador está radicalmente implicado em sua pesquisa, ou seja, no campo do objeto de sua investigação. O conhecimento não deve ter o “outro” por objeto; em vez disso, deveria ter por seu objeto a interação inextricável e absolutamente recíproca entre observador e observado (IDEM, p. 171- 172, tradução nossa).

No decorrer do estudo de Martins (2018), constatou-se o que Ferrarotti (1991) discorre sobre a postura do(a) pesquisador(a) frente as histórias de vida e a importância de procurar “conectar biografias individuais com as características globais de uma situação histórica precisa, datada e concreta” (p. 171), visto que as histórias de vida demonstraram a trama do contexto social nas ações cotidianas dos sujeitos. Ferrarotti (2007) acrescenta que as histórias de vida “evidenciam entrecruzamento dialético – o de ‘reciprocidade condicionante’ – entre indivíduo, cultura e momento ou fase histórica” (p. 27, tradução nossa).

Assim, dois conceitos são importantes para compreendermos o método HV a partir da concepção de Ferrarotti: texto e contexto. O texto diz respeito à própria história de vida da pessoa, ou seja, “É algo ‘vivido’: com uma origem e um desenvolvimento, com progressões e regressões, com contornos extremamente precisos, com suas cifras e seu significado” (FERRAROTTI, 2007, p. 28, tradução nossa). Já o contexto refere-se ao panorama histórico, político, econômico e social em que se desenvolve o texto (FERRAROTTI, 1991, 2007).

Por meio das perspectivas horizontal e vertical, sugeridas por Ferrarotti (1991), é possível observar o vínculo entre texto e contexto (FERRAROTTI, 2007). No contexto, situam-se os cruzamentos da história de vida do sujeito com determinado texto, no qual aparecem as contradições e se revelam as questões, consideradas como “áreas problemáticas” pelo autor.

Dessa forma, as histórias de vida possibilitaram a compreensão do sujeito, pois “sintetizam horizontalmente (o seu contexto social imediato, o contexto do seu contexto etc.) e verticalmente (a sucessão cronológica do seu impacto nas diferentes regiões de mediação: a família, o grupo de pares das crianças e companheiros da escola etc.)” (FERRAROTTI, 1991, p.174).

Como procedimentos para produção das informações foram utilizadas entrevistas e fotografias. Contudo, empregaram-se esses instrumentos de pesquisa de forma interativa, envolvendo os docentes em todo o processo, com a finalidade de proporcionar uma relação aberta e promover “sentido” aos encontros. Assim, foram realizados três encontros com cada docente, a saber: uma primeira entrevista, com questões relativas à sua história de vida pessoal, educacional e profissional; um segundo encontro para dialogar sobre as fotos como memória do passado e o terceiro

encontro, tendo como foco as fotografias do presente, produzidas pelos próprios participantes da pesquisa.

As entrevistas recorrentes foram utilizadas com o objetivo de compreender de forma mais ampla as emoções/sentimentos e a vida cotidiana dos docentes do Ensino Superior. Desse modo, a primeira entrevista foi realizada com cada docente, a partir de um roteiro de perguntas organizado em campos temáticos, conforme os objetivos da pesquisa. A condução das entrevistas realizou-se a partir da orientação de González Rey (2011), quando discorre que:

A condução rígida de uma entrevista e a pouca simpatia de quem a aplica fazem o sujeito entrevistado se sentir como um estranho em relação ao pesquisador, o que leva a um formalismo na realização da entrevista, limitando a expressão das emoções e reflexões mais íntimas do sujeito e empobrecendo a informação (p. 88).

Ainda conforme González Rey (2011, p. 89), “A entrevista, na pesquisa qualitativa, tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta em seu mundo real”. Dessa forma, a orientação das entrevistas convertidas em diálogo proporcionou um ambiente agradável com os participantes da pesquisa, especialmente em função de os quatro docentes se sentirem muito honrados em compartilhar sua trajetória profissional para um estudo que teria como objetivo compor uma tese. Martins (2018) avalia ter alcançado na presente pesquisa uma interação significativa com os docentes, tal como recomenda Ferraroti (2007) ao postular que: “entre os investigadores e ‘objetos’ de investigação deve instaurar-se uma relação significativa, uma autêntica interação, que, envolve de maneira natural as pessoas envolvidas na investigação” (p. 17).

Cabe pontuar que as entrevistas recorrentes com o emprego de fotografias foram inspiradas na proposta de Borges e Coutinho (2011, p. 39), especialmente em função das autoras explanarem sobre o “uso da fotografia, como procedimento articulado à entrevista”.

Assim, na tese de Martins (2018) consta a descrição de duas formas de uso da fotografia, a saber: do passado e do presente. No primeiro caso, como memória, sendo que, ao término do primeiro encontro, solicitava-se ao docente que trouxesse fotos do passado, de momentos relativos à sua trajetória profissional. Não foi delimitado o número de fotos. A outra forma seriam as fotografias do presente, visto que, ao finalizar o diálogo do segundo encontro, requisitava-se ao docente a produção de fotografias que registrassem cenas de sua vida cotidiana para serem apresentadas no terceiro encontro. Nas fotografias do presente, também não foi delimitada a quantidade, ficando a critério de cada docente. É importante assinalar que tanto as fotografias oriundas dos arquivos pessoais dos(as) professores(as), como as fotos produzidas para a pesquisa foram utilizadas na íntegra para análise das informações. Contudo, elas foram expostas no decorrer da tese de Martins (2018) com borrões de modo a preservar o sigilo dos participantes desse estudo.

As fotografias como memória foram utilizadas com a finalidade de conhecer a vida cotidiana dos docentes do Ensino Superior, especialmente os aspectos atrelados à dinâmica profissional. Assim, no decorrer do 2º encontro, foi realizada a seguinte indagação referente à escolha das fotos: “Fale-me como foi o processo de escolha das fotos?”, entre outras que surgiram no decorrer do diálogo. As indagações revelaram-se de extrema importância para compreender os sentidos atribuídos às imagens trazidas pelos docentes e as emoções/sentimentos que emergiram desse processo de escolha e de apresentação das fotos durante o encontro.

A utilização das fotografias como memória foram motivadas pela leitura de J. S. Martins (2016) e Rosa (2015), sendo utilizadas para entender a trajetória dos docentes no Ensino Superior, o transcurso desse ofício, os aspectos fugidios, fugazes e efêmeros, os quais foram (re)lembrados e (re)vividos com relatos emocionantes regradados, muitas vezes, por lágrimas de saudades. Como diz J. S. Martins (2016, p. 27), “O invisível se torna visível na própria evidência visual e fotográfica contida nas coisas que restaram, de quem lá esteve e já não está”. Essa etapa do estudo foi um dos momentos mais importantes e significativos da pesquisa, pois os relatos sobre as fotografias foram extremamente marcantes e repletos de sentidos tanto para a pesquisadora como para os participantes da pesquisa.

Já as fotografias produzidas no presente, a partir da demanda da pesquisadora, foram empregadas com o intuito de registrar locais, momentos, pessoas etc. que os docentes julgassem importantes em sua vida cotidiana, ou que, de alguma forma, faziam parte de seu convívio diário. A fotografia possibilitou assinalar um momento, um espaço, um acontecimento e promoveu aos docentes, conforme relatado nos encontros, analisar, (re)pensar, (re)criar seu modo de ser, centrar-se em seus instantes de alegrias, seus desgostos e tristezas – refletir sobre sua vida no presente e como a tem vivido. Para Silva *et al.* (2013, p. 203), “A fotografia é entendida como produção e como forma de habitar a duração do tempo, sua fugacidade e instantaneidade”. Desse modo, as fotografias são estratégias metodológicas importantes que possibilitam apreender o fugidio, o tênue e o momentâneo das emoções/sentimentos vivenciadas pelos docentes.

Ao começar a organizar análise das informações produzidas, surgiram muitas dúvidas. Afinal seria fundamental preservar as especificidades, a história de cada docente e, ao mesmo tempo, pontuar as similaridades das biografias dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa. Assim, partindo dos princípios vigotskianos sobre o método de pesquisa (VIGOTSKI, 2007) e inspirados na proposta dos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013), foram tomados como referência especificamente a primeira e a segunda etapa do método indicado pelos autores, em especial no que se refere à leitura fluente e à organização do material para o levantamento dos pré-indicadores, visto que, para os referidos autores, a partir das “diversas leituras do material transcrito, destacamos conteúdos das falas [...] que sejam reiterativos, demonstrem maior carga emocional ou ambivalências”. Cabe ressaltar que “Um critério básico para filtrar estes pré-indicadores é verificar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 310).

Também se levou em consideração as orientações de Zanella *et al.* (2006, p. 28) quando discorrem que “O fundamental é a leitura desses materiais de modo a considerar a complexidade e o caráter inexoravelmente relacional de sujeitos e realidade”, considerando, desse modo, seu caráter dialético de análise e a interação entre coletivo/singular e entre genérico/particular.

A segunda etapa refere-se à construção dos indicadores e conteúdos temáticos, “[...] o movimento empreendido é de aglutinação dos pré-indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a uma menor diversidade, no caso já dos indicadores” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 309). Os autores pontuam que esse período já indica uma etapa do processo de análise que designa o início da nuclearização. A construção e análise dos núcleos de significação refere-se à terceira etapa desse processo na qual “Os núcleos devem ser construídos de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 310).

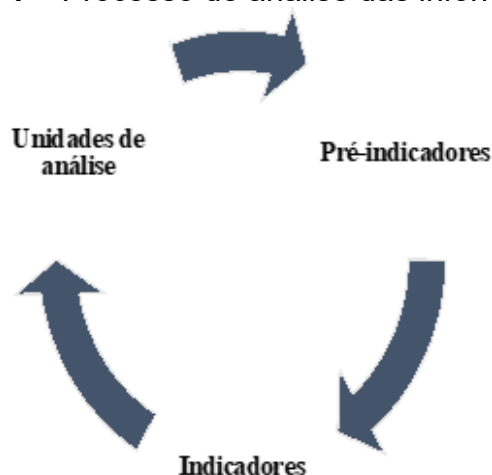
A quarta e última etapa seria a constituição da análise dos núcleos, evidenciando-se as semelhanças e contradições dos participantes da pesquisa, sendo verificada a partir da análise do pesquisador. Desse modo, “Caminhando na

compreensão dos sentidos, relembramos a importância da análise das determinações constitutivas do sujeito” (Aguiar; Ozella, 2013, p. 310). No entanto, realizou-se, de forma diferenciada, a terceira e a quarta etapa, optando por discorrer a história de vida de cada professor/professora, demarcando as singularidades do sujeito, como se constituíram e se constituem enquanto docente, seu cotidiano, as diferentes emoções/sentimentos vivenciadas pelos docentes, para construir o que Vigotski (1998) denomina de “análise em unidade”:

Com o termo unidade queremos nos referir a um produto de análise que, ao contrário dos elementos, conserva todas as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem que as perca. A chave para a compreensão das propriedades da água são as suas moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos. A verdadeira unidade de análise biológica é a célula viva, que possui as propriedades básicas do organismo vivo (p. 5, grifo do autor).

As referidas “unidades” de análise não são estáticas e separadas, ao contrário, complementam-se e estão diretamente relacionadas, pois só desse modo tornam-se possíveis compreender e explicar os processos de pesquisa de forma dinâmica e dialeticamente construída no processo histórico de seu desenvolvimento. Na perspectiva de Vigotski (2007, p. 65), “A análise psicológica de objetos deve ser diferenciada da análise dos processos, a qual requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos”. Dessa maneira, a partir do exposto acima, a seguir, apresenta-se o processo da análise das informações da pesquisa aqui apresentada em forma de figura, a saber.

Figura 1 – Processo de análise das informações.



Fonte: (MARTINS, 2018, p. 68).

Conforme é possível observar na Figura 1, cada etapa realizada na análise vem demarcada por flechas, pois, no decorrer desse processo, “a tarefa fundamental da psicologia dialética consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo, em saber considerar o processo psíquico em conexão orgânica no marco de um processo integral mais complexo” (VIGOTSKI, 1990, p. 103). Visto que “Este ponto de vista monista integral consiste precisamente em analisar um fenômeno em sua totalidade como uma configuração e suas partes como elementos orgânicos da mesma” (VIGOTSKI, 1990, p. 103).

Assim, o movimento da análise constituiu-se na identificação de pré-indicadores, indicadores e “unidades de análise”, discorridas por Vigotski (1990, 1998, 2007, 2009),

levando, ao mesmo tempo, em consideração as “áreas problemáticas” apontadas por Ferraroti (2007). Dessa forma, procurou-se identificar as características historicamente construídas por cada participante da pesquisa, por meio dos diversos diálogos ocorridos durante os encontros. No entanto, foram as fotografias como memória que permitiram conhecer de forma mais ampla o “processo de mudança” que cada docente construiu em sua história de vida, visto que “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético” (VIGOTSKI, 2007, p. 68, grifo do autor). Ainda, segundo Vigotski (1998), a análise em unidades:

Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade (p. 9).

Salienta-se que, ao compor a história de vida de cada docente, procurou-se não somente descrevê-las, visto que “A mera descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno” (VIGOTSKI, 2007. p. 64). Mas também explicá-las, “revelar a sua gênese e suas bases dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno” (VIGOTSKI, 2007. p. 65), sendo esse um dos princípios do método de pesquisa para Vigotski, conforme exposto anteriormente. E, assim, enfatizar as conexões e as relações entre as várias atividades da vida cotidiana dos docentes, das quais se constituem os sentidos afetivos e volitivos de sua atividade docente. Portanto, “explicar significa estabelecer uma conexão entre vários fatos ou vários grupos de fatos, explicar é referir uma série de fenômenos a outra, explicar significa para a ciência definir em termos de causas” (VIGOTSKI, 2004a, p. 216).

Assim, análise das informações foram organizadas e apresentadas por meio de unidades de análise, separadas por participante da pesquisa, e as unidades de análise denominadas por Martins (2018) de “entrelaçadas” (p. 71) que se reportavam às congruências/incongruências das histórias de vida de todos os docentes que fizeram parte do estudo, conforme disposto no quadro² a seguir:

Quadro 1: Composição das unidades de análise.

Participantes	Unidades de análise por docente	Unidades de análise entrelaçadas
Tábata	O balé, a advogada e a docência	Ser docente: uma construção
José	O professor reitor	
Robert	Professor de Matemática	
Renata	A professora coordenadora de curso	
Tábata	Bilhetinhos carinhosos	Docência e relacionamento com os acadêmicos
José	Homenagens e docência	
Robert	Notas dos acadêmicos	
Renata	Convivência com os acadêmicos	
Tábata	Tempo e docência	Docência e vida cotidiana
José	“Minhas netas”	
Robert	Docência e amizade	
Renata	Espaços, objetos e docência	

Fonte: (MARTINS, 2018, p. 71).

Cabe esclarecer que as unidades de análise separadas por participante da pesquisa foram dispostas seguindo uma certa similaridade de percurso e as unidades

² Os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios.

de análise entrelaçadas foram organizadas de acordo com os objetivos específicos do estudo de Martins (2018).

Considerações finais

Ao término deste, cabe ressaltar que, para compreender as implicações e os aspectos afetivos volitivos da docência, fez-se necessário resgatar as vivências do processo constitutivo desses sentidos a partir da história de vida de cada participante da pesquisa, ou seja, como o docente se constituiu nesse ofício. Assim, em cada encontro, a cada relato e a cada expressão transmitida pelos docentes foi possível entender a docência enquanto uma construção, um processo diariamente edificado na relação professor/a-aluno/a por meio de cada ação realizada no contexto da docência. Ações essas tecidas paulatinamente na vida cotidiana dos docentes, na qual “objetivamente”, por meio dos conteúdos ministrados, provas, atividades curriculares entre outros trabalhos imanentes à docência, cada docente vai produzindo os sentidos de seu trabalho e construindo-se “subjetivamente” enquanto sujeito.

Assim, o estudo de Martins (2018) foi organizado a partir da apresentação das unidades de análise separadas por participante da pesquisa e, ao término, as unidades de análise denominadas de “entrelaçadas”. O processo de análise possibilitou compreender emoções/sentimentos que medeiam a vida cotidiana dos docentes do Ensino Superior, ao permitir inferir que as atividades desenvolvidas pelos participantes da referida pesquisa reverberam na produção dos sentidos de seu trabalho e refletem na sua maneira única de ser e vivenciar as emoções e os sentimentos para com a docência.

As diferentes histórias de vida dos docentes, seu contexto de trabalho, os cargos exercidos, a insegurança ante a instabilidade de carga horária, os momentos de êxtase em sala de aula, enfim, os interstícios da cotidianidade produzem o fazer docente. Dessa forma, a “história de vida” demonstra-se como método fecundo para pesquisas no campo, pois proporciona um acesso para compreender as emoções e os sentimentos construídos na vida cotidiana dos participantes da pesquisa, em função de proporcionar uma relação mais próxima entre pesquisadora e participantes do estudo, a qual possibilita o acesso às práticas laborais exercidas pelos/as trabalhadores/as e às formas como incorporam e dão vida às demandas políticas e institucionais às quais estão submetidos.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94 (236), 299-322, 2013.

BORGES, Regina Célia Paulineli; COUTINHO, Maria Chalfin. Cenas de trabalho: a fotografia como recurso metodológico para expressar os sentidos do trabalho juvenil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63 (n. esp.), 1-104., 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v63nspe/05.pdf>. Acesso em 28 mai. 2021.

CLOT, Yves. Vygotski: para além da Psicologia Cognitiva. *Revista Pro-Posições*, v. 17, n.2, p. 19-30, 2006.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de; SATO, Leny. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 289-295, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000200289&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 28 mai. 2021. DOI: 10.1590/0103-656420140053.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia - Problemas e Práticas*, v. 1, n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte->

iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf. Acesso em: 28 mai. 2021.

FERRAROTTI, Franco. Las histórias de vida como método. *Convergencia - Revista de Ciencias Sociales*, v. 14, n. 44, p. 15-40, 2007.

GLEIZER, Marcos André. *Espinoza & afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 53-74.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. (M. A. F. Silva, trad.). 2 reimpressões. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HELLER, Agnes. *O Teoria de los sentimientos*. Tradução de Francisco Cusó. 3 ed. México: Fontamara, 1993.

HELLER, Agnes. *O Sociología de la vida cotidiana*. 4 ed. Barcelona, Espanha: Península, 1994.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história*. Tradução: Carlos NelsonCoutinho, Leandro. Konder 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. A dialética da subjetividade *versus* objetividade. In: FURTADO, Odair.; GONZÁLEZ REY, Fernando Luís (Org.). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. DOI: 10.9788/TP2012.2-06, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução: R. Enderle, N. Schneider, L. C. Martorano. São Paulo: Boitempo Editora, 2007.

MARTINS, Andreia. *“Porque eu faço o que eu gosto”: emoções e sentimentos na vida cotidiana de docentes do ensino superior*. Florianópolis, 2018. 190p. Tese de Doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, v. 10 n. 1, p. 1-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a01v10n1>, 1998. Acesso em: 28 mai. 2021.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de, Yves de La TAILLE, DANTAS, Heloysa (Org.). *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José. Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. 2 ed. Porto, Portugal: Ambar, 2005.

PAIS, José Machado. *Sociologia da vida quotidiana*. 5. ed. Lisboa: ICS, 2009.

PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSA, Debora Diana da. *Juventudes e trabalho: trajetórias de egressos do Programa Jovem Aprendiz*. Florianópolis: UFSC, 165 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ROSSLER, João Henrique. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Ágnes Heller. *Caderno*

Cedes, v.24, n.62, p. 100-116, 2004.

SAWAIA, Bader Burihan. A emoção como *locus* de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. *Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural*, 2000, p. 01-25. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/br2000/indit.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n.3, p. 364-372, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewissue.php?id=22>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SILVA, Paula Marques da; TITTONI, Jaqueline.; AXT, Margarete. Experimentações fotográficas: o tempo como tema-dispositivo na pesquisa com imagens. *Informática na educação: Teoria & Prática*. 16 (2), 203-216, 2013.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; PETRONI, Ana Paula; ANDRADA, Paula Costa de. A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, p. 3, p. 527-537, 2013.

TOASSA, Gisele. *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas: Papirus, 2011.

VEER, Rene Van Der; VALSINER, Jaan. *Vygotsky: uma síntese*. Tradução: C. C. Bartalotti. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *História del desarrollo de las funciones psíquicas*. La Havana/Cuba: Científico-Técnica, 1987.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas: Vol. II Conferencias sobre Psicología - incluye pensamiento y lenguaje*. Tradução: J. M. Bravo. Madrid, Espanha: Visor, 1993.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas: Vol. III Problemas del desarrollo de la psique*. Tradução: L. Kuper. Madrid, Espanha: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia da arte*. Tradução: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Psicologia concreta do homem. (Manuscrito de 1929). *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Teoria e método em Psicologia*. Tradução: C. Berliner. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Tradução: J. Viaplana. Madri: Akal, 2004b.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. Tradução: J. L. Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. Tradução: J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. Tradução: eBooksBrasil.org. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores, 2009. Disponível em: www.ebooksbrasil.org. Acesso em: 28 mai. 2021.

ZANELLA, Andréa Vieira, REIS, Alice Casanova dos, TITON, Andréia Piana; URNAU, Lílian Caroline; DASSOLER, Tais Rodrigues. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 19 n. 2, p. 25-33, 2007. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000200004>. Acesso em: 28 mai. 2021.

ZANELLA, Andréa Vieira. *Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e conceito de zona de desenvolvimento proximal*. 2 ed. Itajaí, SC: Univali, 2014.

ZANELLA, Andréa Vieira; SOARES, Dulce Helena Penna; AGUILAR, Fernando; MAHEIRIE, Kátia; PRADO FILHO, Kleber; LAGO, Mara Coelho de Souza; COUTINHO, Chalfin Maria; SCOTTI, Sérgio; TONELI, Maria Juracy. Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. *Interações*, 7 (22), 11-38, 2006.

Capítulo 11

INVESTIGAÇÃO COM HISTÓRIA DE VIDA: REFLEXÕES METODOLÓGICAS NA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA QUALITATIVA

Tielly Rosado Maders

Introdução

*“Caminho se conhece andando, então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando, vai só procurando e acha sem saber”
(Chico César)*

O presente texto tem como objetivo discorrer sobre as experiências de uma pesquisadora em sua investigação doutoral¹, articulando suas trajetórias no campo investigativo com questões de método na pesquisa qualitativa com História de Vida (HV). A pesquisa investigou o gerenciamento das temporalidades cotidianas por motoristas de aplicativos no espaço urbano de Florianópolis, Santa Catarina (SC).

Os percalços e imprevistos que surgem em campo são de extrema importância para a construção da pesquisa e formação da pesquisadora, e são responsáveis por incalculáveis reestruturações do projeto, do método e de todo fazer científico. Muitas são as histórias contadas sobre as experiências de pesquisa de campo entre estudantes de pós-graduação, seja em corredores, cafés, bibliotecas, orientações ou mesmo durante os grupos de estudos. Geralmente, quando da leitura de artigos, livros ou relatos de pesquisa científicos, não se encontram muitos detalhes acerca dos percursos realizados durante a construção das pesquisas. Ao contrário, o que se encontra leva a entender que todos os planejamentos se efetivaram como pensado, de forma linear, e que a pesquisa foi um sucesso em sua totalidade, desde o início até seu fim. O cumprimento rígido de parâmetros e modelos pré-estabelecidos de pesquisa e escrita podem se constituir em práticas compactas e esvaziadas de reflexões sobre os caminhos trilhados em uma investigação.

Quando o pensamento rígido torna-se um padrão pode converter-se não só em um objetivo a ser alcançado, mas também esculpir o saber/fazer da pesquisadora. Corre-se o risco de considerar, ainda, que essa prática colocaria em suspenso o olhar sensível da pesquisadora. O olhar sensível pode ser compreendido como parte do papel ativo da pesquisadora, significa encontrar-se imersa no universo da pesquisa “24 horas por dia” (SPINK; SPINK, 2017, p. 592), configurando o que Spink (2003) denomina como campo-tema. Implica em uma atenção constante aos inúmeros aspectos que surgem no cotidiano e apresentam relação com o objeto de estudo, em que a construção de relações afetivas e simbólicas não é relacionada apenas aos

¹ Este texto é decorrente da tese de doutorado intitulada “Minha vida é de acordo com a demanda”: gerenciamento das temporalidades cotidianas por motoristas de aplicativo no espaço urbano de Florianópolis (MADERS, 2021). A pesquisa foi contemplada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

participantes da pesquisa, mas a todas as esferas da vida social que estão imbricadas e constituem o processo e reformulações do pesquisar, como reportagens, notícias, discussões, entre outros. Ao se debruçar sobre as variadas possibilidades que o campo empírico revela, pode-se evidenciar aspectos relevantes que compõem as práticas na pesquisa qualitativa e, principalmente, resgatar elementos fundamentais frequentemente colocados em segundo plano.

No decorrer da pesquisa, principalmente na etapa de campo², múltiplas questões surgiam a todo momento, por meio de mensagens dos participantes via *whatsapp*, por notícias publicadas em sites, em rodas de conversas ou no próprio “Uber” quando a pesquisadora realizava uma viagem³. Assim, as informações utilizadas para a escrita desse texto foram baseadas nos materiais registrados em Diário de Campo, após muitas questões borbuharem nos pensamentos da pesquisadora. Por fim, a pesquisa qualitativa com histórias de vida das pessoas implica na reflexão sobre os próprios caminhos da investigadora, uma vez que as relações estabelecidas nas trajetórias de pesquisa constituem sua própria história.

A partir destas breves pontuações, o presente texto tem como objetivo discutir os aspectos teórico-metodológicos que se destacaram durante a experiência de campo desta pesquisadora, o qual ensejou o desenvolvimento deste escrito. Primeiramente, apresenta-se uma discussão teórica acerca dos pressupostos metodológicos e epistemológicos da pesquisa. Após isso, expõe-se o método e as respectivas reflexões trilhadas nos caminhos da referida investigação. Por fim, apresenta-se uma breve síntese das análises efetivadas na pesquisa e as considerações finais.

Questões metodológicas e epistemológicas

São diversos os campos teórico-metodológicos que estudam os fenômenos do trabalho e nesta pesquisa, assim como em outras investigações realizadas no Núcleo de estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS), apresentadas neste livro, foi adotada a perspectiva da Psicologia Social do Trabalho (PST). Em tal abordagem, o trabalho é entendido enquanto uma categoria central e o sujeito que trabalha se constitui em dimensões micro e macrosociais (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017). Os sujeitos compartilham suas experiências, nomeando percursos, pensamentos e objetos e “nesse processo, a atividade humana ocorre em dupla direção, já que o sujeito ao transformar a realidade se objetiva e, transformando-se a si mesmo, se subjetiva” (TOLFO; COUTINHO; BAASCH E CUGNIER; 2011, p. 183).

É fundamental compreender a base epistemológica que embasa a investigação, para tanto, evidencia-se aqui a noção de sociedade ancorada no materialismo histórico dialético (MHD) proposto por Karl Marx, pois seus pressupostos epistemológicos e metodológicos direcionaram o fazer científico dos autores que embasaram a investigação, tais como Lev Semionovitch Vigotski, Agnes Heller e Franco Ferrarotti.

Em tal abordagem, considera-se a primazia ontológica do real, que é baseada na crítica ao idealismo metafísico, em que a realidade é constituída ou dependente de aspectos do espírito ou das ideias. O MHD não nega a existência ou mesmo a eficácia das ideias, o que nega é a autonomia ou o primado explicativo atribuído a elas. As ideias, ou mesmo a consciência, não são agentes únicos da transformação histórica, pois o humano não é uma abstração inerente a cada sujeito singular, o humano é o conjunto das relações sociais (MARX, 1945). A noção de sujeito foi baseada na Psicologia Sócio Histórica (PSH), a qual o compreende enquanto ser histórico e cultural em constante produção dialética, constituído a partir de suas condições concretas de

² A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de junho de 2019 a junho de 2020.

³ A pesquisadora é usuária assídua de aplicativos de transporte urbano (Uber, 99Pop).

existência, ao mesmo tempo em que modifica a realidade transforma a si mesmo (VIGOTSKY, 2004).

Para Martins (2018)⁴, Vigotski e Heller são autores que compartilham uma visão monista de constituição do sujeito. Baseados no filósofo Baruch de Espinosa, os autores concebem os sentimentos e pensamentos humanos enquanto unidade, opondo-se a visões dualistas como corpo e mente, sujeito e sociedade, entre outras. Para Heller (1994), o sujeito se desenvolve na sua relação ativa com o mundo, com as pessoas, com a realidade ao seu redor. Ao viver a vida cotidiana, o sujeito atua ativamente no mundo e é, ao mesmo tempo, transformado por ele.

Delari Jr (2015, p. 2), debruçado na obra vigotskiana, identifica preocupações pertinentes do autor em relação ao método utilizado em pesquisas em psicologia e levanta um importante questionamento: “A que se prestaria a experiência social de cada geração produzir novamente todo o caminho historicamente já criado para dominar o fogo, inventar a roda, ou distribuir eletricidade?”. O método, eixo norteador de toda construção do conhecimento, não deve ser concebido apenas como caminho da produção do conhecimento, o seu próprio fazer deve ser considerado enquanto reestruturante de toda a metodologia científica. Isso implica analisar a história das práticas de pesquisa e suas lógicas, uma vez que elas refletem de forma crítica as próprias condições de possibilidades para que se produza o conhecimento científico.

Delari Jr (2015) pontua, ainda, a reprodução de formas cristalizadas do fazer científico nas últimas décadas, já tradicionais no campo das áreas humanas e sociais, que colocam pesquisadores/as nos jogos de poder e convencimento a partir de uma lógica excludente, a qual, acaba por reproduzir a ideologia da classe dominante. Como exemplo de tais práticas é possível pensar na concepção de verdade “absoluta”, a qual exclui quaisquer possibilidades de diálogo e apropriação de outra perspectiva que venha a discordar, estabelecendo de imediato uma única forma de saber; e, por outro lado, a concepção de verdade “relativa”, a qual também é excludente já que nessa lógica “todos e cada um devem ter suas próprias interpretações” (DELARI JR, 2015, p. 4), impossibilitando futuros debates e construções. Ambas perspectivas podem ser nocivas enquanto prática política e pedagógica ao caírem inevitavelmente em formas de subjetivismo, logo, num monólogo coletivo que “não necessita prestar contas ao real” (DELARI JR, 2015, p. 4).

Assim, ressalta-se a importância de se estar atento aos percalços e situações que o campo empírico apresenta constantemente aos investigadores, como uma forma reflexiva e ativa de estar no campo. Além disso, atenta-se para abordagem teórico-metodológica que será escolhida, pois esta permitirá uma construção crítica da realidade pesquisada.

Baseada nos conceitos de essência e aparência em Marx, Heller (2008, p. 12) pontua que a essência e a aparência podem ser consideradas enquanto “categorias epistemológicas” apenas quando são referentes à natureza, pois nesta “existe uma causalidade sem nenhuma teleologia”. Quando relacionadas à sociedade, “expressam uma realidade ontológico-social”, pois a essência humana “(...) não é o que ‘esteve sempre presente’ na humanidade (para não falar mesmo de cada indivíduo), mas a realização gradual e contínua das possibilidades imanentes à humanidade, ao gênero humano” (HELLER, 2008, p. 16). A autora assinala a importância de compreender a concepção de Marx sobre a história, a partir dos conceitos de causalidade e finalidade na perspectiva social. “A TEORIA segundo a qual os homens fazem sua própria história, mas em condições previamente dadas” (HELLER, 2008, p. 11, grifo da autora) exige o resgate desses conceitos:

⁴ Indica-se a leitura do capítulo 10 do presente livro, de autoria de Andreia Martins, a qual apresenta um aprofundamento das relações e aproximações teóricas acerca dos autores citados.

À primeira vista, o princípio da imanência implica no fato da teleologia, ao passo que o princípio da objetividade implica naquele da causalidade; os homens aspiram a certos fins, mas estes estão determinados pelas circunstâncias, as quais, de resto, modificam tais esforços e aspirações, produzindo desse modo resultados que divergem dos fins inicialmente colocados, etc. Mas essa distinção seria verdadeira tão-somente se ‘circunstância’ e ‘homem’ fossem entidades separadas. Todavia, essas ‘circunstâncias’ determinadas, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas. Não se deve jamais entender a ‘circunstância’ como totalidade de objetos mortos, nem mesmo de meios de produção; a ‘circunstância’ é a unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento, ou seja, um complexo que contém inúmeras posições teleológicas, a resultante objetiva de tais posições teleológicas” (HELLER, 2008, p. 11-12).

Assim, os conceitos de causalidade e finalidade se constituem como “fatos ontológico-sociais” em constante inter-relação e a história da humanidade torna-se a própria “substância da sociedade”, onde caberá ao sujeito não só produzir, mas transmitir as estruturas sociais (HELLER, 2008, p. 12). Ainda, mesmo que os sujeitos não possam abarcar em si o caráter perpétuo das relações sociais, a individualidade de cada sujeito é “a totalidade de suas relações sociais” (HELLER, 2008, p. 13).

Para abranger a complexidade da vida e da história humana, Vigotski (2004) enfatiza a necessidade da realização de pesquisas em psicologia que estudem os fenômenos em sua totalidade e processualidade. Isto significa partir de um entendimento dialético entre o pensamento e a história humana, entre a linguagem e as práticas sociais, superando uma perspectiva dualista de corpo/mente e objetivo/subjetivo. Buscar a totalidade dos fenômenos significa compreender que a realidade não é estática, que os processos históricos não são lineares, mas constituem-se nas contradições (VIGOTSKI, 2004).

Nesse mesmo sentido, apoiadas em Vigotski e nas contribuições de György Lukács; Pasqualini e Martins (2015, p. 363) colocam que o método marxiano deve ser pensado enquanto “síntese de múltiplas determinações instituídas no transcurso histórico e que se formam e transformam no esteio das contradições engendradas na relação entre homem e natureza”, o que implica pensar o humano na dialética singular-particular-universal. Pode-se dizer que a dimensão singular diz respeito a aparência de um determinado fenômeno, ou seja, a experiência sensível que de modo imediato coloca-se em uma conexão única e efêmera com algo, sem que se apresente de forma acessível à compreensão (PASQUALINI; MARTINS, 2015). Aqui cabe uma diferenciação fundamental na teoria marxiana: concreto é diferente de empírico. Isto é, “o mundo empírico representa apenas a manifestação aparente da realidade em suas definibilidades exteriores” (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 363), já o concreto só pode ser compreendido pelo pensamento a partir de um processo de análise que supera a manifestação aparente, a dimensão singular de um determinado fenômeno.

Compreendendo que a individualidade é a totalidade das relações sociais e que um fenômeno singular contera em si as “determinações universais” (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 364), cabe ao pesquisador compreender como, dialeticamente, a universalidade se expressa de forma diversa no singular. O conceito de universal não deve ser pensando como simples características comuns de um ou mais fenômenos, mas enquanto a totalidade das relações sociais, que são sempre históricas e processuais.

Dessa forma, nas vivências humanas cotidianas e nas histórias de vida, sempre estão presentes elementos da unidade singular-universal, que, sob condições

específicas, configuram o particular. Isto é, singular e universal não são pontos de vista sobre um sujeito ou objeto, mas coexistem em um mesmo fenômeno de forma dialética, produzindo uma síntese expressa pela particularidade. Portanto, “a universalidade se materializa na expressão singular do fenômeno pela mediação da particularidade, razão pela qual afirmamos que o particular condiciona o modo de ser do singular” (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 366).

É importante evidenciar, mesmo que brevemente, tais aspectos, pois a ideia de um sujeito universal é uma abstração encontrada em muitas pesquisas em psicologia (DELARI JR, 2015). Uma vez que a universalidade não existe em si ou por si, mas apenas nas relações estabelecidas entre o particular e o singular, da mesma forma não existe o sujeito universal e nem o sujeito apenas singular. É a dimensão particular que realizará, de forma não linear e/ou determinística, a mediação entre o singular e o universal, sendo o ser humano a eterna dialética singular-particular-universal (PASQUALINI; MARTINS, 2015).

No que tange ao método denominado HV, Ferrarotti (2011) teceu críticas quanto ao uso das biografias na investigação social quando, a partir de lógicas similares às citadas acima, houve processos de psicologização de questões estruturais. Ferrarotti (1991), também fundamentado na perspectiva MHD de Marx, utiliza a perspectiva dialética e o caráter histórico das sociabilidades para compreender as histórias de vida em sua totalidade, uma vez que “só a razão dialética permite a compreensão de um ato em sua totalidade, a reconstrução do processo que faz de um comportamento específico, a síntese ativa de um sistema social” (FERRAROTTI, 1991, p. 172). O autor propõe uma extrema atenção analítica ao conectar hipóteses teóricas com os materiais biográficos dos sujeitos da pesquisa, chegando ao que denomina como áreas problemáticas. Esse caminho é complexo e implica pensar dialeticamente, compreendendo como unidade cada história de vida junto a características de um quadro histórico objetivo em que a história se desenvolve.

Para orientar o pensamento e a construção dos caminhos metodológicos, é possível aproximar as reflexões da dialética singular-particular-universal aos pressupostos do método de HV de Ferrarotti (1991), considerando que o singular se converte para o pensar humano em objeto de interminável processo de aproximação, uma vez que as trajetórias individuais sempre expressam as dinâmicas e os problemas de seu tempo histórico e são, portanto:

[...] o conjunto de relações objetivas que unem o sujeito analisado e que o vinculam a outros agentes sociais [...] As trajetórias individuais não se constroem simplesmente por meio dos relatos biográficos nos quais cada sujeito se converte em ideólogo de sua própria existência, selecionando certos acontecimentos significativos (SILVA, 2002, p. 32).

Ao contrário, ao pensar na dialética singular-particular-universal, pode-se conceber que as histórias individuais sempre envolvem ou revelam a unidade da figuração histórico-social. Assim como na literatura, por exemplo, quando um personagem evidencia traços comuns a outras existências singulares que se constroem na dialética que liga o indivíduo (singular) às tendências histórico-sociais de seu tempo ou do gênero humano (universal), sempre por uma mediação particular.

Para Ferrarotti (2011, p. 95), o método de HV possibilita compreender determinações particulares e universais que condicionam uma existência singular, entendendo “que o homem não é um dado, mas sim um processo⁵” (FERRAROTTI, 2011, p. 101). Por fim, as histórias de vida se constituem enquanto “algo vivido”, com

⁵ Tradução da autora.

início e desenvolvimento, progressões e regressões, fronteiras precisas e imprecisas, repletas de significados, e revelam a dialética do ser singular-particular-universal.

Meneghel (2007) realiza interessantes reflexões acerca do caráter literário presente no método de HV, quando coloca que trabalhar com histórias, sejam elas ouvidas ou contadas, produz efeitos entre os interlocutores da mesma forma que um ficcionista ou cineasta, que, ao utilizar a linguagem recheada de analogias e metáforas, traduz emoções e envolve/mobiliza o/a ouvinte/leitor/a.

Bezerra (1999, p. X), na introdução da obra de Vigotski “A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, pontua que o autor compreende o efeito da linguagem literária pois “entende a obra de arte como um grande conjunto simbólico cuja característica essencial consiste na diversidade infinita das suas interpretações”. É nessa inesgotável fonte de possibilidades que reside o poder do efeito da linguagem e seus símbolos, uma “profunda dialética dos sentimentos” que faz com o que o interlocutor vivencie e (re)crie seus afetos (Bezerra, 1999, p. XIV).

Considera-se então que as palavras carregam e expressam a materialidade histórica do sujeito pesquisado, ou seja, seus aspectos psíquicos, histórico e sociais, localizados na realidade em que estão inseridos (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015). Nas palavras de Delory-Momberger (2012, p. 524), “a postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social”.

A HV permite que a pesquisadora entre em contato não só com a história de vida do entrevistado, mas também com a vida cotidiana em si, fazendo com que haja uma troca simbólica e afetiva muito significativa entre os interlocutores. Nas palavras de Ferraroti (2007, p. 17) “uma relação significativa, uma autêntica interação”. Pesquisar no cotidiano, com história de vida, permite então, visibilizar as diversas dimensões micro e macrosociais compostas na vida humana, inclusive na atividade de trabalho, pois essa “é palco de conflitos e contradições de interesses distintos” (COUTINHO; OLIVEIRA; SATO, 2016, p. 293).

Ainda, pontua-se que a PST oferece ferramentas teórico-metodológicas para analisar fenômenos psicossociais no trabalho, como as práticas cotidianas, os processos de significação e as identidades, sempre focalizando “as situações concretas em que o trabalho acontece, lócus de articulação entre os contextos macrosociais e os processos de subjetivação vividos pelos trabalhadores em suas diferentes experiências no trabalho” (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017, p. 81).

Assim, é elementar conhecer o projeto epistemológico na pesquisa biográfica em sua relação com o fazer científico, para construir dialeticamente cada etapa da produção do conhecimento e evitar a reprodução de práticas excludentes que desconsiderem a totalidade e contradições da vida social. É central focalizar os movimentos da pesquisa na relação com a totalidade dos fenômenos pesquisados e compreendê-los nas e pelas relações cotidianas dos sujeitos participantes e de seu contexto histórico-social. As concepções de sujeito enquanto ser histórico e processual, em infinita síntese dialética singular-particular-universal são imprescindíveis para compreender as histórias de vida nas sociedades contemporâneas, marcadas por profundas contradições.

Por fim, é somente a partir da razão dialética, como bem enfatiza Ferrarotti (1991), que será possível compreendermos a vida humana em suas formas mais profundas, pois estas guardam em si toda a riqueza e totalidade histórica e expressam as bases necessárias do entendimento de toda investigação social e suas possíveis superações.

A seguir são apresentados os procedimentos de levantamento das informações e as reflexões decorrentes dessa etapa da pesquisa.

Reflexões sobre o campo empírico na pesquisa qualitativa com HV

Neste tópico são apresentadas as etapas de estudo exploratório e da pesquisa de campo, seguidas das reflexões construídas nessa fase da investigação.

Conforme Minayo (2008) é primordial realizar uma etapa exploratória anterior a entrada no campo propriamente dito. Esse momento refere-se à reflexão sobre a proposição teórico-metodológica da pesquisa e a produção de diferentes estratégias no campo. Assim, realizar uma etapa exploratória permite ao pesquisador significar e reformular um caminho que busque assegurar o alcance dos objetivos e orientar o direcionamento da pesquisa.

Dessa forma, no primeiro semestre de 2018, previamente a qualificação do projeto de doutorado, foi realizado um contato informal com um conhecido da pesquisadora e agendada uma entrevista exploratória. Na época, Diego⁶ atuava como motorista de aplicativos há cerca de 1 ano e meio e tinha essa atividade como principal fonte de renda. No início do encontro, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, após a leitura e anuência do mesmo, foi permitida a gravação da entrevista. Durante a mesma, com duração de, aproximadamente, 3 horas, foi utilizado um roteiro norteador com alguns tópicos a serem explorados, todos fundamentados e orientados aos objetivos da investigação. O roteiro foi utilizado de forma aberta e flexível, possibilitando um vínculo cordial e direto com o participante, conforme sugerem Zago (2003) e Ferrarotti (2007). Além do roteiro, também foi utilizada a técnica da Agenda Colorida⁷, que consiste em um registro semanal das atividades realizadas durante cada hora do dia (SOARES; COSTA, 2011).

Após finalizar o roteiro, foi iniciada a produção da Agenda Colorida. Primeiramente, a realização da entrevista e a produção da agenda no mesmo encontro mostrou-se uma situação demasiadamente exaustiva. Ao discutir sobre a agenda, Diego comentou que muitas informações interessantes não seriam abordadas, pois a organização de sua semana era frequentemente alterada em função das próprias características de seu trabalho como motorista de aplicativos. A técnica da Agenda Colorida não se mostrou uma ferramenta efetiva, em função da dinâmica extremamente flexível com que o trabalhador organizava seu cotidiano de trabalho. Dessa forma, a agenda colorida deixou de integrar o corpo de ferramentas da pesquisa. A realização dessa entrevista exploratória também foi fundamental para reorganizar os eixos temáticos do roteiro (histórias escolares e laborais, cotidiano de trabalho) e deixá-los mais sintéticos, pois as perguntas abertas, quando bem exploradas, foram suficientes para aprofundar os elementos de cada tópico.

No decorrer da entrevista, Diego comentou sobre alguns memes que circulavam na internet e tratavam da atividade de motorista de aplicativos. Para Zanette, Blikstein e Visconti (2019), os memes são artefatos digitais criados e disseminados nas redes virtuais e compartilhados diariamente por centenas de milhares de usuários da internet. São considerados “portadores de significado que refletem repertórios de comunidades fechadas, mas que adquirem novos repertórios refletidos à medida que são transmitidos entre consumidores de modo intertextual” (ZANETTE; BLIKSTEIN; VISCONTI, 2019, p. 157). A utilização dos meios virtuais (redes sociais) enquanto fonte de informação complementar revelou-se enriquecedora para auxiliar a investigação, pois são frequentemente utilizados pelos próprios motoristas de aplicativos.

Posteriormente a aprovação no exame de qualificação, o projeto foi submetido ao

⁶ Todos os nomes apresentados são fictícios.

⁷ A ferramenta denominada Agenda Colorida também foi utilizada em outras investigações do NETCOS, apresentadas nos capítulos 2, 5, e 7 do livro de Geruza Tavares D'Avila, Regina C. P. Borges e Maria C. Coutinho e Maria C. Coutinho e co-autoras, respectivamente.

Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Após sua aprovação, iniciou-se a etapa de levantamento das informações. Como critério de escolha dos participantes, foi fundamental que todos tivessem a atividade de motorista de aplicativo como principal fonte de renda, ou seja, que esta fosse sua principal atividade de trabalho. Além disso, que estivessem atuando neste serviço há, no mínimo, seis meses da data do primeiro contato com a pesquisadora. Quanto aos preceitos éticos da pesquisa, o TCLE foi elaborado com a intenção de esclarecer os objetivos da investigação, a participação voluntária dos sujeitos e as orientações em caso de quaisquer desconfortos. Foi garantido o sigilo e o anonimato de todos os participantes. Após a anuência dos entrevistados quanto em relação ao TCLE, todos permitiram que as entrevistas fossem gravadas.

A entrevista foi o principal instrumento de produção das informações. Compreendida como parte do processo de construção do objeto de estudo e não apenas como uma técnica, nas entrevistas em profundidade as questões previamente definidas no roteiro são abertas e podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação (ZAGO, 2003). As entrevistas foram orientadas pelo roteiro norteador, utilizado de forma aberta e flexível, com intuito de direcionar aos objetivos pretendidos e de permitir uma relação cordial e direta com os participantes do estudo:

As estratégias para a escuta, para a observação e para a convivência entre pesquisadores e trabalhadores nas situações pesquisadas tendem a ser mais abertas, sem protocolos fechados de investigação e requerem prolongada interação no campo da pesquisa (COUTINHO; OLIVEIRA; SATO, 2016, p. 293).

Ao longo dos 13 meses de campo, muitas situações sucederam. O trabalho de campo é uma etapa muito complexa da investigação por não depender apenas do trabalho da pesquisadora e, envolver, necessariamente, as condições sócio-históricas, o tempo e a participação de outros sujeitos. As entrevistas recorrentes foram realizadas com 4 motoristas, evidenciando-se uma quantidade significativa de material. Gabriel, 43 anos, é casado e possui ensino superior completo. Atua como motorista de aplicativos desde 2019, com carro alugado. Jéssica, 50 anos, é divorciada, mãe de dois filhos, está cursando ensino superior e atua desde 2019 com o carro de sua mãe. Leo, 41 anos, possui ensino fundamental completo e curso técnico, atua desde 2017 com o carro próprio, o qual comprou para desempenhar tal atividade. Taís, 32 anos, é solteira, possui ensino superior incompleto e atua desde 2019 como motorista de aplicativos. Da mesma forma que Leo, atua com seu carro próprio, comprado para trabalhar nessa área. Outros dois participantes desistiram de participar da pesquisa e o material elaborado a partir das entrevistas, não utilizado nas análises, foi guardado em sigilo.

O contato com os participantes se deu por meio de indicações de amigos, vizinhos e/ou colegas da pesquisadora e dos próprios entrevistados, procedimento denominado como a técnica da Bola de Neve (*snowball*). Para Baldin e Munhoz (2011), a técnica *snowball* também é conhecida como “cadeia de informantes”, pois se dá por meio da indicação de conhecidos e/ou participantes da pesquisa, que conhecem alguém que possa vir a ser participante. Por essa via, foram entrevistados 3 sujeitos. Os outros 3 motoristas entrevistados foram contatados por meio de comunidades virtuais de motoristas de aplicativos da Grande Florianópolis, localizadas no Facebook.

A netnografia, considerada um procedimento metodológico derivado da antropologia, foi usada na presente pesquisa como uma ferramenta complementar de levantamento de informações, pois auxiliou e ampliou o desenvolvimento da pesquisa de campo. A ferramenta consiste na inserção do/a pesquisador/a em comunidades

virtuais para realizar um trabalho de observação, registro e análise de informações virtuais que apresentam relação com o tema de pesquisa (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2012). Baseada nos pressupostos da netnografia, a pesquisadora passou a integrar 6 grupos de motoristas da região, sendo 3 grupos públicos (Uber Florianópolis; 99Pop Florianópolis – Motoristas; Uber só para mulheres) e 3 grupos privados (Uber - Florianópolis/Floripa; 99Pop, Uber – Motoristas Grande Florianópolis SC; Mulheres na Uber), em que, após a explicação da pesquisa, foi solicitada a participação da pesquisadora nos grupos, a qual foi aprovada pelo/a moderador/moderadora dos mesmos. Assim, foram acompanhadas as publicações e conversas realizadas nos grupos e, da mesma forma, outros espaços virtuais, como *Blogs*, Sites de Notícias e páginas de motoristas na rede social *Instagram*. As informações consideradas importantes foram registradas no Diário de Campo. O Diário de Campo “configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa e das diversas culturas inscritas no cotidiano da comunidade e da escola estudada” (OLIVEIRA, 2014, p. 2). Muitas informações e reflexões acerca da pesquisa foram registradas no diário, como por exemplo, reflexões após as entrevistas e/ou conversas com motoristas enquanto utilizava os serviços de transporte por aplicativos.

No decorrer da pesquisa, ainda em março de 2020, iniciou o período de quarentena no Brasil, devido a Pandemia do Covid-19, condição que alterou as formas de contato e encontro com os participantes, as quais passaram a ser efetivadas somente pelos meios virtuais. Nesse processo, dois participantes deixaram de compor o quadro da pesquisa. Outros dois foram entrevistados por videoconferência. O contato com os quatro participantes perduraram durante meses, via *whatsapp*, meio em que eles compartilhavam notícias sobre seu trabalho e também algumas angústias diante das mudanças decorrentes da pandemia do Covid-19.

Uma das situações ocorridas, registrada em Diário de Campo, aconteceu no início da pandemia, quando a pesquisadora foi tomar a vacina da gripe H1N1 no *campus* da UFSC, localizado a cerca de 15 km de distância da residência da mesma. Para ir e voltar do local, foi utilizado o aplicativo de transporte Uber. No caminho para a universidade, a motorista relatou estar com medo da exposição ao vírus, pois muitas pessoas entravam e saíam do seu carro e ela não podia parar de trabalhar em função da atividade ser sua única fonte de renda: “*Não tem o que fazer, preciso me expor, meu maior medo é passar pro meu marido e meus filhos, mas o que eu posso fazer?*”. A motorista também comentou que a empresa Uber não estava dando assistência em relação a falta de demanda de corridas, o que havia diminuído muito a remuneração da trabalhadora: “*Tá horrível, não tem ninguém, só tem um monte de Uber parado por aí, rezando pra receber uma chamada boa*” (DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2020).

Após tomar a vacina, ao solicitar o serviço para voltar para casa, por coincidência, o motorista que recebeu a chamada foi um dos entrevistados da pesquisa, Gabriel. O trabalhador conversou sobre a situação da pandemia e dos motoristas frente a quarentena. Gabriel comentou que havia praticamente zerado as corridas, que havia diminuído “*em torno de 40 a 60%, muito difícil*”. Além disso, comentou que toda vez que precisava ir ao banheiro, precisava parar para pensar. Anteriormente ao período da pandemia, geralmente parava em postos de gasolina ou em algum café, mesmo que precisasse consumir produtos para poder utilizar o banheiro, o que relatou ser um problema em função dos altos gastos. Naquele momento, estava evitando entrar em qualquer lugar: “*Agora preciso trabalhar grudado em casa, daí, qualquer coisa, vou correndo*” (DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2020).

Ao chegar ao local de destino, o motorista comentou que precisava ir ao banheiro. Nesse momento, a pesquisadora não soube como reagir e acabou o

convidando para utilizar o banheiro de sua casa. O motorista agradeceu, mas negou o convite, dizendo: *“Muito obrigada, mas outros já entraram aqui [no carro], não vou utilizar o seu banheiro, vou ter que dar um jeito, como sempre”*. (DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2020).

Em um artigo sobre os bastidores das pesquisas qualitativas nas ciências humanas e sociais, Scopinho e Santos (2014, p. 266) pontuaram que muitas vivências no fazer cotidiano dos pesquisadores não são consideradas nos documentos oficiais, e deixam de ser devidamente declaradas e analisadas enquanto “componentes intrínsecos ao campo empírico e ao objeto de estudo”. No caso de Gabriel e da motorista citada anteriormente, muitos pontos da conversa e a própria situação do banheiro mostraram-se como elementos centrais que compõem a vida cotidiana dos motoristas, os quais remetem as condições de trabalho vivenciada por eles no seu dia a dia. Em acordo com Scopinho e Santos (2014):

(...) no decorrer do processo, intercorrências de diferentes ordens podem ter de ser enfrentadas: ausências e atrasos, desistências, esperas às vezes longas e inúteis, fatos que abalam e até contradizem as certezas teóricas e também situações que exigem mais do que realizar a pesquisa em si e que muito informam sobre a concretude do sujeito que dela participa (SCOPINHO; SANTOS, 2014, p. 267).

As situações vivenciadas durante as viagens de Uber geraram inúmeras reflexões sobre as condições de trabalho dos motoristas de aplicativo e sobre as incertezas que aquele momento da pandemia estava levantando para todos, em especial para a classe trabalhadora, com destaque para os motoristas de aplicativos, que continuaram saindo de casa e expondo a si e seus familiares para trabalhar.

Outra situação ocorreu com a pesquisadora num deslocamento no qual foi utilizado o aplicativo Uber. Ao voltar do mercado, o motorista conversava sobre seu dia a dia nessa atividade e comentou o quanto estava sendo difícil *“ganhar a vida”* em Florianópolis. O trabalhador havia se mudado para a capital 5 meses antes e não havia conseguido emprego, mesmo tendo curso superior. Relatou: *“A gente acha que uma graduação vai garantir um bom emprego, mas a verdade é que virei Uber. É isso, estudar significa o quê, no Brasil? 5 anos da minha vida estudando para quê? Pra ser um Uber administrador!”*. Na conversa, o motorista ainda perguntou: *“E você, está estudando tudo isso pra ser uma Uber PHD? Não vai adiantar nem pra virar motorista diamante, no máximo vai fazer amizades legais!”* (DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO DE 2020).

Para Meneghel (2007), em algum momento, nas investigações com HV, as histórias do outro se tornam as próprias histórias dos pesquisadores e torna-se necessário reconstruir pedaços de si mesmo: *“a memória permite ressignificar o vivido, refazendo o esgarçado tecido da vida com os fios da experiência trançada, dando-lhe novos significados”* (MENEGHEL, 2007, p. 126). Essa situação também foi muito significativa, pois além de revelar problemas estruturais do país e aspectos do contexto dos motoristas, mobilizou importantes expectativas acerca do próprio do futuro profissional da pesquisadora.

Ainda sobre as entrevistas, é possível afirmar que estas aconteceram baseadas em dois momentos distintos. O primeiro momento foi realizado no primeiro encontro, relativo as histórias de vida e projetos dos entrevistados, em que eles relataram sobre acontecimentos do seu passado, momentos significativos de suas trajetórias laborais, escolares e familiares, até suas perspectivas para o futuro profissional. O segundo momento é relativo a segunda entrevista, com o foco no momento presente, isto é, a forma como compreendem seu cotidiano de trabalho, a organização de suas vidas cotidianas e toda complexidade de fatores que as constituem.

Assim, o primeiro encontro realizado com cada participante foi baseado na seguinte pergunta: “Como você chegou no Uber? Me conte sua história até aqui”. A escolha pela terminologia Uber se deu em função de todos os motoristas de aplicativos se denominarem como “Uber”, informação registrada no Diário de Campo em 2019, como se pode observar na fala de Leo: “*Pensei: ‘Vou ser Uber’*”, ou na fala de Jéssica: “*Vou fazer Uber’*”, ou mesmo na fala de Taís: “*Você quer saber como virei Uber?’*”, e ainda, na fala de Gabriel “*É isso aí, sou Uber’*”. O segundo encontro foi baseado em perguntas norteadoras do roteiro de entrevista, relacionadas ao cotidiano dos motoristas de aplicativo, a organização de suas jornadas de trabalho, as demandas da vida privada, suas relações com os aplicativos, os passageiros e a cidade. Todos os participantes contaram, com uma riqueza de detalhes, sobre sua vida cotidiana.

Os interlocutores falaram abertamente sobre suas histórias, lembraram diversos momentos significativos de suas trajetórias pessoais e familiares, recordaram momentos dos quais não lembravam mais, e muitos outros que desencadearam fortes emoções. Ainda, compartilharam lembranças das quais não haviam contado para ninguém. Ferrarotti (2007) faz alusão a importância de se estabelecer uma ligação profunda entre o pesquisador e os interlocutores da pesquisa, em que a memória ocupa lugar fundamental, pois ao resgatar uma história há sempre uma invocação à memória, no sentido de reconstruir um passado a partir de perspectivas presentes e sempre atravessadas por marcas sociais (FERRAROTTI, 2007). Pesquisar com HV coloca a pesquisadora em “contato direto com o vivido das pessoas e, portanto, com a matéria prima, fundamento da investigação social” (FERRAROTTI, 2007, p. 16).

Para Pais (2003) os cursos da vida são, cada vez mais, bifurcados e baralhados, situados em trajetórias de vida instáveis e variadas. Ainda no primeiro encontro, aprofundou-se aspectos muito singulares e particulares de cada participante e acontecimentos sociais significativos que tocam a vida de todos. Também percebeu-se, nas trajetórias de trabalho de cada participante, a inserção em várias ocupações, muitas vezes precárias, instáveis, dentre várias tentativas de garantir um bom posto de trabalho com perspectiva de crescimento a longo prazo. Mesmo que cada história guarde suas particularidades, foi possível identificar esse como um ponto em comum entre todos os entrevistados. Uma vez que a empresa Uber se fez presente na Grande Florianópolis apenas no ano de 2016, ser motorista de aplicativos foi uma atividade nova para todos os participantes, mesmo que todos já tivessem uma longa trajetória de atividades laborais. Dessa forma, a reflexão acerca desse trabalho foi um ponto importante trazido por todos os participantes.

Uma breve síntese das análises

É o método que permite ao pensador dialético observar o processo pelo qual as categorias, noções ou formas de consciência surgem umas das outras para formar totalidades cada vez mais inclusivas, até que se complete o sistema de categorias, noções ou formas, como um todo (ALVES, 2010, p. 2).

A análise das informações levantadas nas entrevistas foi baseada nos materiais transcritos após as entrevistas com os 4 participantes. A complexidade de sintetizar todo percurso vivido no campo torna esse momento da pesquisa extremamente desafiador. Para Delory-Monberger (2012, p. 525) “a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado”. Essa atividade, pensando a própria dialética da pesquisadora no cotidiano, se reporta a uma “forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia”

(DELORY-MONBERGER, 2012, p. 525).

Para tanto, Vigotski (2009) sugere a análise da unidade dos processos cognitivos, afetivos e volitivos dos sujeitos entrevistados e coloca que a intenção da análise deve ser voltada à compreensão dos processos em movimento e não de suas partes isoladas, pois:

[...] existe um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem, [...] todas as ideias contêm, transmutadas, uma atitude afetiva para com a porção de realidade a que cada uma delas se refere. Permite-nos, além disso, seguir passo a passo a trajetória entre as necessidades e os impulsos de uma pessoa e a direção específica tomada pelos seus pensamentos, e o caminho inverso, dos seus pensamentos ao seu comportamento e à sua atividade (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

As unidades de análise não se constituem em fragmentos e também não são estáticas, ao contrário, se expressam no decorrer dos relatos sobre as trajetórias de vida, sobre os movimentos em que ocorrem mudanças, rupturas, aspectos relacionados ao conjunto da totalidade da vida dos entrevistados, sempre dinâmicos e integrados. Assim, o processo de análise em unidades acompanha a abordagem da PSH e é fundamentado em uma concepção metodológica e epistemológica baseada no materialismo e na perspectiva monista de sujeito, tendo como eixo norteador o princípio da totalidade apontado anteriormente. Reitera-se que não se refere ao entendimento isolado de fragmentos das falas ou mesmo de análise de conteúdo, mas sim de analisar as histórias e a vida cotidiana dos sujeitos inseridos em um contexto sócio-histórico específico (FERRAROTTI, 2007; VIGOTSKI, 2009). Isso significa que, para além de descrever um fenômeno, deve-se superar sua “representação sensível pela mediação das abstrações do pensamento” (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 363).

Dessa forma, a organização das informações produzidas em campo passou por incessantes retornos aos materiais levantados, leituras e releituras das entrevistas, Diário de Campo e informações efetivadas por meio da netnografia, para chegar à estruturação de três Unidades de Análise. Foram elencados momentos significativos trazidos pelos entrevistados, selecionados pela pesquisadora em função das relações e contradições reveladas em seus contextos.

A primeira unidade, nomeada: “Como virei Uber? Articulação das trajetórias laborais dos participantes”; foi composta pelos aspectos: inserção precoce no mercado de trabalho, divórcio, filhos, acidentes de trabalho, múltiplas inserções, relações familiares e falência de negócios. O título da unidade de análise é derivado da fala de um dos entrevistados. Para Borges⁸ (2017 p. 94), que analisou seus resultados sob inspiração dos Núcleos de Significação, “a nomenclatura de cada núcleo deve revelar a expressão da articulação entre o próprio indicador e seus conteúdos, podendo ainda conter falas expressivas dos próprios sujeitos”. Nesta Unidade de Análise foram abordados aspectos das trajetórias escolares e laborais dos entrevistados, suas inserções precoces no mercado em atividades precárias, suas incertezas quanto ao futuro profissional e seguridade social.

A segunda unidade, “Seja um parceiro da Uber: condições e relações de trabalho”, foi composta pelos aspectos de controle, subordinação, avaliação, relações, remuneração, entre outros. A terceira unidade, “Trabalhe quando quiser: gestão das temporalidades cotidianas no espaço urbano”, discorreu sobre a vida cotidiana dos participantes, sua vida pessoal e familiar, as formas de gestão do trabalho e do tempo

⁸ Para mais informações acerca desta pesquisa, acessar o capítulo 5 deste livro, de autoria de Regina Célia Borges e Maria Coutinho.

livre, e os aspectos relacionados ao espaço-tempo da cidade onde atuam. A denominação da 2ª e 3ª unidades foi inspirada nos enunciados pela empresa Uber em seu site oficial.

Considerações finais

No presente texto, foram apresentados alguns fundamentos teórico-epistemológicos que orientaram a construção da pesquisa. Alguns acontecimentos em campo possibilitaram a reflexão sobre as ferramentas utilizadas e a decisão de utilizar formas mais efetivas em coerência com as configurações do próprio objeto de pesquisa. Este foi o caso da inclusão da netnografia enquanto ferramenta complementar de levantamento das informações e também da escolha por não utilização a Agenda Colorida.

As experiências vivenciadas pela pesquisadora no transporte por aplicativo privado também levantaram inúmeros questionamentos acerca da realidade dos motoristas de aplicativo, suas condições e suas possibilidades, além das inquietações referentes a própria trajetória profissional da investigadora, uma vez que a crise enfrentada no mundo do trabalho afeta e configura toda a classe trabalhadora.

Como forma de compreender a unidade entre texto e contexto apontada por Ferrarotti (2007), buscou-se conceber na história das transformações sociais e laborais, os elementos que configuram a vida cotidiana contemporânea, junto às trajetórias de vida dos trabalhadores entrevistados.

Por fim, a divisão dos materiais levantados e a aglutinação em Unidades de Análise é resultado do processo construtivo-interpretativo que não significa uma fragmentação em partes, ao contrário, tal divisão é apenas didática, para facilitar a explanação da discussão e dos resultados da investigação. Todas as Unidades de Análise estão articuladas de forma intrínseca à complexidade da constituição dos sujeitos e contextos pesquisados, corroborando para a compreensão dos mesmos em seu movimento e totalidade.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>>. Acesso em: 15 de mar. de 2018.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 155, p. 56-75, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00056.pdf>>. Acesso em: 18 de mar. de 2018.

ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/422>>. Acesso em: 20 de abri. de 2019.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*, I Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação. PUC-Paraná/Curitiba, 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em 07 abril de 2020.

BEZERRA, Paulo. Introdução. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A tragédia de Hamlet*,

- Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORGES, Regina Célia. *Tramas da vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.
- COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio. Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (Orgs.). *Psicologia Social do Trabalho*. (81-102). Petrópolis: Vozes, 2017.
- COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio; SATO, Leny. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*, v. 7, n. 2, p. 289-295, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420140053>>. Acesso em 17 jun. 2019.
- DELARI JR, Achilles. (2015). Questões de método em Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição (pp. 1-16). In: TULESKI, Silana Calvo; CHAVES, Marta; LEITE, Hilusca (Orgs.). *Materialismo histórico-dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural: método e metodologia de pesquisa*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2015, 194p.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em 05 mar. de 2020.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia - Problemas e Práticas*, v. 1, n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2021.
- FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. *Convergencia - Revista de Ciencias Sociales*, v. 14, n. 44, p. 15-40, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/105/10504402.pdf>>. Acesso em 13 mai. de 2019.
- FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. *Acta sociológica*, n. 56, p. 95-119, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22201/fcpys.24484938e.2011.56.29459>>. Acesso em 10 mai. de 2018.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- HELLER, Agnes. *Sociología de la vida cotidiana*. 4 ed. Barcelona, Espanha: Península, 1994.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história*. Tradução de C. N. COUTINHO e L. KONDER. 8ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MADERS, Tielly Rosado. *"Minha vida é de acordo com a demanda": gerenciamento das temporalidades cotidianas por motoristas de aplicativo no espaço urbano de Florianópolis* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2021.
- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: Ludwig FEUERBACH *Fim da Filosofia Alemã Clássica*. Transcrição a partir das Obras Escolhidas de Karl Marx e Friedrich Engels. Editora AlfaOmega, Vol.3, 1945.
- MARTINS, Andreia. *"Porque eu faço o que eu gosto": emoções e sentimentos na vida cotidiana de docentes do ensino superior*. 2018. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, SC, Brasil.
- MENEGHEL, Stela Nazareth. Histórias de vida – notas e reflexões de pesquisa. *Athenea Digital*, v. 12, p. 115-129, 2007. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/article/view/n12-meneghel>>. Acesso em 05 mar. 2017.
- MINAYO, Maria Cecília De Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed.. São Paulo: Hucitec, 2008.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade De; ARAÚJO; Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método da história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 12, n. 2, p. 466-485,

2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016>. Acesso em 10 mai. de 2020.
- OLIVEIRA, Rita De Cássia Magalhães. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de(in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>>. Acesso em 07 jul. de 2019.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PASQUALINI, Juliana; MARTINS, Lígia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia e Sociedade*, n. 27, v. 2, p. 362-371, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362> . Acesso em 15 jun. 2020.
- SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol. A perspectiva da psicologia social do trabalho. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. (Orgs.). *Psicologia Social do Trabalho*. (11-24) Petrópolis: Vozes, 2017.
- SILVA, Haike Roselane Kleber. Considerações e confusões em torno da história oral, história de vida e biografia. *Métis: história e cultura*, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2002. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037/703>>. Acesso em 23 jun. de 2019.
- SCOPINHO, Rosemeire Aparecida; SANTOS, Charles. Batismo de fogo e gravador desligado: notas sobre embaraços vividos pelo pesquisador no cotidiano do trabalho de campo. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, v. 17, n. 2, p. 266-280, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17i2p266-280>>. Acesso em 20 mai. de 2020.
- SOARES, Dulce Helena; COSTA, Aline Bogoni. *Aposentação: aposentadoria para ação*. Curitiba: Vetor, 2011.
- SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, n. 15, v. 2, p. 23-32, 2003. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822003000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 agos. de 2019.
- SPINK, Mary Jane Paris; SPINK, Peter Kevin. Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. *Quaestio Revista de Estudos Em Educação*, n. 19, v. 3, p. 591-605, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2017v19n3p591-605>. Acesso em 21 jun. de 2019.
- TOLFO, Susana Da Rosa; COUTINHO, Maria Chalfin, BAASCH, Davi; CUGNIER, Joana Soares. Sentidos y significados del trabajo: un análisis en base a diferentes perspectivas teórico-epistemológicas em Psicologia. *Universitas Psychologica*, n. 10, v. 1, p. 19-32, 2011. Acesso em 07 jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/647/64719284015.pdf>>
- TULESKI, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana De Fátima. O método como produto da história. *Arma da crítica*, v. 6, p. 18-33, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201502031037>>. Acesso em 05 agos. de 2019.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. O significado histórico da crise na psicologia. Uma investigação metodológica. In *Teoria e Método* (203-417) Tradução de Claudia Berliner. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. Edição eletrônica: Ed RIDENDO CASTIGAT MORES, 2009.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília Pinto De, VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). *Itinerários de pesquisas: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*

(p. 287-309). Rio de Janeiro: DPA, 2003.

ZANETTE, Maria Carolina, BLIKSTEIN, Izidoro; VISCONTI, Luca. Viralidade intertextual e repertórios vernaculares: memes da internet como objetos conectando diferentes mundos online. *Revista de Administração de Empresas*, v. 59, n. 3, p. 157-169, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0034-759020190302>>. Acesso em 20 de mai. de 2020.

Capítulo 12

O USO DE MÉTODOS MISTOS NA PESQUISA EM SAÚDE MENTAL RELACIONADA AO TRABALHO

Daniela Fernanda Schott
Márcia Luíza Pit Dal Magro

Introdução

Observa-se, nas bases de dados, como a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), um crescimento no número de estudos que fazem uso de métodos mistos, também denominados métodos combinados, na Área que Seligmann-Silva (2011) convencionou chamar de Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT). Isso pode ser atribuído ao fato de que a combinação de métodos qualitativos e quantitativos oferece uma alternativa para a investigação dos complexos fenômenos que compõem o campo. De acordo com a referida autora, o desenvolvimento teórico e metodológico do campo da SMRT é marcado pela presença de diversas disciplinas, que contemplam desde a epidemiologia até a sociologia do trabalho, incluindo ainda a neurologia, a psicologia social, entre outras. No Brasil, entre as abordagens que se destacam para os estudos da SMRT, as teorias que dialogam com a categoria Estresse e as perspectivas psicanalíticas, especialmente a Psicodinâmica do Trabalho, sobressaem.

Para Nardi (1997), as pesquisas voltadas à saúde mental e trabalho envolvem um conjunto de conhecimentos que, além de abordar as/os trabalhadoras/es, seu entendimento sobre o ambiente de trabalho, e as vivências que nele compartilham, compreendem as relações entre saúde e o trabalho em uma perspectiva que considera o ambiente, sua organização, a maneira como este é gerenciado e os impactos que produzem. Todos esses aspectos são atravessados pelas questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Essa multiplicidade e complexidade do campo indicam a necessidade de diálogos interdisciplinares, bem como sugerem os benefícios em/de incluir métodos mistos nos estudos sobre os fenômenos circunscritos ao campo da SMRT.

Araújo (2011) apresenta um estudo sobre saúde mental e trabalho, no qual se propõe a compreender como estaria a produção científica brasileira relacionada a essa temática. De acordo com as informações discutidas pela autora, dentre os diferentes tipos de abordagens que embasaram os estudos realizados no período de 1990 a 2008, que somaram 51 produções, aquelas que enfatizam aspectos teóricos e metodológicos representaram cerca de 10% do total. Isso porque “[...] a preocupação com a delimitação teórica, conceitual e metodológica é ainda incipiente, revelando que se trata de um campo ainda pouco analítico, que não privilegia a avaliação de seus conceitos e métodos como objeto de análise e crítica.” (p. 335). Além disso, os estudos com base na Psicodinâmica do Trabalho, até aquele momento, representaram 25,5% do total das produções no campo, mostrando o destaque desta abordagem no país.

Para Araújo (2011), há críticas acerca da realização de pesquisas predominantemente qualitativas no campo da SMRT, as quais enfatizariam principalmente o discurso dos trabalhadores e não as condições objetivas em que as atividades de

trabalho se desenvolvem. No entanto, essas críticas também podem ser estendidas às pesquisas de cunho apenas quantitativo, ao não abordarem como as condições objetivas de trabalho são percebidas e impactam a vida das/os trabalhadoras/es. Acerca disso, Jacques (2003) problematiza que “a complexidade da relação entre saúde/doença mental e trabalho enseja, muitas vezes, extrapolar os limites de uma determinada abordagem.” (p. 112). A fim de superar esses limites, há espaço para discutir pesquisas que utilizem métodos complementares, como aquelas apresentadas na obra de Mendes (2007), que propõem a articulação entre instrumentos quantitativos e qualitativos nos estudos orientados pela Psicodinâmica do Trabalho.

Ainda, ao se pensar no compromisso que os estudos no campo da SMRT têm de subsidiar e/ou avaliar políticas públicas, destacam-se as contribuições de Batista e Domingos (2017) a respeito das pesquisas com métodos mistos, que tendem a responder a questões diferentes e podem produzir resultados mais completos, em relação ao efeito das políticas públicas sobre a vida das pessoas. Para os autores, o uso de métodos mistos se torna uma das principais vias no debate metodológico de avaliação e de formulação de políticas públicas baseadas em evidências.

Assim, este capítulo busca tecer reflexões acerca do uso de métodos mistos nas pesquisas em Saúde Mental Relacionada ao Trabalho, com base em uma experiência de pesquisa específica. Isso se deu a partir de um estudo de mestrado¹, que teve como objetivo analisar as relações entre o contexto de trabalho e a saúde das/os profissionais psicólogas/os e assistentes sociais que atuavam na Proteção Social Básica (PSB) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), na área de abrangência da Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSC). As reflexões do referido estudo foram realizadas especialmente a partir da Psicodinâmica do Trabalho, em que as técnicas qualitativas e quantitativas foram utilizadas de modo complementar. Esta produção está inserida na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS), tal como apresentado no Capítulo 2 deste livro.

A pesquisa com métodos mistos

Zanella (2013, p. 17-18) destaca a importância de “Olhar para o que está posto e ao mesmo tempo para o que se anuncia como realidade instituinte, a projetar cenários difusos que, mais que antecipados, precisam se constituir como foco de complexas problematizações”.

Se pesquisar é reinventar a realidade, e não somente demonstrá-la, compreendê-la ou explicá-la, a reflexão sobre o que se pesquisa, sobre os caminhos trilhados no percurso da investigação e o que resulta dessa prática social vincula-se inexoravelmente com a reflexão sobre o processo de criação que caracteriza toda e qualquer pesquisa: criação de algum novo objetivado na escrita que se divulga, e ao mesmo tempo (re)criação do(a) pesquisador(a), do(a) orientador(a) e dos muitos outros com os quais estes se relacionam, em encontros/desencontros vários (ZANELLA, 2013, p. 132).

Estudos com base em métodos mistos oportunizam a integração de técnicas quantitativas e qualitativas, como também instrumentais que caracterizam cada uma delas. Para Paranhos *et al.* (2016), a nomenclatura multimétodo pode ser utilizada para

¹ Desenvolvido pela primeira autora sob orientação da segunda. Projeto desenvolvido com recurso da Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), Unochapecó e do Programa UNIEDU do Estado de Santa Catarina.

descrever a pesquisa com métodos mistos e essa interação fornece melhores possibilidades analíticas, que justificam a utilização de tal abordagem.

De acordo com os mesmos autores, “[...] tanto as técnicas quantitativas quanto as qualitativas têm potencialidades e limitações. [...] A vantagem da integração consiste em retirar o melhor de cada uma para responder uma questão específica.” (p. 389), o que tende a “[...] maximizar a quantidade de informações incorporadas ao desenho de pesquisa, favorecendo o seu aprimoramento e elevando a qualidade das conclusões do trabalho” (PARANHOS et al., 2016, p. 390). Esses autores afirmam também que “[...] é desejável que itens/temas/assuntos sejam compartilhados entre diferentes técnicas.” (p. 394).

Oliveira, Magalhães e Matsuda (2018) discutem a utilização de métodos mistos como um “[...] novo paradigma de pesquisa, que contempla a abordagem quantitativa e qualitativa em um único estudo, as quais podem ser conduzidas, durante a coleta de dados, juntas ou separadamente, mas que, em algum momento da investigação, resultam em conhecimento condensado” (p. 03).

John W. Creswell é um importante difusor de estudos com base em métodos mistos. De acordo com Creswell (2007), o propósito de realizar um estudo por meio de métodos mistos, diz respeito a integrar os dois tipos de informações, as quantitativas e as qualitativas, o que pode ocorrer nos diferentes momentos do processo de pesquisa: “[...] na coleta de dados, na análise de dados, na interpretação ou em alguma combinação de locais.” (p. 215). Para o autor, integrar significa “juntar”, “misturar” e a complementaridade entre instrumentais qualitativos e quantitativos “[...] incorpora tanto a necessidade de explorar como a de explicar” (CRESWELL, 2007, p. 211).

Quatro aspectos principais devem ser considerados no planejamento de uma pesquisa com métodos mistos, sendo eles: *distribuição de tempo, atribuição de peso, a combinação e a teorização* (CRESWELL; PLANO CLARK, 2013, grifo nosso). Na distribuição do tempo, deve-se avaliar se os dados qualitativos e quantitativos serão coletados ao mesmo tempo (concomitantemente) ou em fases (sequencialmente). Quando os dados são coletados em fases, a definição de quais vêm primeiro dependerá da intenção inicial do estudo. Comumente, dados qualitativos são coletados primeiro quando a intenção é explorar o tema. Posteriormente, o pesquisador amplia o entendimento, realizando uma coleta que represente a população estudada/pesquisada.

A atribuição de peso se refere à definição da prioridade atribuída à pesquisa quantitativa ou qualitativa no estudo. Pode-se atribuir o mesmo peso aos dados produzidos pelas duas abordagens (quali e quanti) ou enfatizar uma delas. A combinação, por sua vez, compreende o modo como os dados são misturados. Diz-se que os dados, na pesquisa com métodos mistos, estão conectados quando há uma combinação da pesquisa quantitativa e qualitativa com a análise de dados da primeira fase do estudo e a coleta de dados da segunda fase. Há uma integração quando os bancos de dados qualitativos e quantitativos estão fundidos e produzem informações que se apoiam mutuamente. A incorporação ocorre quando se coletam dados secundários, que têm função de apoio para as informações de um banco de dados principal.

Outro fator a ser considerado é se há uma perspectiva teórica que orienta a execução do estudo com/em métodos mistos. Os pesquisadores possuem teorias que apoiam suas investigações, quando em alguns casos essa teoria orienta desde a formulação do problema até as escolhas metodológicas, sendo determinante em todo o desenho do estudo e na análise das informações, e em outras situações está posta de forma menos explícita ou mais difusa, ou ainda combina o diálogo de várias teorias.

Sem esgotar todas as possibilidades da pesquisa mista, Creswell (2007) descreve seis estratégias principais para o desenvolvimento desta que apresentaremos

brevemente. A primeira é a explanatória sequencial, em que ocorre a coleta e a análise dos dados quantitativos, que tem ênfase no delineamento da pesquisa, seguida pela coleta e análise dos dados qualitativos. Nessa estratégia, os dados qualitativos podem ser usados para elucidar e aprofundar resultados inesperados da fase quantitativa.

A segunda estratégia é a exploratória sequencial, que por sua vez dá ênfase a uma primeira etapa qualitativa, seguida de uma etapa quantitativa. Essa estratégia pode ser utilizada para generalizar resultados qualitativos, ou a fim de testar teorias emergentes. Em ambas as estratégias, a integração dos dados qualitativos e quantitativos se dá no momento da interpretação dos resultados.

A terceira estratégia é a transformadora sequencial que, tal como as duas estratégias anteriores, pode começar com a fase quantitativa ou qualitativa, com o predomínio de uma delas, integrando as duas na fase da interpretação. A única diferença desta estratégia é que é realizada a partir de uma perspectiva teórica específica que orienta todo o estudo.

A triangulação concomitante, quarta estratégia descrita pelo autor, seria a mais familiar dos modelos com métodos mistos. Esta poderia ser utilizada na perspectiva de validar ou cruzar os resultados das etapas qualitativa e quantitativa, bem como de compensar pontos fracos de um método com os pontos fortes do outro. Nesse caso, a coleta dos dados qualitativos e quantitativos se dá de forma simultânea.

A quinta estratégia é denominada estratégia aninhada concomitante. Nesta, assim como na triangulação concomitante, a coleta dos dados é realizada simultaneamente, mas um método (qualitativo ou quantitativo) é priorizado, guiando o projeto e “aninhando” a estratégia secundária. “Isso pode significar que o método embutido aborda uma questão diferente da questão do método dominante ou busca informações de níveis diferentes” (CRESWELL, 2007, p. 220). Essa foi a estratégia adotada no estudo em questão, orientado pela abordagem da Psicodinâmica do Trabalho. Neste foi utilizado questionário, observação participante, pesquisa documental e entrevistas, sendo que a observação participante ocorreu de modo concomitante ao uso das outras estratégias e o uso das técnicas qualitativas e quantitativas visavam compensar pontos fracos de um método com os pontos fortes do outro.

Por fim, a sexta estratégia, denominada transformadora concomitante, refere-se a um estudo que se desenha como triangulação concomitante ou estratégia aninhada concomitante, mas que se diferencia dessas por estar sustentada por uma teoria específica que orienta todo o estudo.

Pensando a pesquisa com/em métodos mistos, respaldada pela Psicodinâmica do Trabalho, Heloani e Lancman (2004), ao discutirem essa perspectiva como um método clínico de intervenção e investigação, enfatizaram que “[...] não há quantidade que não implique qualidade, nem tão pouco qualidade destituída da possibilidade de quantificação, pois tudo o que existe ‘vem a ser’ a partir do que está sendo, gerando uma correlação tensional benéfica entre abordagens distintas e complementares.” (p. 79). Para eles, foi pertinente desenvolver algumas reflexões acerca do “[...] falso dilema existente na utilização de abordagens quantitativas e qualitativas, ou ainda, nos estudos que contrapõem a dimensão objetiva e a subjetiva nas análises de situações de trabalho” (p. 86).

No estudo que serviu de base para as reflexões propostas neste capítulo, a escolha pelos métodos mistos se deu pelo interesse em discutir as condições concretas de trabalho das equipes de referência que atuavam na PSB do SUAS, bem como em ouvir as narrativas dessas/es trabalhadoras/es sobre a relação entre sua saúde e atividade laboral. Isso implicava delinear um estudo capaz de envolver dezenas de trabalhadoras/es, em um território constituído por vários municípios organizados territorialmente por Associações de Municípios. A Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSC), alvo do

estudo em questão, abrangia, na ocasião do estudo, 21 municípios e 27 Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), principal equipamento da Política Pública de Assistência Social.

As/os participantes da pesquisa foram as/os assistentes sociais e psicólogas/os que atuavam nos CRAS, trabalhadoras/es que compõem obrigatoriamente as equipes de referência que atuam na PSB. A intenção do estudo foi contemplar a totalidade de profissionais dessas categorias, o que representava, naquele momento, 58 trabalhadoras/es. Contudo, 49 instrumentos foram respondidos, o que representou 84% (SCHOTT, 2017).

As explicações/compreensões produzidas pelo referido estudo, por meio do uso de métodos mistos, precisam considerar o fato de que uma das autoras estava no lugar de pesquisadora, mas também participava das atividades observadas na condição de trabalhadora do SUAS, o que potencializou e oportunizou a decisão de envolver, no referido estudo, os 21 municípios abrangidos pela AMOSC naquele momento, e as/os respectivas/os profissionais atuantes na PSB do SUAS, daquele território. A comunicação e vínculo com as/os profissionais do território estudado se davam especialmente em reuniões mensais entre as/os profissionais da Política Pública de Assistência Social, organizadas pela AMOSC, para discutir o trabalho nessa política pública.

A inserção da pesquisadora no contexto estudado caracteriza o que Minayo (2010a) denomina de interação, convivência e contato com e/ou junto ao contexto do estudo. Nesse sentido, deve-se considerar as potencialidades e as dificuldades que esta proximidade possibilita, tendo em vista que de um lado pode facilitar o acesso às informações e pessoas, bem como o acesso à compreensão de determinados fenômenos, mas, por outro, pode dificultar o processo de estranhamento daquilo que é familiar (VELHO, 2003). Na pesquisa realizada, considerou-se que o fato da pesquisadora conhecer e ser conhecida no campo foi um fator decisivo para que o estudo ocorresse conforme o desenho proposto. Isso se expressa, por exemplo, na facilidade de acesso ao contexto observado, bem como aos participantes do estudo, repercutindo ainda na implicação desses para responder aos instrumentos e técnicas propostas (questionário e entrevista).

Uso de diferentes técnicas e instrumentos na pesquisa mista

Minayo (2010a) destaca que as técnicas e os instrumentos são os dispositivos que orientam a condução do estudo, viabilizando a mediação entre os marcos teórico-metodológicos e a realidade empírica, possibilitando a realização de um estudo técnico, ético e científico. A organização e a realização de um estudo por meio da estratégia de investigação baseada em métodos mistos, exige a definição prévia de quais técnicas e instrumentos de pesquisa serão utilizados, a fim de que agreguem questões abertas e fechadas, múltiplas formas de dados, que possam ser contemplados por diferentes possibilidades, e que garantam que a análise possa ser estatística e textual (CRESWELL, 2007).

Entre os instrumentos e as técnicas descritos nos livros e manuais de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, que podem ser encontrados em estudos qualitativos, quantitativos e/ou mistos, os mais frequentes certamente são as diferentes modalidades de entrevista, observação, questionário, escalas e uma ampla gama de documentos, como pode ser observado em Gil (2008), Bauer e Gaskell (2002), Creswell (2007), entre outros. Isso corrobora com a síntese, discutida/abordada no Capítulo 2 deste livro, sobre os estudos realizados pelo NETCOS, nos quais se têm principalmente a utilização de entrevistas (em cada estudo de maneira

diferente/específica), acrescido de outras ferramentas, instrumentais e técnicas de pesquisa. Observa-se a composição com diferentes instrumentos e técnicas quantitativas e qualitativas nos estudos mistos em saúde do trabalhador, dos quais são exemplos a pesquisa de Pinheiro *et al.* (2019), Mendes *et al.* (2015) e Dal Pai *et al.* (2018).

De acordo com as reflexões de Minayo (2010b), a observação participante é reconhecida como parte fundamental do trabalho de campo. Ela contribui para a compreensão da realidade empírica e tende a potencializar a proximidade do pesquisador com os interlocutores, permitindo àquele compreender seu espaço social, durante a realização do estudo, como algo relativo e não estanque. A mesma autora aponta para o fato de que é possível realizar a observação participante descritiva, que se refere a observar o contexto de uma maneira livre, garantindo o foco do estudo (MINAYO, 2010a).

O diário de campo permite que impressões pessoais, conversas informais, observações de comportamentos, entre outras manifestações das/os profissionais, sejam registradas/anotadas. Minayo (2010b, p. 295), sobre a utilização do diário de campo, menciona que se refere ao “[...] acervo de impressões e notas sobre as diferenciações entre falas, comportamentos e relações que podem tornar mais verdadeira a pesquisa de campo.”

Na pesquisa realizada, e tomada como exemplo neste capítulo, uma das questões que teve registros recorrentes no diário de campo, diz respeito às interferências político-partidárias, em ano de eleição municipal, diante da organização e da realização do trabalho na Política Pública de Assistência Social como se destaca a seguir:

Nós [equipe CRAS – assistente social e psicóloga/o] nunca fomos chamadas para fazer parte de nenhuma comissão, porque eles chamam somente quem concorda, quem não diz nada e somente faz o que eles pedem, e nós nem sempre concordamos com tudo o que dizem e querem [...] nós somos uma pedra no sapato dos gestores, eles querem nos ver longe. (DIÁRIO DE CAMPO 14 – PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA). (SCHOTT, 2017, p. 150).

O diário de campo, nesta pesquisa, permitiu registrar eventos e situações inesperadas, aqueles aspectos que escaparam ao delineamento dos instrumentos como roteiro de entrevista e questionário, bem como àquilo que não se dava em momentos circunscritos, como a hora da entrevista.

Ao considerar a utilização do questionário em uma pesquisa com procedimentos mistos, Minayo (2010b) aponta para o cuidado e a rigorosidade exigidos por esse instrumento para que, ao ser construído e aplicado, consiga garantir que a produção de dados possa ser articulada, principalmente no momento em que as informações são analisadas, com a perspectiva qualitativa do estudo. Além disso, a autora enfatiza que é possível fazer uso do instrumental questionário “[...] para se captar aspectos gerais considerados relevantes de um problema de investigação, visando a iluminar a compreensão do objeto e a estabelecer relações e generalizações [...]” (MINAYO, 2010a, p. 190).

Tendo em vista que o questionário trabalha predominantemente com questões fechadas, a construção de um bom questionário exige clareza do que se quer investigar, domínio dos pressupostos teóricos que orientam o estudo, quando esses estiverem definidos *a priori*, bem como a elaboração e a testagem de questionários piloto até se chegar a uma versão definitiva. No que diz respeito ao campo da SMRT, vale considerar instrumentos de caráter quantitativo já disponíveis, entre os quais se

pode citar o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), desenvolvido por Mendes e Ferreira (2007), que tem inspiração na Psicodinâmica do Trabalho, a Escala de Burnout (TAMAYO, 1997) e a Escala de Estresse no Trabalho de Paschoal e Tamayo (2004). Esses também podem oferecer categorias ou questões que contribuem para a construção de questionários ou outros instrumentos de pesquisa em SMRT.

No estudo aqui destacado, foi utilizado um questionário, elaborado com base em outros instrumentos, com destaque para o ITRA de Mendes e Ferreira (2007), que contribuiu com alguns dos elementos investigados, tendo em vista que considera os danos físicos, psicológicos e sociais relacionados ao contexto de trabalho. Ao longo da definição sobre o conteúdo e a estrutura do questionário, executaram-se atividades de pré-teste², a fim de verificar a efetividade do instrumento e qualificá-lo.

O questionário foi composto por um roteiro de 32 questões abertas e fechadas. Essas questões se caracterizaram como um conjunto de questionamentos que, gradualmente, constituíram o delineamento da situação-síntese do estudo, permitindo que a totalidade das questões caracterizassem e configurassem a delimitação da pesquisa (MINAYO, 2010a). Esse instrumental foi organizado em quatro partes:

1) Na primeira parte foram levantados os dados de identificação da/o profissional, a exemplo do sexo/gênero, idade, formação, tempo de formação, cargo/função desempenhada, local de trabalho, tempo de atuação na Política Pública de Assistência Social e atividades de capacitação;

2) Na segunda parte foram abordadas as condições e a organização do trabalho (vínculo empregatício, carga horária de trabalho, composição das equipes, remuneração, existência de plano de cargos, carreiras e salários; intenção em atuar na Política Pública de Assistência Social, atividades realizadas no cotidiano de trabalho, condições de trabalho – ambiente físico, organização dos espaços, recursos financeiros e materiais – além das questões éticas no serviço público e da autonomia na tomada de decisão, como também sobre as relações de trabalho, a organização do trabalho de maneira geral e as situações vivenciadas nesse contexto);

3) Na terceira parte, por sua vez, exploraram-se as condições de saúde das/os assistentes sociais e psicólogas/os, considerando o que vivenciam e sentem, em relacionado ao contexto de trabalho, e a frequência com que isso acontecia, as dificuldades físicas, psicológicas e sociais, necessidade de afastamento do local de trabalho por questões de saúde e estratégias de cuidados em prol disso;

4) Ao final desse instrumento, investigou-se sobre as implicações de tais aspectos na efetivação do SUAS.

São exemplos dos resultados das análises dos questionários a tabela 1 a seguir, que indica que a maioria das/os profissionais (82%) do território estudado se inseriu na PSB do SUAS por meio da realização de concurso público, o que sinaliza a estabilidade profissional, cumprindo com o preconizado pela referida política pública. Esses dados estão voltados a questões objetivas das condições de trabalho nessa política pública.

² Realizaram-se exercícios-piloto com esse instrumental: três profissionais exercitaram o preenchimento do instrumento, para que pudessem contribuir com as alterações necessárias, a definição dos questionamentos, bem como a precisão entre perguntas e respostas.

Tabela 1 – Vínculo empregatício das/os profissionais que atuam na PSB/SUAS

Vínculo empregatício					
Formação	Comissionado/ cargo de confiança	Concurso público	Emprego público	Processo seletivo	Total
Psicologia	0	16	2	2	20
Serviço Social	1	24	3	1	29
Total	1	40	5	3	49
Porcentagem	2%	82%	10%	6%	

Fonte: SCHOTT, 2017.

Outros dados explorados pelo questionário e que também foram abordados nas entrevistas dizem respeito à frequência de vivências e/ou sentimentos relacionados ao trabalho, que constam na tabela a seguir:

Tabela 2 – Frequência de vivências e/ou sentimentos relacionados ao trabalho.

Frequência					
Vivências e/ou sentimentos	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca	Total
Frustração	6%	31%	61%	--	98%
Insegurança	2%	27%	65%	4%	98%
Intranquilidade	2%	27%	63%	6%	98%
Impotência	--	37%	49%	12%	98%
Intolerância	2%	16%	49%	31%	98%
Injustiça	2%	27%	51%	18%	98%
Aflicção	4%	27%	55%	12%	98%
Indiferença	2%	14%	55%	27%	98%

* Nestes questionamentos, uma/um profissional não assinalou nenhuma das opções em todas as alternativas.

Fonte: SCHOTT, 2017.

De acordo com Minayo (2010a), as entrevistas semiestruturadas possibilitam a execução de conversas com finalidades, apontando para a operacionalização da abordagem empírica dos “entre-vistados” sobre a temática proposta pelo estudo. Para a mesma autora, a abordagem das/os profissionais por meio da entrevista semiestruturada exige, de antemão, a elaboração de um roteiro que contemple os indicadores essenciais, os quais devem ser suficientes, diante da proposta do estudo. Esse roteiro orienta a realização da conversa, mas deve, ao mesmo tempo, permitir a flexibilidade para outros temas. (MINAYO, 2010a).

Também denominada de entrevista em profundidade, a entrevista semiestruturada tem como características o aprofundamento de seu conteúdo, seu esquema não rígido e a flexibilidade, “baseadas nas quais o pesquisador enveredará ações para deixar fluir a narrativa” (MORE, 2015, p. 127). Nesse sentido, essa modalidade de entrevista se aproxima de outras como a entrevista narrativa.

A entrevista semiestruturada tende a possibilitar “[...] várias narrativas possíveis das vivências que o entrevistador vai avaliar; as interpretações que o entrevistado emite sobre elas e sua visão sobre as relações sociais envolvidas nessa ação” (MINAYO, 2010a, p. 191). Na realização de entrevista, como técnica qualitativa que possibilita adentrar/aprofundar determinados aspectos, Paranhos *et al.* (2016) pontuam que “[...] a mesma técnica de entrevista pode ser utilizada [...] sobre o posicionamento ideológico dos deputados, as aspirações profissionais dos jovens ou as percepções a respeito da relação entre religião e sexualidade no contexto urbano” (p. 399). Em outras palavras, tem-se que a entrevista pode ser realizada com diferentes sujeitos e propósitos, mostrando-se efetiva nas mais diversas situações.

Mendes (2007) enfatiza o uso da entrevista, ao se pensar em estudos sob a

perspectiva teórica da Psicodinâmica do Trabalho. Isso porque a entrevista possibilita:

[...] a) compreender detalhadamente os sentimentos, crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos; b) compreender o objeto de pesquisa sob a perspectiva dos entrevistados e entender como e por que eles têm essa perspectiva particular; [...] e) realizar estudos descritivos e/ou exploratórios; f) validar, clarificar e ilustrar dados quantitativos para melhorar a qualidade da interpretação; [...] (MENDES, 2007, p. 69).

Nesse sentido, para a autora anteriormente referida, a escuta possibilitada por meio das entrevistas é premissa básica nas pesquisas em psicodinâmica do trabalho, em que se deve privilegiar a lógica do entrevistado e estabelecer vínculos.

Posteriormente ao preenchimento do questionário, realizaram-se seis entrevistas semiestruturadas com três profissionais assistentes sociais e três psicólogas/os que haviam participado do primeiro momento. A construção do roteiro utilizado nas entrevistas se deu após a categorização do que as informações produzidas pelos questionários evidenciaram, momento em que foi possível definir quais indagações conduziram as entrevistas com as/os profissionais.

Para exemplificar, têm-se, na sequência, narrativas das/os psicólogas/os que evidenciaram as relações entre trabalho e saúde no estudo em questão:

São as pequenas coisas que a gente vê no dia a dia: o usuário te reconhecer enquanto profissional e enquanto pessoa, esse reconhecimento de eu e você é um ganho que tu tem. Eu fico extremamente satisfeita nesses casos, quando eles me procuram em um espaço que não é aqui. Esse é um dos ganhos que eu compreendo. Outros são os objetivos do teu trabalho. A pessoa que você encaminhou para o serviço de saúde, que tu fez uma entrevista motivacional em relação à dependência química, daqui a pouco ele vem aqui te agradecer por isso. Então, esse é um ganho que a gente tem. E ele [o ganho] é diário, sim; se você for olhar só o negativo, tu não aguenta, tu desiste. É conseguir olhar essas pequenas coisas, são pequenos ganhos que você tem. (PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA). (SCHOTT, 2017, p. 167).

Eu diria sofrimento, uma angústia [...]. Algo que eu vivencio no aspecto saúde, por ter uma sobrecarga muito grande no contexto onde estou atuando, eu vejo que eu passo muito tempo pensando sobre as minhas intervenções. Pela questão da falta de tempo, a gente se sobrecarrega, isso me angustia muito, eu me sinto muito angustiado pela sobrecarga de trabalho. Eu sinto que não estou conseguindo ser muito produtivo na efetividade da intervenção com o nosso público, pela sobrecarga, pela necessidade de estar refletindo, antes de executar alguma coisa. (PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA). (SCHOTT, 2017, p. 125).

Tal como no estudo em questão, o Capítulo 2 deste livro destaca como a utilização da entrevista nas diferentes pesquisas realizadas pelo NETCOS se mostrou predominante, sendo complementada por outros instrumentais, caracterizando o que se enfatizou nesta produção como pesquisa com base em métodos mistos. Especificamente acerca do que a entrevista possibilita, enfatiza-se que uma prévia organização de como essa transcorrerá, por meio de um roteiro de questões, mostra-se pertinente. Isso possibilita uma flexibilidade no diálogo entre pesquisador e pesquisado, a exemplo de como também se realizou no estudo realizado por uma das autoras desta produção.

Dialogando com a autora do Capítulo 1, reconhece-se uma das potencialidades da entrevista, seja ela biográfica ou semiestruturada, devido ao fato de que ela oportuniza “liberdade para narrar”, sejam as trajetórias dos trabalhadores, suas vidas cotidianas, os sentidos produzidos no contexto de trabalho e as relações entre esse contexto e sua saúde.

A utilização de métodos mistos, ao lançar mão da entrevista – para estudar, pesquisar e compreender a Saúde Mental Relacionada ao Trabalho –, oportuniza que os aspectos que permeiam as relações entre o contexto de trabalho e a saúde do trabalhador sejam discutidos do individual para o geral e do universal para o singular, tornando-os indissociáveis.

Análise das informações produzidas

As técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa mista, aqui tomada como exemplo, possibilitaram uma análise estatística e descritiva das informações. Creswell (2007), ao falar de análise nas pesquisas mistas, enfatiza as palavras “dentro” e “entre”, grifando-as em sua produção, para ressaltar que a análise dos dados pode ser realizada com/em cada um dos métodos separadamente, mas enaltece a necessidade de triangular as informações produzidas, sejam elas numéricas ou descritivas, e potencializar a convergência e as correlações, ou não, entre os dados quantitativos e qualitativos que foram produzidos ao longo das intervenções.

A análise do instrumental questionário tomou por base as contribuições de Babbie (2005), pelo fato de discorrer sobre a estatística descritiva e a estatística inferencial. A primeira delas conduziu a apresentação dos dados quantitativos de maneira variável, oportunizando que eles fossem descritos diferentemente, entre uma indicação isolada/individual ou de acordo com associações entre as informações. As análises dos questionários foram realizadas por meio da tabulação dos dados no Microsoft Office Excel (2016), com a construção de tabelas dinâmicas, o que possibilitou compreensões descritivas e inferenciais sobre a temática do estudo, tal como propõe o mesmo autor. Em um segundo momento, as estatísticas produzidas foram integradas na análise de conteúdo.

Considerando a análise das informações produzidas em pesquisas/estudos com base em métodos mistos, Oliveira, Magalhães e Matsuda (2018) afirmam que há “[...] possibilidade de se obter interpretações mais acuradas, ou, pelo menos, mais completas sobre os fenômenos de investigação.” (p. 08). No estudo em questão, buscou-se colocar a temática trabalho em análise, para revelar e traduzir seus aspectos visíveis e invisíveis (MENDES, 2007). De tal modo, a utilização de métodos mistos oportunizou e ratificou o que Minayo (2010b, p. 297) enfatiza: a pesquisa se refere a um fenômeno social, exigindo que

[...] no campo, assim como durante todas as etapas da pesquisa, tudo merece ser entendido como fenômeno social [...] o objeto investigado, as pessoas concretas implicadas na atividade, o pesquisador e seu sistema de representações teórico-ideológicas, as técnicas de pesquisa e todo o conjunto de relações interpessoais e de comunicação simbólica.

A análise de conteúdo, historicamente, permeou apontamentos sobre discursos, suas expressões e seus enunciados, sobre as significações produzidas pela comunicação, bem como se aproximou e se distanciou da sistematicidade e da objetividade. Tais movimentos respaldaram as discussões epistemológicas da análise de conteúdo, contemplando a importância sobre o conteúdo que a mensagem

expressa, correlacionada ao contexto e às circunstâncias em que ocorre, além de fazer referência à quantidade e aos sentidos das palavras enunciadas nessa mensagem (MINAYO, 2010a). Essa afirmação potencializa a realização de estudos com base em métodos mistos, plausíveis de serem discutidos e refletidos teoricamente, lançando mão da análise de conteúdo.

Minayo (2010a) menciona que a análise de conteúdo pode ser descrita como uma vigilância crítica daquilo que é enunciado, pode ser realizada por meio da leitura do conteúdo, em um primeiro momento, para, gradualmente, possibilitar uma análise mais profunda, o que poderia ser conceituado como uma análise mais coesa e consistente.

Escolheu-se para o estudo, a partir das contribuições de Minayo (2010a), a modalidade da análise temática, uma dentre as várias que compõem a estratégia de análise de conteúdo. A análise temática comporta determinado assunto, um tema específico – no estudo em questão, as relações entre o contexto de trabalho e as condições de saúde das/os profissionais da PSB do SUAS – e possibilita a compreensão de núcleos de sentido, por meio da presença e da frequência dos enunciados e das palavras, produzidos para significar o objeto analítico investigado.

A praticidade da análise temática, descrita por Minayo (2010a), acontece em três momentos:

- 1) *A pré-análise* que possibilitou a formulação e a reformulação de hipóteses e objetivos, permitindo a correção dos rumos interpretativos e/ou oportunizando outras indagações;
- 2) *A exploração do material* que permitiu a definição de categorias que conseguissem expressar e/ou nomear significativamente o conteúdo estudado. Posteriormente, as codificações desse material puderam ser realizadas, apontando para a quantificação das temáticas, as quais se referem às categorias centrais, e, na sequência, a classificação e a agregação das informações, definindo as categorias teóricas ou empíricas do estudo;
- 3) *O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação* se caracterizaram pelo processo em que se operou o material produzido e categorizado, com operações simples ou complexas, propondo inferências e realizando interpretações, inter-relacionando-as e as correlacionando com os significantes e significados a que o estudo se propôs e produziu.

No estudo em questão, as categorias centrais – na condição de núcleos de sentido – e suas respectivas categorias específicas (que as definem), foram delimitadas de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 1 – Categorias centrais e específicas

Categorias centrais (núcleos de sentido)	Categorias específicas
1. Organização da PSB do SUAS na região da AMOSC	1.1 Reflexões sobre a Política Pública de Assistência Social
	1.2 Caracterização do cenário do SUAS em âmbitos federal, estadual e na região da AMOSC
	1.3 Estabilidade profissional no serviço público
	1.4 Processos de educação formal e de educação permanente
	1.5 Atividades realizadas pelas/os profissionais na Assistência Social, no SUAS e em seus serviços
2. Contexto de trabalho	2.1 O trabalho e a saúde das/os trabalhadoras/es
	2.2 Organização do trabalho
	2.3 Condições de trabalho
3. Relações de trabalho	3.1 Relações de trabalho que caracterizam o contexto de atuação da PSB do SUAS
	3.2 A ética no serviço público e a autonomia na tomada de decisões
	3.3 O reconhecimento do trabalho, a realização e a valorização profissional, por meio das relações
4. Vivências de sofrimento e processos de adoecimento das/os trabalhadoras/es	4.1 Vivências de sofrimento no contexto de trabalho da PSB do SUAS
	4.2 Os processos de adoecimento das/os trabalhadoras/es acerca do que vivenciam no contexto da PSB do SUAS

Fonte: SCHOTT (2017).

Para elucidar cada uma delas, têm-se:

1) organização da PSB do SUAS na região da AMOSC, contemplando as categorias específicas: reflexões sobre a Política Pública de Assistência Social, caracterização do cenário do SUAS em âmbitos federal, estadual e na região da AMOSC, a estabilidade profissional no serviço público, os processos de educação formal e de educação permanente e as atividades realizadas pelas/os profissionais na Assistência Social, no SUAS e em seus serviços. Algumas exemplificações que as caracterizam:

No Estado de Santa Catarina, a implementação da Política Pública de Assistência Social, nos últimos dez anos, ocorreu de maneira mais efetiva que no contexto brasileiro, mesmo que nacionalmente também se visualize uma importante ampliação no número de equipamentos e de profissionais referências no contexto da PSB do SUAS. Neste sentido, a expansão do SUAS no Brasil se caracterizou um tanto incipiente quando relacionada ao movimento do Estado de Santa Catarina (SCHOTT, 2017, p. 49).

2) contexto de trabalho, incluindo as categorias relacionadas ao trabalho e à saúde das/os trabalhadoras/es, a organização do trabalho e as condições desse/nesse trabalho. Elementos que as compuseram: “Relacionado a jornada de trabalho das/os profissionais estudadas/os, 26% delas/es indicaram que frequentemente (22%) ou sempre (4%) precisam realizar atividades do trabalho em casa, o que indica prolongamento da jornada laboral” (SCHOTT, 2017, p. 120).

[...] a Política Pública de Assistência Social tem um potencial enorme, apesar de ter suas dificuldades e eu ter uma crítica grande. A estrutura social faz com que aquelas pessoas estejam naquela situação, essa

demanda sempre vai ter, nem todo mundo vai entrar no mercado de trabalho, e o mercado de trabalho é feito para não entrar todo mundo mesmo, e a gente lida com esse 'resto'. Quando eu falo que a política não dá conta, é nesse sentido: não vai dar conta de mudar uma lógica de mercado, que é a sociedade capitalista. A gente não vai dar conta disso, porque esse excedente de fato ele vai existir sempre. Então, é de você minimizar o sofrimento desse povo, mas minimizar no sentido literal da palavra: mínimo. Não com grandes mudanças ou com mudanças que, de fato, sejam significativas. Nem o mínimo às vezes. (PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA) – (SCHOTT, 2017, p. 126).

Outro exemplo para esse núcleo de sentido, construído de acordo com a estatística descritiva, conforme Babbie (2005):

Os aspectos avaliados pelas/os profissionais como mais apropriados à execução do trabalho se referem a 1) instrumentais e equipamentos de trabalho e 2) ambiente físico e organização dos espaços. Respectivamente, tem-se que, para 81% das/os assistentes sociais ou psicólogas/os, os instrumentais e os equipamentos de trabalho foram avaliados como ótimos (20%) ou bons (61%), e o ambiente físico e a organização dos espaços em que atuam foram compreendidos como ótimos para 18% das/os profissionais e como bons para 59% delas/es (SCHOTT, 2017, p. 133).

3) relações de trabalho, que caracterizam o contexto de atuação da PSB do SUAS, a ética no serviço público e a autonomia na tomada de decisões, o reconhecimento do trabalho, a realização e a valorização profissional. Narrativas que se aproximam delas: “[...] quando muda o pensamento da gestão, ela não garante que você vai realizar um bom trabalho. Porque, se aquela gestão não pensa em uma política social, ela vai te colocar em uma caixinha, e não vai permitir que você desenvolva um bom trabalho” (PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA) – (SCHOTT, 2017, p. 145); “É você desvincular essa família dos benefícios sociais e fortalecer ela enquanto cidadão, enquanto direito, enquanto ir buscar as coisas delas; é fazer a família sonhar de novo” (PROFISSIONAL DE SERVIÇO SOCIAL) – (SCHOTT, 2017, p. 154-155). Ou ainda:

Se a gente conseguisse executar a política de acordo como ela está escrita, seria uma grande realização, mas só o fato de alguns adolescentes que aqui passaram que não se envolveram com situações de riscos, que conseguiram ter uma vida digna, um trabalho digno [...] isso é uma gratificação, mas, assim, a partir do momento que você consegue efetivar a política, que o teu trabalho é reconhecido [...] no sentido de dar importância, valorização para tua profissão, para tua política [...]. (PROFISSIONAL DE SERVIÇO SOCIAL) (SCHOTT, 2017, p. 165).

4) vivências de sofrimento e processos de adoecimento das/os trabalhadoras/es no contexto de trabalho da PSB do SUAS. Exemplos de situações vivenciadas pelas/os profissionais que participaram do estudo:

Outras/os 30% das/os assistentes sociais ou psicólogas/os, por sua vez, afirmaram que frequentemente (22%) ou sempre (8%) percebem que o que vivenciam no contexto de trabalho tem interferido nos demais aspectos de suas vidas. Da maneira como a indagação foi construída, entende-se que essas dificuldades interferem “negativamente” nas

demais experiências/vivências dessas/es profissionais, ou seja, tendem a fragilizar outros aspectos da vida pessoal/profissional de cada uma/um delas/es (SCHOTT, 2017, p. 192).

Ao longo da construção das análises, as informações quantitativas foram categorizadas, compreendidas, analisadas e discutidas de forma concomitante com as informações qualitativas, o que oportunizou que as contribuições qualitativas, produzidas com as/os profissionais, pudessem ser integradas a esse percurso.

Considerações finais

As possibilidades de pesquisas utilizando métodos mistos no campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho são inúmeras, sendo discutidas aqui apenas algumas possibilidades. As reflexões apresentadas no presente capítulo se inscrevem na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS), a partir de estudos realizados por seus pesquisadores.

Pensar a complementariedade dos métodos qualitativos e quantitativos no campo da SMRT possibilita enfatizar “[...] o relato das vivências dos próprios trabalhadores: sua fala sobre o trabalho e as emoções, sentimentos e reações por ele desencadeados” (DEJOURS, ABDOUCHELI, JAYET, 1994 apud ARAÚJO, 2011, p. 327), mas também reconhecer as condições concretas do trabalho, as características da organização dele, o perfil das/os trabalhadoras/es e as possíveis relações entre contexto de trabalho e os processos de sofrimento e/ou adoecimento.

A complexidade do campo da SMRT, bem como em sua interface com a avaliação e proposição de políticas públicas que tenham aproximações com a saúde do trabalhador, acenam à importância de realizar estudos com base em métodos mistos. Isso porque refere-se a uma temática que permite e mesmo demanda a utilização de diferentes técnicas e instrumentos (quantitativos e qualitativos), que tendem a adensar os olhares analíticos e crítico-reflexivos sobre a SMRT.

Também há que se destacar que os modelos teóricos que possibilitam as discussões em prol da relação entre trabalho e saúde-doença mental são diversos. Porém, enfatizou-se nesta produção a compreensão da Psicodinâmica do Trabalho, por meio da utilização da abordagem mista, no rastro do que é apresentado na obra organizada por Mendes (2007), como uma tendência de estudos brasileiros que dialogam com essa abordagem.

Referências

ARAÚJO, Tânia Maria de. Revisão de Abordagens Teórico-metodológicas sobre saúde mental e trabalho. In: MINAYO GOMES, Carlos (Org.) *Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. p. 325-343.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BATISTA, Mariana; DOMINGOS, Amanda. Mais que boas intenções: técnicas quantitativas e qualitativas na avaliação de impacto de políticas públicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 32, n. 94, p. 01-23, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294142017.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- CRESWELL, John W; PLANO CLARK, VL. *Pesquisa de métodos mistos*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.
- DAL PAI, Daiane *et al.* Violência física e psicológica perpetrada no trabalho em saúde. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e2420016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n1/0104-0707-tce-27-01-e2420016.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Revista Produção*, v. 14, n. 3, p. 077-086, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a08.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em Saúde/Doença Mental & Trabalho. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 97-116, Jan. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n1/v15n1a06.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MENDES, Ana Magnólia. Pesquisa em Psicodinâmica: a clínica do trabalho. In: _____ (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 65-87.
- MENDES, Ana Magnólia; FERREIRA, Mário César. Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 111-126.
- MENDES, Jussara Maria Rosa *et al.* Saúde do trabalhador: desafios na efetivação do direito à saúde. *Argumentum*, Vitória, ES, v. 7, n. 2, p. 194-207, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/download/10349/8253/0>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.
- MORÉ, Carme Leontina Ojeda Ocampo Moré. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. Atas CIAIQ. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*. Volume 3, 2015.
- NARDI, Henrique Caetano. Saúde do trabalhador. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 219-224.
- OLIVEIRA, João Lucas Campos de; MAGALHÃES, Ana Maria Müller de; MATSUDA, Laura Misue. Métodos mistos na pesquisa em enfermagem: possibilidades de aplicação à luz de Creswell. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e0560017, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n2/0104-0707-tce-27-02-e0560017.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da escala de estresse no trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 9, n. 1, p. 45-52, Apr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22380.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- PARANHOS, Ranulfo *et al.* Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 384-411, Ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/54268/38357>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- PINHEIRO, Ana Lúcia Uberti *et al.* Carga de trabalho de enfermagem em sala de recuperação pós-anestésica: um estudo misto. *Rev. Enferm.* Santa Maria, v. 9, n. 6, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/40333/pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Edith. *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez, 2011. 624 p.

SCHOTT, Daniela Fernanda. *Trabalho e saúde das/os profissionais do Sistema Único de Assistência Social (SUAS): um estudo da Proteção Social Básica na região da AMOSC*. 237 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Chapecó, 2017. Disponível em: <http://konrad.unochapeco.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/0000f0/0000f0db.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TAMAYO, RM. *Relação entre a síndrome de burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos*. Brasília: Universidade de Brasília; 1997.

VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ZANELLA, Andréa Vieira. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

SOBRE AS AUTORAS

Andreia Martins: Doutora em Psicologia (UFSC), Mestre em Gestão de Políticas Públicas (UNIVALI), Especialista em Avaliação Psicológica (UNISUL), Formação em Terapia EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*) (Associação Brasileira de EMDR), psicodramatista em formação (Viver Psicologia e Federação Brasileira de Psicodrama) e graduada em Psicologia (UNIVALI). Integrante do Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição do Sujeito – NETCOS da FURG (Universidade Federal do Rio Grande). Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – (UNIFEBE) e psicóloga clínica.

Daniela Fernanda Schott: Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais pela Unochapecó (2017). Especialista em Saúde Coletiva pela UFFS (2013). Graduada em Psicologia pela Unochapecó (2010). Atua como psicóloga da Política de Assistência Social no município de Chapecó-SC.

Geruza Tavares D’Avila: Doutora em Psicologia (UFSC). Docente do curso de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e da Residência Multiprofissional da Saúde da Família (RMSF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Em 2021, passa a coordenar o Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS); pesquisadora do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM/FURG) e do GT Trabalho e Processos Organizativos na Contemporaneidade na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Membro da equipe editorial da revista *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*.

Laila Graf Ornellas: Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2015), Mestre em Psicologia pelo mesmo programa e graduada em Psicologia e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB-2004). É especialista em Gestão e Educação do Trabalhador, tem formação em Psicologia Fenomenológica Existencial infantojuvenil (IFEN-RJ) e em Psicologia e Psicoterapia Existencialista Científica (Perfis-Florianópolis). Atualmente, trabalha como Psicóloga Clínica, Pesquisadora e Professora do Ensino Superior. Desde 2017, integra como pesquisadora o Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC/FURG), é autora de sete artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais em Psicologia.

Liandra Savanhago: Psicóloga efetiva atuante no Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Itapema – Santa Catarina. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Psicologia na área de Psicologia Social e Cultura, pela mesma instituição. Especialista em Saúde Coletiva, com ênfase na temática sobre violência de gênero (UFSC). Pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (Netcos) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Luana Sodré da Silva Santos: Bacharela e Mestra em administração pela Universidade Federal Rural do RJ. Doutoranda em administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua na área de Estudos Organizacionais Críticos sobre as seguintes temáticas: Trabalho e Subjetividade (clínicas do trabalho); interseccionalidade e feminismo decolonial.

Márcia Luíza Pit Dal Magro: Doutora em Psicologia pela UFSC com estágio sanduíche na Universitat Autònoma de Barcelona (2012). Mestre em Psicologia pela UFSC (2006). Graduada em Psicologia pela UNOCHAPECÓ (2003). Professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Psicologia da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Membro do grupo de pesquisa NETCOS. Atua principalmente nos seguintes temas: subjetividade e trabalho, saúde do trabalhador, saúde mental e trabalho.

Maria Chalfin Coutinho: Professora Titular Aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo atuado junto aos cursos de graduação e de pós-graduação em Psicologia. Psicóloga, mestre em Educação e doutora em Ciências Sociais. Foi bolsista produtividade pelo CNPq de março de 2010 a fevereiro de 2019. Foi coordenadora e ainda integra o Núcleo de Estudos, Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS) e o GT Trabalho e Processos Organizativos na Contemporaneidade da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Membro da equipe editorial da revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho.

Maria Fernanda Diogo: Psicóloga (PUC/SP), pedagoga (UNIP), doutora em Psicologia (UFSC), professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do grupo do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS). Pesquisa as seguintes temáticas: educação na perspectiva Histórico-Cultural, ensino desenvolvimental e formação docente

Regina Célia P. Borges (*in memoriam*): Mestra e Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Psicologia pela Universidade de Guarulhos. Formação em Orientação Profissional pelo Instituto do Ser – Orientação Profissional e de Carreira, de Florianópolis/SC. Especialização em Administração de Recursos Humanos pela Universidade São Judas Tadeu (USJT) e em Administração Hospitalar pela Fundação Getúlio Vargas, ambas em São Paulo. Foi integrante do Núcleo de Estudos Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS).

Tielly Rosado Maders: Psicóloga (UFN), Mestra e Doutora em Psicologia (UFSC) e Especialista em Políticas Públicas para promoção de la igualdad en América Latina (CLACSO-FLACSO). Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC). Investiga as transformações no mundo do trabalho brasileiro, com foco na análise das temporalidades laborais no espaço urbano, as tecnologias digitais e os processos de subjetivação.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP: 96203-900
editora@furg.br

ISBN 978-65-5754-172-2



9 786557 541722